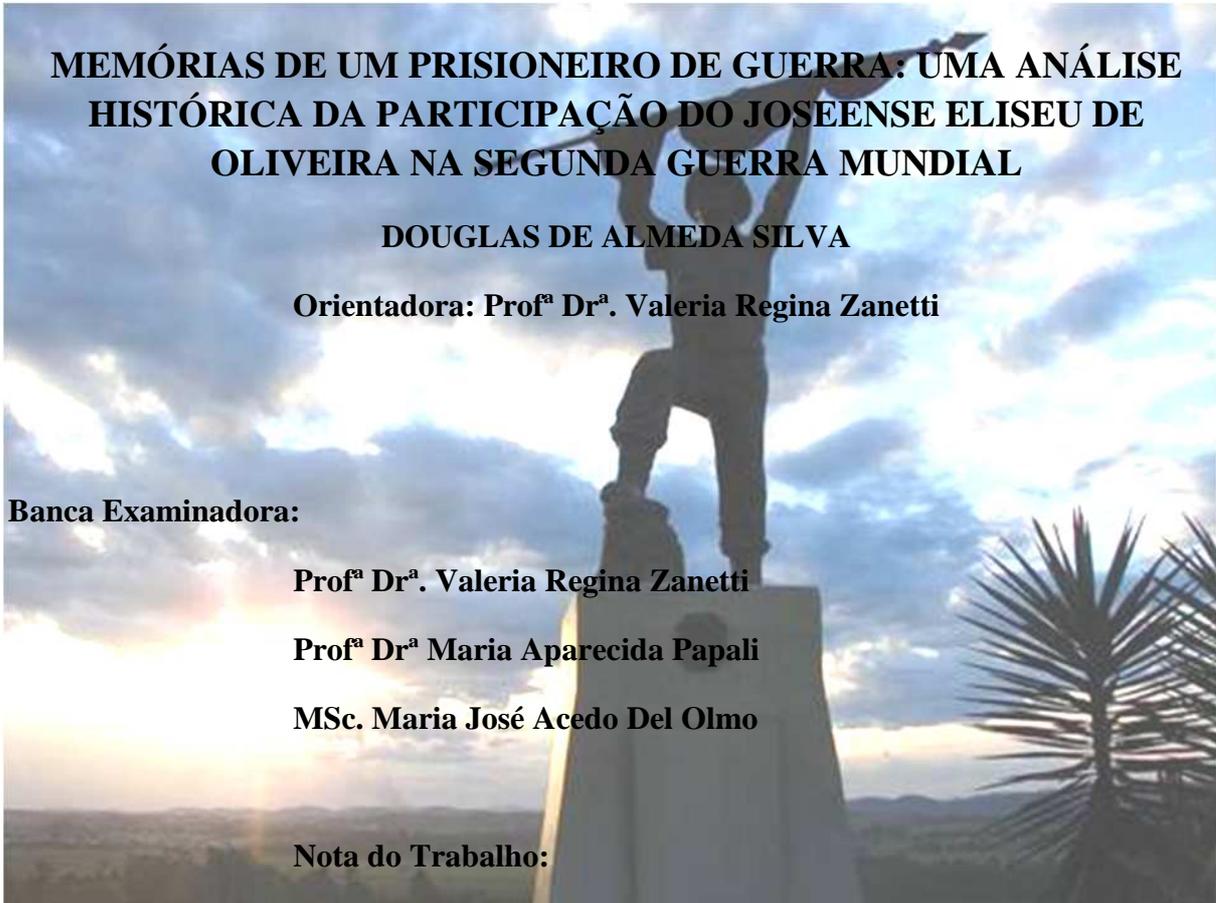


UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E ARTES
CURSO DE HISTÓRIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

2011



**MEMÓRIAS DE UM PRISIONEIRO DE GUERRA: UMA ANÁLISE
HISTÓRICA DA PARTICIPAÇÃO DO JOSEENSE ELISEU DE
OLIVEIRA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

DOUGLAS DE ALMEDA SILVA

Orientadora: Prof^a Dr^a. Valeria Regina Zanetti

Banca Examinadora:

Prof^a Dr^a. Valeria Regina Zanetti

Prof^a Dr^a Maria Aparecida Papali

MSc. Maria José Acedo Del Olmo

Nota do Trabalho:

São José dos Campos – SP

UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E ARTES

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**MEMÓRIAS DE UM PRISIONEIRO DE GUERRA: UMA ANÁLISE
HISTÓRICA DA PARTICIPAÇÃO DO JOSEENSE ELISEU DE
OLIVEIRA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

DOUGLAS DE ALMEIDA SILVA

**Relatório final apresentado como parte das
exigências da disciplina Trabalho de
Conclusão de Curso à Banca Examinadora
da Faculdade de Educação e Artes da
Universidade do Vale do Paraíba.**

Orientadora: Prof^a Dr^a. Valeria Zanetti

2011

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos os expedicionários que lutaram nas terras italianas. Em especial, ao veterano Jarbas Dias Ferreira, grande amigo de muitas conversas, bem como aos demais entrevistados neste trabalho: Enéias Sá de Oliveira, Benedito Antunes de Andrade, Vicente de Oliveira, José dos Santos e Pedro Cortelli Filho.

A Eliseu de Oliveira que, protegido pela família, nega-se a conceder seu depoimento sobre sua atuação na Força Expedicionária Brasileira. Como recompensa à seus feitos, Eliseu goza de uma vida longa, mas demonstra que os sofrimentos dos tempos de prisioneiro de guerra até hoje fazem efeito. Assim como você mesmo disse: “Viva eu cem anos, nunca esquecerei o que foram Mantua e Moosburg”. Fiz o que pude Eliseu, para que os “meninos brasileiros” das próximas gerações saibam o que é “essa coisa, brutal, desumana, cruel e estúpida que se chama guerra”, e que um dia os brasileiros substituíssem “essa admiração vazia de sentido superficial e inoperante”. Para que saibam que vocês foram soldados do Brasil – e honre-os.

Agradecimentos

Agradeço à Prof^a Dr^a. Valéria Zanetti por me orientar neste trabalho e permitir que eu me desenvolvesse sozinho, sempre sob sua observação.

À Febiana Prof^a Dr^a. Maria Aparecida Papali, por contribuir com sua liderança no Núcleo de Pesquisa Pró-Memória para com a pessoa que vim a me tornar. E por dividir suas muitas histórias sobre a atuação de seu pai na Força Expedicionária Brasileira.

À Prof^a Msc. Maria José Acedo Del Olmo por suas orientações no primeiro ano de faculdade, quando o tema de um Trabalho de Conclusão de Curso não era uma das minhas prioridades.

Aos meus amigos e colegas do Núcleo de Pesquisa Pró-Memória: Suele França Costa, Juliana Eliza Vianna, Nara Rubia Martins, Carlos Eduardo Quadro, Michele Ferreira Aucielo. Convivendo com estes amigos por um ano e meio, fui orientado, ensinado e corrigido no trabalho de iniciação científica, me desenvolvendo em todos os aspectos, profissionais e pessoais.

Aos colegas de graduação: Alexandre Cortelli e José Valdemir de Moura, parceiros desta pesquisa quando este trabalho assumia seu primeiro aspecto na forma de um projeto básico da disciplina Prática e formação de professores 1, no qual entrevistamos Pedro Cortelli Filho, avô de Alexandre Cortelli.

Agradeço a todos os funcionários do Arquivo Público Municipal de São José dos Campos, por me receberem sempre com a devida atenção em todos os passos desta pesquisa.

Aos responsáveis pelo Museu da FEB no 6º Batalhão de Infantaria Leve de Caçapava que me receberam com carinho.

Pelo interesse em minha pesquisa, agradeço aos febianos Décio e Netinho de Jacareí em permitirem minha visita ao arquivo da Associação Nacional dos Veteranos da FEB - Jacareí.

Aos responsáveis pelo 2º Batalhão de Engenharia de Combate de Pindamonhangaba, em especial ao 1º sargento Marcos Lima dos Santos e ao cabo Daniel em proporcionar a entrevista coletiva com Benedito Antunes de Andrade, José dos Santos e Vicente de Oliveira.

E aos filhos de Altino Bondesan, em especial a Amilcar Bondesan que, ao som de seu acordeom nos permitiu desfrutar de tantas melodias como *Guarani* e *Moto Perpetuo*, e nos compartilhou das entrevistas de Altino Bondesan com Eliseu de Oliveira. Também Irene Bondesan, Maria Aparecida Bondesan e Diomar Bondesan que me concederam um exemplar do livro “*Um pracinha paulista no inferno de Hitler*”, sem o qual este trabalho não seria realizado.

Douglas de Almeida Silva

Pro Brasil de importante, olha... eu acho importante nada viu. Mas de resultado tem a usina de Volta Redonda...

Veterano Jarbas Dias Ferreira.

Resumo

Memórias de um prisioneiro de guerra consiste na análise da memória de Eliseu de Oliveira, pracinha da Força Expedicionária Brasileira. Eliseu de Oliveira, natural da cidade de São José dos Campos – SP, foi convocado para a Segunda Guerra Mundial em agosto de 1942. Embarcou para o Teatro de Operações da Itália em julho de 1944, lutou na guerra até 31 de outubro do mesmo ano, data que foi aprisionado juntamente com seu grupo tático. Cinco meses permaneceu prisioneiro do exército alemão, período marcado pela fome, frio, maus tratos e trabalhos forçados. Foi libertado em abril de 1945 retornando ao Brasil em julho de 1945. Dado ao valor dessa memória, buscamos entender a participação da FEB no conflito, bem como entender a representação social que se tem dos pracinhas e da Força Expedicionária Brasileira na memória social.

Palavras-chaves: Memória, Pracinhas, Força Expedicionária Brasileira, Segunda Guerra Mundial.

SUMÁRIO

Introdução	01
Capítulo 1: A Ditadura Vargas no contexto da Segunda Guerra Mundial	04
1.1 Os antecedentes da Segunda Guerra Mundial	04
1.2 A caminho do Armagedom	04
1.3 Em busca do “ <i>Lebensraum</i> ”	07
1.4 As primeiras derrotas do III Reich	10
1.5 A queda do III Reich	11
1.6 O Teatro de Operações do Mediterrâneo	13
1.7 Brasil: pró – Eixo ou pró – Aliado? O novo projeto de Brasil	14
1.8 A influencia nazi-fascista no Estado Novo	16
1.9 Segurança Continental	17
1.10 A Mudança para os Estados Unidos	19
1.11 O Brasil rumo ao Estado democrático e a formação da FEB	24
1.12 Será que a cobra vai fumar?!	26
1.13 FEB – Representante de um governo ditatorial na luta pela democracia internacional	31
Capítulo 2: A Saga de um joseense na Força Expedicionária Brasileira	33
2.1 São José dos Campos em tempos de guerra	35
2.2 A 1º Divisão de Infantaria Expedicionária	42
2.3 A Vila Militar do Rio de Janeiro	53
2.4 A viagem pelo Atlântico.	60
2.5 Os Febianos na Itália – Síntese da situação dos Aliados	71
2.6 Eliseu desembarca em Nápoles	72
2.7 O “Exército de Caxias” se torna o Exército da FEB	85
2.8 “ A cobra nunca fumou”, mas ao ver o Tedesco “é só pena que voou” – o Batismo de Fogo.	93
2.9 O deslocamento para o Vale do Rio Serchio	102

2.10	A primeira derrota da FEB – Eliseu aprisionado	112
2.11	A memória subterrânea de um pracinha da FEB	120
Capítulo 3: O inferno de Hitler		125
3.1	A vida de um prisioneiro de guerra.	125
3.2	O campo de concentração de Moosburg.	141
3.3	O trabalho de solidificação da memória.	162
Capítulo 4: A guerra que não acabou.		165
4.1	O fim da guerra na frente européia.	165
4.2	O retorno ao Teatro de Operações da Itália.	176
4.3	O retorno ao Brasil e a outra guerra.	189
4.4	O silêncio da História da FEB na memória nacional.	217
Considerações finais		221
Referências Bibliográficas		229
Anexos		234
Anexo - 1: Transcrição do documento de despedida de Vada		234
Anexo – 2: Transcrição da entrevista de Noronha ao jornal “E a cobra fumou!”		236
Anexo – 3: Entrevista do cabo Jarbas Dias Ferreira		240
Anexo – 4: Entrevista de Pedro Cortelli Filho		268
Anexo – 5: Entrevista com Joaquim Ferreira Bevilaqua		272
Anexo – 6: Entrevista com capitão Enéias Sá de Oliveira		273
Anexo – 7: Entrevista com capitão Benedito Antunes de Andrade, cabo José da Silva e soldado Vicente de Oliveira		291
Anexo – 8: Depoimento de Aynthas Pires de Carvalho		314

Ilustrações

Figura 1: Mapa - Alemanha incorpora a região do Sarre	05
Figura 2: Mapa – Alemanha invade a Polônia	07
Figura 3: Mapa – Linha Maginot	08
Figura 4: Mapa – Tropas anglo-francesas recuam para o norte	08
Figura 5: Mapa – Extensão máxima do III Reich	13
Figura 6: Mapa – Tropas anglo-americanas conquistam a África do norte	13
Figura 7: Comandantes da FEB	29
Figura 8: Certificado do coronel João Segadas Vianna	30
Figura 9: Foto de Eliseu de Oliveira em regresso ao Brasil.	33
Figura 10: Antiga praça João Pessoa em São José dos Campos	36
Figura 11: Antigo Teatro São José	36
Figura 12: Correio Joseense, 23 de agosto de 1942	39
Figura 13: Equipamentos fornecidos pelos EUA a FEB	55
Figura 14: Equipamentos fornecidos pelos EUA a FEB	55
Figura 15: Placa de identificação militar	55
Figura 16: Cartão de refeição distribuído no navio General Mann	64
Figura 17: Cartão de refeição distribuído no navio General Mann	64
Figura 18: Folheto do Batismo do Equador	70
Figura 19: Escudo do uniforme dos pracinhas	73
Figura 20: Fuzil Mauser	78
Figura 21: Fuzil Springfield	78
Figura 22: Radio comunicador	80
Figura 23: Pistola de sinalização	80
Figura 24: Fuzil Garand	80
Figura 25: Metralhadora Thompson	80
Figura 26: Rifle Browning	81
Figura 27: Canhão de combate	81
Figura 28: Escudo do V exército aliado	81

Figura 29: Uniforme de um oficial da FEB	81
Figura 30: Jornal “E a cobra fumou!”, 25 de abril de 1945	82
Figura 31: Lira italiana	87
Figura 32 Lira italiana	87
Figura 33: Dístico da cobra fumando	107
Figura 34: Lurdinha	119
Figura 35: Lurdinha	119
Figura 36: Entrada do campo de prisioneiros de Moosburg	142
Figura 37: Placa de identificação dos prisioneiros	143
Figura 38: Mapa do campo de concentração	145
Figura 39: Mapa da cidade de Moosburg	145
Figura 40: Torre principal	146
Figura 41: Vista da torre principal	146
Figura 42: Vista do hospital da torre sul	146
Figura 43: Barracas dos prisioneiros	146
Figura 44: Vista das barracas da torre sudeste	146
Figura 45: vista das barracas da torre sul	146
Figura 46: Folheto de propaganda psicológica alemã	153
Figura 47: Folheto de propaganda psicológica alemã	153
Figura 48: Distribuição das refeições no interior do campo	159
Figura 49: Trabalho no interior do campo	159
Figura 50: Prisioneiros se barbeando	160
Figura 51: Futebol dos prisioneiros	160
Figura 52: Edição comemorativa de E a cobra fumou!	170
Figura 53: Memorandum enviado a Agenor de Oliveira	172
Figura 54: Jornal E a cobra fumou!Voghera 1945	180
Figura 55: Jornal E a cobra fumou!Voghera 1945	180
Figura 56: Cartaz da Indústria gráfica de Voghera	183
Figura 57: Cartaz da Indústria gráfica de Voghera	183
Figura 58: O Globo Expedicionário 22 de fevereiro de 1945	188
Figura 59: O Globo Expedicionário (ampliada)	188

Figura 60: Jornal a Tocha, 9 de julho de 1945	190
Figura 61: A Tocha – charge 1	193
Figura 62: A Tocha – charge 2	193
Figura 63: A Tocha – charge 3	194
Figura 64: A Tocha – charge 4	194
Figura 65: A Tocha – charge 5	195
Figura 66: Cartaz da festa de recepção dos expedicionários joseenses	199
Figura 67: Diploma da cruz de combate de Eliseu de Oliveira	205
Figura 68: Monumento ao soldado expedicionário	213
Figura 69: Monumento MMDC	213

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi baseado na memória do expedicionário da Força Expedicionária Brasileira (FEB) Eliseu de Oliveira. Natural da cidade de São José dos Campos, Eliseu de Oliveira fez parte do primeiro grupo de joseenses convocados para formar o 1º escalão da Força Expedicionária Brasileira para lutar no Teatro de Operações da Itália contra as forças nazi-fascistas em julho de 1944. Eliseu de Oliveira foi aprisionado pelo exército alemão durante suas operações de combate em 31 de outubro de 1944. Embora o objeto de estudo seja a memória individual do joseense Eliseu de Oliveira, destacamos o título como: “Memórias” de um prisioneiro de guerra: uma análise histórica da participação do joseense Eliseu de Oliveira na Segunda Guerra Mundial, por estabelecermos uma interação entre múltiplas memórias.

Propõe-se também analisar a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial e o papel da Força Expedicionária Brasileira no conflito mundial. Pretende-se realizar uma análise histórica da memória de Eliseu de Oliveira, uma das poucas fontes existentes sobre o cotidiano de brasileiros aprisionados durante a Segunda Guerra Mundial. Resgatamos um livro raro: *Um pracinha paulista no inferno de Hitler*, publicado em 1947 de autoria do jornalista Altino Bondesan, no qual relata a saga do joseense Eliseu de Oliveira. Este é um livro de grande importância para São José dos Campos. Embora o relato de Eliseu tenha sido coletado em 1945, inserimos discussões de estudiosos da atualidade sobre atuação da FEB e assim, compreender melhor a participação deste expedicionário.

A fonte principal de nosso trabalho é a memória do pracinha Eliseu de Oliveira. Para tanto, fizemos uma trajetória de Eliseu de Oliveira e sua participação na FEB. Também nos valem das memórias de ex-combatentes da FEB por entendermos que esses registros históricos complementam e dialogam com a memória de Eliseu de Oliveira, fonte principal desse trabalho. Grande parte dos relatos de guerra foi encontrada em livros de memórias da FEB. Destes relatos, inserimos sete deles como entrevistas concedidas exclusivamente para esse trabalho.

Embora este trabalho use como fonte principal a fonte oral, utilizamos alguns documentos primários do Arquivo Público Municipal de São José dos Campos importantíssimos para a cidade de São José dos Campos no período da Segunda Guerra Mundial. Entre as fontes

impressas analisamos o cotidiano das tropas na frente de combate através dos jornais de campanha: “E a cobra fumou!” e “A Tocha”, produzidos pelos próprios expedicionários. Utilizamos o Correio Joseense para compreender o cotidiano de São José dos Campos no período de 1942 durante as manifestações populares a favor da entrada do Brasil na guerra, e também no período de recepção dos pracinhas que retornaram da guerra em 1945.

O filme Rádio Auriverde foi o único entre as fontes audiovisuais, mas inserimos informações importantes a respeito da atuação da FEB na Itália com base nesta produção. Também fizemos uso de sites que continham ilustrações e demais informações sobre o conflito, além de fotografias, folhetos, moedas, medalhas, diplomas, para enriquecer o trabalho. O Arquivo Público Municipal de São José dos Campos e o acervo do veterano Jarbas Dias Ferreira contribuíram muito para a pesquisa nos permitindo acesso a suas coleções.

Utilizamos alguns estudiosos no estudo da história oral para melhor investigar os meandros da memória de Eliseu de Oliveira e dos pracinhas da FEB. Fizemos uso do conceito de memória coletiva de Halbwachs, certos de que toda a memória individual é uma memória coletiva, pois foi construída no âmbito coletivo social, estando submetida a mudanças e flutuações (Pollack,1992:2). Quase todas as lembranças individuais apóiam-se nas lembranças dos outros, seja família, amigos, colegas, etc (Halbwachs,1950:25,26). Pollack aborda a problemática da memória como identidade social. Para Pollack a memória é um fenômeno construído, individual e socialmente. Neste processo de construção à de ressaltar o caráter seletivo da memória, que exclui, adiciona e relembra. A memória esta ligada com o sentimento de identidade. A identidade representa a continuidade e coerência da pessoa com o grupo em si (Pollack,1992). Memória e identidade ocasionam muitas vezes conflitos sociais entre os diversos grupos políticos envolvidos, principalmente quando se opõem valores diversos, ou quando a memória de grupos minoritários entra em choque com o discurso institucional (Pollack,1992). A memória coletiva se oficializa como memória nacional quando o grupo assume uma postura afetiva para uma determinada memória, a institucionalizando como discurso oficial (Pollack,1989).

Utilizamos a metodologia de Alessandro Portelli em sua análise da interação entre biografia e história nas identidades individuais dos veteranos da guerra do Vietnã. Portelli utiliza da gramática e constata como a subjetividade está presente nos relatos individuais. Além de destacar diversas características dos depoimentos dos veteranos do Vietnã que contribuíram em comparação com as memórias dos ex-combatentes da FEB.

Ricoeur aborda a questão do esquecimento na memória individual e quais os motivos que resultam no esquecimento de certos acontecimentos da memória (Ricoeur, 2007).

Fizemos uso de Sergio Buarque de Holanda na sua clássica abordagem sobre o “homem cordial” para analisar a convivência dos brasileiros na Itália através das memórias dos pracinhas (Holanda, 1995). Leituras de caráter técnico militar foram usadas através de livros de memórias da FEB que nos ajudaram a enriquecer nossa pesquisa. Leituras a respeito do contexto histórico do Brasil e a Segunda Guerra Mundial foram essenciais para conceituar a memória de Eliseu de Oliveira no contexto histórico do conflito mundial.

Tudo indica que esse trabalho é a primeira produção acadêmica a contribuir com a história dos combatentes da FEB de São José dos Campos. Trabalhamos a fundo o conceito de memória coletiva visando compreender a dinâmica da memória de indivíduos que passaram por situações de conflito armado.

O primeiro capítulo: *A Ditadura Vargas no contexto da Segunda Guerra Mundial* é um capítulo à parte da discussão da memória de guerra. Neste capítulo fizemos uma análise histórica do desenvolvimento da Segunda Guerra Mundial e do estabelecimento do Estado Novo no Brasil, bem como investigamos as negociações diplomáticas entre Brasil e Estados Unidos que resultaram na entrada no Brasil no conflito e a Formação da FEB.

O segundo capítulo: *A saga de um joseense na Força Expedicionária Brasileira* utiliza o depoimento de Eliseu como *mote* condutor deste trabalho. Através da história individual do pracinha Eliseu, investigamos a atuação da FEB desde a convocação até seu primeiro retrocesso no final de outubro de 1944 quando Eliseu de Oliveira é aprisionado pelo exército alemão.

O terceiro capítulo: *O inferno de Hitler*, a pesquisa assume um novo aspecto ao analisar a memória de Eliseu de Oliveira como prisioneiro de guerra da Alemanha nazista, desvinculando-se em parte da história da FEB.

O quarto capítulo: *A guerra que não acabou* aborda a libertação de Eliseu de Oliveira dos campos de prisioneiros alemães, bem como a questão da desmobilização de Eliseu de Oliveira e todo o corpo expedicionário da FEB. Da mesma forma analisamos o abandono e descaso do Estado e da sociedade para com a atuação dos ex-combatentes da FEB.

Capítulo 1

A Ditadura Vargas no contexto da Segunda Guerra Mundial

Os antecedentes da Segunda Guerra Mundial

Na Primeira Grande Guerra, a Itália apesar de ter saído vitoriosa, terminou com um enorme déficit estatal e uma crise no setor agrícola, conseqüência da dívida externa contraída com os Estados Unidos durante a guerra. Uma grande insatisfação preenchia as camadas burguesas da sociedade, bem como os ex-oficiais, que falavam em vitória mutilada, ou seja, a recusa das potências capitalistas em reconhecer o tratado de 1915 que garantia à Itália territórios na região da Dalmácia, bem como os demais interesses nas colônias alemãs na África. Com a crise do capitalismo em 1929 a situação da Itália piorou ainda mais (Trento, 1993: 5,7).

A Alemanha derrotada sofria as imposições do Tratado de Versalhes, no qual era responsabilizada a indenizar os aliados (Pedro, 1994:8). Humilhada, a Alemanha sofria uma mudança de governo com a queda do Imperador, juntamente com uma forte agitação social das camadas sociais que levaram à frente tentativas de golpes de estado, como o movimento espartaquista de esquerda de 1919 e o movimento monarquista de 1920, ambos fracassados. A crise de 1929 mutilava a Alemanha que dependia de sua recuperação econômica graças aos capitais da Inglaterra e dos Estados Unidos. Com a crise, aproximadamente 6 milhões de pessoas estavam desempregadas na Alemanha em 1932 (Lenharo,1994:18,20,21,22,25).

A caminho do Armagedom

Na Itália, a renovação da sociedade italiana era o anseio de várias camadas da sociedade. Socialistas, católicos e liberais se digladiavam no campo político para decidir o futuro do país. O socialismo era considerado uma grande ameaça para a classe industrial italiana, a exemplo da Revolução Russa, que caminhava rumo ao fim com a vitória dos bolcheviques. Para detê-los, os industriais acabaram financiando o movimento paramilitar de extrema-direita de Benito Mussolini: o Fascio di combattimento, composto em sua maioria de veteranos da Primeira Grande Guerra. O fascismo era um movimento formado por idéias socialistas e nacionalistas que propunham uma renovação da sociedade italiana com o estabelecimento de um Estado forte, centralizado na figura de um líder. Eram anti-liberais, anti-clericais e anti-repúblicanos (Trento1993: 8-9,16-17).

Mussolini transformou sua organização paramilitar em um partido político, o Partido Nacional Fascista (PNF). Dessa forma acabou por ampliar suas cadeiras no governo. Mussolini utilizou das crescentes batalhas de rua entre os camisas-negras (fascistas) e socialistas para obter o apoio dos industriais e tomar o poder. Em 1922, a burguesia e o exército aderiram aos fascistas e ocuparam Roma (Trento,1993).

Adolf Hitler na Alemanha se baseou no fascismo italiano para formular as bases do movimento nazista, diferenciando-se apenas no seu anti-semitismo e no seu espírito revanchista. O Partido Nacional Socialista Alemão dos Trabalhadores (NSDAP) ansiava chegar ao poder desde 1919, mas a partir da crise de 1929 a economia alemã foi seriamente afetada. As batalhas de rua entre comunistas e nazistas transformaram Berlim na capital do terrorismo de direita. Hitler conquistou o apoio de grande parte da sociedade alemã, apoderando-se do poder pela via legal em 1932 com grande aclamação do povo.

No Oriente, o Japão mantinha uma postura de expansionismo militar desde o final do século XIX. Devido à invasão da China pelo Japão em 1931, as potências ocidentais entraram numa corrida armamentista, rompendo a trégua da Primeira Guerra (Pedro,1994: 9).

A Alemanha iniciou seu programa de rearmamento em 1933, rompendo com as imposições do Tratado de Versalhes. Grandes consórcios capitalistas alemães promoveram o crescimento da máquina de guerra alemã. O mesmo aconteceu com o Japão e com os consórcios nipônicos (Idem,1994:10-11).

Em 1933 tem-se início a propaganda anti-judaica: queimas públicas de livros e leis raciais. É o início da política de guerra. Depois de incorporar diplomaticamente a região do Sarre, que era responsabilidade da França, a Alemanha invadiu militarmente a Renânia em 1936 (região fronteira com a França). Formou-se o Eixo Roma-Berlim em 1936, e o pacto *Anticominter* (Internacional Comunista) entre Japão e Alemanha (Lenharo,1994: 31; Pedro, 1994: 11,12,13).



Figura1: Alemanha incorpora a região do Sarre.

Fonte: www.coleçaosegundaguerra.com.br

A Itália invadiu a Etiópia em 1935, ampliando suas colônias entre Somália, Eritréia e Líbia (Trento,1993: 56,58; Pedro, 1994: 13). Na Espanha, a guerra civil dividiu o país. Itália e Alemanha prestaram ajuda militar ao exército de Francisco Franco na Espanha, onde foram usados tanques, armas, aviões e recursos humanos contra o governo socialista. Essa foi à oportunidade para a Alemanha testar os primeiros ataques a populações civis (Blinkhorn, 1998:71,72,75).

Hitler passou a exigir parte do território da Tchecoslováquia, país recém-criado depois do fim da primeira guerra. A exigência de Hitler pela Tchecoslováquia era por causa da região dos Sudetos onde a população era de origem alemã. As quatro maiores potências se reuniram em Munique para discutir o assunto, como não houve resultados a Alemanha invadiu a Tchecoslováquia em março de 1939. A Eslováquia também se tornou um protetorado alemão por conter em seu país uma parte da população de origem alemã (Pedro, 1994: 14,15).

Inglaterra e França perceberam tardiamente a ameaça do poderio nazista, iniciaram um programa de armamento e uma tímida aproximação com a União Soviética. Até aquele momento a Inglaterra levava uma política de apaziguamento encabeçada pelo Primeiro-Ministro Chamberlain. A França passava por crises internas com o governo conservador de Daladier, (Idem, 1994: 13,14).

Inglaterra e França não mediram as conseqüências em conceder a Alemanha o seu tão apregoado *Lebensraum* (espaço vital). Tudo não passava de uma forma de deixá-la em conflito com a URSS. A Alemanha invadiu a Tchecoslováquia em março de 1939. Para Inglaterra e França, a Tchecoslováquia era uma espécie de corredor levando a URSS em conflito com a Alemanha (Idem, 1994:14,15).

A URSS insistia numa política de aliança antinazista com os países do Ocidente. Stalin tinha conhecimento das pretensões de Hitler em direção ao Leste Europeu. Diante do desinteresse das potências ocidentais em negociar com o jovem país socialista, Stalin e Hitler assinaram um pacto nazi-soviético que entrou em vigor no dia 23 de agosto de 1939. Para Stalin uma aliança com o ocidente obrigaria a URSS a entrar no conflito logo de início. O pacto serviria para parar temporariamente as ambições territoriais de Hitler no Leste ganhando tempo na preparação do Exército Vermelho para o confronto com a

A Inglaterra tinha noção que a Alemanha dominaria a região do Báltico para poder usar a cooperação da neutra Suécia pela força ou pacificamente no uso dos seus recursos minerais para assim poder continuar com sua máquina de guerra. Ora, a região do báltico serviria de cabeça-de-ponta para uma possível invasão da Inglaterra, pois a estratégia nazista consistia em vencer a guerra no oeste do território europeu e assim estar livre para empreender sua cruzada no leste europeu contra o comunismo. Os ingleses trataram de anunciar que minariam as águas dinamarquesas, porém o aviso não surtiu efeito e a Alemanha dominou a Dinamarca em menos de 24 horas. Todo o Báltico e os Países Baixos foram conquistados e incluídos no *III Reich* (Pedro, 1994: 23,23,29).

A Alemanha estava repetindo a mesma estratégia da Primeira Guerra Mundial atacando a França pela Bélgica, assim como a França manteve a mesma estratégia de defesa que envolvia linhas de defesa que terminavam na fronteira com a Bélgica, era a chamada: Linha Maginot. A Linha Maginot foi rompida numa operação conjunta das Forças Armadas da Alemanha. Saindo do nordeste da França as tropas franco-britânicas se retiraram para o norte onde foram encurraladas no mar. Para evitar um massacre maior, mais de 350 mil soldados franceses foram transportados para a Inglaterra, episódio conhecido na História como: Retirada de Dunquerque. Depois um movimento de resistência liderado pelo General De Gaulle foi organizado no exterior. Com a França parcialmente derrotada, as tropas nazistas desfilavam nas ruas de Paris sob a liderança de seu *Fuhrer*. Foi estabelecido na França um governo conhecido pela sua colaboração ao nazismo: a França de *Vichy*, dirigida pelo Marechal Petain cobria o território do sul da França, enquanto a Alemanha dominava a maior parte no centro e norte (Idem, 1994:24,26,27).



Figura 3: Linha Maginot.



Figura 4: Tropas anglo-francesas recuam para o norte diante do avanço alemão.

Fonte: www.colecaograndesguerras.com.br

Antes de a França ser conquistada e dividida em duas partes, a Itália declarou guerra em 10 de junho de 1940. Ora, até aquele momento a Itália estava seguindo uma política apoiada pelos Estados Unidos e Inglaterra de liderar uma frente de países neutros, política essa apoiada pela monarquia italiana e pelo Vaticano. Porém, Mussolini entendeu que não podia deixar de lado a Itália, integrante do Eixo diante das avassaladoras vitórias germânicas. O *Duce* sabia que seu exército não estava em condições de enfrentar um conflito de tais proporções. Os armamentos da Itália eram antiquados e suficientes para apenas dois meses de luta, mesmo assim a Itália empreendeu uma guerra paralela a Alemanha lançando todos os seus recursos militares na conquista de territórios, entendidos por Mussolini como legítimos da Itália fascista, herdeira da glória do Antigo Império Romano (Trento, 1993:66,67).

Para Pedro, era a guerra relâmpago do fanfarrão *Duce*. Trinta e cinco divisões da Itália fascista foram derrotadas por seis divisões francesas nos Alpes, fato que não terminou com uma derrota maior por causa da ajuda da Alemanha ao exército italiano (Pedro, 1994:27).

Mesmo derrotada, a Itália fascista não desistiu de restituir o Antigo Império Romano. Invadiram as colônias inglesas da África, as quais rivalizavam com suas próprias colônias. Primeiramente, a Itália conquistou a Somália Britânica, mas logo depois os exércitos britânicos livraram os territórios conquistados e lançaram um contra-ataque sob as colônias italianas. Em outubro de 1940 o exército italiano invadiu a Grécia, mas os soldados do *Duce* foram mais arrasados pelo frio do inverno do que pelo conflito propriamente dito. Despreparados e sem materiais necessários para empreender uma guerra no inverno, as forças italianas foram contidas na Grécia e sofreram uma invasão na Albânia por parte do exército grego (Trento, 1993:67,68).

A Alemanha invadiu a Iugoslávia em março de 1941. Os iugoslavos foram derrotados em onze dias de luta, assim os nazistas conseguiram tempo para socorrer os exércitos fascistas que estavam encurralados pelos exércitos gregos na Albânia. Para a Alemanha a questão dos Bálcãs não era um problema, pois os Estados da Romênia, Hungria e Bulgária eram considerados estados satélites do III Reich e por isso não sofreram nenhuma invasão armada (Pedro, 1994:30). Assim como nos Bálcãs, na Península Ibérica tínhamos Portugal de Salazar que era um Estado colaborador do Eixo (Paschkes,1985:44).

As primeiras derrotas do III Reich

A Inglaterra era o último obstáculo da Alemanha de Hitler no continente europeu. No dia 7 de setembro de 1940 iniciava-se a “operação leão-marinho”, onde 1500 aviões da *Luftwaffe* de Goering atacaram a Inglaterra. Porém, a atuação da Força Aérea Real (RAF) foi suficiente para causar a primeira derrota do III Reich (Pedro, 1994:29).

Como o pacto nazi-soviético assinado em agosto de 1941 existia apenas na teoria, as duas potências se preparavam para o confronto que seria inevitável. A vantagem do pacto nazi-soviético para a Hitler seria de evitar o esforço de lutar em duas frentes logo no início da guerra. Quando fosse enfrentar a URSS, Hitler colocaria os recursos materiais dos países conquistados a disposição das forças armadas. A União Soviética, por sua vez, reformulava suas fronteiras, ocupando parte dos territórios da Polônia e Finlândia. A intenção de Stalin era afastar a fronteira entre Alemanha e União Soviética ao máximo, protegendo a cidade de Leningrado, a mais industrializada ao norte do país (Pedro, 1994:17,19,22).

Chamberlain caiu, junto com sua política de conciliação. O cargo de primeiro-ministro foi concedido à Winston Churchill que apelou para uma participação direta dos Estados Unidos no conflito mundial (Pedro, 1994:26,28).

Hitler se preparava para o conflito com a União Soviética estacionando ao longo da fronteira entre o III Reich e a União Soviética um contingente de aproximadamente 1 milhão de soldados. Stalin não parecia acreditar até aquele momento numa invasão nazista, tentava ganhar mais tempo para reequipar o exército vermelho. Mesmo assim os soviéticos sofreram várias perdas além de civis e militares com a invasão nazista, resultado da falta de preparo do exército russo nesse conflito que fazia uso de alta tecnologia do lado alemão.

Os alemães atacaram em 22 de junho de 41 com 150 divisões, além do apoio de tropas da Itália fascista, da Espanha de Franco, tropas húngaras, romênas e finlandesas. Os exércitos do III Reich se dividiram em três direções, uma liderada pelo General Leeb, indo ao norte na cidade Leningrado, no centro em direção a Moscou ia à liderança o General Bock, ao sul para conquistar os campos de trigo da Hungria iam às forças do General Rundstedt (Pedro, 1994: 31,32).

A Alemanha nazista conquistou 40% do território soviético, se apossando de grande parte de seu gado bovino, linhas férreas, ferro fundido e cereal. Mesmo com os esforços de evacuação dos soviéticos, transferindo suas indústrias para longe do avanço alemão, a invasão nazista era implacável. Hitler ordenou que se dizimassem as populações civis na invasão eliminando o a ameaça do bolchevismo (Idem, 1994:33,34)

Hitler ordenou a preparação da *Wermacht* para a conquista de Moscou, para isso um contingente de um milhão de homens apoiados por cerca de mil aviões da *Luftwaffe* e 1700 canhões e tanques cercaram a cidade. Mesmo diante dessa força avassaladora, o exército vermelho conseguiu conter os nazistas e os fizeram recuar além de suas fronteiras conquistadas. Foi essa a primeira grande derrota do III *Reich* (Idem, 1994:35,36).

Na Ásia, o Japão expandia seus territórios por toda a área do pacífico, e se apossava dos recursos materiais da Indochina, Birmânia, Malásia, Filipinas e das centenas de ilhas do Pacífico para dar continuidade ao seu empreendimento expansionista. No plano das relações exteriores entre os Estados Unidos da América e o Império Japonês o clima era cada vez mais tenso. O pacífico era área de interesse dos dois países há tempos, e com a expansão imperialista japonesa os conflitos aumentaram ainda mais (Idem, 1994:36,37).

Na China, a Frente-Única Anti-japonesa, composta por KMT (*Kuomintang*: Partido Nacionalista Chinês) e PCC (Partido Comunista Chinês) não conseguia conter o grande avanço das tropas nipônicas. O Japão havia instalado governos títeres na: Manchúria, Nanquim, Mongólia Interior e Pequim (Coggiola,1985:82,83).

No dia 7 de dezembro de 1941 executava-se o ataque “surpresa” à base norte-americana *Pearl Harbor* no Havaí. “Ataque surpresa” é uma expressão falsa porque o Presidente norte-americano Franklin D. Roosevelt tinha pleno conhecimento do ataque que, se caso acontecesse, daria um motivo para a entrada dos EUA na guerra, reerguendo a economia americana que estava estagnada desde a crise de 1929 (Pedro, 1994: 36,37).

A queda do III Reich

Em julho de 1942 Hitler preparava a Alemanha para a total dizimação do comunismo da URSS. Depois da derrota em 1941 no cerco de Moscou, o exército alemão concentrou suas forças no sul da URSS, onde se localizavam as regiões estratégicas do Cáucaso, do Rio Volga e da cidade de Stalingrado que se capturadas seriam de grande benefícios para o III *Reich*. A cidade de Stalingrado além de ser um centro de comunicação com o sul petrolífero e um local de grandes indústrias, possuía um valor simbólico: era a cidade de Stalin. Para Hitler a destruição de Stalingrado repercutiria em um grande abalo psicológico no exercito vermelho (Pedro, 1994: 38-39).

A batalha de Stalingrado foi uma das mais importantes da História. Segundo Pedro foi à batalha que deu início à derrota do III *Reich*. A decisão de Hitler de conquistar o rico Cáucaso foi reprovada pelos generais que circulavam o alto comando nazista. Para eles era impossível capturar todo o Cáucaso, o Volga e Stalingrado de uma só vez. Cego na

crença da superioridade germânica, o *Fuhrer* ordenou a invasão e logo os nazistas tomavam a região da Criméia e Sebastopol. Seguiu em direção ao Rio Don com o objetivo de cercar Stalingrado (Idem, 1994: 40).

O general nazista Von Paulus foi encarregado de liderar o exército que tomaria Stalingrado, logo depois seguiriam para Moscou. Stalingrado foi defendida pelo exército do general soviético Zukov que depois de meses de luta contra-atacaram o exército de Von Paulus em 19 de novembro. Os soviéticos atacaram as linhas alemãs que estavam estacionadas em volta do Rio Volga enquanto sitiavam os alemães que estavam em luta em Stalingrado. Hitler proibiu a rendição, promoveu Von Paulus a marechal-de-campo dando um estímulo para que morresse em batalha. Inútil! A Alemanha sofreu a sua maior derrota com a captura do marechal-de-campo Von Paulus e de mais 200 mil homens (Idem, 1994: 41,42,45).

Entre 1941 e 1942 as batalhas da frente ocidental eram travadas somente no ar e no mar. O maior peso da guerra estava direcionado na frente oriental, por isso Stalin clamava aos líderes do ocidente a abertura de uma frente ocidental o mais rápido possível para aliviar a grande pressão que a URSS estava sofrendo. Winston Churchill declarou que uma segunda frente seria aberta no sul da Itália em 1943, mas para Stalin aquilo não passava de um golpe político, pois a frente ocidental teria um resultado mais significativo se fosse aberta na França (Idem, 1994: 38,45,48).

Em 1942 na África do Norte as tropas inglesas haviam recuado até a região de El Alamein no Egito sob forte contra-ataque. Isso aconteceu depois que o exército italiano sofreu uma grande derrota para o exército inglês perdendo cerca de 130 mil soldados como prisioneiros. A reação Aliada começou com o comando do novo marechal Montgomery, seguido do desembarque das tropas norte-americanas e inglesas no Marrocos e na Argélia sob o comando do General norte-americano Eisenhower. A batalha do norte da África teve fim em janeiro de 1943 com a captura de 250 mil soldados italianos e alemães (Idem, 1994: 47,48).



Figura 5: Extensão máxima do III Reich

Fonte: www.coleçaosegundaguerra.com.br



Figura 6: Forças anglo-americanas conquistam últimas posições no norte da África.

Fonte: Idem

No restante da Europa, o exército vermelho recuperava seus territórios, entre eles a Ucrânia em 1943. A retirada das tropas nazistas dos territórios soviéticos foi marcada de massacres das populações civis onde milhares de russos morreram (Idem, 1994: 50).

O Teatro de Operações do Mediterrâneo

A conquista da Sicília aconteceu em julho de 1943 numa operação conjunta de tropas anglo-americanas. Com isso o descontentamento da população italiana que já era grande desde os primeiros bombardeios em 1942 aumentou ainda mais, declinando a popularidade de Mussolini, junto com o culto a sua pessoa no melhor estilo fascista. A monarquia italiana articulou juntamente com líderes fascistas uma forma de depor Mussolini, e em 24 de julho de 1943 o *Duce* foi deposto e preso (Trento, 1993: 69,70)

O novo chefe do governo marechal Bodoglio assinou um armistício com os Aliados em 3 de setembro, mas foi tornado público no dia 8. Consequentemente os nazistas massacraram as tropas italianas que não resistiram ao fulminante ataque nazista. Os

soldados italianos que não foram aprisionados pelos alemães se juntaram aos Aliados ou a resistência.¹ (Idem, 1993: 71)

Em setembro de 1943 os Aliados invadiram a Itália centro-setentrional. Os nazistas construíram uma linha de defesa: a linha *Gustav*, que passava do Sul da Itália até a cidade de Cassino. (Idem, 1993: 71)

A Itália foi dividida em dois governos. O norte era governado por Mussolini que foi libertado pelos nazistas em setembro de 1943 e instaurou um governo nazi-fascista: a República Social Italiana, conhecida como República de Saló. O governo do sul era representado por Badoglio, mas na verdade era praticamente governado pelos Aliados que levava os italianos do sul à guerra contra a Alemanha. (Idem, 1993: 72,73)

Os Aliados conquistam Roma e os alemães recuam para a *Linha Gótica*, nos Apeninos onde resistiram até 1945 devido à estagnação da ofensiva aliada a partir de outubro de 1944 (Idem, 1993: 74).

Brasil: pró-Eixo ou pró-Aliado? O novo projeto de Brasil

Desde 1930 a industrialização era à base do projeto dos revolucionários. A questão era: como desenvolver a industrialização num país sem recursos capitais?

Diversas parcelas da sociedade brasileira tinham projetos nacionais divergentes, mas semelhantes no desejo de derrubar a estrutura de governo liberal-oligárquica instaurada na proclamação da República. Entre essas camadas, havia os tenentes que empreenderam diversas revoltas contra o governo como: o levante de Copacabana, a rebelião de São Paulo e a Coluna Prestes. Políticos de Minas Gerais e Rio Grande do Sul se opunham a soberania paulista, e ao presidente Washington Luiz (Tota, 1987, 8-10).

O projeto vencedor foi o dos revolucionários de 1930 que tomaram o poder em 3 de outubro, depois do assassinado de João Pessoa por grupos políticos apoiados por Washington Luiz. O movimento foi apoiado por latifundiários, tenentes, parcelas do exército e políticos da Aliança Liberal. Getúlio Vargas assumia a presidência temporariamente, teria que iniciar o projeto de industrialização. Mas a desvalorização da

¹ Para Pedro a resistência se desenvolvia numa espécie de frente secundária, enquanto a segunda frente não havia sido aberta. Essas organizações para-militares existiam em varias regiões da Europa como: França, Polónia e Iugoslávia e eram liderados na maioria das vezes por comunistas, mas mantinham em seu grupo elementos da burguesia. Desempenharam um grande papel na espionagem e em atividades de sabotagem onde mantinham as tropas nazistas sempre em constante alerta (Pedro, 1994: 46,47). Na Itália a resistência era representada pelos *partigiani* que chegaram a um contingente total de 130 mil homens em abril de 1945. No campo eram liderados pelos Comitês de Libertação Nacional, (CLN) enquanto nas cidades eram representados pelos Grupos de Ação Patriótica (GAP) (Trento, 1993: 74,75).

moeda impedia a importação de bens e capitais para o desenvolvimento da indústria. O novo governo decide exercer um intensivo controle sob as indústrias para proteger a produção nacional (Tota,13,23)

Vargas articulava o plano político a seu favor para permanecer na presidência e assim empreender o projeto de industrialização. Depois da derrota dos constitucionalistas na Revolução de 1932, Vargas obtém autorização para permanecer no poder até 1938 através da constituição de 1934 (Skidmore,1969:68). Vargas acalmava os ânimos, concedeu o sistema representativo do código eleitoral conquistado pelos revolucionários de 32 na Assembléia de 33, avançava a legislação trabalhista, reforçava o poder central. Por outro lado, tais mudanças preconizavam o golpe de Estado que estava por vir (Vita,1991:31,32).

Os oficiais mais graduados como: o general Goés Monteiro, Eurico Gaspar Dutra, Daltro Filho, entre outros, apoiavam a iniciativa de um golpe de Estado. Getulio Vargas utiliza dos violentos acontecimentos que marcaram os anos de 1935 como as batalhas de rua entre os comunistas e integralistas, primeiros movimentos de base ideológica no Brasil. A Intentona Comunista liderada por Luiz Carlos Prestes foi derrotada em 1935 na sua tentativa de tomada do poder. Este clima de tensão instaura a ditadura varguista através de um forjado plano de tomada do poder pelos comunistas conhecido como: plano Cohen. O plano foi forjado em parceria com os “camisas-verdes” (integralistas) e a policia política de Filinto Muller causando um estado de terror. No dia 10 de novembro de 1937 foi instaurado o *Estado Novo*, decretou-se o fechamento do congresso, a abolição do legislativo e da constituição que foi reformulada por Francisco Campos baseando-se no modelo da constituição italiana (Tota,1987:17-22).

O regime estadonovista concluiu os anseios dos revolucionários de 30. Para o desenvolvimento da indústria o novo governo incentivava a importação de bens de produção, medida desejada pelo segmento industrial ascendente no país. Vargas utilizou de elementos do fascismo para o controle do operariado, mas de uma maneira originalmente brasileira, criou a ideologia do “trabalhismo”. Atraiu os sindicatos ao ministério do trabalho, aperfeiçoou as leis trabalhistas, concedeu jornada de trabalho de 8 horas, salário mínimo, direito a férias e aposentadoria. O Estado era entendido como benfeitor dos interesses da classe trabalhadora, inibindo as conquistas operarias e a luta de classe, Tota chama esse fenômeno de “mito da doação”.

Outro fenômeno utilizado para o controle do proletariado foi o “populismo”, utilizando os elementos da psicologia fascista, Getulio era apresentado ao povo como

aquele que havia eliminado os inimigos do Brasil, numa relação paternalista/afetiva do povo com seu chefe. O trabalhador era absorvido pelo Estado, greves estavam proibidas, a justiça trabalhista tratava de conciliar os ânimos de patrões e empregados. Os sindicatos tentavam se tornar atraentes ao trabalhador estabelecendo atividades recreativas para inibir as reivindicações. Estes são beneficiados pela nova constituição, que tornava legais apenas os sindicatos registrados no Ministério do Trabalho. (Tota,1987:26-31,42)

O Estado utilizava de um grande órgão de comunicação para divulgar a política governista. Foi criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão fiscalizador do rádio e imprensa (Tota,34,35). O regime estadonovista tinha uma política semelhante ao fascismo, mas não é propriamente fascista em sua essência. Não havia nenhum movimento político ou partido que orientasse a política de Vargas desde a tomada revolucionária do poder em 30 e na instauração do Estado Novo (Skidmore, 1969:53). Na Itália havia o PFN, na Alemanha o NSDAP, no Brasil não há partido da Revolução de 30 e muito menos do Estado Novo.

Os projetos de indústrias controladas pelo Estado ganharam força com a Segunda Guerra Mundial. Os empresários desejavam a industrialização e o único grupo que os apoiava eram os militares. Os militares desejavam uma indústria siderúrgica, baseado no sentimento de segurança nacional. A guerra permitiu que Getúlio adotasse uma política de conciliação e neutralidade para com o imperialismo norte-americano e o alemão (Skidmore, 1969: 67,70).

A influência nazi-fascista no Estado Novo

Brasil e Alemanha mantinham uma relação amistosa devido à comercialização do algodão brasileiro. O exército brasileiro queria estender as relações de um programa de crédito com a Alemanha avaliado em uma quantia de 50.000.000 marcos por ano durante cinco anos. Além de encomendas de armas com a Krupp alemã. O crédito seria utilizado na modernização do exército brasileiro. Porém quando irrompeu a guerra, o Brasil recebeu somente parte da encomenda (McCann,1995:95). A presença nazista no Brasil se fazia no espaço aéreo brasileiro por meio de empresas de propriedade do Eixo. As linhas aéreas Brasil-Eixo foram muito utilizadas no transporte de material bélico, contrabando de diamantes e grupos de espionagem (Ferraz,2005:34,35).

O Brasil possuía uma grande quantidade de alemães e descendentes de alemães em seu território nacional. Grande maioria se concentravam nos Estados de Rio Grande do

Sul, Santa Catarina, Paraná e algumas minorias em São Paulo. Cerca de 50% dos alemães residentes no Brasil estavam envolvidos em atividades industriais (McCann, 1995:70,71).

Antes de deflagrado o conflito mundial, alguns grupos de alemães residentes no Brasil se organizavam em sociedades nazistas. Estas sociedades divulgavam o nacional-socialismo para os descendentes de alemães aumentando suas fileiras. Sedes do NSDAP se instalaram no país, um exemplo é a: “Federação 25 de julho”, composta por descendentes de alemães. As sedes nazistas tinham o papel de estimular a entrada de integrantes do movimento em setores chave da economia, Forças Armadas e Governo (Idem, 1995:71,42).

As sedes seguiam orientação da política expansionista de Hitler. McCann extrai um relato de Hermann Rauschning, líder nazista em Dantzig e amigo de Hitler. Nele Rauschning relata o interesse de Hitler pela América do Sul, particularmente o Brasil. Diz que o Brasil possui as condições necessárias para uma revolução. Segundo ele Hitler disse: “*Criaremos lá uma nova Alemanha*” (McCann, 1995:71; Apud Rauschning, 1940: 61-67).

A política de Getúlio visava o nacionalismo, e diante da influência germânica, o governo passa perseguir as sedes nazistas. Sob a supervisão do Coronel Cordeiro de Farias as sedes nazistas começaram a ser fechadas já em 1937. O próprio Movimento Integralista que foi rechaçado em 1937 tentou estabelecer algum apoio com o governo de Mussolini para seu projeto de golpe. Porém não convinha ao governo italiano apoiar o integralismo, pois Getúlio mantinha uma política de simpatia com a Itália. Segundo McCann, havia suspeitas do envolvimento da Ação Integralista Brasileira com movimentos nazistas no Brasil (McCann, 1995:69,73; Trento, 1993:83).

Segurança Continental

Para os EUA, a possibilidade de uma invasão do Eixo no continente americano se fazia real depois do ataque da *Luffwaffe* no sul da Inglaterra. A guerra se aproximava mais do continente americano com os bombardeios de navios mercantes canadenses e norte-americanos com destino a Inglaterra (Ferraz,2005:94). Através do *Army War College* os EUA concluíram que os países do Cone Sul não tinham as mínimas condições de se defender de uma invasão do Eixo. Depois da conquista do norte da África pelas potências do Eixo os chefes militares norte-americanos concluíram que o Brasil era a chave da defesa continental. Com a África sob domínio do Eixo, era apenas uma questão de oito horas de avião de Dacar, na África Ocidental Francesa (Senegal) até Fernando de Noronha, seguido da cidade de Natal no nordeste do brasileiro (Tota,1987:51,52;McCann, 1995:107,113).

A invasão seria facilitada pela influencia da espionagem nazista influente na Argentina, Uruguai e na região sul do Brasil. Com a conquista do nordeste brasileiro consolidada, as potências do Eixo poderiam usar as Guianas Francesa e Holandesa como ponta-de-lança para a conquista do Canal do Panamá, impedindo a comercialização dos produtos latino-americanos com as potencias Aliadas (Ferraz,2005:14).

No caso brasileiro, os 4 mil quilômetros do litoral do país estavam praticamente desprotegidos diante de uma invasão do Eixo. O equipamento bélico era antiquado e mal distribuído, ficando maior parte na capital da Republica. As cidades do litoral nordestino e do sul do país, eram praticamente ilhas, separadas umas das outras por grandes extensões de terra. O poder aéreo brasileiro se limitava a atividades de Correio e não dispunha de aeronaves para resistir a uma invasão (McCann, 1995: 113,114).

Para o Brasil, o problema do material bélico era o maior obstáculo para as negociações com os EUA. O governo brasileiro não estava disposto a aceitar a presença de militares norte-americanos em seu território. Estavam dispostos a aceitar a cooperação conjunta norte-americana na defesa dos ares e dos mares, devido à falta de tempo necessário para que as próprias Forças Armadas se preparassem (McCann,1995:115,116). Os EUA negociavam o envio de armas para o exercito brasileiro, mas devido a desconfianças dos EUA com elementos filofascistas no alto-escalão do governo brasileiro, militares norte-americanos elaboravam planos de ocupação no nordeste brasileiro.

A cidade de Natal tinha uma preocupação especial para os EUA devido a sua posição estratégica, segundo a análise norte-americana os brasileiros não teriam capacidade de defendê-la. Devido à resistência dos militares brasileiros em permitir a presença de forças armadas norte-americanos em bases no nordeste, os EUA elaboraram em agosto de 1939 o plano *Rainbow*, que estabelecia bases em Natal e Fernando de Noronha. Planos mais aperfeiçoados como os *Rainbow II,III,IV,V*, e o *Pot of Gold* previam o envio de um corpo expedicionário de 100 mil homens distribuídos pelo litoral do país. Porém, os planos presidenciais de Roosevelt não previam invasões militares aos países latino-americanos, optaram pela via diplomática no envio de armamentos para o exército brasileiro, em troca de bases estratégicas no país (Ferraz,2005:18,36).

O Brasil apoiava a intenção dos EUA de instalar bases navais, principalmente em Fernando de Noronha e em Natal. A hipótese brasileira era que com o nordeste protegido pelo EUA, o exército estaria livre para reforçar suas tropas no sul do país contra possíveis insurreições das comunidades nazistas do sul, ou uma possível invasão da Argentina (McCann, 1995: 118).

A Argentina mantinha relações estreitas com a Alemanha, principalmente na aquisição de material bélico (McCann, 1995: 98). Os EUA se preocuparam com a situação e já em princípios de 1943, Roosevelt propunha estudos para dotar o Brasil de pelo menos três divisões de infantaria para guarnecer a região sul do país (Waack, 1985:21).

A mudança para os Estados Unidos

O Brasil acaba de fazer um grande negócio. Troquei com os americanos a instalação da siderúrgica de Volta Redonda, pelo envio de uma tropa simbólica para a Europa. Trabalhadores do Brasil... tive que aceitar essa barganha do Presidente Roosevelt se não ele jura que afunda todos os nossos navios mercantes. Sacanagem do Tio Sam. Deus salve a America! (Filme: Radio Auriverde, 1991. Sátira ao discurso de Getúlio na declaração de guerra do Brasil ao Eixo)

O Estado Novo tinha uma posição simpática às potências do Eixo, fato que resultou em alguns desentendimentos. Vargas chegou até mesmo elogiar a política de Hitler contra a ameaça comunista. Vargas disse que o mundo pertenceria apenas aos países fortes, livres do liberalismo estéril. Diante disso a Inglaterra aprisionou o cargueiro brasileiro Siqueira Campos que transportava armamento alemão comercializado com o Brasil. Em retaliação, o DIP proibiu toda e qualquer informação divulgada sobre a Inglaterra pela imprensa (Tota, 1987:51).

Os EUA se aproximaram do Brasil devido a esse estranhamento com a Inglaterra. Adotando o papel de mediador, o Departamento de Estado norte-americano trabalhou para liberar o cargueiro Siqueira Campos (Tota, 1987:82). Os Estados Unidos aumentaram suas relações com Brasil com a intenção de participar mais ativamente dos assuntos latino-americanos, ajudando o Brasil numa linha de crédito que desenvolvesse a indústria de base no país. Um dos fatores que ajudaram na aproximação mais forte com os EUA era a dificuldade do Brasil em liquidar sua dívida externa com a Inglaterra, quando as relações entre os ingleses se tornam mais conflituosas à aproximação com os EUA se tornou mais atraente. Inicialmente os EUA não estavam interessados em desenvolver uma indústria siderúrgica no Brasil, rompendo com a tradição brasileira de simples exportador de produtos primários, destinados as usinas norte-americanas. Mas devido à preocupação das negociações entre Alemanha nazista e o Brasil no desenvolvimento de uma indústria

siderúrgica, os EUA intensificam a aproximação sua com o Brasil (Skidmore, 1969:68,110;Ferraz,2005:18).

O *Export-Import-Bank*, (Eximbank) concedeu empréstimos avaliados de 15 à 20 milhões de dólares para a instalação da indústria siderúrgica. A inauguração da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) na cidade de Volta Redonda no estado do Rio de Janeiro prevista para 1944 foi iniciada somente em 1946 (Ferraz,2005).

Os Estados Unidos direcionam seus olhares para os produtos primários brasileiros no “esforço de guerra” como: borracha, manganês, minério de ferro, níquel, cromo, quinino, óleos vegetais e frutas tropicais. Em contrapartida propõem juntamente com o governo brasileiro o projeto de um Banco Central que serviria para liberar parcialmente os créditos, foi aprovado o empréstimo em ouro no valor de 50 milhões dólares. A administração norte-americana promete enviar técnicos para instruir os brasileiros a exportar estes produtos (McCann, 1995:109,110).

As Forças Armadas receberam um valor de 100 milhões de dólares. A preocupação norte-americana com o expansionismo nazista resultou no intercambio de idéias entre o exército brasileiro e o norte-americano (McCann,1995;Ferraz,2005). Carros de combate, canhões antiaéreos, carros médios, carros leves, armas antiaéreas e anti-carro fazem parte das negociações do governo para reforçar o exército brasileiro. Quantias volumosas eram destinadas para o desenvolvimento do deposito de ferro em Itabira, e a ferrovia Vitoria-Minas (McCann,215,216).

A borracha amazônica era o principal produto ambicionado pelos incentivos bélicos dos EUA. O programa da borracha amazônica era partilhado pela *Rubber Reserve Company* dos EUA, e o Banco de Crédito da Borracha do Brasil. Centenas de trabalhadores, principalmente do nordeste migraram para a região amazônica na perspectiva de melhores condições de vida na busca pelo látex (Ferraz,200524).

A política externa norte-americana visava impedir as relações comerciais dos países latino-americanos com as potências européias, principalmente o Eixo. Por outro lado estabelecia uma liderança continental das Américas encabeçada pelos EUA. Para este fim, os EUA disseminaram na America Latina os valores culturais consumistas do liberalismo norte-americano conhecido como: *American Way of life*. Esta nova política se opunha a antiga postura do *Big Stick* (grande porrete) que estabelecia como ultima opção a intervenção armada nos países latino-americanos. A missão Rockfeller, dirigida pelo Escritório Coordenador de Assuntos Interamericanos, Nelson A. Rockfeller, trouxe diversos especialistas, pesquisadores e artistas em visitas ao Brasil. Entre eles, artistas

norte-americanos como: Tyrone Power, Henry Fonda e Douglas Fairbanks, este ultimo examinou a indústria cinematográfica brasileira. A maior visita foi de Walt Disney, nessa missão nasceram às criações da Disney como: Zé Carioca. Não se deve esquecer que Carmen Miranda estourava em Hollywood, divulgando o nome do Brasil para o mundo (Tota, 1987:53,54; McCann, 1995:200,201).

As tensões na cúpula do governo brasileiro giravam em torno dos simpatizantes do fascismo, como Dutra, e dos simpatizantes dos norte-americanos, como Oswaldo Aranha, ministro das Relações Exteriores. Getúlio era o mediador entre os dois. Porém quando os EUA entraram definitivamente na guerra devido ao ataque a Pearl Harbor, os EUA exigiram uma posição dos países latino-americanos, principalmente do Brasil (Tota, 1987:52,53).

Os EUA e o Brasil criaram a Base Aérea de Panamirim na cidade de Natal, quatro dias depois do ataque à Pearl Harbor. A Base Aérea de Panamirim se tornou o aeroporto mais importante do mundo, grande distribuidor de recursos estratégicos para os Aliados e principal ponto de vigilância do Atlântico Sul. Diversas celebridades de Hollywood visitaram a cidade de Natal para estabelecer o intercambio cultural. Neste mesmo ano os EUA construíram uma fábrica da Coca-cola em Natal, a primeira da América Latina (Ferraz,2005:37).

A 28 de janeiro de 1942, seguindo a orientação da 3ª Reunião de Consultas dos Ministros das Relações Exteriores, o Brasil rompia suas relações diplomáticas com as potencias do Eixo. Em seguida, os demais países latino-americanos romperam suas relações diplomáticas com o Eixo, ambos influenciados pelo Brasil.

Berlim entrou em contato com o Brasil comunicando que a ruptura das relações exteriores significaria a guerra. Seguiram-se os torpedeamentos dos navios mercantes na costa brasileira, começando com o Buarque em 16 de fevereiro de 1942. Os alemães torpedearam quatro embarcações nas proximidades de Trinidad e Porto Rico em 26 de junho, e entre 15 e 19 de agosto sete navios (Baependi, Aníbal, Benévolo, Araraquara, Itagiba, Arará e Jacira) foram torpedeados pelos submarinos alemães nas costas de Sergipe e Bahia. Subitamente emergiu um movimento de massas antifascista liderado pela União Nacional dos Estudantes (UNE). Através de passeatas exigiam uma atitude mais enérgica do governo frente à agressão nazista (McCann,1995:204,221,223,229;Tota, 1987:54,55).

A população das grandes capitais depredavam companhias e propriedades de pessoas de origem germânica. Diante desse clima a dupla caipira Alvarenga e Ranchinho

compuseram uma moda de viola, influenciados pelo clima de patriotismo que tomou conta do país neste momento:

Inventei essa modinha
Foi bastante o sentimento
Que a 16 de agosto,
Que foi o torpedeamento
Afundaram nossos navios
Rachando mangueira a dentro
Os arpe mudou de luto
Os campos no firmamento

No morro do Corcovado
Tem Cristo Redentor,
Com os dois braços abertos
Pra cercar os traidor
Na mira do meu fuzil
Está todo o meu amor
Que é pra rachar a testa
Do primeiro invasor

O alamão não conhece
A nossa raça trigoêro
Quando for chegando a hora
O corpo fica maneiro
Na guerra do Paraguai,
Provô para o mundo inteiro
Vinte alamão é sopa
Num dá prum só pro brasileiro
Quando me chamar pra guerra,
Eu vou cum contentamento
Quero ficar atrás de um toco
Vai ser um divertimento
O primeiro alamão
Que vier eu arrebento
Eu dou uma tacuera nele,
Esse é o meu juramento
E lá na linha de frente

Não quero saber de choro
Quero vingá com o alamão
Esse grande desaforo
Enquanto nossos canhão
Vai rebentando no estouro
Quero atirar na testa
Pra não estragar o couro.

Eu sou um caipira xucro,
Eu não quero me gabar
Paulista bem brasileiro
Pra aquilo que precisar
Brasir acima de tudo
Precisando é só chamar
Eu pego um italiano “a unha”
Nem que corra que nem gambá (WWW.franklinmartins.com.br)

Getúlio cedeu à pressão popular e no dia 31 agosto declarou guerra às potências do Eixo (menos ao Japão) (WWW.franklinmartins.com.br). Frank McCann expõe as conclusões de Oswaldo Aranha dos benefícios que uma participação do Brasil na guerra: melhor posição política mundial, melhor posição política na America do Sul, criação de um parque industrial para indústria pesada, criação de indústrias agrícolas, extrativistas, minerais e extensão das vias férreas e rodovias (McCann, 1995: 244)

O Brasil estava interessado nos domínios coloniais que deixariam de existir com o fim da guerra. No caso de Portugal, uma vitória aliada traria o colapso das suas colônias que seriam, na “cabeça” de Aranha e Vargas, “hereditárias” do Brasil. Havia o interesse pelo futuro da Guiana Francesa que poderia garantir a manutenção da Amazônia (McCann, 1995:244).

McCann tem um posicionamento pró-Estados Unidos, mas ele mesmo ressalta que Aranha sabia que o Brasil estava à mercê dos EUA, e que esta total dependência traria serias conseqüências no futuro: “O futuro do Brasil será de qualquer um menos dos brasileiros” (Idem, 1995:243).

Skidmore ressalta que as relações em tempos de guerra causaram forte inflação econômica, causando problemas aos governos posteriores (Skidmore, 1969: 92) Para

Ferraz a economia brasileira diminuiu muito, aumentando drasticamente a dependência econômica para com os EUA (Ferraz, 2005).

Ferraz esclarece a dúvida (que se perpétua mesmo nos dias de hoje) sobre a autoria dos ataques de submarinos na costa brasileira. No período da guerra, cogitou-se a possibilidade que a entrada do Brasil na guerra foi forçada pela iniciativa bélica dos EUA, que teriam atacado embarcações na costa brasileira culpando os alemães. Para Ferraz essa hipótese é infundada, pois os documentos da Marinha de Guerra alemã comprovam a autoria dos ataques germânicos no litoral brasileiro (Idem,2005).

Segundo Ferraz, não parecia vantajoso para os EUA ter um parceiro como o Brasil que precisaria ser municiado, alimentado, vestido e transportado. As negociações se estenderam no campo diplomático até 1943, quando Roosevelt se encontrou com Vargas na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte. Os dois chefes de Estado decidiram enviar uma Força Expedicionária Brasileira para a guerra (Idem, 2005).

O Estado Novo, instaurado por um golpe de Estado que tornou o país uma ditadura, agora declarava guerra ao nazifascismo. Por mais irônico que pareça, pessoas do alto comando do governo eram conhecidas por suas simpatias ao nazifascismo como: Góes Monteiro, Francisco Campos, Filinto Muller e Dutra, este último conhecido como “pró-germânico”, inquietava-se com a perda do armamento alemão que se encontrava estocado na Alemanha. (McCann, 1995: 206,207).

O Brasil rumo ao Estado Democrático e a Formação da Força Expedicionária Brasileira (FEB)

O Estado Novo já demonstrava suas primeiras fissuras desde as primeiras manifestações anti-fascistas de 1942 lideradas pela UNE que exigiam do governo uma atitude mais enérgica diante do torpedeamento dos navios mercantes brasileiros. Vargas compreendeu que qualquer envolvimento na guerra provocaria a fim de seu governo, por isso apoiava os Aliados no plano externo, no plano interno incentivava a mobilização nacional contra as ditaduras totalitárias da Europa (Ferraz, 2005). Esse repúdio as ditaduras européias resultou em manifestações contra a ditadura de Vargas e suas semelhanças ao fascismo. Já no início de 1943 eram criadas em varias cidades organizações antifascistas como: a Sociedade Amigos da America. Compostas por sindicalistas e militantes do clandestino Partido Comunista, ambos combatiam o autoritarismo de Vargas (Tota, 1987: 54-56).

O Estado Novo convocava toda a população brasileira para aderir à “batalha da produção”, que seria extração a de produtos primários destinados ao esforço de guerra dos EUA. Foi uma verdadeira militarização das relações de capital e trabalho, aumentando a exploração do setor industrial sob o proletariado, desrespeitando os direitos trabalhistas conquistados. Em nome da “mobilização nacional” faltas eram consideradas “deserções”, greves eram “motins”, ambos sujeitos a punição nos tribunais militares (Ferraz, 2005:27). Os preços aumentavam drasticamente, enquanto o salário do trabalhador sofreu uma queda de 27%, situação inferior ao salário de 1920 (Tota, 1987: 58,59).

Os trabalhadores que migraram para a “batalha da borracha” na Amazônia foram reduzidos a situações subumanas. Calcula-se que metade dos trabalhadores pereceu na selva devido a doenças, alguns reduzidos a escravidão por dívidas por comerciantes inescrupulosos (Ferraz, 2005:24).

Muitos comerciantes se enriqueceram especulando os gêneros alimentícios que já se encontravam além do custo de vida do brasileiro. A acumulação de capital pelos empresários foi muito maior em tempos de guerra (Idem, 1987).

Segundo Ferraz, o crescimento da indústria brasileira em tempos de guerra foi artificial e ilusório, pois não houve uma política de investimento nos processos técnicos da indústria. No fim da guerra, o maquinário das indústrias encontrava-se totalmente sucateado. Natal deixou de ser o aeroporto mais movimentado do mundo, a Coca-cola deixou a cidade relegando-a as condições precárias anteriores a guerra, a “batalha pela borracha” foi abandonada devido ao fracasso na produção que não atingiu as metas estabelecidas (Ferraz, 2005).

Segundo Ferraz, outro aspecto desse período de guerra foi à paranóia sob os espões do Eixo no Brasil. Italianos, alemães e japoneses eram obrigados a portar salvo-conduto para circular em vias públicas. Embora existissem associações de países do Eixo, as queixas contra os estrangeiros foram em número reduzido, muitas sem fundamento nenhum (Ferraz, 2005).

Segundo Skidmore, Vargas compreendeu que seu governo não poderia subsistir com a vitória dos Aliados na Europa. Diante disso, Vargas articula as estratégias para sua permanência no cenário político posterior em três pontas-de-lança: Primeiramente a legislação trabalhista que garantirá a lealdade da classe trabalhadora (Skidmore, 1969: 62). A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) estabelecida em 1º de maio de 1943 (Tota, 1987:56). Segundo, a estrutura sindical corporativista criada no Estado Novo poderia ser articulada posteriormente para apoiar Getulio Vargas. E terceiro, a criação de um Partido

Trabalhista que seria o resultado da coalizão dos sindicatos que por sua vez, teriam Getulio Vargas como seu líder (Skidmore, 1969: 62,63).

As greves de 1944 não repercutiram de forma que abalasse a estrutura governamental. Somente em 1945 os movimentos operários se tornam mais fortes, devido à estrutura sindicalista do regime de Vargas que começava a ser abalada (Idem, 1987: 59).

Será que a Cobra vai fumar?!

Brasileiros! A sua maravilhosa terra é a mais rica do mundo. Por que é que não jorra petróleo? Por que os americanos não querem. Por que é que não se pode vender o café? Por que os americanos não querem. Por que é que o Presidente Vargas não apóia o Eixo, se ele admira Hitler e Mussolini? Os americanos não querem. Por que é que no Brasil se produz pouca borracha? Os americanos não querem. Por que é que a exploração dos minerais não é desenvolvida? Os americanos não querem. Por que é que o povo brasileiro não tem uma vida melhor? Os americanos não querem. Os americanos querem tomar conta do Brasil para explorar as riquezas de sua terra. Por isso você! Sendo o melhor soldado brasileiro, esta sendo afastado do Brasil... para morrer na Europa e nunca mais voltar a Pátria (Soldado alemão fictício satirizando os soldados brasileiros. Filme Radio Auriverde,1991).

O Brasil empreendeu seus esforços na guerra principalmente por motivações políticas. Vimos as negociações entre Brasil e EUA que resultaram numa influência maior dos norte-americanos na economia brasileira. Em contrapartida, o Brasil desenvolvia sua indústria pesada e modernizava o seu exército. Para selar esse pacto, o Brasil deveria contribuir com um contingente humano para o sacrifício de batalha ao lado dos Aliados. Veremos adiante que o Brasil não estava preparado para enviar seus homens para uma guerra longínqua.

Os Aliados tinham conhecimento da falta de preparo do Brasil, veremos também que não era interessante para os EUA ter um parceiro na guerra que ele devesse transportar, alimentar, vestir, equipar e proteger. O Chefe do Estado Maior dos EUA general George Marshall acreditava que seria uma dor de cabeça ter uma nacionalidade a mais combatendo ao lado dos Aliados, mas para os interesses políticos envolvidos, a participação brasileira era crucial. O secretário de Estado Cordell Hull relatou a Winston Churchill por intermédio dos diplomatas norte-americanos a importância do Brasil na guerra, bem como a estabilidade do governo de Vargas que poderia ser abalada caso a FEB

não fosse enviada ao Teatro de Operações. Winston Churchill respondeu dizendo: “Eu sou a favor de colocar a Divisão brasileira na Itália o mais breve possível. Todos os esforços precisam ser feitos. Não se deve falar de uma força simbólica” (Waack, 1985: 27).

O regime de Vargas se interessava com uma participação direta do Brasil na guerra, principalmente com os benefícios que alguns setores poderiam obter. Primeiro: para as pessoas ligadas ao alto escalão do governo brasileiro a guerra poderia lhes dar alto prestígio internacional que o *status* do pós-guerra lhes asseguraria. Segundo: Getúlio Vargas usava a participação do Brasil na guerra para desviar assuntos referentes à reestruturação do regime democrático. E terceiro e último: As Forças Armadas que viam uma oportunidade de se modernizar, baseada no modelo norte-americano (McCann, 1995: 271,272).

Declarada guerra ao Eixo, o governo brasileiro julgava que a participação do Brasil na guerra se limitaria ao policiamento da costa marítima, ou escolta de comboio pelo Atlântico Sul. Logo o governo brasileiro compreendeu que não poderia concretizar as negociações entre com os EUA se não contribuísse com o sacrifício humano para a guerra. Secretamente, no dia 18 de abril de 1943 o governo decidia que o Brasil deveria participar ativamente da Segunda Guerra Mundial (Brayner, 1968: 23). O Chefe do Estado-Maior da FEB coronel Floriano de Lima Brayner relata que em sua opinião, “não era uma Nação que entrava em guerra; era um reforço lançado na fogueira da batalha, integrando as forças norte-americanas. Colocávamo-nos, deliberadamente, sob a tutela da Grande Nação do Norte” (Brayner, 1968: 23).

Segundo João Baptista Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB, a primeira menção da formação de uma Força Expedicionária partiu de Eurico Gaspar Dutra, então Ministro da Guerra em sua visita aos EUA (Moraes, 1947:21).

Góes Monteiro expressou inicialmente sua intenção de enviar uma Força Expedicionária de pelo menos dois milhões de homens (McCann, 1995: 274). A tarefa de compor uma Força Expedicionária desse porte seria impossível, pois o Brasil dispunha de um contingente de apenas 60 mil homens na ativa do exército espalhados por quilômetros de distancia nas suas respectivas unidades militares. Os armamentos eram antiquados e obsoletos sendo a maioria de nacionalidade theca, alemã e francesa (Castello Branco, 1960: 77,136).

Mas as Forças Armadas não viam outra opção a não ser enviar militares brasileiros para lutar na guerra ao lado dos EUA, e assim fechar as negociações com o exército, principalmente sobre o armamento que seria necessário para a modernização da

instituição (McCann, 1995: 272). Os líderes brasileiros imaginaram ser possível manter se longe do conflito, por isso mesmo não houve iniciativa preventiva para uma modernização das Forças Armadas. Apenas com a declaração de guerra que o Brasil resolveu mobilizar suas Forças Armadas para lutar sob a orientação do exército norte-americano (Castello Branco, 1960: 78).

Nos círculos militares, mesmo antes da FEB ter se formado, ela já começava a adquirir uma postura antifascista. Para alguns oficiais, principalmente os que concluíram o curso da Escola de Estado-Maior em 1943, a participação da FEB na Segunda Guerra era uma chance de extirpar das Forças Armadas os elementos de influencia fascista, entre eles, o próprio Ministro da Guerra, General Euríco Gaspar Dutra (Idem, 1995: 272,275)

Entre a imprensa e os círculos militares, várias eram as especulações sobre o campo de batalha da FEB. Alguns militares falavam sobre operações em Dacar ou na França de Vicky. Com a invasão aliada no Norte da África, o Correio da Manhã do Rio de Janeiro, produzia artigos a pedido de Dutra apoiando o envio de uma Força Expedicionária para o Teatro de Operações da África. Em uma conversa com Jefferson Caffery, Oswaldo Aranha comentou sobre o destino da FEB: “Eles podem ir para a África, Europa, Ásia para onde você quiser” (McCann, 1995: 271,273).

O alto comando do exército brasileiro ainda não parecia entender a complexidade do conflito que o Brasil se envolvera. O general Leitão de Carvalho expressou ao general Marshall que o Brasil constituiria pelo menos três a quatro divisões para lutar na guerra (Idem, 1995: 278).

O general Leitão de Carvalho e o delegado norte-Americano, general J. Garesche Ord escolheram os centros militares do nordeste como os mais capazes de desenvolver um treinamento adequado para a formação da FEB. Dutra tentou estabelecer mais dois centros de treinamento: um no Rio de Janeiro e outro em São Paulo, mas não obteve resultado, principalmente pela falta de material bélico negociado entre EUA e Brasil que o exército ainda não dispunha da quantidade necessária (Idem, 1995: 278,279).

A FEB experimentava suas primeiras dificuldades com relação à cooperação dos EUA. Ora, os americanos vinham estudando a sociedade brasileira desde o início das negociações. Através do quartel-general americano: *United States Army Forces South Atlantic* – USAFSA, localizado no Recife e no Rio de Janeiro, oficiais norte-americanos faziam um amplo estudo sociológico e antropológico dos brasileiros. Wacck extraiu passagens importantes dos relatórios norte-americanos sobre o analfabetismo da população e o grande abismo social que separava as classes sociais brasileiras. Os norte-americanos

constataram que o exército era tremendamente fraco devido a sua falta de experiência em qualquer conflito fora de seu território nacional. Sua única experiência consistia em reprimir revoltas e proteger suas fronteiras. O relatório também ressalta a possibilidade de problemas futuros com a situação clínica dos soldados brasileiros. Constataram a incompatibilidade dos soldados brasileiros com os padrões de saúde norte-americanos, muitos destes vítimas de doenças venéreas e dentes careados (Wacck, 1985: 22-26)

Os EUA não mostraram bom grado com os brasileiros diante desse quadro. Até mesmo em questões sobre qual dos dois países deveria fornecer as rações alimentares era motivo de discussão. Foi necessário que o Ministro da Fazenda Artur de Souza Costa resolvesse a questão da alimentação em julho de 1944 (Idem, 1985: 30).

Militares brasileiros já ingressavam em cursos nas academias militares dos EUA desde 1938, mas essa frequência aumentou grandemente, tanto que no final de 1944 cerca de mil brasileiros concluíram seus cursos militares nos EUA. Os maiores centros formadores foram: a Escola de Comando e Estado-Maior em Fort Leavenworth, Kansas; a Escola de Infantaria em Fort Benning, Geórgia; e a Escola de Artilharia em Fort Sill, Oklahoma (Idem, 1995: 279).

Até 1943 cerca de oito coronéis, 20 tenentes-coronéis, 66 majores, 92 capitães e 36 primeiros tenentes, entre eles alguns nomes que farão parte da política brasileira nos anos seguintes como: Teixeira Lott, Castello Branco e Arthur Costa e Silva concluíram curso de especialização nos EUA (Waack, 1985: 26,27). Euclides Zenóbio da Costa, Oswaldo Cordeiro Faria e Falconière da Cunha que fizeram parte do alto comando da FEB, também participaram dos cursos de formação nos EUA (Moraes, 1947: 28).



Fig. 7: Comandantes da FEB – Da direita para a esquerda: Falconiere da Cunha, Zenóbio da Costa, Mascarenhas de Moraes e Cordeiro Faria.

Fonte: WWW.anvfeb.com.br

Junto com o comando de Mascarenhas, estes três últimos secundaram o alto comando da FEB. Zenóbio da Costa comandara a Infantaria Divisionária, Cordeiro Faria a Artilharia Divisionária e Falconiere a Inspeção Geral (Castello Branco, 1960: 131).

Abaixo, um certificado de conclusão de curso de infantaria no nome do Coronel do 6º Regimento de Infantaria de Caçapava – SP, João Segadas Viana pela *The Infantry School*. O curso foi ministrado de 20 de julho de 1943 a 20 de setembro de 1943:



Fig. 8: Foto - Certificado de conclusão de curso do coronel João Segadas Viana do 6º RI.

Fonte: Museu da FEB. 6º Batalhão de Infantaria Leve. Caçapava- SP.

O Major George Adair, instrutor da FEB, acompanhou a instrução de 38 oficiais brasileiros em *Leadership and Battle Training School* e não dispensou comentários em relação aos brasileiros. Em seus relatórios o major elogia o espírito de cooperação dos brasileiros, mas concluiu que os oficiais tinham um péssimo preparo físico e pouco adestramento com o fuzil. Até mesmo as técnicas do sistema francês empregados por eles eram fracas (Waack,1985:31).

Grande número do quadro de capitães e tenentes já estava em idade avançada para ingressar na FEB. Por isso vários postos de capitães, tenentes e sargentos foram facilmente preenchidos por jovens recém-saídos da academia militar (Castello Branco, 1960: 132,133).

As negociações com os EUA em período de guerra foram concluídas com a instalação (quase que despercebida) das bases aéreas de Belém, Fortaleza, Natal, Recife e Salvador pelos norte-americanos. Para o Brasil o custo dos armamentos, serviços e demais despesas que o país empenharia para participar do conflito armado custaria aos cofres públicos cerca de 21 bilhões de cruzeiros, valor referente a cinco vezes a receita anual da União. O valor da dívida de guerra foi parcelada em sete vezes, em 1º de julho de 1954 a dívida contraída em período de guerra foi quitada (Idem, 1960: 79,81).

FEB - representante de um governo ditatorial na luta pela democracia internacional

A participação ativa do Brasil na guerra consolidou o projeto de industrialização brasileira prometido pelos revolucionários de 13 de outubro de 1930. O projeto apenas se consolidou com a aquisição de capital externo necessário para a criação da indústria no país.

Os Estados Unidos preocuparam-se quando o Brasil, sua ponta-de-lança na América do Sul procurou novos parceiros na Europa, principalmente nos regimes totalitários da Alemanha e Itália. O capitalismo mundial estava em crise e desacreditado. Os regimes totalitários utilizavam do autoritarismo a fim de controlar as parcelas da sociedade através de um governo forte, centralizado na figura de um chefe. O fascínio ao fascismo ganhou seus adeptos no Brasil, como o Partido Integralista e grandes nomes do governo admiradores do fascismo. O Brasil optava em iniciar seu projeto de industrialização desenvolvendo a indústria de base com o objetivo de criar um país forte.

Os EUA vêem sua política para as “Américas” ameaçada pela expansão imperialista no ocidente através do nazifascismo e no oriente através do Império japonês. No meio desse jogo, a questão do Brasil era de neutralidade, até que Alemanha ou EUA oferecesse mais vantagens comerciais ao Brasil. Os estrategistas norte-americanos previam através de seus estudos uma invasão das Américas através da África do norte. Para evitar esta invasão os EUA decidiam os trâmites para a instalação de bases militares no nordeste brasileiro. O problema era convencer o Brasil através da invasão armada ou pela diplomacia. A administração Roosevelt ignorou as opiniões mais radicais do governo e optou pelo jogo diplomático. Teve início a incorporação dos valores norte-americanos de consumo através do investimento de produções culturais norte-americanas no Brasil. Era o *American Way of life* sendo utilizado para a guerra.

A entrada do Brasil no conflito foi impulsionada pelo ataque japonês a base norte-americana de Pearl Harbor. Seguindo a 3ª reunião de consulta dos Ministros das Relações Exteriores, o Brasil rompeu suas relações diplomáticas com os países do Eixo. Em contrapartida, a Alemanha atacou militarmente o Brasil dando os motivos necessários para a entrada do país no conflito.

Ficam as seguintes questões: Porque o envio de uma força expedicionária brasileira para o conflito armado? O governo brasileiro interessava-se nos benefícios do pós-guerra, bem como para os indivíduos envolvidos no governo em tempos de guerra. Interessava aos EUA a participação de soldados brasileiros no confronto? Muitos

segmentos do governo norte-americano preferiam a participação brasileira na guerra limitada aos territórios cedidos para a construção de bases no nordeste e a exportação de matérias primas brasileiras para o esforço de guerra. Principalmente entre o exército norte-americano, que se preocupava com os problemas em colocar mais uma nação para lutar a seu favor na guerra. Porém Roosevelt percebeu que apenas conseguiria o apoio do governo brasileiro atendendo suas exigências de indústria de base e modernização do exército.

A participação do Brasil na Segunda Guerra influenciou a opinião pública a questionar a situação do tipo de governo que imperava no Brasil. “Como pode um governo mandar tropas para lutar pela democracia na Europa sendo que em nosso país a democracia não existe?” Essa devia ser uma pergunta de muitos, tanto que Getúlio Vargas percebe que seu governo não poderia subsistir depois da nova ordem mundial.

Capítulo 2

A saga de um joseense na Segunda Guerra Mundial



Fig 9: Expedicionário Eliseu de Oliveira.

Fonte: Fotografia tirada no regresso ao Brasil, 1945 (Bondesan,1947).

Eliseu de Oliveira, natural de São José dos Campos no Estado de São Paulo. Participou da campanha da Força Expedicionária Brasileira no Teatro de Operações da Itália. Foi o único prisioneiro de guerra natural de São José dos Campos. Ao término da campanha Eliseu de Oliveira decide escrever um livro em contraposição aos diversos boatos e chacotas surgidos durante o período da guerra e no pós-guerra que visavam desprestigiar a Força Expedicionária Brasileira. Inconformado com os boatos, Eliseu se sente na obrigação de ser um dos primeiros expedicionários a escrever um livro sobre sua visão pessoal da guerra. Magoado, principalmente, com os falatórios que diziam que os pracinhas (agora veteranos de guerra) foram para guerra apenas numa operação de veraneio, de ocupação, Eliseu quer mostrar, por meio de sua experiência, todas as agruras e privações que os brasileiros sofreram nos campos da Itália. Como ele mesmo diz:

Guerra é a sucessão de privações, noites ao relento, horas intermináveis sob aguaceiros, ou atolados na lama até a cintura... São as marchas de quilômetros e quilômetros, sob a inclemência de um clima tórrido, ou, então, naquele frio mortal, que mais tarde se fez sentir nos Apeninos, ocasionando o “pé de trincheira”, moléstia que resultaram amputações e morte entre os brasileiros (Bondesan,1947:50).

Altino Bondesan, jornalista influente em São José dos Campos, empreendeu sucessivas entrevistas com Eliseu de Oliveira no período da noite, após sua jornada de trabalho em um escritório (Bondesan,1947). Em setembro de 1945 o relato de Eliseu passou a ser publicado no “Jornal de São Paulo” (jornal São José dos Campos, ano IV, 2 de setembro de 1945, n°223). Em muitas ocasiões, Altino Bondesan estendia os interrogatórios até mesmo depois do almoço, evitando interrupções dos capítulos entre as edições do jornal. Bondesan afirmou que a primeira versão do livro não passava de mero rascunho, devido à falta de tempo, mas para a imprensa de São José dos Campos tais exigências não interessavam. Em 1947 Eliseu publicou suas memórias no livro intitulado: *Um pracinha paulista no inferno de Hitler*.

Eliseu esclarece que sua obra é a visão pessoal de um soldado na guerra, sendo impossível analisar a campanha da FEB em sua totalidade. Seu objetivo ao escrever “Um pracinha paulista no inferno de Hitler” consiste “unicamente, ser uma apagada contribuição à opulenta literatura, que certamente surgirá, no Brasil, tendo por tema nossa participação ativa na Segunda Guerra Mundial” (Bondesan,1947).

Alessandro Portelli chama de “crise de identidade” o estado de frustração do soldado diante do descaso da sociedade ou do Estado. O soldado, ao retornar do conflito, espera o reconhecimento de uma vida digna, mas o desrespeito como são tratados leva-os a busca por cidadania, reconhecimento e respeito (Portelli,2010:186). Para Michael Pollack, “a memória é o elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva” (Pollack,1992:5). Para investigar a crise de identidade, Portelli analisa a interação entre memória e história nos relatos de veteranos da guerra do Vietnã. O sargento Robert L. Daniels demonstra sua frustração com o Estado norte-americano que não lhes prestou a devida assistência: “espera-se que você lute pelo seu país. E você volta para casa. Mas onde está o meu país quando eu volto para casa?” (apud Portelli, 2010:198). A crise de identidade tratada por Portelli e Pollak é o fio condutor da memória de Eliseu de Oliveira. Sua memória de guerra é marcada por repetidas frases como “verdade”, “verdadeira história”, “escrevi para falar a verdade”, etc. Essa linguagem nada mais é do que a busca por esta cidadania na qual Eliseu de Oliveira exige ser reconhecida. Uma guerra contra o esquecimento.

São José dos Campos em tempos de guerra

Eliseu de Oliveira pertencia a uma típica família de lavradores de São José dos Campos. Eliseu cumpriu o serviço militar por dois anos no 4º Regimento de Infantaria da cidade de São Paulo (RI). Normalmente, os jovens do Vale do Paraíba desempenhavam o serviço militar no 6º Regimento de Infantaria de Caçapava, o “Regimento Ipiranga”. Mas Eliseu logo pediu transferência para o 4º RI, para ele seria desagradável executar as marchas e os demais exercícios militares na presença dos olhares dos caçapavenses e demais conhecidos. Com grande angústia, se despede dos companheiros do 4º RI e assume novamente a vida de civil.

Aos dezenove anos Eliseu exercia a função de ajudante ao lado de seu pai, Agenor de Oliveira, em um bar de sua propriedade no centro de São José dos Campos. O bar era local de encontro e discussão dos mais diversos assuntos. À noite, o estabelecimento se tornava mais atraente aos populares devido às canções do irmão mais velho de Eliseu de Oliveira (Bondesan, 1947:10).



Figura 10: Antiga Praça João Pessoa. Atual praça Pe. João

Fonte: www.camarasjc.sp.gov.br/promemoria

Dirce Saloni Pires, professora influente em São José dos Campos relata que o cotidiano era típico de uma cidade pequena, os jovens da cidade, como Eliseu de Oliveira, se divertiam nos bailes na Associação Esportiva e na Rua Quinze de Novembro, local de passeio onde as moças atravessavam a rua entre os flertes dos rapazes galanteadores (WWW.museudapessoa.net).

José Benedito, joseense, amigo da família de Eliseu, diz que o cinema era o local mais freqüentado pela população joseense (Informação verbal).²



Figura 11: Antigo Cine Theatro São José, 1950

Fonte: www.camarasjc.sp.gov.br/promemoria

Eliseu assistia a diversas produções de cinema no cinema da cidade o: Cine Para Todos. Os filmes exibidos no Cine Para Todos eram diversificados. Documentários sobre a Itália fascista estavam sempre à disposição para os expectadores, convidados a conhecer o líder da Itália, Mussolini, que divulgava o fascismo a todos. Com

² Entrevista com José Benedito Moreira, 2010.

relação à Alemanha, os filmes que Eliseu assistiu não faziam apologia ao nazismo, pelo contrário, eram documentários “Hollywoodianos”, críticos a política racista de Adolf Hitler (Bondesan,1947). Mais do que o cinema, um espaço bastante freqüentado era o campo de futebol, realizavam-se desde jogos comuns até mesmo o Campeonato do Vale do Paraíba. Jovens como Eliseu não perdiam uma partida de futebol (Bondesan,1947:29).

São José era uma cidade simples, tinha o seu *footing*, o seu teatro, o seu cinema. No entanto, Eliseu não gostava muito da rotina da cidade, tanto que se mudou para um bairro da zona rural na época conhecido como Bairro do Sertão. Seguiu os passos do pai e montou um estabelecimento comercial, um bar (Bondesan, 1947:10).

A cidade de São José dos Campos era desde 1935 uma estância hidromineral, por ser desde o século XIX, refúgio e esperança para os doentes de tuberculose. A cidade era tipicamente pequena, acompanhava timidamente a economia cafeeira do país. Em meados do século vinte, investimentos direcionados a urbanização da cidade se tornaram as principais metas a ser atingidas. Atendendo às normas sanitárias, construiu-se um centro adequado ao tratamento da tuberculose, o que possibilitou atrair lucro e renda para a pequena cidade. Sanatórios como o Vicentina Aranha, Maria Imaculada, Ezra, Adhemar de Barros, etc, se instalam na cidade para este fim. Havia um grande número de pensões que recebiam os doentes da moléstia de *koch*. Esse período é conhecido como “Fase Sanatorial” (Zanetti, 2010).

No dia primeiro de setembro de 1939, eclode a Segunda Guerra, o bar do pai de Eliseu se torna um grande ponto de encontro dos amantes dos noticiários. Os freqüentadores do bar acompanharam entusiasmados as vitórias iniciais da Alemanha. Enquanto Polônia, Dinamarca, Países Baixos, Noruega e França eram ocupadas, os joseenses opinavam sobre qual país daria cabo da Alemanha. As vitórias avassaladoras da Alemanha nazista na Europa desestimulavam os joseenses, mas o pai de Eliseu, otimista, comandava os debates e não perdia as esperanças em ver a derrota do Eixo:

- O alemão ganha todas as batalhas, menos a última.
- Desta vez será diferente...
- Qual diferente qual nada! Aposto qualquer quantia, até o bar. Pode durar 3, 4, 10 anos, mas no fim quem ganha é a Inglaterra. Escrevam o que estou dizendo (Bondesan, 1947:11).

Eliseu de Oliveira sempre preferiu a vida rural, logo toda a agitação do estabelecimento comercial de seu pai estimularam sua mudança. Eliseu se estabeleceu no

Bairro do Sertão, região rural de São José dos Campos. Seguiu os passos do pai e se tornou dono de bar em parceria com seu primo José Bráulio. Eliseu permaneceu no bairro do Sertão, administrando seu negócio que prosperava, mas sempre visitava a família na cidade, onde com muito desgosto ficava sabendo das notícias sobre a guerra.

O bairro do Sertão servia de refúgio à Eliseu de Oliveira. Naquele lugar, as notícias da guerra não chegavam aos ouvidos dos habitantes, mas quando visitava sua família, desgostosamente se informava sobre o conflito mundial. Naquela altura dos acontecimentos, a Itália de Mussolini lançava seus exércitos sobre os Bálcãs, Grécia e África. Os EUA e URSS demonstravam que logo estariam em conflito ao lado da Inglaterra. Eliseu permanecia calado nas discussões. Ele temia que os brasileiros fossem envolvidos no conflito. Mas tinha confiança no preparo militar que recebeu no 6º RI (Bondesan, 1947:10, 11).

Eliseu relatou seu agradecimento ao preparo militar que recebeu no 6º Regimento de Infantaria de Caçapava:

A mim, porém, as nuvens negras não assustavam. Dois anos estiverámos recebendo instrução militar. E foi durante esse período que se realizaram as manobras no Vale do Paraíba, nas quais, pelo espaço de 17 dias, afrontamos o rigor do tempo, fizemos longas marchas forçadas e tivemos combates simulados, em terreno difícil, montanhoso. Nesses exercícios minha turma saía vencedora e, se um dia tivesse de ir para a guerra, eu iria certo de uma vitória gloriosa.³

No decorrer das manobras, alguns dos nossos lamentavam do que julgavam a inutilidade de tanto sacrifício. Só depois quando tínhamos diante de nós os terríveis 88 alemães e as incessantes lurdinhas é que passamos a avaliar o que de importante foram os exercícios. Só em combate é que demos valor ao preparo técnico, tão carinhosamente proporcionado pelos nossos competentes oficiais caçapavenses (Bondesan, 1946:12).

Em 1941, com as vitórias dos soviéticos, e a entrada dos norte-americanos no conflito fizeram com que o pai de Eliseu sorrisse triunfalmente acreditando cada vez mais na vitória dos Aliados.

³ Através da análise da leitura de Brayner e Castello Branco, veremos mais adiante a inutilidade da instrução básica do exército como experiência de guerra. Outro fato foi que o 6º Regimento de Infantaria era qualificado como o mais preparado para a guerra, diferentemente das outras unidades (Brayner, 1968; Castello Branco, 1960).

Em início de 1942 quando houve o torpedeamento dos navios mercantes brasileiros por submarinos nazistas, Eliseu tinha certeza que o Brasil entraria na Segunda Guerra Mundial. Quando de fato, em agosto de 1942 a guerra foi declarada, Eliseu voltava para ao Bairro do Sertão, em meio aos comícios em favor da campanha do Brasil na guerra acontecida nas ruas de São José. Voltava para deixar a par seu primo dos negócios e esperar os acontecimentos seguintes até receber a notícia de sua convocação. Eliseu, e uma centena de jovens de São José, incluindo Roberto de Oliveira, seu irmão e seu primo José Bráulio foram convocados para integrar a Força Expedicionária Brasileira (Bondesan, 1947:12,13).

O comício em favor da guerra foi realizado em São José dos Campos às 20 horas do dia 23 de agosto de 1942. O fato foi noticiado pelo jornal local: Correio Joseense, segundo a reportagem o comício foi na Rua Quinze de Novembro na Praça Afonso Pena onde se dirigiram para a estação transmissora local.



Figura 12: Correio Joseense, ano XVIII, São José dos Campos, 23 de agosto de 1942, n°

953

Fonte: Arquivo Público do Município de São José dos Campos.

Os estudantes distribuíam convites intimando os operários, comerciantes e industriais a participar do comício. Organizando o cortejo, os estudantes alinhados em colunas faziam sua passeata. A Escola Normal e a Escola Normal de Comércio e Ginásio traziam o estandarte com a inscrição: Tudo pelo Brasil. A Escola Normal trazia também um estandarte com o V de vitória e o retrato de Getúlio Vargas.

A Escola de Comércio, o Colégio Olavo Bilac e o Esporte Clube São José, traziam a mensagem: Vingaremos o sangue Brasileiro. À frente do desfile vinha a Corporação Musical Santanense e a Corporação Musical Tecelagem Parahyba que executou o Hino Nacional. Depois de percorrerem algumas ruas, retornaram ao ponto de partida onde houve comício com representantes da cidade que fizeram uso da oratória. Entre eles estavam: Leôncio Ferreira do Amaral diretor da Escola Normal, Maria Aparecida Azevedo Hilda Ramos, Neusa Matar de Oliveira, Francisco Germano Costa, Paulo Medeiros, Silvio Brandão, Marcos Diamante, Rubens Savastano, David Diamante, Walter Bevilaqua, Valdemar Ramos, Altino Bondesan, J. Aires Vasconcelos, Álvaro Gonçalves e José de Melo Campos. Entre as autoridades estavam: o prefeito sanitário Pedro P. Mascarenhas, o juiz de direito Pedro Barbosa Teixeira, o promotor público Luiz de Azevedo Castro e o advogado do fórum Sebastião Henrique da Cunha (Idem, 1942).

Foram convocados inicialmente cerca de sessenta jovens de São José para integrar a FEB, todos se despediram na Praça Afonso Pena. Um pracinha subiu no palanque utilizado nas manifestações anti-fascistas de agosto para pronunciar seu discurso. Certo número de autoridades e curiosos acompanhavam a despedida. Seguiram para a Estação (atual Av. Sebastião Gualberto) sob os tambores e tamborins da banda de música que executava a Canção do Soldado. Alguns cantarolavam: “Nós somos da Pátria guarda” (Bondesan, 1946: 14).

Depois do primeiro grupo, outros foram chamados, integrando um contingente de cerca 150 joseenses que ingressaram na FEB durante a formação dos três escalões. Alguns joseenses eram dispensados por incapacidade física, outros pela lei que desobrigava mais de um filho da família a servir na guerra, outros fugiam do serviço militar (Idem, 1947).

Muitos dos desertores faziam parte da classe média influente que conseguira fugir do serviço militar com a ajuda dos “pistolões” (na gíria militar os pistolões eram pessoas influentes no Exército que garantiam a exclusão de alguns indivíduos) (Gonçalves & Maximiliano, 2005:36,37).

Os acontecimentos que antecedem a participação do Brasil no conflito armado são relativamente resumidos por Eliseu. Suas lembranças estão dispersas em meio aos acontecimentos mundiais. Para compreender a memória de Eliseu, desde a entrada na reserva do exército, até a sua convocação, precisamos compreender o que é memória coletiva e individual.

Segundo Halbwachs toda memória é uma memória coletiva. Mesmo se tratando de lembranças individuais, as lembranças permanecem coletivas, pois as lembranças de um indivíduo são compartilhadas pela sociedade que o rodeia (Halbwachs,1950:26).

Mas a memória coletiva não abrange toda a memória de um indivíduo, Halbwachs descreve um estado de consciência estritamente da pessoa, ou seja, são lembranças individuais, vividas apenas por uma pessoa não compartilhadas com os demais (Idem,1950:36,37).

A memória coletiva se manifesta nas lembranças mais acessíveis, ou seja, estão dentro do domínio comum, representam a sociedade que rodeia o indivíduo. Ao se lembrar dos acontecimentos, o indivíduo utiliza as lembranças de pessoas próximas a si para descrever um acontecimento. Lembranças individuais são mais difíceis a recordação, pois foram vividas apenas por uma pessoa, sua lembrança não pode se apoiar na figura de outras pessoas (Halbwachs1950:49).

Eliseu de Oliveira empreende um enorme esforço de rememoração para descrever sua vida anterior à convocação. Algumas de suas lembranças estão dentro do limite do individual; outras são coletivas. Ele se utiliza das lembranças do pai, dos vizinhos, dos locais da cidade, tão próximos a ele, para dessa forma, relatar sua vida antes da guerra.

A lembrança individual não é a única responsável pelo resumo e dispersão da memória. Para Halbwachs, em se tratando de acontecimentos que abrangem períodos históricos extensos, o indivíduo lembra-se dos acontecimentos na forma de conjunto, sem jamais poder distinguir um, ou outro elemento do fato realmente acontecido (Halbwachs,1950:72).

O esforço de Eliseu de Oliveira em relacionar os acontecimentos de sua vida em um tempo histórico pode ser entendido a partir dos conceitos de memória histórica e memória coletiva (pessoal). Diferentemente da memória coletiva a memória histórica apresenta o passado de forma esquemática e resumida. As lembranças coletivas estão na superfície dos acontecimentos sociais. O indivíduo se apóia na memória histórica para classificar os acontecimentos que fazem parte de sua vida, utilizando das lembranças de familiares, amigos, colegas para compreender seu lugar na história. Mas essa impressão histórica é superficial e não lhe ajuda a classificar os acontecimentos metodicamente como aconteceram no contexto macro (Idem,1950:56,57).

A lembrança de Eliseu do período da guerra na Europa é marcada pela presença constante dos debates de seus vizinhos no bar de seu pai, bem como a influência da figura paterna de seu pai que o influenciou com seu interesse pelos acontecimentos mundiais.

Pollack conceitua como “fato da memória”, a lembrança de acontecimentos ou fatos em substituição a um período histórico determinado (Pollack,1992:2). Até a convocação, Eliseu não classifica suas lembranças por datas ou períodos, que seriam necessários para demarcar o tempo ocorrido. O “fato da memória” de Eliseu, que demarca o período anterior a guerra, inicia-se com sua entrada para a reserva do exército, sua vida civil em São José dos Campos como comerciante até sua convocação.

Assim como constatou Michel Pollack, a memória é seletiva; nem tudo fica gravado, nem tudo fica registrado (Pollack,1992:4). A memória individual é um ponto de vista sob a memória coletiva, podendo mudar de acordo com o lugar ocupado pelo indivíduo na sociedade: é uma instância mutável (Halbwachs,1950: 51).

A 1º Divisão de Infantaria Expedicionária – Eliseu nas fileiras do Corpo Expedicionário

Os joseenses, incluindo Eliseu de Oliveira, dirigiam-se em caminhada, da estação de Caçapava até o 6º Regimento de Infantaria. Às onze horas da manhã Eliseu de Oliveira se apresentava a unidade militar de Caçapava para integrar na FEB (Bondesan, 1947: 15). O 6º RI era a unidade militar onde a maioria dos reservistas, oriundos do estado de São Paulo, havia concluído o serviço militar (Gonçalves; Maximiliano, 2005: 21,30; Bondesan, 1947: 15).

Jarbas Dias Ferreira pracinha da FEB, entrevistado em 2007, relatou que a convocação foi muito tumultuada, contando com a presença de cerca de 6 mil homens (Informação verbal).⁴ O 6º RI recebeu reservistas vindos da capital paulista, do Vale do Paraíba e Alta Mogiana. Também de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Goiás, Paraná e Mato Grosso. Grande número de oficiais pertencentes ao Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR) foram convocados para preencher as vagas de oficiais nas patentes de capitães e tenentes, resultado da falta de oficiais suficientes no Exército para uma mobilização em escala nacional (Gonçalves & Maximiliano, 2005: 29,35).

⁴ Entrevista com Jarbas Dias Ferreira, cabo da II batalhão do 6º RI, 2007.

Outro caso é o exemplo de Enéias Sá de Oliveira que fazia parte de uma turma de 29 cabos que prestavam o curso de sargento no 6ºRI, mas quando a guerra foi declarada, devido às circunstâncias os 29 cabos foram promovidos ao posto de sargento (informação verbal).⁵

Segundo o falecido Geraldo Marcondes Cabral, ex-funcionário da Câmara Municipal de São José dos Campos, o quartel de Caçapava não tinha capacidade para alojar toda a quantidade de convocados. Foi então alugado um pequeno salão que contou com a presença de cerca de 500 homens. Em meio à sujeira, insetos e condições sobre-humanas, os pracinhas dividiram o mesmo teto, tendo como recursos básicos apenas uma privada e uma pia (Cabral, 1987:30).

Inicialmente o Exército tinha a intenção de constituir a 1º Divisão de Infantaria Expedicionária de elementos das 1º, 2º, 3º, 4º, 5º, 7º e 9º Regiões Militares. Mas devido às grandes dificuldades do país em aliciar soldados, os elementos da 1º DIE foram recrutados de todo o território nacional (Castello Branco, 1960: 127).

Para o exército, a FEB logo estaria pronta e composta de três divisões de infantaria: 1º DIE, 2º DIE e 3º DIE. Mas a colaboração do Brasil ficaria limitada a apenas pouco mais de uma divisão e meia, cerca de 25.445 homens (Idem, 1960). O Capitão Enéias nos explica que uma divisão de infantaria é constituída de 18 mil homens (Oliveira,2008). No início da guerra, em 1939, a Alemanha conseguia colocar 90 divisões em operação. O Japão tinha 50 divisões apenas na China e a Itália tinha 45 (McCann, 1995: 114). O Brasil conseguiu empregar apenas 25 mil homens, o que não era nem duas divisões de infantaria.

A Divisão de Infantaria do Nordeste foi logo descartada por não atender às exigências norte-americanas, além da grande quantidade de analfabetos em suas fileiras. Outro motivo da não integração da DI do nordeste era a presença de submarinos alemães nas águas brasileiras, por isso a presença da DI do nordeste se fazia necessária na região (Castello Branco, 1960: 127).

O Exército não conseguiu selecionar uma elite de soldados que partisse para o conflito além-mar. Como solução alternativa, resolveu-se recrutar cidadãos comuns, para enfim, transformá-los em soldados. Oficiais da reserva, muitos profissionais liberais, trabalhadores, universitários, recém-graduados na Escola Militar do Realengo, foram

⁵ Entrevista com Enéias Sá de Oliveira, sargento do II batalhão do 6ºRI, 2008.

utilizados para completar os efetivos do corpo expedicionário. Já os oficiais graduados provinham da classe média mais influente no Exército (McCann, 1995:287).

Jarbas Dias Ferreira, por exemplo, exercia o ofício de mecânico em São José dos Campos (Ferreira, 2007). Enéias Sá de Oliveira trabalhava como marceneiro em Caçapava (Oliveira, 2008). Eliseu de Oliveira era um jovem comerciante (Bondesan,1947). O fato de grande maioria dos soldados da FEB provir de profissões liberais é um fator que resulta em certa diferença para com o soldado alemão que tinha como profissão unicamente a profissão militar. Alguns poucos soldados tinham experiência militar provinda da Revolução de 1932, como o joseense Benedito Antunes de Assis, auxiliar da 3ª seção do 6ºRI (Motta, Tomo 3).

Além da dificuldade de encontrar indivíduos com o mínimo de experiência militar para compor a FEB, a maior barreira encontrada era o estado clínico das tropas. McCann retira da obra de Carlos Paiva Gonçalves informações sobre o estado de saúde da FEB, ao que parece bastante deficiente. De mais de 100 mil indivíduos examinados, mais de 23 mil foram considerados incapazes fisicamente. Esse quadro revela o grande estado de subdesenvolvimento da população brasileira. Mesmo assim, no Teatro de Operações, novas juntas médicas constataram, no seio da tropa, diversos indivíduos vítimas das mais diversas enfermidades. Testes psicológicos não foram aplicados de forma adequada no Brasil. Podemos perceber os resultados ao analisar os 433 casos de perturbação psicológica que o serviço mental da FEB tratou na Itália (McCann,1995: 290,291). O alto comando militar brasileiro não teve outra opção em elevar os padrões de soldados normais a excelentes e finalmente compor o contingente que seria enviado para a guerra (Waack, 1985: 26).

A juventude que integrou a FEB se estabeleceu como tropa totalmente diferente do exército brasileiro em sua composição. Nos primórdios da FEB, seus integrantes foram enquadrados nos padrões técnicos norte-americanos. Abandonando os métodos da escola francesa que influenciava os brasileiros desde a Primeira Guerra Mundial (Waack, 1985: 26), Mascarenhas de Moraes deixou claro sua dificuldade na formação da FEB que a mudança da técnica militar acarretou:

De repente, quase da noite para o dia, dentro da antiga moldagem, e no quadro da doutrina gaulesa, surgia a tarefa de constituir uma Divisão de Infantaria, com a organização norte-americana. E, além disso, instruí-la e adestrá-la segundo os métodos, processos norte-americanos (Moraes, 1947: 24).

Durante sua formação, a FEB ainda não havia recebido o seu material bélico. Esse será um problema que acompanhará a FEB até sua chegada na Europa. Nessa altura, o adestramento militar não passava de instruções individuais. A distância entre as unidades militares do Brasil acarretava uma grande dependência à disciplina ministrada às tropas formadas nessas unidades (Idem, 1947: 25).

Oficiais-instrutores norte-americanos adotavam as providências necessárias para instruir a FEB na disciplina norte-americana. Porém, o idioma inglês era um grande problema na comunicação entre os norte-americanos e os brasileiros. No 6º RI, os oficiais responsáveis pelas traduções dos livros, boletins e outros impressos em língua inglesa eram os Tenentes Mange, Castello, Amaral e Demócrito (Gonçalves; Maximiliano, 2005: 31).

Diante desse caos, o 6º RI decidiu dividir o contingente em três batalhões: o 1º batalhão ficou sediado em Taubaté, a 2º permaneceu em Caçapava e o 3º foi encaminhado para Lins, no noroeste paulista (Andrade, 2008:9). Com exceção da 8ª Companhia que seria encaminhada para Araçatuba e Tupã, para ser completada com unidades de todo o país (Ferreira, 2007). No caso de Eliseu, uma licença de oito dias lhe foi dada para voltar a São José, logo depois que o problema dos alojamentos fosse resolvido, Eliseu voltaria a Caçapava (Bondesan, 1947:15).

Alojado em Caçapava, eram-lhe permitidas quinzenalmente visitas a São José onde procurava viver intensamente estes momentos livres da disciplina castrense e da guerra iminente (Idem, 1947:15).

Os pracinhas se reuniam nos bares de Caçapava influenciando no comércio local. O soldo dos soldados brasileiros nunca foi justo com as devidas responsabilidades da profissão, soldados rasos recebiam um valor de 21 cruzeiros até 1940. Os pracinhas da FEB recebiam um valor de 48 cruzeiros. Para liquidar as dívidas, os pracinhas usavam da camaradagem com os donos dos estabelecimentos comerciais que lhes davam um prazo de 30 dias. Existiam dois bares em Caçapava, ambos ficavam em frente ao portão principal do regimento. Era expressamente proibido que os soldados consumissem bebida alcoólica, mas os pracinhas usavam uma estratégia para tomar a popular pinga sem que fossem descobertos. Os soldados utilizavam a xícara de café para tomar pinga e usavam o copo de aperitivo para tomar café (Cabral, 1987:33,34).

Em sete de outubro de 1943, o general João Baptista Mascarenhas de Moraes foi nomeado como comandante da 1ª Divisão de Infantaria, que seria parte do Corpo Expedicionário que o Brasil levaria para a Europa (Moraes, 1947: 15). A organização da 1ª

Divisão de Infantaria Expedicionária estabelecia a fixação das unidades militares em quatro regiões específicas: 1º Rio de Janeiro, 2º São Paulo, 4º Minas Gerais, 9º Mato Grosso. As unidades deveriam permanecer em suas respectivas regiões e manterem a ordem e a disciplina (Brayner, 1968: 15,16). Essa ordem continha uma preocupação do comando da FEB em preservar a disciplina da tropa, em precaução das mudanças que o Corpo Expedicionário viria a sofrer devido a nova instrução de combate.

Mascarenhas de Moraes visitou o Teatro de Operações do Mediterrâneo em dezembro de 1943 como também a frente de batalha do V exército norte-americano no qual a FEB foi subordinada. Não houve planejamento e organização para a comissão brasileira que visitou a frente Aliada. O Estado-Maior não orientou a comissão brasileira sobre os detalhes do Teatro de Operações do Mediterrâneo. Muito menos o Estado-Maior da FEB, representado pelo general Anor Teixeira dos Santos e o coronel Henrique Lott compareceu a visita da frente Aliada. Apenas o tenente-coronel Aurélio Lyra Tavares o acompanhou (Brayner, 1968: 21).

Os representantes brasileiros nunca chegaram a ter acesso ao alto comando Aliado, muito menos ao Teatro de Operações na Itália. Mascarenhas conheceu o comandante do V exército Aliado, general Mark Clark, mas não visitou a frente italiana. Pode-se dizer que o único representante do Brasil no alto comando Aliado era o próprio Mark Clark (Idem, 1968: 24). Mark Clark citou que em 1944, pouco antes da FEB embarcar para a guerra, o major Harald Russo do QJ aliado pediu ao general Robert Walsh, comandante das forças americanas no Atlântico Sul, a retirada de três observadores brasileiros do Teatro de Operações do Mediterrâneo. Para os norte-americanos, os oficiais brasileiros não tinham conhecimento referente ao próprio exército brasileiro, e não conseguiam responder a questões sobre a Divisão Expedicionária que estava em formação. Os observadores brasileiros não respeitavam o sigilo de guerra, desenvolviam correspondências na forma de anagrama, no qual revelavam a seus familiares informações de extremo sigilo de guerra (Waack, 1985: 29).

O governo desejava organizar três divisões de infantaria, mas o Brasil não tinha nem ao menos um Estado-Maior das Forças Armadas para organizar as estratégias e formar essas divisões⁶ (Brayner, 1968: 26).

⁶ Na falta de um Estado-Maior das Forças Armadas, Dutra criou em meados de 1943 o Estado-Maior da FEB no Interior que estaria habilitado a organizar a 1º DIE até tornar-se o próprio Estado-Maior das Forças Armadas (Brayner, 1968).

Um documento oficial do dia 18 de outubro de 1943 exigia a transformação da Nova Divisão até o dia 15 de novembro, que passaria a se chamar tipo FEB. Um mês era o prazo para a formação das três divisões de infantaria. Impossível! As tropas convocadas vinham das mais distantes regiões militares, onde haviam passado pela formação normal do exército. As estruturas dos armamentos e das unidades sofreram grandes mudanças com a incorporação de equipamentos norte-americanos, desconhecidos para as Forças Armadas. Com isso a herança francesa ia sendo eliminada, suas companhias de Sapadores, Pontoneiros e Mineiros desapareciam. No seu lugar se instalavam os órgãos de Serviço da Saúde, Intendência, Comunicação e Material Bélico. As unidades que mais sofreram mudanças foram a Infantaria e a Engenharia (Idem, 1968: 26,27).

A 1° DIE estava dividida em quatro unidades específicas: 6° Regimento de Infantaria – em Caçapava (2° Região Militar – São Paulo). 11° Regimento de Infantaria – em São João Del Rei (4° Região Militar – Minas Gerais). 1° Grupo de Obuses – em Duque de Caxias – Quitaúna (2° Região Militar – São Paulo). 9° Batalhão de Engenharia de Combate – em Aquidauana (9° Região Militar) (Idem, 1968: 28).

Na opinião de Eliseu sua segunda estada no 6° R.I se tornou desinteressante, pois muitos dos oficiais do 6° RI haviam sido transferidos para o estado do Mato Grosso (Bondesan, 1947). Brayner confirma em suas memórias a transferência dos oficiais mais velhos para o Mato Grosso (Brayner, 1968: 26).

O primeiro escalão da FEB era composto pela juventude do Brasil, pessoas que Eliseu só adquiriu intimidade no calor dos combates nas terras italianas. Eliseu e os demais foram transferidos para Lins em janeiro de 1943, cidade com uma grande população de japoneses. O restante de seu batalhão (o 1° Btl) se dirigiu para Taubaté, alojaram-se na “Casa da Laranja” um velho barracão improvisado como quartel (Gonçalves & Maximiliano, 2005: 32). Na perspectiva de Eliseu, Lins recebeu os pracinhas de braços abertos, sua população era cordial e os donos dos estabelecimentos comerciais se empolgavam com a presença da FEB que era fonte de renda e movimento (Bondesan, 1947).

Diferentemente de Eliseu, Cabral relata que a recepção do povo linense não foi tão amistosa um mês antes. A viagem de trem durou 24 horas, chegando na cidade o contingente de seiscentos homens se instalaram no antigo ginásio japonês com capacidade para apenas 100 pessoas. A maioria dos pracinhas seguiu pela cidade procurando alguma pensão. A V coluna nazista espalhou a informação falsa de que os pracinhas da FEB eram homens perigosos, estupradores e sanguinários. Por isso os

pracinhas subiam as ruas de Lins sob a ausência da população, principalmente das mulheres. Apenas alguns homens estavam nas esquinas, mas saíam diante da presença dos pracinhas (Cabral, 1987: 30).

No carnaval de 1943, a marchinha “Sai Quinta-Coluna”⁷, composta por Nássara e Eróstenes Frazão aborda a questão da presença dos espiões fascistas no Brasil, e a FEB que se preparava para lutar contra as ditaduras européias para eliminar o traço do fascismo:

Sai, quinta-coluna,
 Por sua causa é que vou me alistar
 Quando eu botar minha botina no mundo,
 Quero ver, quinta-coluna,
 Se vai me enfrentar. (bis)

Um cavalheiro brasileiro ou estrangeiro
 Que só vive falando em Roma ou Berlim
 Eu vou desconfiando
 Que esse cara está bancando
 O quinta-coluna pra cima de mim (WWW.franklinmartins.com.br).

Podemos perceber o sentimento antifascista que será muito forte na FEB nos versos: “Quando eu botar minha botina no mundo/ Quero ver quinta-coluna,/ Se vai me enfrentar.”

Os pracinhas romperam com o obstáculo que impedia sua convivência com o povo linense, ao freqüentar os bailes e os demais centros comerciais. O capitão Benedito Antunes de Andrade (Tico Antunes, seu nome de guerra), na época 3º sargento da 9ª companhia de fuzileiros do 6º RI, relata que um dos bailes mais frequentados era nos salões da Lins Radio Clube, onde Tico apresentava o seu conjunto de choros: “Andrade e seu Regional” (Andrade, 2008: 24). O povo linense se encarregava de pagar as despesas dos pracinhas nos bares e lanchonetes. O *footing* na Praça da Catedral era o lugar de encontro dos namorados, e muitos pracinhas tinham de duas, até três namoradas (Cabral, 1987: 31).

⁷ A expressão V Coluna nasceu na Guerra Civil Espanhola, quando os espiões dos exércitos do general Francisco Franco, se infiltraram em Madri (WWW.franklinmartins.com.br). O termo V Coluna na época era a forma de acusar o indivíduo de simpatizante do fascismo.

O 3º batalhão deixou a cidade sob as despedidas clamorosas do povo e de algumas autoridades. Sem compreender a dimensão do conflito mundial e movidos pelo sentimento de cordialidade, membros da população se ofereceram para pagar todas as despesas do batalhão no conflito. O 3º batalhão se dirigiu para Pindamonhangaba (Cabral, 1987: 31).

Diferentemente dos demais, Eliseu não viajou para Pindamonhangaba nesta ocasião. Já havia sido transferido anteriormente para Caçapava, depois de ter caído enfermo e baixado no hospital em data próxima da semana santa. Porém, teve licença negada pelo exército, e teve que retornar. Conforme a semana santa se aproximava, Eliseu e mais três companheiros retornaram no dia 5 de abril de 1943 para São José dos Campos sem autorização. Poderiam ter passado algum tempo em São José se não fosse uma ordem vinda do 4º RI de São Paulo ordenando que voltassem para Lins. Era impossível retornarem à Lins por causa das condições dos transportes da época. Os três, então, se apresentaram no 6º RI de Caçapava e esporam seus pontos de vista ao general Zenóbio da Costa (que fazia uma visita de avaliação no regimento). Por ordem do 4º RI, foram condenados a 47 dias de prisão, e logo depois julgados no Conselho de Guerra. Na defesa dos pracinhas estava o tenente Castello (o tradutor) que contribuiu para a liberdade de Eliseu e seus camaradas (Bondesan, 1947: 16).

Essa situação vivida por Eliseu de Oliveira reflete o clima de desorganização que passava nas fileiras da FEB. O Comandante da FEB, Mascarenhas de Moraes havia partido em viagem para inspecionar a frente aliada no norte da África no final de 1943. Na ausência do comandante, o general Zenóbio da Costa ficou incumbido de analisar a situação das unidades militares que estavam alojados os pracinhas. Principalmente: o 6º Regimento de Infantaria de Caçapava (São Paulo), o 11º Regimento de Infantaria de São João Del Rey (Minas Gerais) e o 1º Grupo de Artilharia sediado em Quintaúna (São Paulo) (Brayner, 1968: 29,30).

A avaliação de Zenóbio constatou que as unidades estavam mergulhadas numa total confusão. Falta de organização das unidades, das subunidades, e falta de preparo físico das tropas que ainda não havia atendido aos criteriosos padrões de saúde norte-americanos. O armamento desconhecido, e em sua maioria em falta, era um dos problemas que mais influenciaram na instrução da FEB (Idem, 1968: 30).

O 11º RI de São João Del Rey era o que estava menos preparado. Na opinião de Brayner, a unidade que deveria representar Minas Gerais deveria ser o 10º RI de Juiz de Fora, que se localizava numa região industrial, com uma quantidade maior de

especialistas. Porém, por questões políticas e regionais, foi escolhido o 11º RI, que era o menos aparelhado e enfrentou maiores problemas com as tropas. Seus critérios de seleção eram diferentes dos demais, além da incorporação em sua unidade às tropas do 12º RI de Belo Horizonte e do 10º RI de Juiz de Fora. As unidades do 6º RI de Caçapava e do 1º RI do Rio de Janeiro foram escolhidas mais sabiamente, possuíam uma condição melhor do que o 11º RI. Mas não deixaram de enfrentar dificuldades, pois a artilharia só foi equipada em dezembro de 1943. Os canhões anti-carros e os obuses eram desconhecidos no Brasil, dificultando a ação dos oficiais-instrutores (Idem, 1968: 32,33).

No 6º RI a maioria dos pracinhas não suportava permanecer em Caçapava pela sua monotonia. Eliseu de Oliveira viajou mais duas vezes sem permissão para São José e foi preso pela instituição nessas tentativas. Ele e mais 39 companheiros castigados pela mesma indisciplina, foram transferidos para Taubaté (Idem, 1947). Segundo Gonçalves e Maximiliano, a indisciplina dos soldados da FEB foi rotineira neste período, resultado da tradição francesa que ainda era influente. Por outro lado, as péssimas condições de alimentação e vestuário oferecidas no 6º RI aos pracinhas era motivo de revolta e indignação (Gonçalves; Maximiliano, 2005: 34,35).

Eliseu diz que, em Taubaté, as viagens para casa passaram a ser mais frequentes pela proximidade das cidades de São José e Taubaté. A instrução militar ministrada em Taubaté era rotineira e desinteressante na opinião de Eliseu (Idem, 1947). Lembramos que os armamentos americanos ainda não haviam chegado em quantidade suficiente para um treinamento efetivo das tropas. O Estado-Maior enfrentava grandes dificuldades na organização das tropas, além da dificuldade do idioma inglês. As tropas da FEB respondiam as próprias unidades militares que estavam instaladas. Suas instruções eram próprias das unidades, e não havia um comando centralizado que organizasse a 1ª DIE.

Taubaté recebeu amigavelmente o 1º Batalhão do 6º RI. Foram construídos alojamentos para as tropas, e os moradores rapidamente se simpatizaram com as tropas (Idem, 1947: 17). A despedida das tropas para o Rio de Janeiro causou grande mobilização na cidade. Os pontos comerciais fecharam as portas e o povo acompanhava o 1º Batalhão até a estação sob música, aplauso e choros, normalmente das moças da cidade, muitas eram recém-namoradas dos pracinhas (Gonçalves; Maximiliano, 2005: 39). Os pracinhas se despediram de Taubaté depois dos discursos do Prefeito da cidade e do major Celso Lobo, este último pronunciou palavras de motivação as tropas (Bondesan, 1947: 17).

Eliseu refere-se aos relacionamentos dos pracinhas em Taubaté, e Altino Bondesan o ajuda a expressar esse pensamento nessa frase:

A perspectiva de uma próxima participação na guerra fazia com que muitos camaradas ficassem tomados de um como desejo de perpetuar a espécie, já que quem morre e deixa filhos, não morre completamente... Nossos descendentes são uma continuação de nossa vida. Mesmo em se tratando de rebentos clandestinos, coisa muito comum quando os soldados partem sem saber se regressarão... (Idem, 1947: 17).

O 1º Batalhão partia para a Vila Militar do Rio de Janeiro, juntamente com outras tropas vindas de outras unidades. Essa medida ocorreu por ordem do comandante da FEB, Mascarenhas de Moraes depois de seu regresso da frente aliada na África. Mascarenhas ficou a par da avaliação feita por Zenóbio nas unidades militares do 6º RI, 11º RI e o 1º GA. A 1ª Divisão Expedicionária não existia, as tropas da FEB permaneciam muito ligadas as unidades em que estavam instaladas. Mascarenhas também percebeu a falta de preparo psicológico, e físico, além de uma falta de conhecimento das tropas dos motivos do Brasil ter declarado guerra ao Eixo. Diante desse quadro o General Mascarenhas resolveu concentrar a FEB na Vila Militar do Rio de Janeiro (Brayner, 1968: 39,40). A Vila Militar do Rio de Janeiro recebeu os efetivos do 6º RI de Caçapava, do 11º RI de São João Del Rey, do 1º RI do Rio de Janeiro, (o Regimento Sampaio), além de outras unidades vindas de todas as regiões do país (Bondesan, 1947: 18).

O soldado luta por uma causa, mas ao analisarmos a história da FEB percebemos que muitos não tinham causa alguma. Eliseu relata o motivo pelo qual lutou na guerra: “Nossa missão era lançar a ultima pá de cal sobre o cadáver putrefacto do nazismo. Essa perspectiva não era nada animadora. Se íamos para o Velho Mundo, devíamos combater, combater de facto, para honrar o nome de nossa terra” (Idem, 1947:21).

Portelli utiliza da forma gramatical para investigar as contradições nos relatos dos veteranos do Vietnã. Ele enfatiza que uma autobiografia caracteriza-se pela presença constante da primeira pessoa no singular “eu”, para caracterizar um personagem, autor ou protagonista. Quando uma narrativa autobiográfica se multiplica em diversos pronomes e verbos, “nós”, significa que aquela identidade está sendo questionada (Portelli, 2010:189)

Na memória de Eliseu, os pronomes e verbos predominam quase que totalmente em substituição ao uso da primeira pessoa. Especificamente a frase: “nossa

missão” remete a pensarmos que a nacionalidade brasileira de Eliseu revela-se somente em situações de crise em companhia de seus amigos. Uma nacionalidade espontânea poderia ser reconhecida se ao invés de “nossa missão” estivesse à frase “minha missão”.

A frase “cadáver putrefacto do nazismo” demonstra que os soldados tinham conhecimento que a guerra estava no fim. Declarar guerra sem lutar com o inimigo feriria sua nacionalidade. Conseqüentemente influenciaria o desânimo nas tropas pela causa.

O período que esta opinião foi construída deve ser ressaltado. Segundo Halbwachs a lembrança é uma “reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente” (Halbwachs, 1950:71). Toda memória é uma memória do presente, modificada por reconstruções constantes que fazemos do passado. Eliseu relatou essa passagem no pós-guerra onde o “ex-combatente de agora” procurava descrever o “combatente de antes”. É provável que sua conscientização pelo dever estivesse mais aguçada no pós-guerra, pois Eliseu de Oliveira, assim como todo combatente, estava experimentado o horror da guerra, havia compartilhado com seus amigos a experiência de matar outro ser humano. Conseqüentemente o Eliseu que retorna possui outra visão de mundo, diferente do Eliseu que embarcava para a guerra.

Para Jarbas Dias Ferreira o motivo mais importante de ter aceitado a convocação para lutar na 2ª Guerra, foi da vergonha que sua família sentiria de seu filho se este recusasse a ordem de integrar a FEB. Para ele, sua obrigação estava cumprida, pois muitos dos pracinhas desertaram a convocação (Ferreira, 2007). Enéias Sá de Oliveira relembra do momento da seleção médica em que um dos psicólogos lhe perguntou se ele queria ir para a guerra, no que ele respondeu: “Eu sou um militar da ativa e se o meu regimento vai para guerra eu sou obrigado a ir pra guerra. É não disse sim nem não” (Oliveira,2008).

Segundo Portelli, a memória dos veteranos do Vietnã utiliza um número infindável de dispositivos para se absolver do sentimento de culpa das atitudes desumanas cometidas durante a guerra. Um método utilizado é lançar a responsabilidade sobre o contexto (Portelli, 2010: 202). Em relação aos pracinhas, culpar o contexto repete-se na decisão de partir para a guerra. Nas narrativas de Jarbas e Enéias prevalece a primeira pessoa no singular, ou seja, ambos estavam convictos do dever, mas o contexto como fator absolvente prevalece em seus relatos. Para ambos lutar pelo país é uma obrigação, mas isso não remete que exista um sentimento nacionalista que os impulsione a arriscar suas vidas pela causa.

Para Gonçalves e Maximiliano, muitos pracinhas não tinham conhecimento algum da Alemanha ou do nazismo. Não tinham conhecimento do “por que” de sua causa (Gonçalves & Maximiliano, 2005: 45). Nos relatórios militares norte-americanos foi registrado que muitos pracinhas brasileiros não tinham interesse sobre a guerra (Wacck, 1985:25).

A Vila Militar do Rio de Janeiro

Não se tratava, portanto, de simples reexame do ensino, mas do estudo completo de novas técnicas e processos, que pretendiam transformar um velho instrumento num outro de características inteiramente diversas, e não seria em poucos meses que o milagre se produziria. (Castello Branco, 1960: 146)

Pode-se dizer que apenas em 31 de março de 1944, a 1º Divisão de Infantaria Expedicionária passou a existir. Antes disso, as tropas chegaram à Vila Militar e se alojaram cada uma em seu local, de acordo com as limitações do exército que ainda se faziam acontecer nos alojamentos. O 11º RI ficou alojado em galpões de madeira no Morro do Capistrano sem nenhum conforto e as mínimas condições de higiene. Enquanto o alto comando da FEB instalou seu Quartel-General provisório num prédio desapropriado em ótimas condições (Brayner, 1968: 40, 41). O 6º RI de Caçapava se estabeleceu na Vila Militar em 2 de abril de 1944 se juntando com o 11º RI e ao 1º RI (Castello Branco, 1960: 144).

As relações entre o alto comando da FEB não eram muito amistosas. O chefe do Estado-Maior Goés Monteiro e o general Mascarenhas não tinham uma relação muito amigável. O mesmo se dava com Mascarenhas e Zenóbio da Costa, ambos não se davam bem, e Mascarenhas tinha o apoio do general Cordeiro de Faria e do general Falconiere da Cunha, ambos opositores a Zenóbio, chegaram a ameaçar sua posição como comandante da 1º Divisão de Expedicionária (Idem, 1968: 42,43).

Mascarenhas havia viajado uma segunda vez para o norte da África. O desânimo tomou conta do Corpo Expedicionário, pois o general Mascarenhas era centralizador em seu comando, e quanto este não estava presente o Estado-Maior e as unidades não mais se entendiam e a estagnação tomou conta da FEB (Brayner, 1968: 42).

Eliseu e seus companheiros ficaram alojados na Vila Militar do Rio de Janeiro. Frequentavam quase todas as tardes o *footing* e os bares da cidade onde apreciavam da “branquinha”, evitando exagerar na conta como muitas vezes ocorreu em

Lins e Taubaté (Bondesan, 1947: 17). Eliseu expressa seu pensamento ao dizer que “A vida do soldado seria um martírio, sem o derivativo da cachaça e das pequenas. Beber e amar são os verbos que o praça conjuga em todos os tempos e com toda a força do coração” (Idem, 1947: 17,18).

O Estado-Maior da FEB passou dez dias de curso intensivo de Leavenworth e mais um estágio de Estado-Maior com a 100ª Divisão Americana em Fort Jackson. Depois do curso os membros do Estado-Maior se sentiram mais preparados para desenvolver a instrução de combate do Corpo Expedicionário. O grande problema para o Estado-Maior era a insuficiência do armamento americano que resultou de uma ação enérgica do Estado-Maior na instrução da FEB (Brayner, 1968: 47). Cerca de 50% do armamento necessário para a instrução de combate foi enviado para o Brasil. Apenas na Itália a FEB tomou posse de todo o seu poder de fogo (Gonçalves; Maximiliano, 2005: 43).

Mascarenhas relata que o treinamento da FEB foi constituído em duas fases. O primeiro treinamento foi constituído de longas marchas, instrução física e tiros de armas. Foi concluído em dezembro de 1943. A segunda fase seria dividida em dois períodos de instrução, abarcando toda a instrução de combate (Moraes, 1947: 31). Uma pergunta permeava entre o Estado-Maior: Qual seria a frente de batalha da FEB? Ora, todas as divisões norte-americanas empenhadas na segunda frente européia passavam por um período de ambientação e instrução na frente aliada no norte da África (*Oran-Argel*). O Estado-Maior estava confiante de que a instrução ministrada no Brasil seria compensada com o treinamento no norte da África. Não imaginavam que o destino da FEB seria a frente italiana, enviando para guerra uma tropa mal preparada.

Eliseu e seus companheiros treinavam diariamente a instrução de combate que segundo a crítica do mesmo, passaram a assumir um caráter mais serio (Bondesan, 1947: 18). Treinavam no campo de instrução de Gericinó na Vila Militar do Rio de Janeiro (Ferreira, 2007). Lembrando que anteriormente a FEB não havia passado por instruções de combate, mas só pela instrução básica do Exército.

O armamento brasileiro de procedência tcheca, alemã e francesa passava a ser substituído pelo armamento norte-americano. Uma enorme quantidade de armamentos desconhecidos para o exército brasileiro, além de materiais de guerra totalmente diferentes da disciplina francesa: mochilas, marmitas, bornais, cinturões, cantis, uniforme de inverno e verão, estojos de higiene pessoal, placas de identificação (*dog-tag*), equipamento de lona individual, gorros sem pala, etc. Diferenciavam a FEB do restante do exército brasileiro que passava a adquirir uma postura diferente (Gonçalves & Maximiliano, 2005:42).



Figura 13: Equipamentos fornecidos à FEB pelos EUA ainda no Brasil.
Fonte: Museu do 6º Batalhão de Infantaria Leve (BIL), Caçapava-SP.



Figura 14: Equipamentos fornecidos à FEB pelos EUA ainda no Brasil.
Fonte: Idem



Figura 15: Placa de identificação militar (*dogtag*)
Fonte: Despojos de guerra de Jarbas Dias Ferreira, 2007.

Segundo Jarbas Dias Ferreira, durante o período que passaram no 6º RI, os pracinhas manejavam o armamento já sucateado de procedência européia, sendo trocado por varias nacionalidades durante sua estada no 6º RI. Quase as portas do embarque a mudança para o armamento norte-americano acarretou muitos problemas na instrução da FEB que teve de ser repedida (Ferreira, 2007).

Inicialmente ninguém tinha conhecimento do novo armamento. Nem mesmo a presença dos instrutores norte-americanos era suficiente para uma boa instrução das tropas, pois os norte-americanos não conheciam a língua portuguesa e os oficiais-instrutores vieram em numero reduzido (Castello Branco, 1960: 148).

Em contrapartida, o major norte-americano George Adair não dispensou comentários negativos sobre a primeira instrução de combate da FEB. Segundo ele, as unidades eram lentas e desleixadas, se atrasando muitas vezes durante a instrução. Ao terminar, fez referencia a alguns oficiais brasileiros que não tinham competência para comandar uma tropa. Como resultado os pracinhas ficavam chupando laranjas em volta enquanto os instrutores brasileiros decidiam os detalhes da instrução de combate (Waack, 1985:32).

No conflito de fato, oficiais da FEB constataram a ineficiência do treinamento ministrado aos pracinhas diante dos inúmeros equívocos e atitudes displicentes dos pracinhas, que era resultado da própria falta de preparo psicológico das tropas (Gonçalves & Maximiliano, 2005: 43,45). Para Castello Branco a instrução da FEB foi muito prejudicada nesse período por que, as unidades do 1º, 6º e 11º RI ministraram sua instrução de combate separadamente, não havendo entrosamento entre as tropas, exercício de comando e as técnicas do Estado-Maior. Por exemplo: o 11º RI ministrou sua instrução no Morro do Capistrano onde improvisaram uma grande armação de madeira, imitando um barco para treinarem exercícios de salvamento. Já o 6º RI passou por alguns melhoramentos, principalmente em pistas de instrução que foram executadas no Campo de Gericinó (Castello Branco, 1960: 149).

Alguns pracinhas estimulados pelo sentimento de falta de esperança em contexto de guerra cometeram abusos sexuais no Rio de Janeiro. Eliseu cita dois casos: Um casal que passeava na Quinta da Boa Vista foi atacado por um grupo de soldados. Depois de espancarem o rapaz os pracinhas estupraram a sua mulher. O segundo caso citado por Eliseu foi de um rapaz que chamou a parteira de madrugada para ajudar sua mulher a dar a luz. Foi que enquanto os dois se dirigiam a casa onde estava a gestante, um grupo de soldados os atacou e violentou a parteira (Idem, 1947,18).

Eliseu de Oliveira não presenciou estes acontecimentos, muito menos fazia parte da tropa daquele grupo de soldados. Este acontecimento faz parte da história do 1º escalão da FEB, uma história compartilhada por todos.

Pollack distingue dois tipos de elementos da memória: os “acontecimentos vividos pessoalmente” e os “acontecimentos vividos por tabela”. Este último são os acontecimentos vividos pelo mesmo grupo em que o indivíduo pertence. Tais acontecimentos estão presentes de tal forma naquele meio social que o indivíduo não consegue distinguir se participou ou não dos acontecimentos (Pollack,1992:2). Para Halbwachs muitos acontecimentos resultam do contato de grupos semelhantes, estes contatos se repetem e se prolongam em uma duração relativamente longa (Halbwachs,1950:46).

Este acontecimento citado por Eliseu não é apenas um acontecimento de tabela, deve-se investigar suas verdadeiras intenções ao relatar um assunto polêmico. Como ele diz, sua intenção é falar a “verdade”, verdade que precisava ser contada em um ambiente de descrença e contestação. Segundo Portelli, as atitudes cometidas pelos homens em tempos de guerra são consideradas horrendas para os civis em tempos de paz (Portelli,2010:201).

Entre as unidades militares de São Paulo e Minas Gerais, as deserções por parte dos pracinhas ocorreram diversas vezes. As atitudes de deserção, imprudência e estupro foram resultado da falta de preparo psicológico adequado que as tropas da FEB não tiveram (Brayner, 1968: 51). Por outro lado, os quartéis onde os pracinhas estavam alojados tinham capacidade suficiente para dois mil homens, mas acabou comportando um efetivo de 3.500 homens exprimidos nos corredores, quartos e pátios, tornando o ambiente propício a fugas e manifestações (Castello Branco, 1960: 145).

Na entrevista coletiva com o capitão Benedito Antunes de Andrade, o cabo José dos Santos e o soldado Vicente de Oliveira Filho, a pergunta sobre as deserções da FEB teve opiniões conflitantes. Vicente respondeu rapidamente e com convicção: “houve sim”. Devido a um problema de audição, resultado da explosão de um Morteiro em Torre de Norone em 1945, Andrade possui dificuldades auditivas, Andrade quer saber qual era a pergunta. Ao ouvir a pergunta de Vicente, seus semblantes demonstram uma

mudança para uma postura mais séria, e diz: “Não tive conhecimento” (informação verbal).⁸

Pollack denomina de memórias subterrâneas os acontecimentos omitidos da memória coletiva. Os motivos dessa omissão são os mais variados: conflito entre memória coletiva e memória nacional, resistência da sociedade civil contra grupos menores, traumas, etc (Pollack,1989). No caso dos relatos de Vicente de Oliveira e Tico Antunes, percebemos neste ultimo a omissão de um fato que poderia denegrir a imagem da FEB. Nas entrevistas com ex-combatentes da Segunda Guerra podemos perceber as diferenças entre os veteranos de alta patente e os de baixa patente. Os veteranos de baixa patente (sargentos, cabos e soldados) omitem apenas os acontecimentos que lhes trazem maior sofrimento, normalmente são as lembranças das batalhas mais difíceis. Muitos dos veteranos de alta patente (tenentes, capitães, majores, etc) ainda permanecem ligados a vida castrense, eles omitem os fatos que julgam denegríveis, tanto para a FEB, como para o exército.

A memória traumatizante, por um lado, se impõe sobre os indivíduos que preferem evitar o sentimento de culpa (Pollack,1989). Lembramos que o ambiente do pós-guerra relatado por Eliseu era em meio à descrença da sociedade civil para com a atuação da FEB. Tico Antunes viveu neste período em que as generalizações feitas a FEB tomavam proporções absurdas. Sua omissão sobre as deserções pode ser um mecanismo de defesa que ainda prevalece introjetado em seu ser mesmo sessenta e nove anos depois fim do conflito.

Pollack classifica este tipo de lembrança como o “reprimido inconsciente” e os “não-ditos” que podem representar angustia do indivíduo em ser mal interpretado, ou não encontrar uma escuta ou ser punido pelo que diz (Pollack,1989). A omissão de Tico é resultado a todos os mal-entendidos do pós-guerra que denegriam os pracinhas da FEB a a imagem de: “aproveitadores do povo” (Soares,1989) não lhes dando a escuta que tanto precisavam.

Um fato que marcou a história da FEB foram as “tochas”. As “tochas” eram as fugas dos quartéis que os pracinhas empreenderam diversas vezes. Não estavam desertando, passavam os finais de semana nos seus respectivos lares e retornavam na segunda-feira para a Vila Militar. Quando voltavam eram condenados ao xadrez, até ao

⁸ Entrevista coletiva com Benedito Antunes de Andrade (Tico Antunes, nome de guerra) 3º sargento do III batalhão do 6ºRI; José dos Santos, cabo do III batalhão do 6ºRI e Vicente Oliveira Filho, soldado do III batalhão do 6ºRI, 2009.

sábado seguinte quando repetissem a indisciplina sem medo das conseqüências (Gonçalves; Maximiliano, 2005: 47).

Marcondes Cabral nos relata uma das primeiras tochas que ocorreram. O general Zenóbio da Costa prometeu que na semana santa daria ao Corpo Expedicionário uma semana de dispensa. Chegando a semana santa, Zenóbio voltou atrás na sua ordem e proibiu que a tropa entrasse em dispensa. Então no domingo de ramos, a tropa inteira, excluindo os doentes que estavam com o pé machucado, partiu para a Estação d. Pedro com destino a São Paulo. Tropas do exército cercaram as estações de Lorena, Pindamonhangaba e Barra Mansa. Gritavam para que os pracinhas indisciplinados descessem, mas a ordem não foi obedecida pela sua grande maioria, apenas alguns desceram e foram presos. A maioria chegou a suas respectivas cidades, sendo que muitos pulavam dos trens antes de chegar às estações de: Caçapava, Taubaté, Tremembé, Pindamonhangaba, São José dos Campos, Jacareí e Mogi das Cruzes, a fim de escapar das tropas do exército que os estavam esperando nas estações (Cabral, 1987: 31).

As tropas continuaram praticando as tochas até o momento do embarque. Os trens sempre ficavam lotados de pracinhas, a ponto de as professoras que trabalhavam nas unidades escolares do Vale do Paraíba embarcavam e desembarcavam pelas janelas (Idem, 1987: 32). Tropas do exército vasculhavam as cidades da região do Vale do Paraíba procurando os “tocheiros”. Não raro, a captura dos pracinhas provocou muitos conflitos entre eles e as tropas nas cidades do Vale. Porém, os pracinhas tinham aliados para aplicar as tochas, entre eles a população local de cada cidade que se compadeciam dos soldados os escondendo no trem. Os maquinistas eram grandes aliados, eles diminuía a velocidade do trem ao se aproximar das estações para que os pracinhas saltassem para fora, ou, que um novo grupo de pracinhas pudesse embarcar (Gonçalves; Maximiliano, 2005: 48). Na antevéspera da partida, em junho de 1944, a tocha foi repetida pela última vez (Cabral, 1987: 32).

Às vésperas do embarque, o Presidente Vargas assistiu a uma demonstração de tiros da Artilharia Divisionária comandada pelo general Cordeiro Faria no campo de Gericinó. E ao desfile da 1ª DIE pelas ruas do Rio de Janeiro junto de seu comandante, general Mascarenhas de Moraes (Moraes, 1947: 32). Foram realizados dois desfiles entre os dias 31 de março e 24 de maio. O desfile do dia 24 foi em comemoração a batalha de Tuiuti e a 1ª DIE estreou seu novo uniforme que foi apelidado de: “Zé Carioca” (Gonçalves; Maximiliano, 2005: 44).

A FEB se tornava motivo de chacota e descrença no Brasil devido às dificuldades em sua formação. Circulava no ambiente popular: “que Hitler teria dito certa vez, que o Brasil só conseguiria enviar seus homens para a guerra no dia em que a cobra fumasse” (McCann,1995:286). O boato da cobra fumando, que posteriormente se consagrará como símbolo da FEB, em resposta a crítica corrente na época espalhada pela V Coluna que “era mais fácil a cobra fumar do que o Brasil participar efetivamente da guerra” (Leão & Modesto,2008).

Muitas dessas histórias faziam parte do cotidiano dos pracinhas, eles se reuniam em grupos e se divertiam contando as histórias da cobra que fumava. Eliseu de Oliveira conhecia algumas destas histórias, diziam que em Lorena ou Pindamonhangaba havia um oficial muito enérgico na sua conduta. Uma serpente, como diziam os soldados. Os soldados notavam que o grau de nervosismo do oficial aumentava quando este mascava seus charutos. Então no dia-a-dia do quartel os soldados avaliavam o nervosismo do oficial se ele estivesse mascando seu charuto e comentavam entre si: “hoje vai ter... a cobra esta fumando...” Com certeza, a mais engraçada é a do soldado que apreciava calmamente seu cigarro quando o réptil aparece. O soldado assustado atira o cigarro na direção da cobra quando ela apanha “o quebra peito” como diz o autor, e sai baforando como gente. E a mais conhecida entre os pracinhas é sobre um soldado que burlava a lei que proibia o fumo durante o horário de trabalho, até que chega um oficial superior. Rapidamente o soldado atira o cigarro no mato. O oficial se aproxima do soldado e ao ver a fumaça se desprender no capim, pergunta ao soldado: “O que é aquilo ali?” O soldado responde: “É seu tenente... é a cobra que está fumando...” (Bondesan, 1946: 47).

Brayner refere-se à formação da FEB como uma verdadeira “colcha de retalhos”. Podemos perceber os motivos da indignação do chefe de Estado-Maior diante das grandes dificuldades em formar um efetivo que lutasse pela primeira vez para o além-mar (Brayner,1968).

A Viagem pelo Atlântico

No dia 15 de maio foi criado o Estado-Maior Especial que ficaria a cargo da execução do embarque da Divisão de Infantaria Expedicionária por escalões de embarque (Brayner, 1968:52).

Eliseu e seus companheiros foram avisados que no dia 29 de junho seriam realizadas manobras de instrução (Bondesan, 1946: 18). Na verdade tudo não passava de

um disfarce para o embarque da FEB que permaneceu em completo sigilo devido à espionagem da Quinta Coluna Nazista (Ferreira, 2007).

A V Coluna nazista é um elemento que merece cuidado. Foi comprovado que havia redes de espionagem e estações radiofônicas nazistas no Brasil, porém isto não remete a acusação de que todo o alemão é nazista, ou que todo boato é de autoria da V coluna. Tais boatos faziam parte da paranóia de guerra, paranóia que impulsionava o “front interno” (trabalhadores) a produzir pelo futuro do Brasil. Para o Estado Novo o “estado de guerra” era necessário para seu projeto de indústria nacional (Cytrynowicz,2002:145,204). A V coluna é está sempre presente como responsável pelos boatos na memória de Eliseu. Jarbas Dias Ferreira, mesmo sessenta e sete anos depois do conflito não deixa de citar a presença constante da espionagem da “*Fifty Column*” (termo da época), ou V Coluna (Ferreira, 2007).

As manobras de embarque da FEB seriam executadas em fins de junho. A 1º DIE se subdividiu em três grupamentos: o primeiro grupamento (1ºRI) se dirigiu para a região de Santa Cruz, o segundo grupamento (6ºRI) foi para a região de Nova Iguaçu e o terceiro (11ºRI) se dirigiu para o Recreio dos Bandeirantes. Depois de exaustivos exercícios, na manhã do dia 29 o coronel do 6ºRI João Segadas Viana anunciou que naquela noite começaria o embarque do grupamento para o Teatro de Operações. Eliseu de Oliveira foi um dos primeiros a embarcar para a Segunda Guerra Mundial junto com o 1º Batalhão do 6ºRI que inaugurou o embarque. Partiram de trem com as janelas fechadas até o cais onde estava à belonave norte-americana que os levaria o: *USS General W. A. Mann AP 112* (Gonçalves; Maximiliano, 2005:51,53 & Bondesan, 1946:18).

A 1º DIE deixou no território nacional mais dos grupamentos táticos do 1º e 11º RI que formariam os 2º e 3º escalões que cruzaram o atlântico em 22 de setembro a bordo do “*General Mann*” e do “*General Meigs*”. E mais duas partes do Depósito de Pessoal da FEB que seguiu nos 4º e 5º escalões entre 23 de novembro de 1944 e 8 de fevereiro de 1945 (Leão & Modesto; 2008:23).

A Marinha mercante brasileira não tinha nenhuma condição de executar o transporte da 1º DIE. Optou-se pelo transporte fornecido pelos Estados Unidos, pois cerca de 70% dos navios mercantes nacionais transportariam todos juntos numa viagem apenas 10 mil passageiros (Castello Branco, 1960:159).

O Navio norte-americano general Mann era uma verdadeira fortaleza de aço. Fortemente armado, com acomodações para mais de 5 mil homens. Possuíam alojamentos enormes com beliches simetricamente dispostas. Dispunham de salões de

fumo, salas de projeção, salas de dança, cozinhas, refeitórios e instalações sanitárias (Idem, 1960: 160).

O 6º RI demorou três dias para embarcar nesse clima de extremo sigilo. Cada um dos três batalhões do regimento embarcou por noite. Outras unidades do 1º e 11º RI completaram os efetivos do 6º que não estavam completos. Porém o embarque não foi isento de dificuldades, antes do embarque o caos tomou conta da Vila Militar. Alguns soldados gritavam, choravam, rasgavam os colchões, lastimando o destino a eles imbuído de partir para a guerra sem ter certeza se voltariam. Mas contraditoriamente, no momento do embarque, aqueles que estavam presos por deserção ou tiveram problemas emocionais antes da partida, não queriam ser separados de seus companheiros e imploraram para serem incluídos no 1º escalão da FEB (Gonçalves & Maximiliano, 2005: 52). O coronel Waldemar Dantas Borges, natural de Ribeira do Pombal do estado da Bahia, foi comandante do pelotão de transmissões do 3º batalhão do 6º RI, ele relata que presenciou casos de nervosismo em plena campanha. Em Montese, depois que a FEB expulsou os alemães daquela elevação, alguns pracinhas gritavam, choravam, pulavam enlouquecidos em meio aos corpos de seus companheiros mortos, não conseguiam perceber que aquela batalha havia terminado (Motta, Tomo IV:170). Casos como esse são resultado da péssima preparação psicológica que a FEB foi submetida no Brasil.

Os médicos do batalhão de saúde realizaram exames clínicos durante a viagem, mas permitiram que mais de trezentos pracinhas vítimas de doenças venéreas embarcassem no General Mann (Idem, 2001). Para Castello Branco a escolha do 6º RI (grupamento nº2) foi uma decisão de última hora, pois havia sido escolhido anteriormente o 1º grupamento (1º RI) (Castello Branco, 1960:161). Já para Brayner, a escolha do 6º RI foi devido à qualidade de seu Coronel João Segadas Viana que era superior a de seus colegas: cel. Delmiro de Andrade do 11º RI e o cel. Caiado de Castro do 1º RI. Delmiro de Andrade não possuía curso de Estado-Maior o que o colocava em situação inferior aos outros dois. Entre Caiado de Castro e Segadas Viana, prevaleceram às qualidades pessoais de Segadas Viana que foram responsáveis para o envio do 6º RI no primeiro escalão da FEB (Brayner, 1968:60).

Mascarenhas de Moraes conversou com Eliseu de Oliveira enquanto passava em revista pelas tropas. Eliseu relatou que as palavras de encorajamento proferidas pelo seu general o estimularam: “Lembro-me bem que, ao vê-lo e ouvi-lo, de mim se apoderou cega confiança no porvir. Tínhamos, não havia dúvida, um chefe, um competente chefe” (Bondesan, 1946: 18,19).

Eliseu e os demais foram instruídos nos assuntos referentes à sua convivência no barco. Receberam fichas numeradas para a refeição, salva-vidas obrigatório e instruções de abandono do barco caso fosse torpedeado. Alguns foram incumbidos de trabalhar durante a travessia, estes recebiam cartões de livre trânsito pelo navio. Eliseu foi escolhido para tal tarefa, mas não chegou a executar, pois ingressou nas fileiras dos muitos pracinhas que enjoaram nessa experiência da viagem de navio (Bondesan, 1946: 20).

Os marinheiros norte-americanos faziam a inspeção de lanterna a noite para verificar se a limpeza estava sendo cumprida. Entre as dezenas de compartimentos do navio sempre se avistava algum soldado armado, era um total de 400 homens que cuidavam da segurança (Gonçalves & Maximiliano, 2005:55). Havia uma série de proibições impostas pelos norte-americanos para a convivência no barco. Era proibido fumar no convés do navio, proibido atirar ao mar nenhum tipo de dejetos (os que enjoaram nunca poderiam vomitar no convés), era proibido permanecer sem o colete salva-vidas, exceto a noite, etc. Eram medidas preventivas contra a possível espreita dos submarinos germânicos (Motta, Tomo 3).

A FEB recebeu a visita de Getúlio Vargas e do Ministro da Guerra antes de partir. Vargas foi levado para o interior do navio, a Ponte de Comando onde proferiu seu discurso de despedida às tropas (Brayner, 1968: 89; Castello Branco, 1960:161). No dia 2 de julho o navio finalmente partia levando o 1º escalão da Divisão Infantaria (Bondesan, 1946: 19).

Os norte-americanos tinham um total controle da permanência das tropas naquele gigante de aço. As tropas tinham duas refeições por dia, apenas os soldados que trabalhavam no navio tinham o direito a três refeições (o trabalho no navio se tornou motivo de disputa entre as tropas). Para controlar o acesso ao refeitório, as tropas utilizavam os cartões de refeição que eram perfurados durante o almoço e o jantar. Cada companhia fazia sua refeição num tempo cronometrado, à alimentação era controlada e a comida era típica da terra do tio Sam, de sabor agridoce (Gonçalves; Maximiliano, 2008). Jarbas Dias Ferreira relata que muitos soldados enjoaram na viagem devido à indisposição com o balanço do navio e a alimentação que lhes era estranha (Ferreira, 2007). Nas refeições as filas eram enormes, cada soldado utilizava de bandejas de aço e os utensílios para refeição que durante o término eram colocados nos seus respectivos lugares (Gonçalves; Maximiliano, 2005: 55, 56).

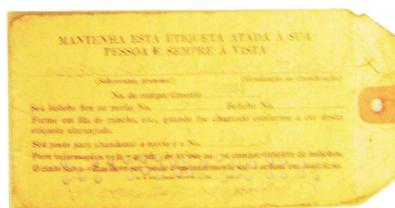


Figura 16: Cartão de refeição distribuído aos soldados da FEB

Fonte: Ferreira, 2007.



Figura 17: Cartão de refeição distribuído aos soldados da FEB

Fonte: Ferreira, 2007.

No navio a tropa brasileira ainda não havia se habituado à alimentação. Dentre a tripulação muitos foram os que enjoaram, alguns até mesmo baixaram na enfermaria devido à falta de alimentação. O falecido soldado Augusto Alfredo Pinto motorista da 3ª bateria do II grupo de Obuses registrou em seu diário um importante relato da situação dos pracinhas no dia 4 de julho de 1944:

O único lugar onde é possível permanecer é o banheiro, mas, mesmo assim, o ambiente já está insuportável, porque a esta hora é muito procurado e fica superlotado, com o ar pesado da fumaça de cigarros e mau cheiro das privadas e mictórios que já estão entupidos e alagando tudo, chegando a ponto de, perto das portas terem-se acumulando alguns centímetros de água com “mijo” e vomito; tornando-se preciso, para atravessar, esperar que a “maré” de porcaria baixe com o “goleio” do navio, para não molharmos o tornozelo, porque as solas dos sapatos já estão encharcadas (Motta, Tomo 8:319)

Enéias Sá de Oliveira não teve problemas com a viagem. Ele comenta que tinha um apetite voraz e acabou desenvolvendo uma maneira de saciá-lo. Enéias terminava a refeição, mas não saía do refeitório, ficava dando várias voltas esperando que

algum companheiro seu passasse mal para que ele terminasse de saciar sua fome (Oliveira, 2008).

O tenente-coronel Túlio Campelo de Souza comenta que os cinco mil homens alojados no navio passavam noites de calor abrasador (Motta, Tomo III). Augusto Alfredo Pinto revela que em virtude do abafamento do navio as roupas, lençóis e os beliches dos pracinhas permaneciam por muitos dias sujos e mal-cheirosos. Para os pracinhas, tomar banho não era uma tarefa agradável, pois o navio dispunha e pouca reserva de água doce, a grande maioria das tropas se banhava com água do mar (Motta, Tomo VIII).

Os pracinhas se comunicavam com os norte-americanos na forma de gestos, segundo Jarbas os brasileiros brincavam com os norte-americanos gesticulando e dizendo: “*Money, Money*”, devido à ao apelido de “gringos” dos norte-americanos (Ferreira, 2007). Realizavam-se disputas de boxe entre os brasileiros e norte-americanos, e concursos para premiar os alojamentos mais limpos. Cigarros e chocolates eram os artigos que se tornavam prêmios nesses momentos de distração dos soldados (Gonçalves & Maximiliano, 2005: 55).

O ajudante-de-ordens do Destacamento de Ligação da FEB Major Mcnealy enviou vários relatórios ao alto comando norte-americano informando toda a campanha da FEB. Com relação às refeições o oficial dizia em seus relatórios ser totalmente inconcebível que a FEB tivesse consumido de 13 a 14 mil refeições apenas nos primeiros dias de viagem, quantidade incompatível com o 5 mil homens a bordo (Waack, 1985:31).

O 1º escalão da FEB foi escoltado por dois *destroyers* brasileiros enquanto o navio percorria nossas águas. Nas proximidades do estado da Bahia foram substituídos por naves americanas. Eram dois *destroyies*, um cruzador-balisa, um *blimp* e um avião de reconhecimento. No navio durante o dia as tropas permaneciam em sua maioria no convés (Bondesan, 1947: 20-22). Os exercícios da artilharia de bordo contra alvos imaginários eram um passatempo para as tropas (Moraes, 1947: 38).

Os joseenses permaneciam unidos na viagem. Reuniam-se no convés do navio onde trocavam suas impressões sobre a viagem ouvindo a música brasileira nos alto-falantes que só cessavam no momento de alguma instrução para as tropas. Logo de início o grupo joseense não era completo, pois muitos passavam a viagem enjoados e de cama. Mas conforme o tempo passava foram se acostumando ao mar e completaram a travessia do Atlântico todos reunidos no convés do navio. Dentre os mais assíduos no convés

destacavam-se José Pinto Machado, o cabo João Alves Cardoso, Alcides Ferreira, ambos foram feridos em combate e permaneceram em tratamento nos EUA. E os primos de Eliseu: Joaquim Monteiro e João Cunha cumpriram a campanha “ílesos”. Eliseu permanecia junto com eles no convés (Bondesan, 1947).

Lembranças facilmente acessadas pela memória são os acontecimentos de domínio comum, assim como assinalou Halbwachs. Nossas vidas são classificadas em determinado acontecimento histórico através das lembranças de grupos mais próximos a nós. Pollack ressaltou sobre os acontecimentos vividos numa coletividade que são introjetados e assimilados pelos indivíduos, chamados de “acontecimentos vividos por tabela”. Eliseu de Oliveira permanecia em um grupo constituído de pessoas ligadas pela mesma cidadania, ou seja, todos eram naturais de São José dos Campos. Ambos compartilhavam suas experiências individuais de combatentes com a coletividade que os rodeava. O grupo joseense é um exemplo dos conceitos de memória coletiva analisados neste trabalho. Segundo Halbwachs as lembranças impostas pelo nosso meio modificam nossa percepção do fato ocorrido, por exemplo: uma ou mais pessoas podem recordar de acontecimentos vividos por certo individuo sem que este lembrasse tudo aquilo. Neste processo assimilam-se lembranças novas ou fictícias ou recordam-se fatos esquecidos (Halbwachs,1950:27,28).

Entre as melodias nacionais destacava-se a Canção do Expedicionário⁹ que era tocada nos alto-falantes proporcionando um ambiente de animo diante da guerra iminente. Tico Antunes nos apresenta uma adaptação da Canção do Expedicionário de sua autoria. A versão de Tico Antunes não era muito diferente das demais Canções do Expedicionário que criticavam a Ditadura Vargas:

Você sabe de onde eu venho?
 É de uma Pátria que eu tenho,
 vilipendiada demais.
 Venho da terra maninha,
 da gleba que já foi minha,
 mas agora não é mais.

Venho de um povo enganado,

⁹ A Canção do Expedicionário de Guilherme de Almeida e Spartaco Rossi foi interpretada por Francisco Alves. A Canção do Expedicionário sofreu uma forte censura pelo DIP, foi gravada sem grande parte dos versos originais. Isso resultou em varias outras Canções do Expedicionário que circulavam clandestinamente entre os pracinhas, criticando o Regime de Vargas. (WWW.franklinmartins.com.br)

do cidadão que, coitado,
de “blábláblá” já morreu.
De uma noite acomodada
no “hoje tem marmelada”,
por que o palhaço sou eu.

Refrão

Se eu chegar a ir embora,
que o cachimbo eu jogue fora,
iniba a cobra fumar.
que eu carregue por divisa,
este “V” que viabiliza
a virada do placar.

Que meu filho tenha escola,
meu irmão, o ganha-pão.
Risque, o Jeca, da viola
sem chorar no seu sertão.
que não haja mais cartola
pra fechar o meu refrão.

Venho com rimas bonitas,
(mas guetos e palafitas,
são rimas ricas também!)
Egresso da quarta zona,
“*very important*” persona,
sou chefe, chefe-de-trem.

Venho do cabo da enxada,
percebendo por jornada,
os falados dois mil-reis.
Sem rugido e com mugido.
Quem muge passa batido,
se rugir, bate com as déis.

Venho do fundo do poço,
bóia fria por almoço.

a “quente”, o gato comeu.
 Venho na lona e no lixo,
 porque no jogo-do-bicho.
 a zebra inda não deu.

Mas sou de raças candentes.
 Descendo de Tiradentes,
 de Zumbi, de Henrique Dias.
 Sou neto de Cunhambebe,
 sou combatente da FEB
 da linhagem de Caxias.

Das margens do Paraibuna,
 de arco, flecha e borbuna,
 eu venho para vencer.
 Pela Pátria, - a seu chamado-
 darei conta do recado,
 se for preciso morrer.

Quando o Brasil for, um dia,
 padrão de democracia
 transparente, sem rodeio...
 Companheiro legionário
 do corpo expedicionário:
 pode dizer de onde veio! (Antunes, 2008:35).

Tico Antunes expressa em sua versão da Canção do Expedicionário sua crítica ao Regime de Vargas, nos versos: “Você sabe de onde eu venho?/É de uma Pátria que eu tenho/, vilipendiada demais, (ou seja, menosprezada demais, desprezada demais). Venho de um povo enganado, /do cidadão que, coitado, /de “blábláblá” já morreu. O DIP não escapa da crítica, no verso: que não haja mais cartola/ pra fechar o meu refrão (se referindo à censura imposta por aquele órgão governamental). No final percebemos o sentimento contra as ditaduras que tomou conta da FEB e a colocou em oposição ao Regime de Vargas: Quando o Brasil for, um dia, /padrão de democracia/transparente, sem rodeio.../Companheiro legionário/do corpo expedicionário: /pode dizer de onde veio!

Tico Antunes era um dos poucos combatentes que possuía uma consciência política mais aguçada. Tico vinha de uma família tradicional e trabalhava num ambiente mais intelectualizado: a Secretaria da Fazenda. Sua posição anti-estadonovo era anterior à guerra, pois ele relata sobre sua amizade com o poeta Juca Santana e de um sexteto que recebeu deste amigo depois que havia lhe contado sobre sua convocação:

Ó valente legionário
do corpo expedicionário,
por que vai lutar a esmo?
se a luta cruenta e fria
é pela democracia
vamos lutar aqui mesmo (Idem, 2008: 33).

Jacob Gorender, um dos mais importantes estudiosos marxistas brasileiros, atuou como soldado dos pelotões de transmissões durante a campanha da FEB. Quando integrou a FEB, Gorender vinha de uma precoce carreira jornalística atuando no jornal “O Imparcial”. Cursava o curso de direito, era membro da diretoria da União de Estudantes da Bahia e militante do clandestino PC. Foi influenciado pela Comissão Nacional de Organização Provisória (CNOP- que era uma comissão que mantinha os membros do antigo PC unidos devido a sua desmobilização) a se voluntariar para FEB. Mais a frente será responsável pela criação da base comunista da FEB que atuou de forma mais forte em princípios de 1945 lançando um manifesto exigindo o restabelecimento do regime democrático no Brasil (www2.fpa.org.br).

Eliseu e seus companheiros de guerra vinham de uma família de lavradores, e de pessoas simples, se conscientizaram da responsabilidade apenas no decorrer da travessia: “À medida que nos distanciávamos do Brasil, crescia em nós o sentimento de patriotismo e o senso do dever a cumprir” (Bondesan, 1947: 22).

Wilson Reis de Paula, comandante da seção de metralhadora da 30° Cia de Petrechos pesados do 6°RI, comenta sobre a festa realizada no navio para comemorar a travessia do Equador. Ora, a travessia do Equador é uma festividade comum em todas as marinhas do mundo, e os norte-americanos que eram veteranos, organizavam a festa e executavam os trotes nos navios da FEB. As tropas da FEB animaram a festa com música, carteados e danças. Alguns devido a sua falta de instrução e simplicidade olhavam para o horizonte imaginando que a Linha do Equador fosse uma linha física (Motta, Tomo 6,337,339).



Figura 18: Folheto comemorativo do Batismo do Equador. Destaca-se a frase: “Pertencente a (ilegível) da Força Expedicionária Brasileira, às 14 horas do dia 6 de julho de 1944 conforme atesta o Sr. Capitão desta Cia, atravessou o EQUADOR.”

Fonte: Ferreira, 2007.

O coronel Waldemar Dantas Borges relata que a idéia foi promovida pelas tropas norte-americanas. O comandante do navio General Mann se fantasiou de Netuno, enquanto a tripulação norte-americana se fantasiara de camarões, lagostas e golfinhos. Cumprimentaram o general Mascarenhas de Moraes, em seguida o comandante do navio, ou Netuno, abençoava as tropas jogando-lhes água salgada (Motta, tomo 4:170).

A FEB teve a tranqüilidade da viagem quebrada, no momento que o comando do navio percebeu que alguns submarinos alemães espreitavam o trajeto do General Mann. Foi dado o alerta às tropas, e no primeiro sinal de torpedeamento, as tropas tinham o conhecimento que deveriam abandonar o navio (Idem, 1947). Todos os homens tinham seus lugares reservados nos botes predeterminados. A tranqüilidade do navio foi quebrada novamente quando as tropas receberam a notícia de que uma esquadrilha alemã se dirigia para atacar o navio. Supostamente a esquadrilha foi detida pela RAF, pois os pracinhas observavam o espetáculo dos aviões *Spitfire* patrulhando todo o Gibraltar. A partir de Gibraltar a FEB recebeu a escolta de mais dois navios ingleses que acompanham a nave americana até o desembarque (Gonçalves; Maximiliano, 2008:56,57).

No dia 15 de julho as tropas descobriram qual seria o seu Teatro de Operações. Avistaram a fumaça do Vesúvio e depois a baía de Nápoles, logo perceberam que o campo de batalha não era na África, estavam na Itália fascista (Idem,2008:59).

Os Febianos na Itália – Síntese da situação dos Aliados

O V exército norte-americano havia conquistado a capital italiana em 4 de julho de 1944 (Castello Branco, 1960:177). Depois dessa grande vitória os comandos militares aliados preparavam seus esforços para a invasão da França que deveria coincidir com a ofensiva soviética de verão (Pedro, 1994:52).

O V exército foi amplamente desfalcado devido a retirada de 9 de duas divisões de infantaria, 11 de seus 33 grupos de Artilharia, também o QG do VI corpo do exército foi substituído pelo IV corpo e inclusive o Corpo Expedicionário Francês partiu para a batalha conhecida na História como: “O Dia D” (Castello Branco, 1960). Os exércitos retirados da Itália se juntaram com as forças Aliadas do general norte-americano Eisenhower, formando um exército composto de 86 divisões que enfrentariam as forças do general Rommel, recém fugido a África do norte nas praias da Normandia (Pedro, 1994).

Os alemães reduziram seus efetivos da Itália retirando 27 divisões para a defesa da Normandia (Brayner, 1968:142,143). Os soldados da FEB foram surpreendidos ao perceber que não receberiam o treinamento de guerra no norte da África. Desembarcaram na Itália devido aos grandes desfalques do V exército. A FEB estava constituída apenas de um agrupamento tático de 5.800 homens. A incorporação da FEB na guerra da Itália se deve principalmente para substituir o Corpo Expedicionário Francês. Desse modo, a FEB começava sua campanha imbuída de uma missão totalmente incompatível com os seus efetivos empregados no conflito (Brayner, 1968: 55). No mesmo período chegaram à Itália a 92ª DI norte-americana composta por soldados negros (Castello Branco, 1960: 180).

O marechal Alexander determinou que o VIII exército Inglês e o V exército norte-americano se dirigissem para a linha Rimini-Florença-Pisa, ficando o VIII inglês incumbido de conquistar a região de Florença-Arezzo-Bibbiena, ao longo da costa Adriática e o V norte-americano a região de Pisa-Lucca-Pistoia no centro e a esquerda. O IV Corpo (que estava subordinado ao V exército) por sua vez romperia a Linha Gótica ao norte e impediria que os alemães reflúissem para suas fronteiras. A Linha Gótica era o conjunto de montanhas dos Apeninos. Ela se estendia pelo litoral do Adriático até a fronteira franco-italiana na Lúrgia. O marechal alemão Albert Kelsring distribuiu suas 27 divisões alemãs e 6 italianas entre os X e XIV exércitos. Dezoito delas atuavam na defesa da Linha Gótica, outra parte compunha o exército Germânico-Italiano da Lúrgia. Aproveitando-se dos recursos naturais do terreno os alemães construíram abrigos para

ataques aéreos, obstáculos, campos de minas, guarneciam as estradas e os demais pontos estratégicos com armas automáticas, metralhadoras e canhões numa ampla estratégia de defesa (Castello Branco, 1960: 179,184).

Os exércitos Aliados se desgastaram muito com essa nova ofensiva alemã, então o marechal Alexander, comandante do XV grupo de exército resolveu paralisar as operações e reorganizar seus efetivos. Era preciso recompor o IV Corpo para transpor a Linha Gótica. Ora, o IV Corpo estava reduzido a 1º Divisão Blindada americana, algumas frações da tropa antiaérea que atuavam como infantas: a *Task Force 45* e a 6º Divisão Blindada Sul-Africana (Brayner, 1968: 55,142).

A FEB deveria se integrar a um desses exércitos desfalcados, porém os americanos sabiam muito bem que a FEB era uma tropa mal preparada. Optou-se em realizar seu treinamento no próprio Teatro de Operações, mas a dúvida era qual comandante aceitaria essa tropa em seu Exército? O major-general Daniel Noce expressa em seus relatórios enviados à Washington sua preocupação com o treinamento da FEB que deveria ser totalmente reestruturado, até mesmo no manuseio de armas levaria meses para ser concluído. O general Mark Clark era bastante discutido devido as baixas ocorridas em seu V exército no ataque em maio de 1944 ao Monte Cassino, foi escolhido para receber a FEB em seu exército (Wacck, 1985: 27,28).

Eliseu desembarca em Nápoles

A FEB desembarcou em Nápoles às 13 horas no dia 16 de julho de 1944. A maior autoridade presente no desembarque era o comandante das operações norte-americanas na Itália, o ten cel. Jacob Devers, juntamente com outros generais, oficiais de Estado-Maior e tropas norte-americanas (Brayner, 1968:107).

Castello Branco, oficial da 3º seção do Estado-Maior fez o reconhecimento do desembarque juntamente com um grupo chefiado pelo mesmo. Logo em seguida, os oficiais e praças foram chamados sucessivamente de acordo com seus compartimentos (Gonçalves; Maximiliano, 2008:59).

Eliseu de Oliveira desceu a escadaria do navio juntamente com seus companheiros de guerra no porto de Nápoles totalmente castigado pelos bombardeios alemães (Bondesan,1947:24). Jarbas Dias Ferreira relatou a presença de uma banda de música que tocava em um barril de chope no momento do desembarque (Ferreira, 2007). Os napolitanos compareceram no desembarque na esperança de obter cigarros, chocolates ou alguma guloseima (Bondesan, 1947).

Os pracinhas depositaram suas sacolas nos caminhões norte-americanos e seguiram em marcha pelas ruas de Nápoles (Bondesan,1947). Os napolitanos ao verem a FEB escoltada por tropas norte-americanas confundiram-nos com prisioneiros alemães, pelo fato do uniforme da FEB ser parecido com o alemão, e a tropa estar desarmada, os napolitanos vaiavam a FEB ao passar nas ruas (Gonçalves; Maximiliano, 2008:63). O Cabo Amyntas Pires de Carvalho da 1º Cia do 6ºRI diz que os napolitanos atiravam pedras nos brasileiros e indagavam: “*Sono prigioneri*”, “*Brutti prigioneri tedeschi*”. A semelhança da cor do uniforme da FEB (verde-oliva) e do uniforme alemão (cinza-esverdeado) causou muitos problemas (Motta; tomo VIII: 284). Mas esse equívoco foi esclarecido tão logo os napolitanos perceberem a presença de soldados negros junto das tropas e o escudo escrito BRASIL na manga esquerda (Gonçalves; Maximiliano,2008).



Figura 19: escudo do uniforme verde-oliva da FEB

Fonte: (WWW.anvfeb.com.br)

Túlio Campelo de Souza comenta que a farda foi apelidada de “Zé Carioca”, pelo seu péssimo estado de conservação (Motta,Tomo III). Waldemar Dantas Borges relata que durante uma instrução de combate foi ordenado ao seu grupo empreender uma longa marcha. Durante o trajeto os pracinhas encontraram alguns corpos de alemães pelas redondezas. Os socorristas recolheram os corpos, mas só descobriram que se tratavam de soldados inimigo algum tempo depois (Motta,Tomo 4).

Conforme andavam pelas ruas, os joseenses sentiam o estado de miséria que a guerra ocasionou na Itália. Crianças famintas pediam algum pedaço de pão ou comida (Ferreira, 2007). Para Eliseu, os brasileiros foram muito solidários com a população italiana. Todo pracinha entregava algum alimento para aquele povo. Entre o grupamento tático brasileiro que desembarcou, havia uma quantidade considerável de descendentes de italianos, que se relacionavam mais facilmente com os napolitanos (Bondesan, 1947).

Vicente de Oliveira e Tico Antunes relatam que devido à desvalorização da moeda italiana, alguns artigos como: chicletes, chocolates e principalmente cigarros, assumiam o papel do dinheiro. Brasileiros e italianos trocavam esses produtos por porções de frango, polenta e macarronada (Coletiva, 2009).

Jarbas relata que as sacolas eram conhecidas como: “saco A”, que eram os acessórios de primeira necessidade. Havia o “saco B”, que eram os acessórios de segunda necessidade (Ferreira, 2007). Joel Silveira, jornalista de 26 anos, veio a bordo do 2º escalão da FEB no *General Meigs*. Silveira era correspondente de guerra dos “Diários Associados”, em suas reportagens relatou que os sacos A e B juntos pesavam cerca de 50 quilos, e havia mais um saco C que ficava na retaguarda junto com o saco B (Silveira, 2005:23,24). De acordo com Jarbas, os pracinhas da linha de frente apelidaram os pracinhas da retaguarda de Saco B, alusão as bagagens estacionadas na retaguarda (Ferreira, 2007).

A FEB marchava em meio a viaturas militares das mais distintas nacionalidades: sul-africanos, norte-americanos, ingleses, marroquinos, canadenses, franceses e italianos. As tropas se surpreenderam ao ver muitas das mulheres de Nápoles de saias curtas, se oferecendo sexualmente para os militares em troca de algum alimento (Gonçalves; Maximiliano, 2008:62).

Eliseu de Oliveira dedicou grande parte de sua memória sobre as mulheres prostituídas da Itália. Segundo ele, os agenciadores eram muitas vezes o pai, o irmão ou noivo da italiana. Ficavam pelas ruas incitando os soldados a sair com as moças dizendo: “*Volete signorina?*”, “*Giavanotta meravigliosa*” (Bondesan, 1947:28).

Os norte-americanos exigiam uma rigorosa conduta dos brasileiros. Não os impediam de se envolver com as beldades italianas, mas os pediam moderação e respeito. Os brasileiros participavam de palestras onde era explicado todo o tipo de doenças venéreas em que os pracinhas poderiam se expor. Os pracinhas se divertiam contando diversas piadas sobre as doenças venéreas. O “cai cai”, como era conhecido entre as tropas brasileiras era motivo de descontração e medo. Recebiam em caixinhas de metal preservativos de fabricação norte-americana ao deixarem o acampamento. Os pracinhas também faziam uso do posto de emergência onde a qualquer hora podiam submeter-se a lavagens (Bondesan, 1947).

Entre os elementos constitutivos da memória, Pollack assinalou que grande maioria das memórias possuem o que ele chama de “marcos” ou “pontos irreduzíveis” e “imutáveis” da memória, ou seja, é o acontecimento constantemente repetido em um

relato. O indivíduo retorna sempre ao fato acontecido para embasar sua história (Pollack,1992:2). Paul Ricoeur caracteriza a lembrança “inesquecível” como pólo oposto do esquecimento (Ricoeur,2007:427). Um tema sério como as doenças venéreas se tornava motivo de brincadeira nas reuniões dos pracinhas que compartilhavam suas histórias de aventura. Mulheres são temas inesquecíveis para Eliseu. Ele recorre a este marco em vários períodos de sua história. “Beber e amar” eram os verbos que Eliseu mais conjugava diante do contexto de guerra (Bondesan,1947).

Eliseu relata com base na sua convivência com o povo italiano, que os alemães sempre forçavam as italianas ao ato sexual, causando grande ódio entre a população. De acordo com Eliseu, os norte-americanos não agiam da mesma forma que os alemães e “se comportaram com a devida virilidade”. Os brasileiros se destacaram como grandes conquistadores, conseguindo fazer com que as italianas se entregassem a seus libertadores. Eliseu destaca que nem todas as famílias entregaram suas filhas à ociosidade por conta da grande miséria que os assolava (Bondesan, 1947).

Segundo Portelli, em uma comunidade de guerra, compartilhar situações de horror torna-se habitual (Portelli, 2010:203). Anteriormente as lembranças individuais de Eliseu eram compartilhadas no meio coletivo militar, mas a partir do desembarque em Nápoles seu “leque”, seu convívio social aumenta através da população italiana que divide suas experiências com ele.

Os brasileiros estabelecem relações de amizade com o povo italiano. Assim como denominou Sergio Buarque de Holanda, este “homem cordial”, impossibilitado de viver consigo mesmo, impossibilitado de viver longe da sociedade, busca nos demais, principalmente no “outro” (o estrangeiro) sua incorporação no meio social (Holanda,1995:197). Os pracinhas adquiriram muita intimidade com a população italiana. Se analisarmos o relato de Eliseu, perceberemos que os italianos reconheciam os brasileiros como verdadeiros amigos que pudessem consolá-los. Não surpreende que jovens italianas, órfãs, viúvas e carentes se entregassem nos braços dos pracinhas brasileiros.

Diante desse ambiente de fome, miséria e prostituição, as tropas que chegavam adquiriam característica de “libertadoras”. Eliseu relata: “Nesse instante senti como nunca o orgulho de ser brasileiro. Senti, também, a emoção de quem contempla um mundo novo, para cuja libertação íamos dar nosso sangue” (Bondesan, 1947).

Eliseu demonstra sua “nacionalidade brasileira” com o desenrolar do conflito. Ele condena as atitudes de alguns companheiros zombadores que diziam: “*Vedere*

Napole, poi morire...” (Ver Nápoles, depois morrer, em italiano no original). Ele contradiz essa frase dizendo: “Ver Nápoles, sim, mas depois regressar com vida ao querido Brasil!”

Alguns pracinhas se desentenderam com os italianos pela linguagem que lhes era estranha. Um dos motivos era a saudação de alguns italianos, eles chamavam os brasileiros de “*paisani*” que em italiano que dizer amigo, os brasileiros entenderam paisano que, na época, designava o civil, aquele que não vestia farda. Os italianos estranharam quando viram alguns brasileiros chamando seus companheiros de burro, uma vez que burro em italiano significa manteiga. Mas o problema da linguagem não se compara ao que a saudação dos homens europeus de beijar outro homem na boca causou aos brasileiros. Os brasileiros empurravam, batiam e gritavam: “homem não!” (Cabral, 1987:32).

Eliseu comenta que durante o tempo, os soldados da FEB foram se habituando a se comunicar com a população italiana devido à semelhança do idioma. Havia uma piada corrente entre as tropas sobre a semelhança do idioma dos pracinhas e dos italianos. Era sobre o papagaio de um pracinha que veio junto na viagem. Ao chegar a Nápoles, o louro ouvindo o linguajar dos italianos disse: “Deus do céu! Viajamos tanto para acabar no Braz!” (Bondesan, 1947:31).

Mas a maior dificuldade na linguagem era com relação aos norte-americanos, os “*boys*” como Eliseu se refere. As tropas se comunicavam com muita dificuldade, resultando em cenas cômicas (Bondesan, 1947). Pedro Cortelli Filho, nascido em 1919, joseense e pracinha da FEB relata que a comunicação entre os partidários do Eixo e os partidários dos Aliados variava de acordo com a etnia e a origem de cada grupo. Os norte-americanos se surpreendiam pelo fato da FEB ser uma tropa em que negros e brancos lutavam juntos pelo mesmo ideal (Informação verbal).¹⁰

Pedro Cortelli Filho, soldado da cidade de Jacareí comenta sobre o soldado “Jimmy” da 92º DI norte-americana que na primeira vez que estabeleceu um contato com os brasileiros, fazia perguntas cheias de curiosidade e admiração sobre a não-segregação de negros e brancos no Brasil e os casamentos inter-raciais.¹¹ Os ingleses tinham a disciplina típica da Grã-Bretanha, eles mantinham a ordem nos bares e restaurantes da Itália. Logo foi proibida a permanência de soldados em bares e restaurantes, uma medida que assegurava o

¹⁰ Entrevista com Pedro Cortelli Filho, soldado do 6ºRI, 2007.

¹¹ Nos EUA havia a campanha do *Double V* que mesclava a vitória na guerra com a vitória pelos direitos civis, já que negros norte-americanos estavam combatendo na Segunda Guerra Mundial. O exército “misto” da FEB foi noticiado pelos correspondentes de guerra norte-americanos dando impulso ao movimento negro (Haag, 2010).

acesso da população local nos pontos comerciais, pois as tropas poderiam se alimentar com as rações de campanha. Mas os pracinhas da FEB, atraídos pela hospitalidade italiana não deixavam de frequentar estes locais, sendo muitas vezes postos para fora a “borrachadas” pelos soldados ingleses. Os pracinhas fugiam logo destes locais ao ouvir o som dos coturnos dos ingleses (Cortelli Filho, 2007).

Os soldados da FEB marcharam pelas ruas de Nápoles até a estação central na Piazza Garibaldi aonde, de trem, chegaram aos subúrbios de Bagnoli, próximo a Agnaro. Acamparam em uma densa floresta que existia na cratera do vulcão extinto, o Astroni (Gonçalves; Maximiliano, 2008:62,63). Antes de deflagrada a guerra, Bagnoli era um bosque principesco onde o Príncipe de Piemonte, herdeiro ao trono realizava suas caçadas (Bondesan, 1947:25). Logo de início, a FEB passara por privações, os materiais necessários para erguer o acampamento não haviam chegado e os pracinhas passaram o início de campanha sem barracas e cobertores para se proteger da noite fria. Os soldados tiveram que se alimentar com as rações norte-americanas de reserva tipo C (Moraes, 1947:43).

Mascarenhas de Moraes passou momentos de tensão em Bagnoli. O comandante da FEB discutiu com os oficiais norte-americanos devido o atraso do envio dos materiais necessários para o acampamento da FEB como: lençóis, casacos, alimentação e armas (Wacck, 1985:30). As fardas dos pracinhas haviam encurtado depois da lavagem no interior do navio *General Mann*, havia-se a necessidade de fardas novas (Brayner, 1968:115). Eliseu de Oliveira relata que os agasalhos e demais vestimentas prometidas pelo governo brasileiro nunca chegaram ao Teatro de Operações (Bondesan,1947). Toda a vestimenta brasileira foi confeccionada pelos norte-americanos, mas em certas ocasiões peças da farda norte-americana foram encomendadas para completar o fardamento da FEB, destaca Túlio Campello de Souza. Ou seja, muitos pracinhas utilizavam uniformes já gastos até mesmo furados à bala (Motta,Tomo 3).

Para Brayner esses problemas deveriam ter sido resolvidos durante a visita do comandante da 1º DIE ao Teatro de Operações. Já vimos que o Teatro de Operações não havia sido estudado pelo Estado-Maior da FEB. Mascarenhas de Moraes e Floriano de Lima Brayner foram resolver pessoalmente estes problemas na *Peninsular Base Section* (PBS) que era responsável por todo apoio logístico na Itália. Brayner revela o grande descaso por parte desse órgão militar com relação a FEB por ela ser uma força totalmente subordinada ao EUA. Com relação ao armamento Brayner revela um profundo desprezo para com os brasileiros, pois a PBS forneceria apenas fuzis *Springfield*, antiquado, inferior

ao *Mauser 1908*. Recusaram-se a fornecer o *Garrand* semi-automático utilizado pelas tropas norte-americanas na Europa (Brayner, 1968:115,122,123).

Mas a FEB não foi totalmente prejudicada pelo descaso da PBS. A essa altura foi comunicado que o armamento brasileiro negociado anteriormente com os EUA estava a caminho da Itália. Os brasileiros receberiam os fuzis *Springfield* e uma porcentagem dos *Garrands* (Brayner,1968). Ou seja, a FEB entrará na Segunda Guerra Mundial armada com o fuzil *Springfield*, anterior a Primeira Guerra (Gonçalves & Maximiliano, 2008:71).



Figuras 20: esquerda Fuzil *Mauser 1908*.



Figura 21: Fuzil *Springfield*

Fonte: Museu da FEB do 6ºBIL, Caçapava-SP (Equipamentos fornecidos pela *Peninsular Base Section-PBS*).

Tico Antunes relata que “as Tochas” foram repetidas novamente na Itália. Como não havia sido permitida a saída dos homens para a cidade, os soldados aplicaram a tocha nos restaurantes de Nápoles à procura da pizza napolitana (Antunes, 2008:39). Atos de indisciplina como esse não foram tolerados pelo coronel Freitas, chefe do Estado-Maior do general Zenebio da Costa. Ele ordenou que se improvisasse um xadrez em Bagnoli para punir os soldados que saíam sem permissão para se esbaldar com vinho e com os deleites das napolitanas (Gonçalves & Maximiliano, 2008:63).

A FEB estava desgastada com a pouca atividade, realizavam marchas pela região para ocupar as tropas. Porém, o armamento tardava em chegar (Gonçalves; Maximiliano, 2008:64). Segundo Eliseu alguns homens baixaram no hospital por indisposições passageiras. Elogiou a eficiência das enfermeiras norte-americanas que conduziam seu trabalho com seriedade e afinco. Segundo Eliseu, não houve nenhum

relacionamento dos pracinhas com as enfermeiras norte-americanas. Eram verdadeiros “homens de saia” como diz Eliseu (Bondesan, 1947:31).

Os pracinhas escreviam suas primeiras correspondências driblando a censura militar, secretamente os pracinhas informavam nas cartas o local exato onde estavam (Bondesan,1947). Tico Antunes nos cita um exemplo de como ele mesmo enganava a censura militar. Em Nápoles, Tico escreveu no rodapé da correspondência uma série de nomes fictícios como: Narciso, Alceu, Policarpo, Olipio, Ladislau, Ilseu (NAPOLI). Juntando as primeiras letras o destinatário da carta sabia que Tico estava em Nápoles.

O 6ºRI partiu no dia 2 de agosto pela ferrovia rumo a Littoria (Gonçalves; Maximiliano,2008:64). Eliseu embarcou no trem esburacado pelas balas. No calor intenso daquele mês, a única ventilação do trem era o ar que entrava pelos vários buracos dos vagões, pois não havia água disponível para as tropas. Percorriam a terra italiana em meio às poucas aldeólas separadas à quilômetros de distancia (Bondesan,1947:32).

A FEB se estabeleceu temporariamente em Pisa onde os soldados receberam muitos cigarros. Em Pisa encontraram uma grande quantidade de tropas norte-americanas, com quem evitavam trocar cigarros, devido à baixa qualidade do cigarro brasileiro. Como diz Eliseu “os ianques possuíam o que de melhor havia na sua pátria”, não podia-se trocar um Lucky Strake norte-americano por um Yolanda ou um Cine brasileiro. De caminhões continuaram a viagem rumo ao local de treinamento escoltado por jipes em regime de black-out.

Eliseu relata que a tropa viajava cantando os sambas e as modinhas com grande alegria e entusiasmo, da mesma forma que saiam de São José de caminhão para jogar futebol em outras cidades. Cantavam a versão brasileira de “Cielito Lindo”, “Amélia” e tantas outras canções que diferenciavam os brasileiros de todos os demais que combatiam na Itália. De acordo com Eliseu, os italianos gostavam da música brasileira, pelo menos as moças, ou as “boas” como eram chamadas pelos pracinhas, gostavam das músicas cantadas pelas tropas. Porém isso revela o aspecto psicológico das tropas, pois Eliseu diz: “Nesse ponto éramos a antítese dos americanos, que viajavam silenciosos e compenetrados, só cantando na volta. Nós, pelo contrario, regressamos calados, quando já finda a missão” (Bondesan,1947).

As tropas passaram por Roma e Civita-Vechia. O exército norte-americano montou uma série de escolas de instrução e aperfeiçoamento militar. Parte dos oficiais do 6ºRI participou de cursos de aprimoramento em Caserta, outros foram enviados para outras

unidades como a 34° DI norte-americana constituída de hispano-americanos (Gonçalves; Maximiliano,2008:65).

No dia 5 de agosto a FEB chegara a Tarquinia onde o V exército norte-americano finalmente tomava conhecimento da presença da tropa brasileira junto aos Aliados. O V exército tratou logo de incorporar a 1° DIE que estava representada pelo primeiro escalão. Grande parte do material de guerra destinado à FEB foi desviada para divisões francesa e norte-americana (Brayner,1968:131).



Figuras 22: Á esquerda “rádio comunicador”. Figura 23: direita “pistola de sinalização”.

Fonte: Museu da FEB 6°BIL, Caçapava-SP (Equipamentos fornecidos à FEB pelo V exército Norte-Americano em Cecina).



Figura 24: “fuzil *Garand*”.



Figura 25: metralhadora *Thompson*”.

Fonte: 6° BIL Capapava-SP



Figuras 26: “rifles *Browning* ponto 30”.



Figura 27: “canhão de combate”

Fonte: 6ºBIL, Caçapava-SP



Figuras 28: escudo do V exército Aliado inserido no uniforme da FEB.

Fonte: Ferreira,2007.



Figura 29: Uniforme de um oficial da FEB.

Fonte: 6ºBIL Caçapava – SP.

Tarquínia era uma cidade milenar que se destacava por sua arquitetura romana, em meio ao ar histórico e o tráfego intenso dos aviões dos Aliados que voavam com destino a Berlim. A FEB preparava o terreno para a armação das barracas de todos os pracinhas. Os joseenses se reuniam constantemente para conversar sem suspeitar que em breve seriam separados (Bondesan,1947:36,37).

A FEB estava à um mês na Itália e ainda não havia recebido seu armamento. Inspirados nos periódicos produzidos pelos norte-americanos como a revista *Yank* e o jornal *Stars & Stripes*, a FEB produziu o seu próprio jornal (Gonçalves & Maximiliano,2008). O primeiro jornal foi produzido ainda no Brasil na cidade de Pindamonhangaba, seu nome era “O Esclarecedor”, e Tico Antunes era o redator do jornal (Coletiva, 2009). O 1º batalhão do 6ºRI foi pioneiro ao publicar o “jornal de trincheira”. Por recomendação do Major João Carlos Gross, o jornal de trincheira proferia a legenda do Almirante Osório que lutou na Guerra do Paraguai: “É fácil conduzir homens livres, basta indicar-lhes o caminho do dever e da honra.” Essa frase influenciou o jornal “*E a Cobra Fumou!*”, que trazia no cabeçalho, o dístico do almirante Osório. Além dessa frase incluíram outra mais ousada: “não registrada no DIP”. DIP era o Departamento de Imprensa e Propaganda responsável pelo controle da informação no país ¹² (Bondesan,1947: 283). Eis um exemplar de “*E a Cobra Fumou!*”.



Figura 30: Anno I, *E a Cobra Fumou!* Itália, 25 de abril de 1945, nº 12.

Fonte: Arquivo da Associação dos Veteranos da FEB de Jacareí – SP, 2010

“E a Cobra Fumou” pode ser representado como uma lupa, na qual enxergamos o cotidiano dos soldados brasileiros. Utilizaremos os poucos exemplares que tivemos acesso para abordar temas ligados aos pracinhas.

Na quinta edição de *E a Cobra Fumou*, de outubro de 1944, foi eleito pela tropa o poeta do batalhão, o tenente Manoel Barbosa da Silva, que publicou uma poesia a

¹² Conhecido de forma mais íntima pelos soldados de “Cobra” era dirigido pelo tenente José Alfio Piason, oficial de informações, Geraldo Vidigal era redator, posteriormente substituído por Higino Corrêa e o major Gross era o incentivador. “E a Cobra Fumou” era o divulgador semi-oficial do 1º Batalhão do 6ºRI (Gonçalves & Maximiliano,2008:67,68). Segundo Eliseu o secretário do jornal era o sargento Catani de Taubaté, que depois da guerra publicou um diário de guerra nas edições do jornal local (Bondesan, 1947:283).

respeito do espírito de camaradagem e união das tropas em Tarquinia. Destacamos os primeiros versos:

Numa barraca de lona
 Seis membros de uma família,
 Moram com certo conforto,
 Sem louça ter, nem mobília.
 É uma família, cuja
 Curiosidade consiste
 No pai não ser o mais velho
 E mãe também não existe.
 Tavares, Gonçalves, Félix,
 Barbosa, Inácio e Carrão,
 São os membros da família
 Componentes da União. (Gonçalves; Maximiliano, 2008:68; Ano I, *E a Cobra Fumou!* Camaiore (Itália) 12/10/1944, n°5)

Nesta edição, grande parte dos artigos abordam o tema que mais interessa aos soldados: mulheres! De uma forma divertida, o articulista do jornal faz referência à cidade de Camaiore, local do primeiro conflito entre a FEB e o exército alemão. O 1º Batalhão estava estacionado nesta cidade:

De início, posso dizer que a conquista não se deu apenas pelas armas, também foi pelos corações dos brasileiros. Assim sendo prefiro escrever sobre a dos corações, embora esta exija um pouco de ousadia e indiscreção.

Um famoso “conquistador” perambulando pela artéria principal de Camaiore, falava entusiasticamente: “Ela deu-me a fotografia com a seguinte dedicatória: Ao simpático *libetore*. Ma... “*Estou affidanzato*, e a *portarei via*, ao Brasil.

No mesmo número, o articulista continua a fazer referência às belezas de Camaiore em uma história “fictícia” sobre certo cabo Salum. Segundo o articulista, Salum e seus companheiros foram repreendidos nos exames clínico e dentário sobre seus comportamentos fora da linha de frente. Estavam freqüentando o bordel N°11 da Piazza 29 Maggio:

Aos demais para o diagnóstico, o medico se limitará a perguntar se morou no N.11.

Em verdade, noites mal dormidas trazem exgotamento físico. Que digam Palombo, Fiúza, Catani, Arquimedes, Neves e os outros do pelotão.

O alemãozinho da 1.a Cia., numa esquina de Camaioire exultava dizendo: “Ela está para mim. Combinou encontrar-se comigo daqui a pouco. Foi levar umas ‘escatoletas’¹³ à casa e já volta. E como é boa!

Duas horas depois, ainda no mesmo lugar, dando mostra de notável persistência, ali esta ele à espera da loira das ‘escatoletas’.”

No 1º Batalhão, como em toda a FEB as histórias dos relacionamentos amorosos eram correntes. Além das histórias, eram recitados poemas sobre esse tema tão agradável para os pracinhas:

Em toda a parte da Terra,
Esteja onde estiver,
Esqueço sempre da guerra
Por causa duma mulher.

Porém, aqui no Comando
Do primeiro Batalhão,
Pensam logo que estou voando
Na defesa do irmão.

Os pracinhas usavam o jornal “E a Cobra Fumou” como um meio de expressar suas opiniões. Faziam seus comentários sempre com muito humor, satirizando situações em que se sentiam injustiçados como as roupas e capacetes forrados à lã que ainda estavam para chegar. Nenhum comentário foi feito, mas o articulista deixa claro que prefere que comentários fiquem a cargo dos próprios leitores. Sobre o serviço postal, os soldados dizem que o referido serviço está funcionando com regularidade, porém os jornais chegam aos seus destinos com um mês de atraso. Deixemos alguns exemplos na íntegra:

Ontem amanheci bilioso e doente, efeito talvez das rações de feijão com feijão que nos tem servido ultimamente.”

(Uma outra notícia), “e essa terrível, diz que nos serão enviadas um milhão de cigarros. Deus salve a America!

Preparemo-nos todos porque vêem ‘YOLANDA’ e ‘CINE’ por ai...”

(Em uma carta recebida pelo Sargento Bugeli, pode-se ler o seguinte:)

¹³ Segundo Enéias Sá de Oliveira *scatolettas* era o apelido dado às rações C norte-americanas (Motta, Tomo III).

“... Você sabe que a mãe do bebe... foi de repente... (No espaço traçado havia um dos vacuos produzidos pela miserável tesourinha censuriana).”

Jarbas Dias Ferreira, Tico Antunes, Eliseu de Oliveira e tantos outros relatam que a censura militar impedia que os pracinhas informassem a seus familiares sobre qualquer assunto bélico. Os agentes riscavam, apagavam ou até mesmo cortavam qualquer frase que estivesse fora dos padrões.

Ainda em Camaioire no dia 8 de outubro foi realizado um *footing* entre o S.C. Camaioire e o Petrecho da 2º Cia, sendo que o time brasileiro sofreu uma derrota de 8 à 2. No domingo, dia 10, o S.C. Camaioire enfrentou um conjunto do 1º Batalhão. A partida terminou empatada em 3 a 3.

O Regimento Sampaio, o 11ºRI de São João Del Rey e o 1º Esquadrão de reconhecimento foram influenciados pela iniciativa do 1º Batalhão do 6ºRI, e logo editaram o “Zé Carioca”, “A Tocha”, e “Vem Rolando”. Apenas em janeiro de 1945 toda a 1º DIE seria representada pelo seu periódico “O Cruzeiro do Sul” (Gonçalves; Maximiliano,2008:71).

A FEB estava se diferenciando cada vez mais do restante do exército brasileiro, o chamado “Exército de Caxias”. A primeira instrução de combate que a FEB recebeu foi influenciada pela escola militar norte-americana, abandonando a velha doutrina francesa que era forte no Brasil a muito tempo. Diferenciava-se no uniforme que era personalizado, distinguindo a FEB e sua missão. Agora inspirados nos periódicos norte-americanos os pracinhas passam a discutir suas idéias e pontos de vista com todo o seio da tropa.

O “Exercito de Caxias” se torna o Exército da FEB¹⁴

O alto comando brasileiro permanecia em Cecina juntamente com o alto comando do V exército Aliado (Brayner,1968:133). Enquanto isso Eliseu de Oliveira e seus irmãos de armas aguardavam a chegada do armamento norte-americano para a realização da instrução de combate que tardava em se realizar. Dedicaremos-nos a partir de

¹⁴ Carlos Haag denomina os pracinhas de “cidadãos-soldado”, pois eram civis recrutados e aquartelados nos quartéis por um período extenso. “Exército de Caxias” designa o exército brasileiro no período anterior a 2º Guerra (Haag,2010:84,85).

agora aos inúmeros equívocos e atitudes displicentes dos pracinhas, resultado da sua falta de preparo para a guerra. Bem como a mudança acarretada nos padrões disciplinares da FEB devido a influencia norte-americana que à diferenciaram do exército brasileiro.

Eliseu teve o primeiro contato com a morte em Tarquinia. Nesta localidade Eliseu e seus amigos encontraram o cadáver de um soldado nazista, e sem pensar nas conseqüências despojaram o cadáver das cartas e fotos que não lhe seriam mais de utilidade. Oswaldo Casimiro Muller, natural do estado do Paraná e descendente de alemães, se destaca como tradutor da tropa. Começou suas traduções a partir da carta do falecido soldado nazista. O soldado Silveira de Amparo em atitude piedosa deu ao falecido inimigo uma sepultura cristã. Essa mesma atitude foi repetida, mas uma vez com um grupo de soldados que comovidos pela situação, foram vítimas da explosão de uma bomba que detonou com a aproximação dos pracinhas. Essa era uma tática de guerra aprendida com os soldados russos conhecida como “*bob trap*”, era escondido um arsenal explosivo no corpo do falecido (Bondesan,1947:37).

Segundo Waldemar Dantas Borges um caso parecido aconteceu em plena campanha, onde qualquer erro seria fatal. Um soldado paranaense havia ido urinar em uma moita quando avistou um projétil que lhe chamou a atenção. Pegou e mostrou a seu superior, o capitão Canguçu percebeu que se tratava de uma mina anti-tanque. Ele grita para que o soldado atire o projétil, mas no momento o soldado tropeça num arame, detonando o explosivo (Motta,Tomo IV).

Eliseu comenta alguns casos de displicência dos pracinhas, um deles aconteceu no Mar Tirreno que fica a alguns quilômetros de Tarquinia. Foi concedido aos pracinhas licença para banho de mar, entre as tropas um pracinha paranaense se distanciou demais de seus companheiros de guerra, sendo logo, alvejado pelas balas de corsários nazistas. Ainda em Tarquinia um pracinha estuprou uma criança de 14 anos. O referido pracinha foi conduzido para a retaguarda, logo correu o boato que o pracinha havia sido condenado à morte, fato que nunca foi apurado como verídico (Bondesan,1947).

As armas ainda não haviam chegado e os pracinhas procuravam formas de passar o tempo sem se preocupar como a falta de instrução lhes será prejudicial. Eliseu e seus amigos participaram de um concurso que escolheria a foto da mulher mais atraente. A comissão julgadora era constituída pelos próprios pracinhas que não chegaram a um acordo de qual era a maior beldade. Figuravam as mulheres mais belas de sua época: Dorothy Lamour, Heddy Lamarr e Maria Montez. O vencedor se deliciaria com uma pipa de vinho

espumante com a condição de conseguir consumi-la no prazo de 24 horas (Bondesan,1947).

O armamento chegou um mês após o desembarque na Itália. Talvez, uma análise das conseqüências dessa demora possa ser feita através da memória do próprio Brayner. Além das baixas relatadas por Eliseu, Brayner revela que dois soldados e um sargento feriram-se gravemente ao penetrar em um campo minado durante a instrução de combate (Brayner,1968:135).

O alto comando Aliado localizado em Florença escolheu a região de Vada-Rossignaro, cerca de 200 quilômetros de Tarquinia e a 25 quilômetros do *front* para efetivamente preparar a FEB para o conflito com as tropas germânicas (Brayner,1968). Eliseu de Oliveira embarcou em 16 de agosto nos pesados caminhões que iriam levar a FEB cada vez mais próxima do conflito. As tropas se divertiam jogando os mais variados jogos de carta, incluindo o poker e o truco. Os jogos não eram isentos de apostas onde a desvalorizada lira italiana era arrecadada pelos jogadores mais habilidosos.



Figura 31 e 32: Lira de ocupação norte-americana.

Fonte: Ferreira, 2007.

Durante a viagem um dos motoristas percorreu o trajeto em velocidade exageradamente abusiva, terminou tombando o veículo, mas não houve vítimas de grande gravidade (Bondesan,1947). O oficial norte-americano Mcnealy não deixou de registrar em seus relatórios sobre os diversos casos de motoristas inexperientes pertencentes à FEB que dirigiam em velocidades excessivas. Segundo ele, os motoristas não realizavam a manutenção dos veículos tornando-os inoperantes (Waack,1985:32).

A FEB chegou à Itália no dia 18 de agosto onde passou a fazer parte do 4º corpo de exército comandado pelo general Crittenberger, subordinado ao V exército norte-americano (Brayner,1968:139).

Eliseu de Oliveira chegou à Vada às cinco da tarde de 16 de agosto de 1944. O calor era abrasador e os pracinhas logo procuravam saciar sua sede e limpar seus uniformes cobertos de poeira, devido ao clima seco. Para o entretenimento das tropas eram exibidos filmes ao ar livre. Eliseu chegou a assistir o filme “*Lady in Darkness*”, mas logo preferiu entrar junto da companhia dos italianos que lhes era mais interessante. O ambiente rural das residências italianas o atraía, além do vinho, sempre abundante.

A amizade com os italianos era tamanha que Eliseu “se sentia em casa.” Mas a amizade de Eliseu com a população local era influenciada por outros interesses: “Além da sede já mencionada, existia outra e essa, também foi saciada em todo o decorrer da campanha. Pra que negá-lo? Guerra é, para muitos, sinônimo de mentira... Para mim era sinônimo de libações um tanto freqüentes, não tão freqüentes que prejudicassem a aprendizagem em curso e a atuação no *front*” (Bondesan,1947:41,42).

Segundo Sergio Buarque de Holanda, poucos são os estrangeiros que se habitua a este “jeito de ser brasileiro”, uma ética que desconhece qualquer espécie de convívio social sem um fundo emotivo (Holanda,1995:148). De certo modo a aproximação entre italianos e brasileiros era acima de tudo devido ao ambiente de guerra que relegou a população a situações de miséria e carência, além da similaridade da língua latina.

Em Vada, a FEB recebeu a visita de Winston Churchill, (o grande estadista britânico que alertava para não se referir a FEB como força simbólica) que havia acabado de assistir a abertura da segunda frente na Normandia pelo VII Exército. Foi recebido em Cecina pelo alto comando aliado. Lá se encontrava o general Mascarenhas de Moraes e uma companhia do 6º RI, juntamente com tropas inglesas e norte-americanas (Moraes,1947:50).

Em 22 de agosto foi iniciada a instrução de combate. Vários oficiais e pracinhas foram enviados para estágio nas 85º e 88º DI norte-americanas localizadas a frente do Rio Arno. A escola de motoristas passou a funcionar no dia 26. Nessa altura o recebimento do material de guerra não era mais de responsabilidade da PBS, mas diretamente dos órgãos do V exército em Cecina (Moraes, 1947:49, 52). Cerca de 270 oficiais norte-americanos foram enviados às unidades para examinar os conhecimentos adquiridos pelo 1º grupamento para depois aprimorá-lo (Brayner,1968:144).

Os instrutores norte-americanos eram veteranos da famosa Divisão *Red Bull*, cujo distintivo era uma cabeça de touro vermelha (Motta, Tomo IV:178). Usavam o castelhano para se comunicar durante a instrução de combate. Eliseu e seus irmãos de armas mantinham relativa distância dos oficiais norte-americanos, respeitando a hierarquia

que lhes fora ensinada no “Exército de Caxias”. Eliseu e os demais se surpreendem com o comportamento dos oficiais norte-americanos. Eles ofereciam *souvenirs* aos brasileiros, demonstravam confiança e amabilidade ao conversar com os brasileiros, reforçando o espírito de camaradagem. Os “*ianques*”, como diz Eliseu, usavam de uma forma carinhosa para se referir aos brasileiros, os chamavam de “*brazils*”, substituindo a palavra “*brazilians*” (Bondesan,1947:42).

As tropas brasileiras traziam o legado da tradição francesa que ordenava um extremo autoritarismo e hierarquização entre oficiais e soldados. Oficiais mais graduados eram extremamente ríspidos com os soldados. A alimentação dos soldados era de péssima qualidade e o uniforme de tecido barato, enquanto os oficiais tinham uma alimentação melhor e seus uniformes eram bem melhores. No entanto os pracinhas da FEB experimentaram o ambiente de camaradagem ao serem instruídos na doutrina norte-americana. Esse tempo estreitou os laços de amizade entre os pracinhas durante e guerra e após a guerra, não prejudicando a campanha em si (Gonçalves; Maximiliano,2008:35).

Os pracinhas de São José dos Campos são exemplo desse espírito de camaradagem. Na convocação, Eliseu de Oliveira teve a companhia de seu irmão, Roberto de Oliveira. Os joseenses permaneceram unidos desde Caçapava até a Vila Militar, e da Vila Militar até Nápoles na Itália. Devido a circunstâncias da guerra, alguns joseenses foram separados, o que ocorreu com José Pinto Machado, Joaquim Monteiro, João Alves Cardoso, Alcides Ferreira, João Cunha, todos feridos em combate, bem como Eliseu de Oliveira, que foi prisioneiro de guerra. Durante a campanha, os laços de amizade foram estendidos aos companheiros de outras cidades e estados. Eliseu de Oliveira e seu companheiro de batalhas: Oswaldo Casimiro Muller do Paraná e mais 15 companheiros lutaram ombro a ombro no episódio de San Quirico, onde alguns foram mortos e os sobreviventes foram aprisionados pelos alemães (Bondesan,1947:13,21,100,114). Mas isso veremos mais adiante.

Eliseu de Oliveira percebeu que a simpatia dos norte-americanos não era mera demonstração de boas vindas: “Os oficiais norte-americanos tratavam o soldado razo, seu compatriota, com a mesma amizade e afecto, quebrando aquela linha de dura disciplina e separação, observada em outros exércitos, sem que isso diminuísse a eficiência da tropa” (Bondesan,1947).

Não apenas Eliseu, mas os “cidadãos-soldados” da FEB, de forma geral, se impressionaram com a linha de conduta norte-americana. Os norte-americanos tratavam os soldados da mesma forma que os oficiais. Os pracinhas receberam um uniforme

diferente e diversos artigos de guerra que a diferenciavam do “Exército de Caxias”. Logo a FEB se tornou motivo de inveja e incômodo para muitos oficiais do exército brasileiro que não podiam conceber a distribuição de equipamentos superiores a praças comuns (Haag,2010:85).

Eliseu relata que o soldado norte-americano atuava destemidamente na guerra, contrariando opiniões contrarias que percorriam os círculos militares brasileiros sobre os “norte-americanos galãs de Hollywood”, mas sem determinação para luta (Bondesan,1947:52).

Dia 25 de agosto houve uma solenidade para comemorar o Dia do Soldado, relembrando a memória de Duque de Caxias, patrono espiritual do exército brasileiro. O capitão Vernon Walters, oficial de ligação da FEB, preferiu seu discurso ao 1º grupamento do 6ºRI (Brayner,1968:144). Através da transcrição do discurso cedido por Jarbas Dias Ferreira analisamos que o discurso reconstituía a campanha do V exército e a chegada da FEB à Itália. Mas alguns aspectos podem ser destacados: “Não parecia que a missão do V Exército já terminou. Estamos começando, e vós – da Força Expedicionária Brasileira, tereis grande parte nas vitórias que estão por vir.” Percebemos nesta frase a intenção de eliminar no seio da FEB a idéia que a FEB desembarcara na Itália quando a guerra já estava no fim. Influencias que levariam a desistência dos pracinhas (Ferreira, 2007).

Abaixo a uma advertência aos pracinhas: “Percebi, pelas observações que fiz durante a revista, que sois bem disciplinados. Não vos esqueceis de que a disciplina é o fator mais importante para quem quer ganhar batalhas” (Ferreira,2007). Com base no relato de Eliseu percebemos que a “disciplina” exigida referia-se aos relacionamentos amorosos. Mas os norte-americanos não proibiam relações sexuais, apenas pediam moderação (disciplina).

Para Portelli, os seres humanos assumem na guerra atitudes inumanas, difíceis de aceitar (Portelli,2010:200). “Vós os derrotareis e os aniquilareis em toda parte onde os encontrardes”, e mais adiante “Nada poderia ter sido mais próprio neste vosso grande dia, o dia de CAXIAS, do que tomardes o vosso lugar de combatentes ao lado do V exército e renovar vossos juramentos de destruir o vosso odiado inimigo”. As palavras: “derrotareis, aniquilareis, destruir, odiado e inimigo”, diminuem a humanidade do soldado alemão, sendo facilmente introjetadas na mentalidade do soldado para que ele identifique o alemão como um sujeito da pior espécie.

Assim como o Sete de setembro, que não foi esquecido pelo alto comando da FEB. Ambas as solenidades contaram com a presença do general Chabec de Lavallade comandante da 15^o Região Militar francesa e ex-chefe da Missão Militar Francesa no Brasil (Moraes, 1947:51).

Brayner e Castelo Branco elogiam a rápida adaptação dos brasileiros aos armamentos e sua grande capacidade de assimilação de novos conhecimentos adquiridos em tão pouco tempo. (Brayner, 1968:145,146; Castello Branco,1960:170). Mcnealy oficial de ligação da FEB revela algumas críticas quanto aos pracinhas em Vada. Segundo ele alguns pracinhas se tornaram muito desleixados demorando tempo demais para comparecer no treino tático. Relata o oficial norte-americano que alguns pracinhas faziam fogueiras a noite, sem perceber que a alguns quilômetros de distância se localizava o *front* (Waack, 1985:33)

Eliseu iniciou seu treinamento em Vada. Todos os dias antes dos treinos, os pracinhas deveriam cantar a versão brasileira de “*God Bless America*” por imposição dos norte-americanos. Os exercícios iniciais consistiam na execução de tiros em campos abertos. (Bondesan,1947). Na entrevista coletiva concedida por Tico Antunes, Vicente de Oliveira e José dos Santos, Tico respondeu de forma resumida todo o treinamento dos pracinhas em Vada. Depois de uma pausa, Vicente dos Santos interrompe: “Sabe o que eu gostei mais?” Vicente relata o desgosto dos pracinhas em entoar todos os dias à canção “Deus salve a America”, desgosto até mesmo de Zenóbio da Costa. Certo dia, no momento que o regente (Vicente se refere ao regente como “sargentinho”) guiava a canção, todos os pracinhas cantaram a “Canção do 6^o Regimento”, o Regimento Ipiranga de Caçapava. Os alto oficiais da FEB se envergonharam perante os norte-americanos (Coletiva,2009).

Os brasileiros sentem-se incomodados com certas manifestações que impedem um convívio mais familiar, condutas rígidas não são agradáveis aos brasileiros (Holanda,1995:148). Os pracinhas cantam a Canção do 6^o Regimento como forma de protesto a imposição de uma canção estrangeira, estranha a eles, sem nenhuma semelhança ou familiaridade com suas identidades.

Vicente gargalhava ao lembrar este episódio, Tico Antunes e José dos Santos apenas sorriem. Tico abaixa a cabeça e diz em tom baixo de voz: “Piada sem noção” (Coletiva, 2009). Estes são conflitos entre veteranos de baixa e alta patente ressaltada nos conceitos de memória subterrânea assinalados por Michael Pollack.

Nesses dias de treinamento, Eliseu relatou seu segundo contato com a morte, quando um avião atingido na frente de batalha ao norte, aterrissou bruscamente no

campo onde Eliseu e seus companheiros de guerra faziam a instrução de combate. Dois tripulantes foram salvos, mas o piloto não conseguiu se soltar. O piloto batia desesperadamente nos vidros do avião enquanto era consumido pelas chamas, Eliseu e seus amigos só podiam assistir àquela cena horripilante que ficou marcada em sua memória (Bondesan, 1947).

As tropas continuavam a instrução de combate. Zenóbio da Costa ordenou que a Cia. que Eliseu pertencia realizasse uma longa marcha para verificar a resistência dos soldados. Ao retornar a tropa se viu em frente um campo minado. Ignorando os avisos, quatro homens receberam ordens para atravessar. A travessia poderia ter sido concluída com sucesso se uma das minas não tivesse explodido no final do trajeto. Dos quatro soldados, dois morreram e outros dois foram gravemente feridos. Outro acidente aconteceu com a 5º Cia. em uma marcha onde uma mina foi detonada por um pracinha displicente. Dos homens foram atingidos pelos estilhaços da mina, cinco faleceram e 21 se feriram gravemente (Bondesan, 1947:44).

Em 10 de setembro o 1º grupamento tático da FEB executou seu teste final antes de partir para o *front* avançado (Castello Branco, 1960). Cerca de 5600 homens empreenderam uma marcha de 30 quilômetros onde executaram um violento ataque em que, infantaria e artilharia atuaram com perfeição e realismo (Brayner, 1968).

Para Brayner, o 1º grupamento tático ainda não tinha capacidade tática para assumir um setor no *front* avançado. Mas o V exército exigia o emprego da FEB no *front* o mais rápido possível. Resolveu-se que o grupamento tático da FEB ficaria subordinado ao 4º corpo do V exército Aliado. O QG da 1ºDIE ficaria subordinado ao V exército, enquanto o grupamento tático da FEB empreenderia suas primeiras manobras sob o comando do general Zenóbio da Costa (Brayner, 1968, 149, 150). O QG norte-americano na África do norte resolveu empregar a FEB e a 92ºDI norte-americana (constituída por soldados negros) em setores mais tranquilos (Waack, 1985:33).

“A Cobra nunca fumou”, mas ao ver o Tedesco “é só pena que voou”¹⁵ – O Batismo de Fogo

¹⁵ O Clube dos Praças da FEB em Alessandria organizou um show intitulado “só pena que voa” em comemoração ao fim da guerra. Um pracinha desconhecido compôs a musica “Cobra não fuma” como tema da festa. A musica foi gravada pelo correspondente da BBC Francis Hallowel, o “Chico da BBC”, e interpretada por um pracinha conhecido pelo pseudônimo de Malagueta. Destacam-se os primeiros versos: “Cobra não fuma/ é impossível/ é mesmo incrível/ Cobra nunca fumou/Mas quando o Tedesco se meteu/ o cachimbo ela acendeu/ e foi só pena que voou.” (www.franklinmartins.com.br). Os pracinhas faziam com essa musica suas ultimas

No dia 14 de setembro os homens do general Zenóbio se deslocaram de Ospedaletto para a região de Vecchiano para substituir tropas norte-americanas que atuavam nos setores de Massciucoli, Filettole e Vecchiano. O Destacamento Zenóbio tinha até o dia seguinte para substituir todos os elementos da 2ª batalhão da 370ª RI norte-americano (Moraes, 1947).

O Destacamento Zenóbio da Costa era constituído de todo o 6ª RI. O 6ª RI era comandado pelo coronel Segadas Viana, e os comandantes de batalhão eram major Carlos Gross, Abílio Pontes e Silvino Nóbrega (Brayner, 1968:161).

O grupamento tático estaria incumbido simplesmente de sondar o território inimigo através de patrulhas, mantendo um contato permanente nesta frente. Brayner ressalta a iniciativa do general Mark Clark de empregar a FEB em setores calmos no início da campanha para que as reações no batismo de fogo não fossem negativas (Brayner,1968:158,161). Os demais exércitos aliados retornariam as suas frentes de combate em direção ao norte, em direção ao Vale do Pó importante planície onde se concentravam as riquezas do norte industrializado da Itália (Waack,1985,65).

A conquista da cidade de Bolonha era a chave para se ter acesso ao rico Vale do Pó. Para este fim, Mark Clark elaborou sua estratégia de invasão. Os três exércitos Aliados tinham se dividido em três pontas-de-lança pelo território italiano. No setor esquerdo da invasão o V exército posicionou seus corpos em três direções: o XIII inglês iria pela direita, o II norte-americano pelo centro e o IV norte-americano pela esquerda. O IV corpo posicionou suas divisões, a DI sul-africana iria pela direita, a FEB pelo centro, a *Task Force 45* pela esquerda, e finalmente pelo litoral do Tirreno iria a 92ª DI norte-americana constituída por negros (Waack,1985:71).

A FEB manteve contato com as divisões alemã durante sua campanha. Eram a: 42ª Ligeira, a 84ª de Infantaria, a 29ª Motorizada, a 334ª de Infantaria, a 305ª de Infantaria, a 90ª Motorizada, dessas destaca-se a 232ª de Infantaria que enfrentou os pracinhas em Monte Castello. Foi a DI que mais entrou em conflito com a FEB, de outubro de 1944 a fevereiro de 1945, e novamente na reta final da guerra até abril de 1945. A 114ª Ligeira que resistiu na batalha de Montese, e finalmente a 148ª de Infantaria que se rendeu a FEB em Fornovo Di Taro (Waack,1985:39).

críticas as opiniões populares que “seria mais fácil a cobra fumar do que a FEB partir para a guerra.”. Eliseu de Oliveira comentou um ditado muito corrente entre as tropas sobre o tema: “o brasileiro da um boi pra não entrar na guerra, mas se entra, da uma boiada pra não sair dela” (Bondesan,1947).

Eliseu e seus camaradas chegaram a Picoletto no dia 11 de setembro de 1944. Nesta localidade a convivência com as tropas norte-americanas foi mais intensa. Foi ordenado aos brasileiros que armassem suas barracas e cavassem os *fox-holes* (buraco da raposa) dos norte-americanos (Bondesan,1947).

As tropas viajaram no dia seguinte rumo a Filetoni, passaram por Pisa onde Eliseu notou a grande destruição que aquela cidade foi vítima. Segundo ele, a destruição de Pisa era tamanha que não se comparava com nenhuma outra cidade italiana. Em Filetoni, a tropa a que Eliseu pertencia rendeu uma tropa de norte-americana de origem hispânica que estava no local, quase entrando em conflito armado com a FEB (Será uma confusão devido à semelhança do uniforme da FEB com o alemão?). Depois de solucionado as confusões, os “mexicanos” ou “americanos sulistas”, como se refere Eliseu, expressaram grande camaradagem deixando seus abrigos e demais objetos de uso pessoal para as tropas. Os brasileiros podiam ouvir de suas barracas os norte-americanos na retaguarda cantando sua saudosa canção regional: “*En La frontera, Del México fué*” (Bondesan,1947).

Em Filetoni os pracinhas absorveram grande parte das gírias de guerra dos norte-americanos. Eliseu cita vários exemplos: “*cow boy*” designa aquele que dirige um tanque, “*jumper*” é o paraquedista, “bailarina” o lavador de pratos, “*slum Cannon*” é a cozinha, Tio Sam é “*the man*”, guerra é “*fuss*”, italiano é simplesmente “*it*”, japonês é “*dirty jap*” ou “*nip*”, alemão é “*germ*” e para terminar “*rabbit hunting*” designava caça ao alemão, mas havia muitos outros (Bondesan,1947).

Eliseu se expressava na gíria de sua terra natal. Para ele, comida era “chepa”, e “chepeiro” era o comilão, “vou ouvir ronco” designava mentira, “vou me divertir” ou “vou gozar” era o mesmo que vou guerrear ou “vou matar alemão”, arranjos das operações dos soldados eram nomeados como “moamba”. As gírias brasileiras eram antigas, “vovô”, por exemplo, designava canhão desde a Revolução de 1932. Mas outras se desenvolveram na guerra como “as lurdinhas”, apelido dado às metralhadoras alemãs.

Eliseu de Oliveira guarneceu esta região juntamente com sua companhia, a 3ª cia do I batalhão do 6ºRI. Dirigiu-se a um morro onde trabalhou como sentinela. O nervosismo era geral nessa ocasião (Bondesan,1947). O tenente Gonçalves relata que em Ospedaletto a apreensão era perceptível no semblante dos pracinhas. Aquela situação inédita os deixou temerosos de início, eram muito cuidadosos nas marchas, evitando ao máximo serem vítimas das fatais minas germânicas (Gonçalves; Maximiliano, 2008:73).

O alto comando Aliado ordenou ao Destacamento da FEB que mantesse contato com o inimigo. Os alemães recuavam para o norte, ocasionando que os primeiros lances da FEB fossem sem contato com os alemães. Zenóbio da Costa via a situação como algo que desprestigiaria a FEB, logo ele procurou o conflito e conseguiu permissão do general Crittenberger para modificar sua articulação inicial. Reforçou o contingente com a entrada do 2º batalhão e ordenou ao Destacamento FEB que se dirigisse sobre as linhas: Massarosa, Bozzano, Monte Communale, II Monte, C. Castello e S. Stefano (Brayner,1968:159,160; Moraes,1947:77).

Os batalhões se dividiram, ficando o 1º com Filetole,-Monte Ghilardona, o 2º com ia em direção a Bozzano-Vecoli e o 3º deixou a reserva do regimento e partiu para Le Corti-Bozzano (Brayner,1968). Para o assalto dessas localidades foi escolhido à forma de rodízios para saber quais os homens designados para tais missões, e os locais a serem ocupados. Chiesa, Massarosa e Bozzano foram ocupadas simultaneamente, porém o inimigo já havia abandonado essas posições. Em Bozzano, o pelotão do tenente Gonçalves foi recebido com grande festa, mas alguns vilarejos receberam a FEB com desconfiança (Gonçalves & Maximiliano,2008). A V Coluna espalhava o temor entre as populações italianas dizendo que os brasileiros eram homens selvagens, capazes das mais terríveis crueldades (Bondesan,1947).

A FEB permaneceu esse início de campanha sem contato com o inimigo, devido às deficiências do exército Aliado agravadas pelo período de chuvas. A falta de reservas e resistência inimiga foram fatores que impulsionaram a estagnação dos exércitos Aliados na frente italiana. Waack utiliza o relato pós-guerra do marechal Kesselring. Este comenta que, apesar das forças Aliadas possuírem uma grande combinação de tanques, aviões, infantaria e equipamento de comunicação, a pressão Aliada era forte o suficiente. Segundo ele, as tropas se estagnavam por muito tempo ao conquistar um ponto, dando oportunidade para o recuo e o alinhamento dos exércitos de Kesselring por toda a linha dos Apeninos ao norte da Itália. Junto com o cansaço físico veio à moral abalada dos exércitos Aliados que não conseguiram derrotar no tempo estimado um inimigo teoricamente inferior. O V exército ainda estava distante de Bolonha, sua única opção era empreender pequenas ações para manter contato com o inimigo. A FEB e a *Task Force 45* eram reconhecidas pelo marechal Alexander como tropas de “segunda qualidade”, por isso foram designadas para manter o contato permanente com o inimigo (Waack,1985).

Em Massarosa, o exército alemão percebeu a presença de uma nova unidade atuando com os aliados, mas os alemães não souberam distinguir que a unidade

era de origem brasileira. Segundo Waack, dois soldados brasileiros foram aprisionados pelos nazistas em Massarosa, eles foram interrogados e revelaram informações de extremo sigilo aos alemães. Para Waack desde Massarosa, os alemães já tinham conhecimento que a nova unidade era constituída de um regimento de infantaria, reforçada por um batalhão de artilharia e uma companhia de tanques. Os alemães se equivocaram somente ao classificar a FEB como subordinada a 92° DI norte-americana. Numa demonstração de racismo os alemães classificam em seus relatórios a nacionalidade dos pracinhas da FEB como “negra”.

Zenobio da Costa compreendeu que somente ao norte além da linha Camaiore – Monte Prano – Monte Valimono seria possível que a FEB entrasse em conflito com o inimigo, para enfim penetrar na Linha Gótica, onde os alemães se apoiavam nas montanhas apenas para resistir ao V exército (Moraes,1947:78). O alto comando da FEB conseguiu informações da presença inimiga além da linha Camaiore em direção a Castel Nuovo di Garfagnana. Nessa localidade estavam estacionadas as unidades pertencentes a 42° DI alemã (Castello Branco,1968:198). Camaiore se destacava como um grande centro de abastecimento do Vale do Pó que situava entre a Linha Gótica. Sua conquista resultaria no recuo do inimigo para Monte Prano desarticulando a defesa inimiga. As reações inimigas até a essa altura da guerra se limitavam à artilharia de morteiros e aos campos de minas, enquanto isso a confiança das tropas depois da ocupação de Massarosa aumentou de forma surpreendente (Brayner,1968).

Mascarenhas ordenou ao capitão Ernani Ayrosa do 1° batalhão do 6°RI que preparasse seu batalhão para o próximo ataque, e no dia 18 de setembro o 1° e 3° batalhões do 6° RI ocuparam Camaiore com grande facilidade. Os pracinhas que conquistaram Camaiore eram em sua maioria da região do Vale do Paraíba, foram eles os primeiros a ocupar uma cidade italiana. As tropas germânicas não conseguiram oferecer uma resistência forte aos pracinhas da FEB (Brayner,1968). Nesse mesmo dia o Destacamento FEB dominou a rodovia pelo lado norte na linha Meschino – Castello – Milgliano – Monsagrati – Cuco- Lucca (Moraes,1947).

Os alemães recuaram para as alturas de Monte Prano, e no dia 19 a FEB se preparava para concentrar seu ataque nas regiões da Linha Gótica, incluindo Monte Prano (Moraes,1947). Os batalhões do 6° RI se dividiram para um melhor cumprimento da sua missão, o 1° batalhão se dirigia para oeste, o 2° batalhão partia pelo leste em direção a Fibbiano e Auticiana, e o 3° ia pelo centro lançando-se sobre Rodinaja (Brayner,1968).

A Cia de Eliseu não fez parte da ocupação de Camaiore. Mascarenhas deslocou a 3ª Cia do 1º batalhão nas operações de conquista de Monte Prano, seguido de Monte Valimona e Monte Acuto (Moraes, 1947:80). A 3ª Cia seguiu caminho até o vilarejo de Chiatre. De forma simplória e limitada devido a sua visão de soldado, Eliseu relata que a guerra lhe parecia sem graça até esse momento. Durante uma viagem e outra, as tropas recebiam a alimentação em latas ou caixinhas. Eram designados por cores: “azul era café da manhã, amarelo era o almoço e cinza o jantar”. Eram diversificados e dosados com precisão, os sabores eram os mais diversos como: queijo, doces, bolachas, refresco, café, patê, cigarros, combinações de carne, feijão e macarrão eram misturados com água quente para sopa. Quando a água quente estava em falta os pracinhas comiam a massa seca que, segundo Eliseu era agradável.

Em Chiatre a soldadesca se afeioou muito com os seus habitantes. Durante três dias, as tropas saíam durante a noite procurando as “*signorine*” de Chiatre, moças jovens e estudantes. As moças tinham o costume de cantar durante a noite, “*Io voglio tanto bene, Questa parola d’amore*”. Os brasileiros suspiravam ao ouvir as donzelas (Bondesan,1947). Além da companhia das “*signorine*”, as tropas se afeioaram com a menina Tosca e seu irmão mais novo, Remo. Tosca e Remo eram umas das tantas crianças que viviam apenas com as mães, enquanto seus pais lutavam anos e anos na guerra. Comovida, a mãe de Tosca contava para Eliseu e os demais sobre a violência e brutalidade das tropas germânicas. Os alemães fuzilaram grande parte da população masculina de Chiatre, nem mesmo o padre da igreja escapou das torturas. Grande foi a comoção na despedida dos pracinhas em Chiatre. O menino Remo se agarrava às vestes dos pracinhas, insistindo para que ficassem, enquanto a mãe das crianças chorava alto, soluçando (Bondesan,1947).

As tropas marcharam até Piazzano, onde Eliseu recebeu a primeira correspondência de seus pais. Com grande alívio Eliseu mostrava para Dona Maria, senhora que os hospedou em Piazzano. Lia aquelas dezenas de linhas de seus irmãos, mãe e pai como um fortificante diário. A saudade de casa era enorme: “No estrangeiro a gente sente uma falta do Brasil!!... É como se um pedaço do nosso corpo, um membro, o próprio coração houvesse sido arrancado!... eu vivia pela metade; a outra parte do meu ser estava do outro lado do Atlântico. Minha mãe, meu pai, meus irmãos... S. José dos Campos, S. Paulo, o Brasil...” (Bondesan,1947:54).

Em Piazzano, Eliseu teve a oportunidade de conhecer um pouco sobre os nazi-fascistas e simpatizou-se muito com o marido de Dona Maria. Este homem (que não

tem seu nome citado no livro) foi um dos muitos italianos que escaparam do fuzilamento. De acordo com suas informações, a Gestapo¹⁶ (Lenharo,1994:87), com o auxílio da Ovrá (Polícia Política de Mussolini) escolhiam suas vítimas entre as pessoas mais abastadas. Este homem pôde salvar a toda sua família graças a um abrigo que foi construído em seu jardim. Eliseu teve a oportunidade de visitá-lo, levantou o fundo falso sobre a grama e se encantou com a engenhosidade do abrigo.

As atitudes selvagens dos alemães causaram grande ódio entre as populações civis. Junto à residência de Dona Maria havia uma forca que chamava atenção pelo enxame de moscas que a rodeavam. Dona Maria contou a Eliseu e seus amigos um episódio da violência germânica acontecida algumas semanas antes da presença da FEB no vilarejo. Os alemães enforcaram um jovem que se rebelou contra os nazistas, a ponto de lhes atirar pedras. Essa atitude insana do jovem não podia passar sem uma punição por parte dos nazistas, e invadindo a casa de Dona Maria, usaram a mesa da sala como suporte para que o jovem se apoiasse, depois retiraram a mesa para que seu corpo ficasse suspenso ao enforcá-lo. O jovem tentou desatar o laço, mas teve os braços decepados com golpes de sabre. Eliseu duvidou daqueles fatos de início, mas ao ver a família do jovem aos prantos diariamente no local da execução, passou a dar mais crédito a história (Bondesan,1947).

A Gestapo, SS e demais instituições preparavam os alemães no total espírito do “nacional-socialismo”. Eram doutrinados no elogio da raça ariana, da força, da disciplina e da militarização. Acreditavam que o motor da história seria a desigualdade das raças e a busca do espaço vital (*Lebensraum*). Dessa forma, os jovens nazistas eram doutrinados numa filosofia que entendia que o espaço vital só poderia ser conquistado através da luta, e a guerra seria uma maneira defensiva de adquirir esse espaço. Por isso todo cidadão nazista devia cuidar da defesa da raça ariana para a purificação das sociedades. Doutrinados dessa forma tão eficiente não é de admirar que os alemães despejassem sua violência nas populações italianas, que eram um povo aliado.

As tropas SS, por exemplo, atuavam nas unidades Caveiras (os que guardavam os campos de concentração), no Serviço de Segurança (sobre a espionagem ideológica do partido) e por último o Centro de Questões de Raça e Povoamento. Cumpriam seus deveres religiosamente fazendo uso da violência para o bem do movimento

¹⁶ “*Geheime Staatspolizei*”, Polícia Secreta do Estado. Era comandada pela SS, e estava responsável de criar um Estado de Terror.

nazista. Planejavam assassinatos e os assumiam publicamente, como no caso citado por Eliseu da execução do jovem em Piazzano (Lenharo, 1994:62,66,73,75).

Os soldados alemães que a FEB enfrentou eram em sua maioria veteranos que haviam lutado em varias frentes do exército alemão. Waack traça um perfil do inimigo da FEB ao utilizar o relato pós-guerra do general Barão Eccart von Gablenz comandante da 232° DI alemã. A DI que mais entrou em contato com a FEB. Segundo Gablenz os elementos da 232° DI foram reunidos em meados de 1944 no campo de *Wildflecken*. As tropas da 232° eram constituídas de soldados já cansados da guerra, vindos da frente russa. Muitos haviam sido feridos em combate. Outros eram reservistas na faixa etária de 40 anos, e 10% do efetivo eram constituídos de garotos de 17 anos. Entre as varias deficiências destacam-se: efetivo reduzido de 9 mil homens por DI, 1500 a menos que as DI normais, soldados pouco familiarizados com a armamento devido ao atraso na entrega pelos almoxarifados germânicos, falta de munição, falta de transporte, sendo necessário que os alemães fizessem uso de um grande número de mulas e bicicletas para o transporte e a precariedade do material de comunicação (Waack,1985:40-46).

Eliseu e seus companheiros de guerra deixaram Piazzano sob as bênçãos de Dona Maria: “*Póvero ragazzo!... Questa guerra maledetta!... Questa Italia tutta bruciata!... Dio stará con lei. Un giorno ritornerà al Brasile a vedere su mamma, su babbo, tutti quanti...*” Seu destino era o Monte Valimona onde era planejado o primeiro ataque ao inimigo que o pelotão que Eliseu fazia parte iria empregar. No dia 23 Eliseu e seus camaradas atingiram a localidade de Santa Maria. Neste local tiveram uma alimentação bastante farta. Um soldado gracejava “estão engordando a gente pra matança”. Passaram a noite no morro, fora da Vila, no outro dia deveriam atacar o Valimona que era vizinho de Santa Maria. No outro dia os pracinhas foram batizados com o sibilar dos canhões da FEB que lançavam seus projeteis numa casa em Valimona que estava sendo usada por italianos espiões dos nazistas. Depois que a presença dos espiões cessou os nazistas revidaram o fogo com sua artilharia. Eliseu e seus amigos se protegiam enquanto as artilharias de cada lado trocavam tiros. Ele descreve a sensação que sentiu no seu batismo de fogo: “Qual é a sensação de quem é bombardeado pela primeira vez? Não sei explicar. As granadas sibilavam sobre nossas cabeças. Passavam como estrelas cadentes, assobiando, descrevendo uma parábola sobre nossas posições e indo despedaçar-se mais abaixo” (Bondesan,1947:60-63).

Portelli analisa o uso da segunda pessoa, “você” nos relatos dos veteranos do Vietnã e percebe que por detrás de suas palavras os veteranos querem dizer que a

experiência de guerra não pode ser contada, apenas sentida (Portelli,2010:191). Eliseu convida o leitor a sentir a sensação do bombardeio. Tal sensação se torna impossível de se explicar com palavras.

A companhia a que Eliseu pertencia recebeu a ordem para atacar o Monte Valimona pela madrugada. Eliseu e seus amigos não podiam esconder sua empolgação, “o que queremos é gozar”, afirmava um. As reações dos soldados antes do batismo são diversas, Geraldinho de Guará mantinha o olhar estático na foto de sua noiva, como quem esta prestes a se despedir. O pracinha Silveira repreendeu aquele que acendeu um fósforo imprudentemente, mas para sua surpresa o autor do ato é um superior, o tenente Fagundes.

Eram cerca de 88 alemães muito bem posicionados com suas 88 “lurdinhas”. Possuíam a vantagem do terreno e da artilharia, restava aos pracinhas o valor individual para superar o poderio germânico. Vagarosamente os pracinhas se movimentam pelo morro. Eliseu estava no 7º grupo e foi um dos primeiros a subir. Estando a alguns metros no inimigo, o sol aparecia revelando o posicionamento dos pracinhas que já não era desconhecido. Os alemães começam a atirar. Agora o batismo de fogo estava completo. Eliseu e seus amigos se arrastaram em direção a um matagal próximo onde revidavam as balas das terríveis “lurdinhas”. Eliseu explodiu de euforia:

Foi uma fuzilaria dos demônios. Safa! Era bala por todos os lados. A cobra fumou à vontade. Fumou, tragou, encheu de novo o pito, porque a manhã estava pra ela!

Alguns colegas soltavam uivos de animação

- Malha de duro, que os homens “é fraco”!

- Um gaúcho, que se gabava de ateu, apelava para a Virgem Maria e malhava fogo que era um gozo.

- Estou gozando! Estou me divertindo minha Santa!”(Bondesan,1947)

A companhia de Eliseu atirava incessantemente mantendo certa vantagem, mas logo a munição chegava ao fim. Não havia reforços e não era possível executar o remuniamento. Chovia muito, e os brasileiros foram obrigados a recuar sob fogo cerrado. Por sorte, os alemães não sabiam da deficiência da companhia. Caso contrário, teriam concentrado fogo sob o recuo brasileiro. Depois que os ânimos se acalmaram a companhia foi reorganizada. O sargento Pierre escolheu os elementos da patrulha que analisaria os resultados do último ataque. sargento Pierre chamava os nomes. Eliseu foi o segundo a ser chamado, juntamente com Geraldinho, Valera, Quinquinha e outros. Seguiram costeando o

morro, até que as balas das metralhadoras alemãs sibilavam por suas cabeças, era o contra-ataque alemão que não tardaria em terminar.

A patrulha venceu a resistência inimiga e conseguiu aprisionar quatro soldados nazistas, enquanto observava o restante que partia para a retaguarda. Eliseu de Oliveira foi premiado com a Cruz de Guerra de 1º Classe pelo feito de ter rendido cinco soldados alemães que se encontravam abrigados dentro de uma residência italiana¹⁷ (Motta, Tomo III). Pelas informações obtidas pelos prisioneiros, o *Valimona* ainda dispunha de 25 soldados. Na verdade, os brasileiros descobriram que eram 88 alemães. Eliseu e seus amigos receberam as rações de jantar, e na tarde do dia 24 de setembro lançaram o segundo ataque sobre o *Valimona*. Os alemães fizeram os brasileiros recuarem com o intenso fogo de sua artilharia, mas às 11 da noite a companhia de Eliseu fez seu último lance tomando de vez aquela elevação (Bondesan, 1947, 66-73).

Eliseu percebia a expressão de alívio dos soldados alemães, por saírem vivos depois de anos defendendo seu país, mas ao mesmo tempo percebia certo temor da parte deles devido aos inúmeros boatos propagados pela V Coluna que dizia que os brasileiros eram homens praticantes da antropofagia. Eliseu chegava a duvidar se aqueles homens feitos prisioneiros eram os mesmos que executaram o jovem em Piazzano com grande selvageria. E ressalta: “Chego às vezes a formular um pensamento: que o alemão, individualmente, é um bom sujeito, mas transfigura-se em demônio quando reunido à malta” (Bondesan, 1947).

Tico Antunes relatou sobre a disciplina do soldado alemão podia ser percebida pelos pracinhas, mesmo depois de capturados. No episódio de Fornovo di Taro, última missão da FEB, Tico Antunes era um dos pracinhas responsáveis por conduzir um grupo de 600 soldados alemães, pertencentes a 148º DI alemã rendida naquele local. Os prisioneiros alemães marchavam 50 minutos e descansavam 10 minutos. Em uma dessas paradas, o grupo de alemães correu em debandada em direção a um trigal. O subtenente gritou em alemão para que voltassem. Logo os alemães surgiam no meio do trigal, um a um recolocavam-se em marcha (Antunes, 2008). No campo de luta, o soldado alemão era um indivíduo com uma determinação sem igual, no contra-ataque alemão sobre a Cota 906, durante a ofensiva do outono, o tenente Gonçalves relatou sobre o espanto que teve ao

¹⁷ A Cruz de Combate de 1º Classe era a condecoração destinada aos soldados que realizassem façanhas individuais. Essa era uma das principais condecorações da FEB que se dividiam em: Medalha do Sangue do Brasil (por ferimento), Medalha de Campanha (outorgada a todos os pracinhas) e Medalha de Guerra, por aqueles exerceram atividade ao nível de esforço de guerra.

ver uma dupla subindo a elevação altivamente. Enquanto o primeiro atirava, o segundo recarregava a metralhadora (Gonçalves; Maximiliano,2008).

Portelli constatou que a memória dos veteranos de guerra utiliza inúmeros dispositivos para lidar com o passado traumático da guerra. Fórmulas, imagens, metáforas, absolvição são alguns dos dispositivos utilizados pela memória. A idéia de animalidade é uma metáfora utilizada pelos soldados para se absolver da culpa de tirar a vida de outro ser humano. Por outro lado marca a passagem da perda de humanidade por parte do soldado (Portelli,2010:202).

O batismo de fogo no Monte Valimona proporcionou a Eliseu de Oliveira e seus companheiros sensações jamais sentidas em um ambiente civil. A ansiedade, empolgação, satisfação, a adrenalina sentida em matar outro ser humano esta a vista nas frases: “O que queremos é gozar”, “A cobra fumou à vontade. Fumou, tragou, encheu de novo o pito, porque a manhã estava pra ela!”. Eliseu de Oliveira demonstrou os resultados de seu treinamento. A instrução ministrada a ele, e o discurso de Vernon Walters o convenceu de que o alemão era um indivíduo que merecia a morte. Não a arrependimento ou distanciamento entre o ser que narra (Eliseu veterano) o ser narrado, (Eliseu combatente) seu júbilo e exaltação é o mesmo sentido em seu batismo de fogo no Monte Valimona.

As palavras “uivos de animação”, “demônio”, malta” demonstram a perda da humanidade entre os soldados na comunidade de guerra, tanto entre os aliados e os inimigos. Eliseu se adapta a comunidade de guerra, sua memória estabelece estratégias para sobreviver. Percebemos uma mudança em seu comportamento desde o episódio do piloto sendo incinerado dentro de seu avião, no momento do primeiro bombardeio e o batismo de fogo.

O deslocamento para o Vale do Rio Sérchio

A FEB teve suas primeiras baixas nestas ações iniciais de combate de Camaiore à Monte Prano, porém o número de baixas foi mínimo. No dia 26 de setembro Monte Prano caiu em mãos dos brasileiros. O saldo de baixas foi de cinco mortos e dezessete feridos. Com base nas informações retiradas dos prisioneiros alemães, o Destacamento FEB descobriu que a existência de artilharia pesada ao norte de Castel Nuovo di Garfagnana e que logo, um batalhão da 42º DI alemã se deslocava para guarnecer Castel Nuovo. A presença de batalhões inimigos da 42º DI alemã foi constatada ao norte de Stazzema-Vergemoli, e no Vale do Serchio em Gallicano e Barga. O Quartel-General da FEB emitiu as seguintes ordens: progredir em direção a Castel Nuovo e manter

contato com a Task Force 45. A intenção do General Zenóbio era deslocar o 1º e o 3º batalhão em direção ao Vale do Rio Serchio, enquanto o 2º batalhão atuaria na zona montanhosa a oeste (Moraes,1947).

Segundo Brayner, a euforia e a confiança adquirida pelo alto comando da FEB durante as ações iniciais da campanha repercutiram numa ingênua subestimação do inimigo. O QG da Força Expedicionária decidiu empregar o grupamento tático em um *front* amplo demais para os seus totais efetivos. Para Brayner, a decisão mais sabia seria se naquele momento a FEB já dispusesse de toda a 1º DIE para então lançá-la no Vale do Rio Serchio. Apenas no dia 22 de setembro os 2º e 3º escalões partiriam para o Teatro de Operações. Juntos os dois escalões totalizavam um número de 10.500 homens. Cordeiro Faria e Falconiere da Cunha vieram junto com os escalões para se juntar ao alto comando da FEB na Itália (Brayner,1968).

No dia 1 de outubro, o grupamento tático já havia se deslocado para o Vale do Serchio. Aconteceu que nessa altura da campanha, o general Crittenger ordenou que o 1º batalhão do 6º RI recuasse para a cidade de Camaiore para atuar como tropa de reserva. A decisão do general norte-americano foi principalmente devida às operações do litoral do Tirreno, onde o general visava maior importância. Deslocou o 2º Grupo de Obuses para reforçar a 92ª DI constituída de negros norte-americanos para o sucesso nessa região. A decisão de Crittenger foi contestada pelo alto comando brasileiro que encararam tal ordem como um desrespeito a uma unidade que havia tido sucesso até o momento (Brayner,1968).

O alto comando Aliado e o alto comando da FEB iniciavam seus primeiros desentendimentos que se prolongaram por toda a campanha. Do lado brasileiro, os militares de patente mais elevadas estavam otimistas diante das vitórias de Camaiore e Monte Prato. Subestimavam o inimigo devido à falta de agressividade dos alemães no início das manobras do Serchio. Chovia incessantemente em todo o Serchio, isso prejudicava as manobras de guerra que se limitavam em patrulhas no início de outubro. Além disso, a preocupação inicial do inimigo era concentrar seus esforços em Castel Nuovo, localidade fundamental para a defesa da Linha Gótica.

O alto comando da FEB planejava lançar toda a 1º DIE no Vale do Reno após conquistar o Serchio, por isso lançam todo o 6º RI no Serchio. Era uma ação muito grandiosa para um único regimento. Além disso, as companhias haviam se dispersado ficando muito distantes uma das outras desde o desenrolar da campanha, começando em Massarosa até as operações do Vale do Serchio. Do lado norte-americano, Crittenger

não hesitava em desfalcara FEB para cumprir suas metas de conquista do Tirreno (Castello Branco,1960).

No dia nove a FEB se deslocava pela primeira vez para a região de Barga – Gallicano, mas não conseguiu vencer a forte defesa germânica que se fez naquela região (Moraes,1947). O desfalque do 1º batalhão prejudicou muito o grupamento tático que já atuava numa frente muito ampla para seus efetivos, agora o grupamento tático dispunha apenas do 2º e do 3º batalhão (Brayner,1968).

A 3ª cia do 1º batalhão tinha a função de reserva do Destacamento FEB (Castello Branco,1960). Como recompensa pela conquista do Monte Valimona, foram agraciados com um descanso de 15 dias em San Casciano. Eliseu e seus amigos aproveitaram a estadia para visitar a localidade de Lucca, esta ultima vítima de uma grande mortandade devido à selvageria dos nazistas que mataram muitos civis.

Em San Casciano, Lucca e em toda Itália a prostituição era sem igual. O pracinha como qualquer soldado, de qualquer nacionalidade, depois de empreender batalhas de vida ou morte, se delicia na companhia feminina quando tem a oportunidade de se distanciar do *front*. Paulo, paulistano de nascimento era descendente de italianos, viajou para a Itália antes da guerra, fez amizade com os pracinhas, ele fazia questão de indicar a Eliseu e seus camaradas os melhores bordeis de Lucca.

Em San Casciano Eliseu de Oliveira conhece Oreana. Oreana havia sido acolhida na casa de Léo, um ancião que se compadecera da menina que há pouco tempo havia perdido os pais em um bombardeio. O velho Léo recebeu Eliseu de Oliveira com muita cordialidade: “*Bravo... Eco nostro Eliseu! Veni adesso, veni beber un bichier...*”, dizia Léo. Oreana se simpatiza com Eliseu, no dia seguinte ele volta à casa de Léo para vê-la. Eliseu constata que aqueles tempos de guerra foram suficientes para que em menos de um dia, Oreana e ele se apaixonassem.

Eliseu, era jovem, vivia a cada de dia o risco das operações de guerra. Oreana dependia unicamente da boa vontade de Léo, não tinha família, nem um lugar para morar. Durante os 15 dias que esteve em San Casciano, Eliseu visitava Oreana todos os dias. Para a surpresa de Eliseu, o velho Léo e os habitantes de San Casciano não se incomodavam com suas visitas. Para os italianos, o namoro entre as moças e os soldados era comum naqueles tempos de guerra. Angustiado por saber que teria que deixar San Casciano, Eliseu prometeu que levaria Oreana com ele para o Brasil. Oreana, em silêncio, sorriu incrédula, pois sabia que era uma das muitas promessas proferidas pelos soldados

nas nações Aliadas. Para Eliseu, Oreana e a menina Tosca são as lembranças mais agradáveis que ele tem do conflito mundial (Bondesan,1947).

Para Michael Pollack o indivíduo ao realizar o esforço de rememoração retorna diversas vezes a um acontecimento marcante, muitas vezes sem relação com a narrativa. São os “marcos da memória.” Se a lembrança repetida é de uma pessoa, Pollack a conceitua como “personagens freqüentados por tabela”, ou seja, são personagens que viveram ou não, de forma indireta com a pessoa, mas que se tornam conhecidas ao indivíduo através da rememoração. Pollack ressalta que tais elementos “passam a fazer parte da própria essência da pessoa” (Pollack,1992:2). Há personagens constantemente descritos no relato de Eliseu, primeiramente as mulheres dos países subjulgados pela Alemanha, sempre merecem um comentário de Eliseu. Oreana é constantemente relembrada no desenrolar dos acontecimentos. Eliseu utilizada das lembranças destas pessoas para descrever determinados acontecimentos do conflito.

Na entrevista coletiva Vicente de Oliveira responde que apenas namorou depois da guerra. Tico Antunes diz que os únicos pracinhas que namoravam eram o “saco B”, ou seja, os da retaguarda (Coletiva,2009). Mas segundo Jarbas Dias Ferreira o soldado brasileiro namorava as italianas “com a maior facilidade do mundo”. Segundo ele, quando os combates mostravam-se mais acirrados nenhum soldado se distanciava do *front*, mas isto não acontecia em momentos de trégua. Nestas horas os pracinhas saiam em pequenos grupos, ou sozinhos para tomar banho, fazer a barba, regalias indisponíveis na frente de combate. Pergunto se passeavam pela cidade todos juntos: “É ia... às vezes ia viu, às vezes ia sozinho... quando mais interessava a gente ia sozinho”. Este “quanto mais interessava” remete aos encontros amorosos entre os pracinhas, pois logo depois Jarbas refere-se aos bailes organizados entre os pracinhas e os civis italianos: “*botaro nossas filhas pra bailare ali os irresponsabili*” (Ferreira,2007).

No dia 11 de outubro a FEB estava completa com a chegada do restante da 1º DIE. Desembarcaram em Livorno e se deslocaram para o local de treinamento em San Rossore. A PBS estaria incumbida de fornecer o material de guerra ao restante da 1º DIE. O material de guerra demorou trinta e cinco dias para chegar às mãos dos pracinhas, os Órgãos de Serviço só receberam todo seu material no dia 22 de novembro (Moraes,1947). Segundo Brayner, a burocracia norte-americana contribuiu muito para o atraso da entrega do material de guerra. Brayner revela que parte do material foi desviado pela 92º DI norte-americana.

Quando o material foi devolvido, muitas embalagens estavam trocadas de forma desordenada. O resultado disso foi que o 1° e 11° RI tinham uma potência de fogo inferior ao 6° RI. As tropas não receberam as carabinas 0.30, nem tão pouco as pistolas *Colt 45*. Em troca receberam os antiquados fuzis *Springfield* e metralhadoras de mão (Brayner,1968). Mascarenhas critica os norte-americanos ao dizer que a instrução foi muito prejudicada com o atraso da PBS, percebeu-se isso durante o batismo de fogo do 1° e 11° RI que não causou boas impressões.

O dia 22 de outubro era a última data provável do fim período da instrução de combate. Tentando evitar enviar “cordeiros aos lobos”, o QG da FEB deslocou o local de treinamento para Filetoni, uma localidade mais próxima do *front* (Moraes,1947). A confiança do restante do 1° e 11° RI aumentou ao manterem contato direto com seus irmãos de armas do 6° RI, já batizados pelo fogo germânico (Brayner,1968).

Em San Casciano circulava o boato de que os 2° e 3° escalões vieram substituir o primeiro escalão, que havia sido destruído no início da campanha. Tudo não passava de boatos. Eliseu comenta que a atuação da V Coluna nazista era intensa, diferentemente no Brasil, onde os agentes nazistas permaneciam na clandestinidade. Na Itália, muitos espões se infiltravam entre as tropas Aliadas ou entre a população local. Eliseu percebeu, ao enfrentar o exército alemão, que os germânicos tinham pleno conhecimento da situação tática dos brasileiros. Todos os tiros da artilharia alemã representavam perigo para os brasileiros, pois os quintacolonistas passavam com precisão as informações sobre o posicionamento das tropas.

Agentes da V Coluna enviavam falsas correspondências no nome de alguns pracinhas. As famílias dos brasileiros acreditavam nas mentiras da V Coluna, acreditavam que os pracinhas estavam gozando férias em San Casciano. Os familiares dos pracinhas no Brasil repreendiam os jovens da FEB via correspondência por atitudes que nunca tiveram. As correspondências dos pracinhas passavam pela censura militar que não permitia menção de cidades e de acontecimentos bélicos. Isso comprova a falsidade das correspondências que chegavam às famílias brasileiras, escritas por agentes da V Coluna (Bondesan,1947).

O alto comando recebeu mais informações sobre a presença inimiga que se concentrava cada vez mais na região de Castel Nuovo. No dia 14 o alto comando da FEB conseguiu permissão do IV Corpo para liberar o 1° batalhão e lançá-lo na região de Borgo Mozzano e Pian de la Rocca.(Moraes,1947)

A 3ª cia se deslocou para Borgo Mozzano, onde passaram três dias. Os norte-americanos forneceram a 3ª cia agasalhos para o inverno, incluindo galochas revestidas com lã¹⁸ (Mascarenhas,1947). Também foram fornecidos rações, chocolates e cigarros, vinham em grande volume e os brasileiros faziam questão de repartir os suprimentos com a população faminta de Borgo Mozzano. Não só em Mozzano, mas em San Casciano e em toda a campanha da Itália, os brasileiros, segundo Eliseu, foram sempre muito solidários com os italianos.

Eliseu relata que chovia muito nesse período da campanha e a companhia ficou retida na cidade. As tropas freqüentavam os bares e botequins de Bozzano onde se deliciavam da garrapa. Compravam tudo que podiam nos bazares para levar alguma lembrança para o Brasil. Eliseu teve a felicidade de encontrar em Mozzano um exemplar de um jornal local de São José o: “São José dos Campos”.

A 3ª Cia seguiu rumo para Fornaggi que seria a ponta-de-lança para o próximo ataque dessa companhia, assim como aconteceu em Santa Maria. A artilharia nazista desceu fogo intenso sobre a 3ª Cia, enquanto se deslocava para Fornacci. Por pouco Eliseu de Oliveira escapou da morte. A viatura em que viajava derrapou, ficando dependurada a beira do desfiladeiro. O motorista do caminhão tomou a liderança no salvamento, saiu primeiro do caminhão, seguido dos demais combatentes.



Figura 33: Globo Expedicionário – dístico da “Cobra fumando”

Fonte: www.anvfeb.br

A 3ª Cia armou as barracas para o acampamento em Fornacci. Como de costume, Eliseu caminhava solitariamente (talvez sem permissão) pelas cercanias do acampamento, onde procurava aliviar a tensão do clima da guerra. Foi durante esses

¹⁸ Por recomendação de Eurico Gaspar Dutra, ministro da guerra, que havia sugerido a confecção de um escudo no uniforme da FEB com o dístico da cobra fumando, em sua visita ao alto comando na FEB em 17 de outubro, a FEB completava sua vestimenta de guerra, totalmente diferente do Exército de Caxias.

passeios que conheceu a jovem Flávia. Eliseu não achava Flávia tão bonita quanto Oreana. A impressão que ela lhe passava era de tristeza e melancolia. Flavia lhe contara sua história. Estava para se casar quando, no ano de 1940, seu noivo foi convocado para defender a pátria. O noivo de Flavia era um antifascista, logo os nazistas descobriram o segredo do jovem. Depois disso Flavia não teve mais notícias de seu noivo.

Os soldados violentaram Flavia a fim de puni-la por ser esposa de um antifascista. Eliseu a visitava todos os dias. Ela morava junto com Dona Anunziata, viúva, que tinha um filho que partira para a guerra. Flavia e Eliseu passavam horas conversando. Dona Anunziata, temerosa de início, permanecia perto dos dois, mas com o tempo, passou a confiar em Eliseu, deixando-os sozinhos. Eliseu revela que sentia desejo por Flavia, mas mantinha seu pensamento em Oreana. Eliseu repousava na cadeira fumando. Flavia mantinha o olhar estático em Eliseu, se juntou a ele, necessitando de carinho. Ambos dormiram varias noites juntos, aliviando suas tristezas do ambiente de guerra. Flavia não temia Eliseu, julgava que ele fosse um “*buon ragazzo*” (Bondesan,1947).

Eliseu fez mais outras amizades entre os italianos. Luigi, era conhecido por ser o informante do exército Aliado, ao conhecer a 3ª Cia. Luigi sempre fornecia valiosas informações sobre o inimigo que se posicionava mais a frente. Os pracinhas retribuíaam a ajuda de Luigi repartindo parte das rações diárias que recebiam dos norte-americanos. Brasileiros e italianos eram reciprocamente generosos, Luigi, por exemplo, para agradecer as rações diárias, convidava os pracinhas para beber vinho e comer uma deliciosa polenta italiana. Os pracinhas aceitavam a oferta, felizes por quebrar a rotina de alimentação das rações K.

Eliseu recebeu uma encomenda de seus pais, contendo cigarros, doces e chocolates. Eliseu distribuiu todas as guloseimas entre seus companheiros e também para a família de Luigi. Eliseu ressalta que eram freqüentes as irregularidades, os extravios de encomendas no serviço de retaguarda.

Luigiana e Iglia eram as filhas de Luigi, Eliseu se divertia levando-as para a igreja, ou para as vendas locais que comercializavam artigos religiosos, mas também trabalhavam com bebidas. Em meio ao sagrado e ao profano, Eliseu não deixava de apreciar o vinho local em companhia das filhas de Luigi. Deliciando-se com o manjar de Baco, Eliseu ouvia as melodias napolitanas que, a pedido dos pracinhas, era tocado na casa de um vizinho de Luigi que possuía uma vitrola. Eliseu de Oliveira se distanciava da guerra, ouvindo melodias como: “Danúbio Azul”, “La Paloma” e “La Donna é Móbile”, mantinha seus pensamentos na jovem Oreana.

A 3ª cia mantinha seus homens em sentinela nas cercanias de Fornaggi, fornecendo apoio à artilharia contra possíveis ataques das baterias germânicas que estavam estacionadas à 200 metros de distancia da Ponte Santa Helena. Eliseu e seus camaradas receberam a ordem de partir para a cidade de Barga e recomeçar a ofensiva. A despedida de Fornaggi foi marcada de choro e emoção, Iglia e Luigiana choravam muito, Luigi permanecia imóvel. Essa amizade rápida e repentina entre os pracinhas e os italianos era muito comum durante o conflito. Luigi atua uma ultima vez como informante de guerra, revelando a 3ª Cia que os alemães estavam reforçados com um contingente maior, maior material bélico e ainda mantinham a vantagem do terreno montanhoso (Bondesan,1947).

De fato, os alemães tinham um conhecimento do terreno montanhoso, muito superior à FEB. O tenente-coronel Edu Vargas, comandante do 3º pelotão de fuzileiros da 2º Cia do 1º batalhão, citou o exemplo da Cota 670. Neste local os brasileiros perceberam que os alemães utilizavam um sistema de túneis que proporcionava fácil acesso aos defensores da trincheira principal. (Motta,Tomo VIII)

O QG da FEB tinha o objetivo de conquistar as posições de Molazzana, Calomini, Treppignana e Lama Di Sopra. Zenóbio da Costa pretendia lançar o Destacamento FEB nessas posições até 21 de outubro, mas Crittenberger interferiu nos planos de Zenóbio ordenando que o Destacamento FEB apenas guarnecesse as posições conquistadas. Também ordenou que o 1º batalhão, juntamente com uma companhia do 2º batalhão retornasse novamente para a retaguarda até receberem novas ordens. Segundo Mascarenhas, a decisão do general norte-americano foi motivada por informações tiradas dos prisioneiros alemães capturados de 19 a 20 de outubro. Elas revelaram aos brasileiros, a posição dos alemães que estavam se reagrupando em San Quirico, Lama Di Sopra e mais adiante em Castel Nuovo. Outro motivo importante para Crittenberger seria aguardar a substituição das tropas alemãs pelas tropas italianas, para desencadear o ataque com mais tranqüilidade (Moraes,1947).

As Divisões italianas que a FEB combateu eram a San Marco de fuzileiros, a Bersaglieri da infantaria, a Littorio de granadeiros e a Monterosa de montanha, com um efetivo de 20 mil homens. As tropas italianas que Crittenberger aguardava eram pertencentes a DI Monterosa, o batalhão Aosta da Monterosa, e o batalhão Brescia mais a frente em Castel Nuovo.

As DI eram formadas por veteranos cansados da guerra, vindos das campanhas da Abissínia, Rússia e África, mas se encontravam entre os veteranos jovens reservistas de 18 e 19 anos. De fato, as unidades italianas eram subordinadas aos alemães,

mesmo quando substituíram a DI alemã, alguns oficiais alemães permaneceram com as DI italianas para facilitar na adaptação do terreno (Gonçalves; Maximiliano,2005).

O alto comando da FEB se esforçava para recuperar os desfalques ocasionados pela decisão de Crittenberger. No dia 22 de outubro o IV Corpo permitiu que o 1º batalhão do 6º RI voltasse para junto dos seus (Moraes,1947). Em Barga, a 3ª companhia se preparava para desfechar o ataque sob as posições alemãs as 14:00 horas. Às onze horas os alemães desceram fogo sob as posições brasileiras, antecipando o conflito. Os pracinhas foram surpreendidos enquanto cavavam os abrigos, se esconderam sob os acidentes do terreno para se proteger das rajadas das “lurdinhas”. O saldo de baixas da 3ª companhia era zero, todos haviam se protegido do ataque surpresa do inimigo. Sentiam-se como veteranos de guerra, destaca Eliseu. Diferentemente do Valimona onde a situação inédita do conflito ocasionou algumas baixas, desta vez todos tinham pleno conhecimento da arte de guerrear.

O Tenente Fagundes designou José Octaviano Soares, de Campinas, e Eliseu de Oliveira para observar as posições inimigas. Posicionaram-se no alto de uma rocha, utilizando seus binóculos, Eliseu ressalta sua impressão sobre os tedescos:

Os alemães - é bom frisar, distinguiram-se por um perfeito conhecimento da arte de guerrear. Vigiavam nossos movimentos e era outra oportunidade em que se nos anteciam ao ataque... Tinham por objetivo – matar e o realizavam fria e calculadamente como bons soldados que eram... Há de reconhecer nesses combatentes, uma experiência de velhas coçotes em assuntos bélicos. Eram, também corajosos, de uma coragem fanática e barbara. Morriam, como tive oportunidade de presenciar, soltando glutuais “Heil Hitler (Bondesan,1947)

A constatação de Eliseu de Oliveira sobre o perfil do soldado alemão não era nem um pouco longe da realidade. Waack traça um perfil do inimigo da FEB ao utilizar o relato pós-guerra do general Barão Eccart von Gablenz comandante da 232º DI alemã. A DI que mais entrou em contato com a FEB. Segundo Glabenz os elementos da 232º DI foram reunidos em meados de 1944 no campo de *Wildflecken*. As tropas da 232º eram constituídas de veteranos da frente russa, soldados já cansados da guerra.

Eliseu de Oliveira nunca saberia das dificuldades que aqueles veteranos que guerra passaram na campanha da Itália. Waack constatou que muitos alemães da 232º haviam sido feridos em combate. Junto com os veteranos, havia reservistas na faixa etária

de 40 anos, e 10% do efetivo eram constituídos de garotos de 17 anos. Entre as várias deficiências destacam-se: efetivo reduzido de 9 mil homens por DI, 1500 a menos que as DI normais, soldados pouco familiarizados com a armamento, devido ao atraso na entrega pelos almoxarifados germânicos, falta de munição, falta de transporte, sendo necessário que os alemães fizessem uso de um grande número de mulas e bicicletas para o transporte e material de comunicação muito precário. Essas deficiências no seio do exército alemão premeditavam a derrota da Alemanha, mas os soldados alemães lutaram com bravura diante dos brasileiros (Waack,1985:40,41,42,43,44,45 e 46).

Eliseu constatou que os alemães eram treinados para matar, fria e calculadamente (Bondesan,1947). O tenente Gonçalves registrou o caso da morte do tenente Barbosa, morto durante a tentativa de ocupação de Gallicano. Depois de conquistarem o Monte Cardoso, foi ordenado ao 3º pelotão da 1º Cia que executasse uma missão de patrulha nas proximidades de Castel di Cascio. O tenente Barbosa liderou o 3º pelotão. Os soldados estavam temerosos dos perigos da missão de patrulha. Entraram no vilarejo de Gallicano e foram avisados pelos habitantes da presença de alemães no vilarejo. O inimigo estava muito bem posicionado e dispunha de alto poder de fogo.

Os soldados relutavam em prosseguir, mas Barbosa esbravejava ordenando que prosseguissem. Os alemães avistaram a presença do pelotão brasileiro. A vários metros esperaram que se aproximassem e os cercaram pela retaguarda. Os brasileiros se entrincheiraram numa residência próxima, pela janela, Barbosa defendeu a posição com alguns disparos. Um tiro disparado por um atirador de elite atingiu o centro do rosto de Barbosa. O pelotão foi rapidamente cercado pelos flancos, a artilharia brasileira desceu fogo sob as posições alemãs para garantir a retirada dos brasileiros.

A 5º cia do 2º batalhão estava próxima de Gallicano, garantiu a retirada do pelotão até a posição anterior. Diante do erro de um oficial brasileiro, os alemães friamente causavam baixas aos seus inimigos. Quatro brasileiros foram aprisionados nessa operação, entre eles o cabo Amyntas Pires de Carvalho que se tornou grande amigo de Eliseu de Oliveira no campo de prisioneiros de Moosburg (Gonçalves; Maximiliano,2005:88,89 e 90).

Em Barga, Eliseu observava os alemães recuando sob o intenso fogo dos brasileiros. Os brasileiros decidiram ocupar aquela elevação enquanto o inimigo estava em desvantagem para se preparar para o contra-ataque alemão (Bondesan,1947). No dia 28, a meta do general Zenóbio era empreender o 1º e 3º batalhões numa ação conjunta na conquista de Lama di Sotto e San Quirico. O 2º batalhão seguiria isolado em ações de

patrulhas no setor oeste do Serchio. Iniciadas as operações no dia 30, à 1ª cia conquistou Sommocolonia, Cota 906, Lama di Sotto e Prodoscello. A 2ª cia conquistou La Rochette, e a 3ª Cia, que Eliseu pertencia, lançou seu ataque em Pian de los Rios e Colle. A 7ª Cia se preparava para lançar seu ataque a *San Quirico*.

A 3ª Cia se apossou de algumas habitações para à defesa de Barga, logo desceram a elevação e marcharam em direção a San Quirico. A artilharia alemã fazia a recepção da 3ª cia sob ferro e fogo. Chegaram ao pé do San Quirico, os alemães estavam muito bem posicionados no cume da elevação. Eliseu avançava com o pelotão do tenente Fagundes sob forte chuva, suas botas atolavam na lama e a chuva atrapalhava seu campo de visão. Conquistaram a primeira habitação que foi ocupada pelas tropas da retaguarda, seguiram para a direita em direção a um casarão. A conquista do casarão garantiu a trégua temporária do inimigo. A companhia de petrechos se posicionou no casarão (Bondesan,1947).

A primeira derrota da FEB – Eliseu aprisionado

Na noite do dia 31 de outubro o pelotão tenente Fagundes assegurava a posse de San Quirico. O 7º grupo guarneceu sua posição em uma habitação abandonada. Revezavam-se a cada trinta minutos na sentinela. Eliseu era responsável pelo segundo turno. Por volta da meia noite, Eliseu cedeu o posto de sentinela para o soldado José Octaviano Soares: o Noronha. A chuva havia cessado, o clarão do luar iluminava aquela noite. Noronha, natural de Campinas, temia que o inimigo os atacasse no momento que a lua se escondesse na escuridão das nuvens. De fato, os alemães contra-atacaram com um enorme poder de fogo, o 7º grupo revidava como podia sem perceber que já por volta das três da manhã, estavam sem comunicação com as outras companhias.

Estavam assustadíssimos, pararam de atirar temendo atingir seus companheiros mais a frente. O tenente Fagundes estava na casa ao lado, o sargento Joel Carlos Borges, natural de Campinas, estava fora de combate, doente no seu leito. Restavam apenas os pracinhas que não chegavam a uma conclusão do que fazer. Estavam na casa o sargento Borges, o soldado Noronha, o cabo José Rodrigues: o Piolin de Campinas, o cabo Waldemar Reinaldo Cerezoli, o soldado Oswaldo Mauricio Varela, Alcides Ricardini Neves, Anezio Pinto Rosa, ambos da capital paulista, Hilario Furlan, de Amparo, Oswaldo Cassimiro Muller, do Paraná, Alcides Lourenço da Rocha, de Minas Gerais, Geraldo Flausino Gomes, de Mogiana, João Muniz dos Santos, do Rio Grande do Sul, Hamilton da

Silva Costa, de Mogi das Cruzes, João Sant'Ana: o Bigode, de Jacarei, Manuel Correa, Antonio Julio e Eliseu de Oliveira.

Os pracinhas perceberam que os alemães haviam avançado pelo terreno e que logo estariam cercados. Nenhum deles chegava a um acordo, não sabiam se deviam esperar reforços ou romper o cerco alemão. Eliseu tomou a palavra e se ofereceu para ir procurar o tenente Fagundes. O sargento Borges designou Waldemar para acompanhar Eliseu de Oliveira. Depois de uma breve espiada, saíram da casa, avançavam com muito cuidado até que uma rajada de metralhadora assobiou por suas cabeças. Abrigaram-se provisoriamente debaixo de uma madeira bem grossa. Eliseu deslizou no matagal e lançou uma granada sob o grupo de alemães, depois de alguns tiros sob aquela posição, os alemães se silenciaram. Retornam para a habitação sob orientação do sargento Borges.

O sargento Borges não sabia como orientar seus homens, e estava perto do amanhecer, o que dificultaria a possibilidade de retirada. Eliseu se ofereceu para pedir orientação ao capitão que se encontrava no sopé do San Quirico. Pediu para que Waldemar o acompanha-se novamente. Os soldados estavam apreensivos, temiam que Waldemar e Eliseu se entregassem ao inimigo, percebendo isso, Eliseu toma a iniciativa, com as mãos sobre a Bíblia ele e Waldemar prestaram juramento que voltariam junto de seu companheiros de batalha, a menos que tombassem no conflito. Percorreram 50 metros de descida quando, viram que alguém os acenara da janela de uma casa. Abrigaram-se, e perceberam que quem acenara era o próprio capitão Atratino Cortes Coutinho, comandante da 1º Companhia de Petrechos Pesados.

Eliseu percebeu que eles estavam sem comunicação, Vicente Batista, de São Francisco Xavier e José Rufino da Silva: o Gambá, muito popular em Caçapava, estavam incumbidos de estabelecer a comunicação. Junto na residência estava também o capitão Aldenor da Silva Maia, comandante da 3º cia, o tenente José Pinto Duarte, o sargento Rodoval, o sargento Cabral e o soldado José Bastos de São José dos Campos.

Vicente morreu vítima de uma rajada de metralhadora enquanto tentava estabelecer comunicação pela janela, José Rufino foi recolhido num canto depois de ter as pernas esfaceladas. O capitão Atratino repreende Eliseu de Oliveira ao velo num gesto ingênuo, indo em direção a janela para recolher o corpo do seu companheiro de São Francisco Xavier. Waldemar e Eliseu haviam se esquecido do motivo de terem procurado o capitão Atratino, depois que a ofensiva germânica abrandou-se, Eliseu e Waldemar contaram a sua história para o capitão. Atratino não tinha conhecimento da presença do 7º grupo, elogiou a coragem dos dois e ordenou que permanecessem naquele local, por que

nenhum reforço viria salvar seus companheiros do 7º grupo, deviam ficar com o capitão e aguardar o momento de empreender a retirada.

Eliseu de Oliveira interrompeu o capitão numa atitude de desrespeito, mas que aumentou a admiração do capitão por este pracinha:

Mas, com a devida licença, nós não podemos e não queremos ficar! Prometemos, juramos até que voltaríamos e não temos o direito de decepcionar nossos homens. Se não voltarmos, eles acabarão mandando nova ligação, ou tentarão uma fuga desastrosa nesta direção. E, ainda por cima, se morrerem, morrerão pensando que os traímos. (Bondesan,1947)

Atratino permitiu apenas que Waldemar volta-se, Eliseu ficaria como elemento de ligação. Eliseu percebeu que a intenção do capitão era salvar pelo menos uma vida, pois a chance de regresso sob o intenso fogo das lurdinhas era mínima. O capitão se deslocou para o outro cômodo. Waldemar se preparava para regressar junto dos seus, foi quando Eliseu tomou uma decisão que influenciaria toda a sua vida. Eliseu dirigiu a palavra ao capitão: “Capitão, peço licença para acompanhar o Waldemar. Não posso deixá-lo partir sem mim. Meu dever é regressar ao sobrado, ou morrer no caminho”. Admirado o capitão disse: “Se é esse o seu desejo, nada tenho a opor. Volte para junto de seus camaradas e que Deus esteja com vocês!” (Bondesan,1947)

Eliseu e Waldemar retornaram sob fogo intenso, as balas assoviavam por suas cabeças. Os morteiros explodiam levantando nuvens de terra. Os companheiros do 7º grupo vibravam a ver que Eliseu e Waldemar haviam retornado. Para chegar à habitação deviam passar por uma clareira, bem as vistas dos alemães. Waldemar foi primeiro, um tiro lhe raspou o ombro, mas ele chegou vivo na casa. Chegou à vez de Eliseu. Eliseu disse que encomendou a vida a Nossa Senhora Aparecida, contou até três e saiu correndo. Naqueles poucos instantes nada viu nem ouviu, entrou na casa assustado, apalpava o corpo, pois não podia acreditar que havia sobrevivido, contrariando as expectativas do capitão Atratino.

Os companheiros de Eliseu estavam aflitos e ansiosos por notícias, perguntavam-lhe se reforços estavam a caminho, como estava a situação das outras companhias, etc. Eliseu não tinha informação nenhuma para passar aos seus amigos, mentiu dizendo que o capitão telefonara pedindo mais reforços. Todos estavam posicionados no sobrado da habitação, perceberam que o inimigo ignorava a presença de brasileiros onde estavam. Podiam vê-los. Os pracinhas viam os alemães se moverem e se esconderem rapidamente pelo terreno, viam os bicos das lurdinhas que apareciam nos arbustos, depois desapareciam. Alguns elaboravam estratégias salvadoras, mas todos

sabiam que deveriam resistir até o fim. Só havia duas opções: aprisionamento ou morte, por isso não estavam atemorizados, apenas aceitaram a situação (Bondesan,1947).

O sargento Joel deu a ordem que definiria o rumo de suas vidas: “Será indigno ficarmos aqui, falando à tôa, à espera que um alemão venha bater na porta e ordenar: rendam-se! O melhor é irmos lá para cima, eu, Eliseu, Geraldino, Piolin, Octaviano e Waldemar. Vamos “comer” eles na metralhadora e vocês, cá embaixo, agüentem a mão. Morram com o dedo no gatilho! Nada de se entregar!” (Bondesan,1947).

O 7º grupo tático dispunha de apenas duas metralhadoras, que não disparavam devido à grande umidade, resultado dos dias chuvosos do mês de outubro, fuzis manuais e automáticos, e algumas granadas de mão. O sargento Joel deu a ordem de fogo. Os alemães não tinham conhecimentos da presença dos pracinhas no sobrado, corriam desorientados oferecendo ótima oportunidade para os atiradores. Os alemães tombavam diante dos Garands, Mauser e Springfield. Ao serem, atingidos davam um alto brado: “*Heil Hitler*”, impressionando os brasileiros com a sua determinação e fanatismo.

Logo, os alemães descobriram a localização dos brasileiros, as lurdinhas gargalhavam em direção ao sobrado, suas balas pareciam uma chuva de granizo, a artilharia alemã não cessava levantando nuvens de poeiras próximas ao sobrado, as granadas inimigas fazem grande rombos nas paredes. Uma granada explodiu bem próximo de Eliseu, desorientado nada ouvia, apenas via seu corpo ser arrastado até o outro cômodo por seus companheiros. Viu seu amigo Noronha ser atingido por uma granada, suas vestes de banharam de sangue, Hamilton foi ferido no olho. Eliseu entrava em estado de desmaio, seus companheiros lhe davam doses homeopáticas para se reanimar (Bondesan,1947).

Devido à violência dos acontecimentos, Eliseu não conseguiu reproduzir em sua memória exatamente tudo que aconteceu naquele sobrado, apenas alguns *flashes* como pequenos pedaços de um filme. Ricoeur conceitua este aspecto do esquecimento como “memória impedida”. A lembrança não é apagada da memória do indivíduo, permanece apenas inacessível a fim de poupá-lo do sofrimento (Ricoeur, 452). Eliseu se recuperou, viu Noronha receber as mesmas doses homeopáticas que não lhe ajudaram a aliviar a grande dor que sentia. Hamilton pediu o álbum de fotografias que levava na campanha, sentado na escada observava as fotos da noiva e de sua mãe; pedia a seus amigos que jurassem que contariam para as duas que havia morrido dizendo seus nomes. Reações adversas de cada um, Eliseu escolheu voltar à luta, atirou até toda a munição acabar (Bondesan,1947).

Os pracinhas entenderam que a resistência havia chegado ao fim, jogaram suas armas no terraço para que os alemães compreendessem sua rendição. Os alemães entraram na residência, um oficial ordenou que descessem: “*Raus, Hiraus, Raus!*”. Valera foi à frente, desceram um por vez. Eliseu esbarrou no ombro em um deles que rosnando soltou uma praga em seu idioma. Eliseu sentia vontade de matá-lo, mas a situação o impedia. Para Eliseu esse é um dos episódios que lhe fazem derramar lágrimas. Os alemães haviam encontrado 13 dos 17 pracinhas que estavam no sobrado, Hamilton estava desmaiado na escada. Hamilton havia morado uma temporada em São José dos Campos, ele e Eliseu eram muito amigos. Hamilton permaneceu desaparecido depois daquele episódio (Bondesan,1947).

Piolin e Noronha estavam gravemente feridos, conseguiram se esconder no sobrado. Num gesto suicida Bigode, de Jacareí, rolou morro abaixo em direção as linhas brasileiras, ficou desaparecido, pois grande foi o fogo concentrado em sua direção. Manuel Corrêa foi trazido à ponta pés até a companhia dos demais pracinhas. Com as mãos na cabeça os 13 pracinhas foram conduzidos em direção a Castel Nuovo (Bondesan,1947).

Eliseu de Oliveira narra os acontecimentos bélicos de forma particular. Ele procura reproduzir as emoções destes acontecimentos relatando sua experiência pessoal. Isto é comum entre os veteranos de baixa patente, enquanto os veteranos de alta patente narram estes episódios através de uma linguagem técnica, demonstrando certa experiência em relatar estes acontecimentos ao público.

Na entrevista coletiva, Tico Antunes relatou com precisão muitos dos locais em que o III batalhão esteve na campanha da FEB. Vicente de Oliveira havia começado a entrevista descontraído, sentindo-se feliz em lembrar assuntos como a convivência com os amigos, etc. Mas sua expressão mudou durante as perguntas sobre os acontecimentos bélicos, as quais eram respondidas por meio de repetições das últimas frases de Tico Antunes. Sua mente revivia as lembranças da guerra enquanto Tico narrava os acontecimentos.

Tico Antunes substitui inconscientemente a linguagem técnica dos acontecimentos por uma linguagem pessoal ao se aprofundar nas operações de batalha. Tico relata que muitas patrulhas utilizava-se do “golpe de mão”, uma estratégia utilizada para eliminar uma arma hostil. Numa combinação de artilharia e infantaria. Depois de um período de silêncio, Vicente comentou que depois do fogo da artilharia a infantaria tinha que enfrentar as minas anti-tanque para aplicar o golpe de mão. Na hora marcada todos concentravam fogo sobre a arma inimiga.

Segundo Tico, dentre as operações de guerra, “a mais terrível da guerra era o golpe de mão”. Uma pausa tomou conta da entrevista, os três permaneciam de cabeças baixas, revivendo os horrores da guerra. Pergunto sobre o serviço postal, para poupá-los das lembranças. Vicente responde em tom de raiva e exclamação: “é uma droga né”. Vicente volta a falar, pois a pergunta não continha nenhum acontecimento bélico, mas ele exprime suas emoções na resposta devido às imagens da guerra que estava remembering (Coletiva,2009).

Na entrevista com Jarbas Dias Ferreira, o veterano respondia as perguntas através de uma linguagem pessoal, mas suas respostas eram objetivas e resumidas. Jarbas relata que comandava uma peça de metralhadora, suas operações eram em companhia de mais cinco homens muitas vezes em patrulha ou no buraco. Procurava formular as perguntas de forma a extrair o máximo de informações possíveis. Ele explica que, durante o bombardeio inimigo, os soldados deitavam no chão a fim de se protegerem das explosões. As minas foram responsáveis por grande numero de baixas, entre mortos e feridos, segundo Jarbas.

Jarbas se aliviava quando as perguntas retomam assuntos mais tranquilos. Depois de algumas perguntas sobre o rádio, inverno, prisioneiros, retorno às perguntas sobre as operações de guerra. Pergunto sobre as casas transformadas em abrigos, e que atitudes os soldados tomavam nas casas ocupadas por civis. Neste momento da entrevista Jarbas chorou: “Não mesmo se tivesse gente precisava-se... pilhava! Requisitava a casa e cabo... não judiava da família nem nada, mas pedia pra eles se ajuntarem num canto lá e a gente aproveitava, pegava. Isso aconteceu também comigo né... que precisei ocupa, ocupei”. Nesta hora algumas lágrimas contidas corriam em sua face, lágrimas de lembranças suprimidas diariamente, mesmo depois de sessenta e sete anos do fim da guerra (Ferreira,2007).

Naquele dia 31 de outubro de 1944 todo o Destacamento da FEB sofreu uma grande derrota para o exército alemão. Quando a guerra terminou, Eliseu de Oliveira e os demais ex-combatentes discutiam sobre o assunto, mas nenhum deles conseguia chegar a uma conclusão satisfatória. As únicas explicações que tinham era que a destruição dos meios de comunicação comprometeu a operação, ou, que as 1º e 2º cias que guardavam os flancos não apoiaram a 3º cia que estava sendo destroçada.

Segundo Castello Branco a 7º cia, que se encontrava a esquerda da 3º cia, recuou inteiramente para a região de Barga depois que sentiram seus flancos ameaçados. A 8º cia recuou de San Quirico para fortalecer as posições de metralhadoras em Barga. Nessa

ocasião os alemães tomaram a Cota 906 e 1048 (Castello Branco,1960:210). Segundo Mascarenhas, a 1º Cia recuou para a região de Catagnana, com a munição totalmente consumida. A 2º Cia recuou as posições iniciais de Sommocolonia (Mascarenhas,1947:94).

A 3º cia permaneceu totalmente isolada pela madrugada, sua única opção foi recuar sob o forte fogo germânico, porém um grupo de comando, o qual Eliseu de Oliveira pertencia, foi aprisionado na operação (Castello Branco,1960). O capitão Atratino e seus homens foram os últimos a se retirar, se deslocaram do casarão em direção ao pelotão do capitão Aníbal da 3º cia que havia recuado de San Quirico para Albiano. Durante a retirada, o capitão Atratino e o tenente Duarte davam cobertura à fuga de seus soldados que era feita por uma janela do casarão. Desciam fogo com suas metralhadoras sob os alemães, foram os últimos a sair depois que a segurança dos pracinhas estava garantida.

Duarte foi atingido por uma rajada de metralhadora nas pernas. Movido de grande desprendimento e renúncia, Atratino se expunha a mira dos alemães ao arrastar o corpo de Duarte sob o terreno, mas devido ao grande porte físico de Duarte, Atratino resolveu acomodar Duarte sob as bordas do terreno, prometendo que o resgataria. Duarte sacrificou sua vida para proteger a vida dos seus homens, depois do inverno, na ofensiva da primavera, Atratino encontrou o corpo de Duarte que estava em bom estado de conservação devido ao inverno rigoroso. A impossibilidade de não conseguir salvar a vida de Duarte foi um grande pesar para Atratino, mágoa que carregou por toda a vida. (Gonçalves;Maximiliano,2005)

A FEB sofreu o seu primeiro revés que ocasionou na baixa de 59 homens, além das perdas do tenente Duarte da 3º Cia, o aspirante Geronimo Mesquita e o sargento Geraldo Berti da 7º Cia (Castello Branco,1960). Mas quais as causas que levaram a essa derrota desastrosa para a Força Expedicionária Brasileira? No pós-guerra Eliseu de Oliveira e os demais ex-combatentes que participaram daquele episódio não conseguiam chegar a uma conclusão satisfatória. Vimos com William Waack, que as forças do general Alexander estavam estagnadas a muitos quilômetros da Linha Gotica, devido às péssimas condições do período de chuvas, por causa disso não podia se esperar nenhum tipo de apoio do exército Aliado nas operações da FEB.

Mascarenhas de Morais culpou as tropas empreendidas no ataque, segundo ele as tropas ignoraram as recomendações do IV corpo (e do comandante da FEB) de ficarem alertas para defender as regiões conquistadas de possíveis contra-ataques, pois era

costume dos alemães sempre tentar reconquistar as posições perdidas. Para ele as tropas foram descuidadas e subestimaram o inimigo. (Moraes,1947)

Brayner tem a mesma visão que o comandante da FEB, culpa a tropa pela derrota de 31 de outubro. Porém Brayner oferece outros dados relevantes, a fadiga das tropas que desde agosto não havia descansado. O restante da 1º DIE não estava preparado para substituir o 6º RI (Brayner,1968). Vimos com Brayner e Castello Branco que desde o começo da campanha, a FEB vinha travando uma campanha muito maior do que teoricamente era capaz de realizar. Chegou à Itália com um Grupamento Tático para substituir um Corpo de Exército, lançou-se numa frente de batalha muito maior do que suas forças eram capazes de combater. Castello Branco é totalmente diferente de Brayner e Mascarenhas, ele responsabiliza os oficiais do alto escalão da FEB que devido ao seu otimismo lançaram as tropas contra um inimigo tecnicamente superior (Castello Branco,1960).

Segundo Gonçalves e Maximiliano as companhias empenhadas na operação de ataque de Lama di Sotto e San Quirico tinham um efetivo inferior se comparada às alemãs. A infantaria alemã era organizada de forma diferente da doutrina norte-americana, fato que surpreendeu as tropas brasileiras. Muitas das tropas alemãs que participaram do contra-ataque pertenciam as Divisões Ligeira, especializadas no combate nas montanhas, a FEB não possuía nenhum tipo de treinamento em terreno montanhoso. O equipamento alemão era superior ao que havia sido fornecido aos brasileiros, por exemplo, a MG-42 (apelidada de “lurdinha” pelos brasileiros) cortava um homem ao meio com suas rajadas.



Figura 34: Lurdinha .



Figura 35: Lurdinha.

Fonte: 6º BIL Caçapava-SP, 2010 (MG-42 ou “lurdinha”, assim apelidada pelos pracinhas).

A FAB ainda não havia sido lançada no conflito, não havia aviões disponíveis para operações de reconhecimento. Um oficial de observação utilizou um avião da força aérea norte-americana para uma missão de reconhecimento nas imediações de Castel Nuovo. Informou ao alto comando da FEB o grande número de tropas germânicas se reunindo em Castel Nuovo, porém a informação do oficial foi dada como irrelevante.

Para Gonçalves e Maximiliano a causa da derrota da FEB foi devido ao otimismo exacerbado dos altos oficiais que se preocupavam mais com seu prestígio pessoal do que com a segurança das tropas. Lançaram as companhias em Lama di Sotto e San Quirico sem providenciar seu municiamento e o seu reabastecimento. Não providenciaram uma tropa reserva para substituir as tropas que conquistaram San Quirico e Lama de Sotto, evitando assim serem surpreendidos pelo contra-ataque alemão (Gonçalves&Maximiliano,2008).

O general de divisão Helio Portocarrero de Castro foi um dos poucos oficiais retirados do Deposito da FEB em Stafolli para assumir o comando da 7ª cia do III batalhão do 6ºRI. Helio relata que seguiu direto para San Quirico sem nenhum tipo de preparação de combate (Motta,2001). Os oficiais graduados culpavam os oficiais mais baixos, os chamaram de covardes, e sem determinação para a luta. Muito diferente dos norte-americanos que tinham o costume de assumir a responsabilidade, os comandantes brasileiros de formação francesa achavam mais fácil responsabilizar as tropas pelos seus próprios erros. Por exemplo, a relatos de que Zenóbio da Costa reuniu no seu QG a CPP1 do capitão Atratino. O general bradou com a Cia, chamando-os de covardes, foi necessário que o capitão Aldenor segurasse o capitão Atratino, impedindo que ele agredisse o general Zenobio (Gonçalves & Maximiliano,2005).

Zenobio da Costa, Mascarenhas e Moraes e outros tantos oficiais graduados cometeram atitudes de desrespeito as tropas em outras ocasiões. Anteriormente, na ocupação de Monte Prano, o coronel de Estado-Maior esbravejou com os tenentes da 1ª Cia: “Vocês ainda estão aqui? Nós estamos atrasados! Vocês estão com medo de meia dúzia de vagabundos. A pau eles saem de lá!” Numa demonstração de otimismo exacerbado (Gonçalves; Maximiliano,2005). Na batalha de Monte Castello, Zenóbio da Costa utilizou apenas o apoio da infantaria, recusando o recurso da artilharia. Ele dizia: “Não precisa! Os meus meninos tomam aquela montanha no grito!” (Haag,2010:85). No caso da batalha de Lama di Sotto e San Quirico o 1º batalhão foi totalmente abandonado a própria sorte contra um inimigo muito mais preparado (Gonçalves & Maximiliano,2005).

A memória subterrânea de um pracinha da FEB

O livro *Um pracinha paulista no inferno de Hitler* é o grito de Eliseu de Oliveira por denuncia e reconhecimento. Através do conceito de Portelli de crise de identidade, Eliseu busca o direito de cidadania e respeito, por ele mesmo, e pelos demais combatentes. Sua revolta é contra a falta de políticas de auxílio aos ex-combates, assim como o ceticismo da sociedade brasileira para com a atuação dos pracinhas.

Os boatos que desprestigiavam a FEB e a participação do Brasil na guerra iniciam-se antes das tropas partirem para o além-mar. Ferraz aborda a questão da dúvida propagada pela autoria dos torpedeamentos dos navios mercantes brasileiros. “Será que os Estados Unidos torpedearam nossos navios para forçar o Brasil a partir para a guerra?” Esta deveria ser a dúvida de alguns. Ferraz esclarece a existência de documentos da marinha alemã que comprovam a autoria dos torpedeamentos por parte dos nazistas.

Eliseu relatou que, na cidade de Lins, no noroeste paulista, a população acreditava que a FEB era constituída de estupradores. Com o tempo que as tropas permaneciam na cidade, a população percebeu que os boatos não eram confiáveis.

Cytrynowicz aborda que os brasileiros interessavam-se mais pelos assuntos polêmicos da Força Expedicionária Brasileira, como as dificuldades no recrutamento, a seleção medica ineficaz, o treinamento ineficiente, os namoros entre pracinhas e italianas, e suas atitudes displicentes na frente de combate, etc (Cytrynowicz,2002). Os acontecimentos que marcaram a atuação da FEB não são explorados nos ambientes civis, apenas as narrativas referentes aos “soldados trapalhões”, terminologia utilizada por Carlos Haag para designar os pracinhas que cometeram erros durante a campanha, são estudados (Cytrynowicz,2002). A história da FEB é mais estudada pelo lado negativo do que o positivo.

A “cobra fumando” é uma questão que representa toda esta situação vivida pela FEB. Opiniões diziam “que seria mais fácil que a cobra fumasse do que a FEB partisse para a guerra”. Estas questões nos remetem a pensar nos motivos da descrença da população no envio da FEB. Teria a população brasileira vivido ativamente o período da guerra? A população não teria se sentido um agente participante do conflito depois que elementos do seu meio partiram para o além-mar?

Segundo Rubem Braga, correspondente de guerra dos Diários Associados na campanha da FEB, o mesmo ceticismo impregnado na população e nos pracinhas durante o embarque em 1944 era motivo de perguntas 40 anos depois do fim do conflito, tais como: “Mas o Brasil entrou mesmo na guerra? É verdade que a guerra para os

brasileiros foi uma passeata paga pelos americanos? Aquilo lá era uma farra formidável, não era? (Cytrynowicz; apud Silveira & Mitke,1983).

Para Cytrynowicz através dos relatos e registros de guerra percebemos que a conflito não alterou a rotina da população brasileira. A população não possui uma memória coletiva sobre a Força Expedicionária Brasileira, pois não se sentia participar ativamente da guerra (Cytrynowicz,2002).

O governo esforçava-se por meio da propaganda e da ideologia a fim de difundir o clima de guerra e estimular os esforços do *front* interno. Segundo Cytrynowicz através de relatos de pessoas que viveram este período na capital paulista, percebemos que suas lembranças remetem apenas às filas para comprar pão, os carros movidos a gasogêneo, os exercícios de *black-out*, etc. Apenas no Rio de Janeiro e cidades litorâneas as lembranças da guerra foram mais presentes (Cytrynowicz,2002). Não havia ameaça de invasão do território brasileiro que estimulasse o sentimento de defesa da pátria. Conseqüentemente, uma população que não se sente participante do conflito questionava o papel dos pracinhas enviados para a guerra.

A memória de Eliseu de Oliveira pode ser tratada como memória subterrânea, segundo a análise de Michael Pollack. Analisamos anteriormente que tais lembranças encontram-se na fronteira do esquecimento e do silêncio, do “não-dito” e o inconsciente reprimido, resultado de mal-entendidos e punições por parte da sociedade civil. Longe de conduzir ao esquecimento, estas lembranças são transmitidas em redes familiares e de amizade. Uma vez rompido o tabu, as memórias subterrâneas adquirem o caráter reivindicativo (Pollack,1992).

Um exemplo destas reivindicações são os conflitos durante a entrevista coletiva entre Benedito Antunes de Andrade, José dos Santos e Vicente de Oliveira. Vicente de Oliveira relata certos acontecimentos dos quais Benedito Antunes critica, pois acredita que possam denegrir a imagem da FEB. Para Vicente a entrevista é uma escuta da qual pode revelar todos os fatos silenciados de sua história com relação a FEB.

Benedito Antunes adere ao silêncio como mecanismo de defesa, resultado do ceticismo da população desde o fim do conflito. Por isso Eliseu enfatiza inúmeras vezes que “prometeu a si mesmo dizer a verdade”, mesmo nos assuntos ligados a romances. Segundo ele, a “verdade” é o seu foco em primeiro lugar. Porém isto não quer dizer que seu relato é a verdadeira história da FEB.

Através da experiência pessoal de Eliseu podemos traçar um perfil do soldado brasileiro. O pracinha da FEB se destaca entre muitos indivíduos eliminados no

processo de seleção do corpo expedicionário. O Brasil de 1942 substituía sua economia agrário-exportadora pela economia industrial. A maior parte era pobre, provinda da população rural. Os indivíduos eliminados nos processos seletivos resultam desta realidade brasileira.

Utilizando a terminologia de Carlos Haag, os “cidadãos-soldados” da FEB provinham da reserva do exército. Eram especializados nas mais diversas profissões civis. Isto era um fator que os diferenciava dos soldados alemães, experimentados com cinco anos de conflito.

Eliseu de Oliveira parte com seus companheiros para o Teatro de Operações da Itália sem o período de adaptação na África do norte. A pressa do governo brasileiro em alinhar a FEB com as forças aliadas na frente de combate, ocasionou a antecipação desta etapa do treinamento da FEB. Os expedicionários do 1º grupo tático foram incumbidos de substituir o Corpo Expedicionário Francês. Sua frente de combate era muito mais ampla e difícil, porém para as partes envolvidas nos tramites políticos, tais assuntos não eram importantes. A questão era assegurar o *status* internacional que o Brasil conseguiria com o pós-guerra acima de tudo.

Embora Eliseu relate que o soldado norte-americano demonstrasse sua amizade para com os brasileiros, os alto-escalões do exército norte-americano viam a FEB como empecilho as operações de combate. Não estavam interessados em fornecer todo o material de guerra, vestimentas, transportes, assistência médica, alojamentos metódicamente como haviam sido negociados entre a administração Roosevelt e Vargas. O atraso no armamento, os uniformes velhos, os fuzis anteriores a Primeira Grande Guerra são o resultado do descaso dos norte-americanos.

O curto período de treinamento em Vada não foi suficiente para preparar os expedicionários para a guerra na frente européia. Para Eliseu, em Vada “a instrução de combate adquiriu caráter mais serio”, ou seja, ele mal podia compreender que a doutrina militar estava sendo alterada. A doutrina francesa, da guerra estática de trincheiras, era considerada ineficaz para com a doutrina alemã da “guerra relâmpago”. A doutrina francesa é substituída pela norte-americana e assimilada pelos pracinhas em um curto espaço de tempo, período insuficiente para o treinamento. Percebemos isto pelas inúmeras reações durante o batismo de fogo.

Enéias relatou que seu batismo de fogo foi marcado por forte concentração de fogo alemão. Isto aconteceu depois de um disparo de um pracinha assustado alguns instantes antes da ordem de abrir fogo (Oliveira, 2008). Segundo Tico Antunes, a guerra

nos Apeninos era como uma guerra de guerrilhas (Andrade,2008). A FEB aprendeu as estratégias de combate na própria guerra. A FEB não havia sido treinada na guerra de montanhas, porém o V exército possuía a 10ª Divisão de montanha, especializada neste tipo de combate.

Os pracinhas se destacaram na campanha, mesmo com todas as dificuldades mostraram adaptação e rápida aprendizagem à situação de guerra. Eliseu recebeu a Cruz de Combate de 1ª classe por sua atuação no Monte Valimona. Na batalha de San Quirico ariscou sua vida saindo de seu abrigo para procurar reforços pela elevação. Recebeu o respeito e admiração do capitão Atratino por sua demonstração de amizade para seus companheiros. Preferiu voltar ao abrigo e resistir à ofensiva inimiga, atitude que ocasionou seu aprisionamento.

A derrota nas operações de Lama di Sotto e San Quirico é caracterizada por Mascarenhas de Moraes como o primeiro revés da FEB (Moraes,1947). Esta derrota foi ocasionada pela ânsia de *status* e poder desejado pelo alto escalão da FEB. Enviaram tropas cansadas, mal remuniçadas para um setor fortemente protegido pelo inimigo.

Capítulo 3

O inferno de Hitler

A vida de um prisioneiro de guerra

Eliseu e seus amigos foram aprisionados pelas tropas alemãs na região de San Quirico. Os remanescentes do grupo tático foram conduzidos em marcha até Castel Nuovo, local de grande concentração de soldados alemães (Bondesan,1947). Amynthas Pires de Carvalho, aprisionado pelos alemães em 22 de setembro de 1944 relatou que Castel Nuovo era local de um centro de recebimento de prisioneiros de guerra (Motta,Tomo VIII).

Eliseu de Oliveira marchava sob os gritos dos alemães: “*avanti, brutti*”. Os alemães estavam furiosos, a resistência do grupo tático brasileiro de apenas 17 homens, resultou na morte cinco homens e vinte cinco feridos do lado inimigo. Eliseu percebeu o ódio dos alemães, resultado da morte de um oficial da SS muito estimado pelas tropas germânicas. Os alemães conduziram os brasileiros até uma residência escolhida para ser o local de fuzilamento. No térreo, onde fica normalmente o estábulo das típicas casas dos Alpes italianos, os pracinhas foram alinhados na parede, cada companheiro ficava de frente para o outro. Os alemães acertavam os detalhes da execução. Eliseu de Oliveira via a sua vida inteira passar diante de seus olhos. Antes da ordem de fogo, um oficial alemão entrou no estábulo dizendo: “*Brazilianisch nicht caputti!*”, “brasileiro não deve morrer!”. Eliseu de Oliveira não acreditava no que aconteceu. Haviam sido salvos como nas cenas dos filmes que ele assistia no Cine Paratodos em São José dos Campos. Ao que parece, a origem os brasileiros foi respeitada, soldados de outras nacionalidades seriam mortos sem piedade (Bondesan,1947).

Utilizando o conceito de “marcos” da memória de Pollack, percebemos as inúmeras repetições de lembranças da cidade de São José dos Campos. No desenrolar do relato de Eliseu. São José dos Campos ocupa um lugar privilegiado, ampliada neste momento pela importância do contexto de guerra. Pollack classifica como lugares da memória, as lembranças de locais ligados a certos acontecimentos pessoais ou coletivos (Pollack,1992:2,3). Nos segundos derradeiros da execução de Eliseu, sua memória o conduz a rememorar às lembranças de São José dos Campos.

Segundo o cabo Amyntas Pires de Carvalho, matar prisioneiros de guerra, mesmo desarmados, era corriqueiro entre os alemães, russos e até mesmo entre os brasileiros (Motta, Tomo VIII).

Os alemães transformaram os pracinhas do grupo tático em padioleiros. Os brasileiros carregavam os alemães feridos em combate sob as padiolas. Um dos pracinhas foi advertido de morte depois que derrubou a padiola e o ferido, ambos no desfiladeiro. De uma caminhada cansativa, passou a uma caminhada desesperadora, pois no meio do caminho a aviação Aliada lançava suas bombas sob a marcha alemã.

Altino Bondesan registrou uma mensagem que Eliseu de Oliveira deixou para as novas gerações de brasileiros:

Menino brasileiro que porventura me lê: tome nota disso que estou contando. Imagine o sofrimento de soldados mal nutridos, caminhando sob a inclemência do sol, após dois dias e uma noite, sem descanso. Caminhando e levando o peso de feridos inimigos. Tome nota disso, menino brasileiro. E peça a Deus que no mundo de amanhã, no “seu mundo, já não exista na face da terra essa coisa brutal, desumana, cruel e estúpida que se chama – guerra! (Bondesan,1947).

A *Luffwaffe* foi praticamente varrida dos céus, por isso o relato de Eliseu é marcado pela constante presença dos bombardeios Aliados sobre as posições alemãs. Impulsionados pela abertura da frente ocidental no nordeste da França no dia 6 de junho de 1944, a aviação Aliada causava um grande efeito psicológico no exército alemão com os constantes bombardeios que vieram a seguir. A França havia sido libertada em 26 de agosto numa operação conjunta de tropas anglo-americanas. Na frente oriental, o exército alemão não conseguia impedir o avanço das forças soviéticas que libertavam todo o leste europeu.

Depois da libertação da Ucrânia em 1943 os soviéticos iniciaram a ofensiva de verão de 1944 na região dos Bálcãs. Para proteger os territórios do *Reich* a *Wermacht* deslocou a maior parte de seus contingentes na defesa dos Bálcãs. Os alemães temiam a ofensiva comunista, pois havia o sentimento revanchista pelos grandes massacres das populações civis em seu território. Era a “guerra – pátria” dos soviéticos onde nenhum alemão seria poupado. Por outro lado a propaganda de Goebbels e a opressão da SS incitavam os soldados alemães a resistir. O exército vermelho libertou a Criméia, Finlândia, Polônia, Romênia, Bulgária e Bielo-Rússia, ambas declararam guerra à Alemanha. A Iugoslávia e a

Grécia foram libertadas por suas próprias forças. Os *partizans* do general Tito derrotaram as forças nazistas e entraram na capital da Iugoslávia em outubro de 1944. A Grécia foi libertada na resistência conjunta dos guerrilheiros monarquistas e comunistas. Com a libertação, o país foi governado pelo arcebispo de Atenas, favorável aos Aliados ocidentais (Pedro,1994).

No dia 16 de novembro os brasileiros passaram a noite presos em um casarão. Eliseu pode observar mais de perto a conduta do soldado nazista, alguns guardas vigiavam os prisioneiros brasileiros e um grupo de 16 homens das forças partigiani. Havia algumas mulheres guerrilheiras com eles, Eliseu ficou impressionado com a frieza dos alemães, as guerrilheiras se insinuavam aos alemães para conseguir alguma vantagem, os alemães as ignoravam friamente. Eliseu não acreditava como aqueles homens cumpriam cegamente as ordens de seus superiores com seriedade e afinco. Negando os instintos mais naturais do homem no cumprimento do dever (Bondesan,1947).

Os SS eram doutrinados em um universo que prezava o militarismo. Dessa forma seu universo é estritamente homossexual segundo Palmier, com a aberta exclusão e segregação das mulheres. Caberiam as mulheres o ato da procriação e da doutrinação da criança na ideologia do regime. O homem era criado para a guerra, para a decisão, para o trabalho (Lenharo,1994).

O cabo Amynthas relata um episódio que presenciou em Castel Nuovo e nos ajuda a compreender a conduta do soldado nazista. O conflito com os aliados se aproximava cada vez mais do campo de prisioneiros de Castel Nuovo. A artilharia Aliada castigava as cercanias do local, Amynthas corria apavorado, enquanto os alemães resistiam ao fogo aliado com suas metralhadoras, e rindo de Amynthas, ignoravam o contra-ataque Aliado com o maior desdém. Amynthas se impressionou ao ver um oficial alemão que havia sido atingido na bota por um estilhaço de projétil de morteiro. O oficial alemão apenas retirou o estilhaço da bota com o maior sangue-frio e continuou a resistência daquela posição (Motta,Tomo VIII).

Desde o dia 31 de outubro os brasileiros não ingeriam nenhum alimento. Eliseu reproduzia em sua saliva o sabor dos guisados servidos no bar de seu pai (Bondesan,1947). Amynthas relatou que ficou sem comer desde sua captura até sua estada no campo de prisioneiros de Castel Nuovo (Motta,Tomo VIII). Através da fome os alemães torturavam os brasileiros. Para Eliseu e seus amigos, a tortura não era o pior, o pior era a situação de serem prisioneiros de guerra, incapazes de lutar pelo seu país. Às 11 horas, uma gorda senhora italiana trouxe um pedaço de pão preto e alguns pedaços de

marmelada alemã, essa refeição serviu apenas para aguçar o apetite, diz Eliseu. Depois da refeição Eliseu suplicava um pouco de água. Sorrindo, a italiana perguntou ironicamente: “*Wasser? Wasser? Já! Já!*”. Enquanto a água não chegava, um alemão pegou uma garrafa de vinho no canto e perguntou em italiano: “*Volete un biechier?*”. Eliseu fez um gesto afirmativo com a cabeça, o alemão virou a garrafa com a boca para baixo, a garrafa estava vazia, e ele gargalhava de sua aparente superioridade perante os brasileiros. Talvez arrependido, buscou um pouco de água para Eliseu e seus amigos. A sede era muito mais torturante do que a fome.

Os partigiani eram mais bem alimentados do que os brasileiros. Eliseu comentou que viu uma senhora italiana, bem robusta, servir uma sopa fumegante a seus compatriotas. Os partigiani se compadeciam dos brasileiros, mas temiam ser repreendidos pelos guardas se aproximassem dos brasileiros. Eliseu e seus amigos sabiam que os partigiani seriam fuzilados (Bondesan,1947).

Tico Antunes e Vicente de Oliveira demonstraram sua estima para com os partigiani. Segundo Tico Antunes cada companhia possuía um guerrilheiro partigiani que exercia a função de reconhecimento do terreno. Segundo consta, os partigiani foram muito estimados pelas tropas. As frases de Vicente e José dos Santos: “Ah os partigiani, como ajudaram”, estão cheias de emoção ao lembrarem dos partigiani. Certo momento da entrevista ocorre um conflito entre Vicente e Tico. Vicente lembrou que os partigiani levavam bebidas alcoólicas na frente de combate: “tinham as pinguina né”, Tico o repreende: “É, eu não tinha, ceis quiseram” (Coletiva,2009).

Portelli discutiu o conceito de animalidade adquirida pelos homens durante contexto de guerra, podemos perceber nos relatos dos pracinhas sobre os partigiani. Segundo Tico, os partigiani adquiriram o costume de exibir a quantidade de alemães que haviam eliminado através de um risco que faziam no cabo da pistola: “Cada um que ele matava ele marcava num... tinha gente que não tinha mais onde marca”. Os três veteranos riem neste momento (Coletiva,2009). As circunstâncias históricas produziram um sentimento de ódio entre partigiani e alemães. A morte era a única alternativa a um partigiani capturado.

A senhora italiana, pediu para que o guarda permitisse servir as sobras das refeições dos partigiani para os brasileiros. O guarda permitiu com certa indiferença, ela dividiu em canecas um pouco de uma sopa rala para cada pracinha. A piedosa senhora prometeu que voltaria para lhes oferecer um café mais tarde. Enquanto se restabeleciam com a sopa, Anesio e Piolin, que retornaram do tratamento no hospital alemão e se

encontraram com seus demais companheiros. Estavam pálidos e abatidos, os pracinhas não conterão a alegria de ver aqueles companheiros, dos quais haviam dividido as mais duras situações; mesmo com muita fome compartilhavam a sopa com os dois. A senhora italiana se dirigia para servir o café, observava os brasileiros com grande pena. Um dos alemães se compadeceu dos pracinhas, ofereceu uma lata de ração contendo três pães pretos. Essa era a quantidade de pães utilizada costumeiramente para alimentar 15 prisioneiros.

Segundo Amynthas depois da primeira noite como prisioneiro em Castel Nuovo, foi despido de suas roupas de inverno, jaqueta, blusa, gorro, luvas e até mesmo sua bota, que estava cheia de feno para ajudar na proteção contra o frio (Motta, Tomo: VIII). Emilio Varoli, 1º tenente do 11º RI, nascido em São Paulo foi capturado pelos alemães no ataque de 12 de dezembro em Abetáia. Tornou-se amigo de Eliseu em sua estada em Moosburg. Varoli relata que estava sofrendo os efeitos do “pé de trincheira” (gíria que designa o congelamento dos pés) no momento de sua captura. Os alemães o conduziram a uma longa subida pelo Monte Castello. Havia chovido muito e o terreno permanecia elamaçado, tornando a subida mais difícil para Varoli que permanecia com os pés insensibilizados. Posteriormente os norte-americanos explicaram que aquela longa marcha tinha a objetivo de restabelecer a circulação dos pés (WWW.grandesguerras.com.br). Um prisioneiro mutilado não seria de utilidade nenhuma para os alemães.

Os alemães conduziram os brasileiros para o norte. Noronha permanecia em tratamento, em um posto de emergência em Serrizoli, se recuperando dos estilhaços que ainda permaneciam em seu corpo. Foi conduzido em marcha sob fortes dores com os demais. Noronha foi submetido à operação sem o uso de anestesia. Uma gaze foi colocada em sua boca durante a operação para sufocar seus gritos de dor. Eliseu de Oliveira relata que os recursos médicos utilizados naquela altura da guerra estavam quase totalmente consumidos. Os recursos médicos disponíveis eram destinados aos alemães do *front*.

Os alemães forneceram aos pracinhas uma sopa de legumes, primeiro alimento consistente depois de três dias de jejum. Todos se alimentavam como se fosse à última refeição, degustando cada colherada como o mais suculento manjar. Eliseu observava que os oficiais alemães dispunham da mesma alimentação que os prisioneiros. A alimentação dos pracinhas foi melhor naquele local, pois aquele era o Posto de Comando (PC) alemão, onde os recursos eram fartos. Não era permitido que houvesse italianos cozinheiros no seio da tropa germânica, temia-se o envenenamento.

Eliseu de Oliveira aguardava o momento do interrogatório debaixo de uma grande escada no PC alemão. Foi um dos primeiros a conversar com os “boches”,

como ele mesmo diz. Para Eliseu, o oficial que conduziu o interrogatório devia ter patente de coronel, falava o português fluentemente. Era um oficial altamente condecorado, ostentava no peito a Cruz de Ferro. Ele ofereceu um cigarro a Eliseu, que acabou recusando, os demais alemães na sala aceitaram a gentileza do coronel, e todos começaram a fumar. O coronel traduzia as respostas de Eliseu, para um tenente que participava do interrogatório:

- O senhor é do 6º RI, de Caçapava? Pode me dizer quantos homens vieram para a Itália?

- Não sei com certeza.

- Muitos? Milhares? Quantos mil?

- Não sei.

Os oficiais trocavam olhares significativos.

- É verdade que os senhores tiveram um conflito com os americanos? Quantas mortes houve?

- Isso é pilheria. Nunca brigamos com os americanos. Ouvida a tradução os oficiais encararam-me com ar de espanto.

- Afinal, que é que os senhores vieram fazer na guerra? Tinham alguma razão para lutar contra a Alemanha?

- Não... Viemos lutar por esporte. Falta de ocupação...(Bondesan,1947).

Eliseu foi advertido pelo coronel nazista que poderia sofrer sérias conseqüências se o desacatasse. Enquanto o interrogatório prosseguia, Eliseu observava assombrado a conduta dos soldados nazistas. Saudavam-se com o famoso “*Heil Hitler*”, moviam-se rapidamente, em passos mecânicos. Quando assumiam posição de sentido, permaneciam imóveis, inabaláveis, Eliseu se impressionou com tamanho rigor disciplinar.

O coronel continuava o interrogatório: “- Queremos saber se há muitos alemães no Brasil., ao que era respondido pelo brasileiro: - Há milhares, todos em excelente situação financeira. Alemão pobre, por lá, é manga de colete...” (Bondesan,1947). Inteligente, Eliseu percebeu que os alemães gostaram da sua resposta:

- Ao seu ver, quais os sentimentos que predominam no Brasil? O povo é pró, ou contra a Alemanha?

- Ora... Isso nem se pergunta! São todos a favor da Alemanha! Lá, quinta coluna é quem torce p’ros aliados... (Bondesan,1947).

Os alemães faziam perguntas sem sentido para ludibriar os interrogados, e retirar alguma resposta satisfatória:

- Qual era a sua profissão no Brasil? Técnico?
- Não. Negociante.
- E por que veio para a guerra?
- Fui convocado! (Bondesan,1947).

Eliseu não transmitiu nenhuma informação que fosse de importância para o inimigo, o mesmo aconteceu com os demais. Guilhermino André de Moraes relata que foi interrogado por uma moça que lecionava natação na cidade de Santos no estado de São Paulo. Ela perguntava:

Conta a verdade sobre a linha de frente que eu quero facilitar a sua vida aqui dentro. Não quero que você seja maltratado, desejo que relate toda a sua atividade.

Eu lhe respondia:

- Não posso dizer o que vocês querem saber, porque eu trabalhava na cozinha, era ajudante. Só conheço o movimento de lá.

Usei, portanto, uma estória de cobertura e não contei a verdade, que era o que o inimigo queria saber. Não entreguei o ouro aos bandidos (Motta,Tomo:VII).

Emilio Varoli foi interrogado por dois oficiais, um deles tipicamente prussiano e uma jovem tenente. Varoli permaneceu em fila junto com os outros prisioneiros. O oficial alemão encarava cada prisioneiro silenciosamente, mas rosnou depreciativamente ao encarar um sargento de cor parda e disse: “*Ein nigger*” (um negro!). Depois dessa demonstração de racismo, os prisioneiros foram interrogados pelo oficial alemão por meio de um interprete. Logo depois Varoli foi interrogado pela jovem tenente que o impressionou com as informações que havia obtido a respeito da FEB. Varoli tentou despistar a tenente, mas não tem certeza se revelou alguma informação importante sobre a FEB. A jovem tenente mostrou-se uma oficial muito persuasiva no interrogatório (WWW.grandesguerras.com.br).

Fato curioso foi o interrogatório de Oswaldo Cassimiro Muller, descendente de alemães, falava fluentemente o alemão. Durante o interrogatório tentava ao máximo esconder sua identidade, embora fosse difícil, pois Muller segurava-se para não soltar nenhuma gargalhada com as piadas que os alemães contavam para si. Muller foi de grande ajuda na campanha, ele traduzia todos os folhetos, jornais e avisos em idioma

alemão que pudesse informar seus companheiros. Aliás, no campo de Moosburg, os brasileiros não tinham acesso a nenhuma informação do mundo de fora (Bondesan,1947). Essa foi uma das formas que os brasileiros resistiram à prisão imposta pelos seus inimigos.

Em Serrizoli o conflito com os Aliados já se aproximara com grande velocidade e os alemães resolveram transportar os brasileiros para um local mais longe da cidade. A população de origem ítalo-germânica observava a marcha dos pracinhas, perplexa, pois os brasileiros eram soldados distintos de todos os demais prisioneiros. Muitos civis e militares perguntavam aos responsáveis pela marcha sobre qual a nacionalidade dos pracinhas. “*Brazilianisch!*”, respondiam eles, alguns não se contentavam com as respostas e apalpavam os soldados. Talvez não acreditassem que existissem pessoas brancas na América do Sul, pensou Eliseu. Ainda em Serrizoli, Eliseu avistou muitos soldados de 17 e 18 anos, convocados nesses últimos anos que a Alemanha agonizava:

Muitos desses infantes pareciam moças, mimosos e de olhos de um azul inocente... Iam para a luta, talvez nem soubessem por que... e mais adiante.

“Tive muitas ocasiões de odiar os alemães. Mas nesses instantes, eu, prisioneiro brasileiro, sentia-me, confranger o coração, ao ver aqueles pirralhos marchando para a morte, na idade em que a maioria dos rapazes de todo o mundo entram no curso secundário, ou começam a aprender ofício (Bondesan,1947).

Na cidade de Parma Amyntas presenciou as marchas dos soldados-miríns. O relato desses dois homens é muito semelhante, mesmo estando em locais diferentes. A semelhança se repete até na formação das palavras:

Era triste contemplar aqueles rapazelhos imperbes, quase desaparecendo dentro daqueles seus uniformes, pele lisa, rosada, feições delicadas, quase femininas, olhares inocentes, na faixa etária em que, em outras circunstâncias, estariam ocupando os bancos de escolas secundárias ou divertindo-se em folguedos comuns aos jovens (Motta,Tomo:VIII).

Os soldados-miríns desejavam tocar os prisioneiros, mas eram advertidos pelos guardas alemães. Os brasileiros se divertiam fazendo caretas para assustá-los (Motta,Tomo VIII).

Portelli investigou as narrativas das batalhas entre soldados norte-americanos e os “*gooks*” (vietcongues) e percebeu nos relatos dos norte-americanos o

sentimento de dúvida que surgia no momento que percebiam que os *gooks* eram seres humanos semelhantes a eles (Portelli,2010:197). No Teatro de Operações da Itália, Eliseu e Amynthas reconhecem pela primeira vez a humanidade dos combatentes alemães através dos soldados-miríns. Toda a experiência adquirida por Eliseu na guerra que negatizava a humanidade do soldado alemão, o enforcamento do jovem em Piazano, as mulheres violentados pelos alemães, a mentalidade militar introjetada pelo treinamento com o V exército, as pelejas entre brasileiros e alemães, toda esta impressão se desfaz ao analisarem o comportamento dos soldados miríns. As palavras “moças, mimosos de azul inocente” significam um momento de duvida em que Eliseu deixa de enxergar os alemães como “demônios uivantes reunidos a malta” (Bondesan,1947). Os argumentos de Amynthas são semelhantes aos de Eliseu: “pele lisa, rosada, feições delicadas, quase femininas, olhares inocentes”.

Eliseu e seus irmãos de armas foram designados a trabalhar na manutenção das estradas de Serrizoli. As estradas estavam em péssimo estado, e era crucial para os nazistas recuperá-las para transportar seus comboios para o *front*. Fazendo uso de um carrinho manual, Eliseu transportava o entulho, depois o despejava nas enormes crateras que se formaram na estrada. A manutenção das estradas esta um trabalho diário, pois, a aviação Aliada despejava diariamente suas bombas sobre as linhas de comunicação alemã. A população italiana era reduzida ao trabalho escravo na recuperação das estradas. Para evitar perdas durante o transporte, os alemães ordenaram aos seus prisioneiros que fizessem aberturas pelas estradas capazes de esconder um comboio inteiro.

Os prisioneiros deslocaram-se até a cidade de Parma. Depois de uma marcha de 24 horas, os brasileiros estavam exaustos, sedentos de sede, sujos, além do estado moral que não era dos melhores. Alojaram-se num prédio que em tempos de paz era local de funcionamento de uma escola. Prisioneiros brasileiros de outras companhias do 2º e 3º escalões se juntaram aos pracinhas remanescentes do 6º RI. Um pracinha, natural da cidade do Rio de Janeiro, teve a felicidade de encontrar pessoalmente Eliseu de Oliveira, pois ele disse que ao passar por Parma, avistou o nome de Eliseu de Oliveira e de muitos pracinhas como conquistadores daquela região. Eliseu e seus irmãos de armas embarcaram nos caminhões sem ingerir nenhum alimento, foram surpreendidos no trajeto quando avistaram que a ponte que dava acesso a San Giovanni estava destruída. Depois de alguma discussão, os motoristas alemães resolveram retornar para a cidade de Parma (Bondesan,1947).

Um grupo de prisioneiros Aliados acabará de chegar à cidade de Parma. Havia gregos, iugoslavos, romenos, russos, franceses, ingleses, marroquinos e norte-americanos, todos tinham como língua oficial o italiano. Eliseu de Oliveira se impressiona com a conduta do soldado norte-americano, segundo ele:

Pouco se lhes dava o estarem presos. Riam, brincavam, imitavam os gestos e a linguagem dos germânicos, com um “senso of humour” sobrenatural.

Sim senhores! Nós, brasileiros, até ali estivéramos sob o guante de uma profunda tristeza e, mesmo, vergonha...

Doía-nos imensamente a situação de cativos – e no entanto, nossos leais companheiros de armas, americanos, enfrentavam com a melhor disposição do mundo cativo, certos como estavam de que em breve seriam libertados!

A presença dos ianques comunicou-nos novo alento. Enfim, já não estávamos tão sós... E, estar preso, ao lado de combatentes daquela classe era uma honra, uma grande honra! (Bondesan,1947).

Amyntas relata que teve a mesma sensação de conforto ao encontrar os norte-americanos pela primeira vez no campo provisório de Mantua (Motta,Tomo VIII). Os “ianques”, como diz Eliseu, eram muito amistosos, exibiam para os demais, as fotos de suas namoradas que deixaram em sua terra natal. Muller encontrou um norte-americano, descendente de alemães, no qual pode praticar o idioma germânico.

Eliseu soube que seriam transferidos para um campo provisório em San Giovanni. De fato o campo provisório de San Giovanni havia sido transferido mais para o norte, devido ao avanço dos Aliados (Bondesan,1947). O soldado Guilhermino André de Moraes, aprisionado em dezembro de 44 e companheiro de Eliseu em Moosburg, nos relata sobre sua estada no campo de San Giovanni antes de sua desmobilização. Durante o dia permaneciam nos cercados onde não havia possibilidade de fuga. Havia uma cerca interna e a externa e uma cortina de arame farpado passava pelo meio. À noite eram transferidos para os alojamentos (Motta,Tomo: VII). Os alemães deslocavam grandes recursos militares em direção ao sul, na Linha Gótica na resistência aos Aliados. Uma quantidade sem igual de veículos, vagões, material de estradas de ferro, jipes e demais recursos que os alemães conquistaram dos países Europeus podiam ser encontrados em San Giovanni (Bondesan,1947).

Em Parma Amyntas relatou a grande quantidade de tropas alemãs provenientes das mais duras frentes de batalha. Mas havia tropas romenas, húngaras e búlgaras simpáticas ao Eixo: “Seus semblantes estampavam as marcas da guerra. Eram

indivíduos que haviam perdido as características e os valores humanos para se tornarem uma massa amorfa grosseira, monotonamente coletiva. Revelavam a inevitável certeza de ir e a dolorosa incerteza de voltar” (Motta,Tomo:VIII).

Em San Giovanni, Eliseu observa a mesma situação, eram combatentes que já haviam perdido toda sua humanidade durante essa guerra que já perdurara por cinco anos. Os mais hostis eram os alpinos tiroleses, naturais da fronteira entre a Alemanha e Itália (Bondesan,1947). No relato de Amynthas estes soldados hostis são conhecidos por ele como *Alpenjager*, eram os Caçadores Alpinos ou Tropa de Montanha, oriundos da região norte do território italiano que anteriormente pertencia a Áustria até o fim da Primeira Guerra (Motta, Tomo: VIII). Os tiroleses atiravam pedras nos brasileiros, e insultando-os diziam: “*Brasiliani razza di cani... Nieri, brutti, schifosi!...*” Eliseu relata que entre todos os inimigos que conviveu, o soldado tirolês foi o que mais lhe causou sofrimento. Em San Giovanni, os brasileiros foram obrigados ao árduo serviço de carregar madeira. Os tiroleses esbravejavam os palavreados mais baixos sob os brasileiros. Eliseu carregava tábuas sofrivelmente sob as chacotas dos tiroleses que lhes perguntavam se a tarefa era agradável (Bondesan,1947).

Portelli destaca a mudança no olhar, característica inegável do indivíduo que conviveu com os piores horrores da guerra (Portelli,2010:201). Depois de certa experiência em combate, Eliseu e Amynthas percebem a diferença entre os demais combatentes e eles mesmos. Os “olhos de soldado” marca inegável da perda de humanidade do combatente experiente, havia sido percebida por Amynthas, mas não por Eliseu. As referências de Eliseu sobre a bravura, destemor e sangue-frio dos soldados norte-americanos e alemães são perceptíveis, porém ele não tinha a capacidade de compreender qual o significado dos “olhos de soldado”. Através dos relatos dos pracinhas deste trabalho, percebemos que os norte-americanos, alemães, tiroleses, partigiani eram seres que haviam perdido sua humanidade, alguns em menor ou maior grau. Abraçavam a animalidade devido ao contexto de guerra. O brasileiro era uma criança em meio à indivíduos que tiveram seus espíritos destruídos por três, quatro, cinco anos de guerra.

Deslocaram-se para Mantua, mas tiveram o trajeto interrompido pelo forte bombardeio da aviação Aliada, que como de costume, não tardava em despejar suas bombas sob as marchas dos alemães. Abrigaram-se na casa de uma família italiana. O chefe da família tratou os brasileiros com a devida consideração, depois do jantar os brasileiros se alimentaram das sobras dos alemães, e o chefe daquela família ofereceu a

Eliseu e seus amigos um vinho espumante. Eliseu fica aliviado, mesmo diante daquela situação terrível teria a chance de afogar as tristezas com aquela bebida deliciosa

Aquela família se despediu dos brasileiros, impossibilitados de dizer alguma palavra por medo dos alemães. Chegaram a Mantua, reuniram-se com os demais prisioneiros do campo provisório (Bondesan,1947). Segundo Emilio Varoli o campo provisório era conhecido na língua alemã como *Dulag* (WWW.grandesguerras.com.br). Ao todo eram 700 homens das mais diferentes nacionalidades. Russos, norte-americanos, gregos, ingleses, romenos, brasileiros, hindus, sul-africanos, neozelandeses, sul-africanos, canadenses, australianos todos permaneciam comprimidos em seus espaços no campo de provisório de Mantua. Os ingleses eram numerosos, caíam aos montes diante dos nazistas.

Os prisioneiros do campo viviam sob um regime de racionamento alimentar. Sua refeição era constituída de um prato de sopa mal-cheirosa, cheia de palha, madeira e insetos. Comiam a cada 24 horas, era o único meio de sobreviverem (Bondesan,1947). Para Amynthas os primeiros dias que passou em Mantua foram marcados pela mais dura fome:

Já havíamos passado quase três dias sem comer e, praticamente, sem beber, e a fome era excruciante, a ponto de fazer-me a vista escurecer e achar que ia desmaiar. Dizse-se que a fome é negra, que a fome absoluta nos leva a comer sola de sapato velho, sabão, cascas ou raízes – o que nos aparece pela frente. Foi em Montova que, após quase 72 duas horas de jejum total, os alemães nos deram, por fim, uma tigela de sopa. Sopa especial. Havia sido preparada de uma cabeça de cavalo putrefacta. Recendia cheiro intenso de carniça. Mesmo assim, vencendo as convulsões de vomito seco, engoli avivamente aquela sopa. Ou a tomava ou tombava por inanição e sede. (Motta,Tomo:VIII).

Os prisioneiros eram divididos por currais em barracas de madeira cobertas por uma lona. Não havia iluminação e às 18 horas soava-se o toque de recolher (Motta,Tomo:VIII). A água era precária, a dificuldade de Eliseu de colocar um pouco de água em uma caneca para tomar banho era sem igual. O liquido saia em uma quantidade mínima, além de mal poderem lavar o rosto, os pracinhas passavam muita sede. As necessidades básicas eram feitas em um pequeno recipiente, utilizado por doze prisioneiros. Os pracinhas dormiam em tábuas colocadas no chão, e dispunham de apenas um cobertor finíssimo para se proteger do frio. Para sobreviver, os pracinhas se uniam em

grupos de três homens, uniam os cobertores entre si, dessa forma cada cobertor tocava dois companheiros.

O campo de prisioneiros de Mantua era uma fortaleza, sem nenhuma possibilidade de fuga aos seus prisioneiros. As barracas dos prisioneiros eram fechadas por fora, as cercas mantinham-se em constante voltagem elétrica. Os pracinhas criaram uma expressão sarcástica da situação: “*Chi toca, muore*”. Qualquer prisioneiro que tentasse fugir era punido com a morte.

Alto falantes fixados no campo dirigiam instruções gerais, tocavam música na maior parte do tempo. Marchas alemãs, swings norte-americanos eram os ritmos mais tocados. Músicas italianas raramente eram executadas (Bondesan,1947). Em Mantua havia um oficial nazista de origem portuguesa, conhecido como Armando. Armando se tornou amigo dos brasileiros de forma mais íntima se tornando confidente de muitos pracinhas. Com um tom de ironia, confortava os brasileiros dizendo: “Peça aos seus que caíam prisioneiros com maior rapidez. Quando tivermos mil, a conta redonda, embarcaremos para a Grande Alemanha, onde ninguém passa fome” (Bondesan,1947).

Além dos italianos, Armando representou a segunda nacionalidade que Eliseu e seus amigos estabeleceram uma relação mais amistosa. Segundo Sergio Buarque de Holanda, “os portugueses, tão próximos a nós em tantos aspectos” (Holanda,1995:148) eram representados na pessoa de Armando. Armando quebrava aquela rígida postura alemã restabelecendo novamente o contato social mais íntimo, o qual o brasileiro é demasiadamente carente.

Os pracinhas interpretavam a frase de Armando, e instintivamente pairava a certeza que na Alemanha as penúrias e privações seriam maiores. Armando se expunha ao perigo, entregando presentes aos brasileiros, o que era expressamente proibido. Toalhas, sabonetes, escovas de dente, pastas dentais, Armando as entrega sob o mais absoluto sigilo. Eliseu de Oliveira dividia um prato de sopa com todos os seus companheiros de barraca. Compadecendo-se da situação, Armando consegue que sejam servidos duas vezes por semana dois pratos de sopa.

Os prisioneiros resistiam à condição imposta na forma de canções. Ingleses e norte-americanos, em sua maioria de religião protestante entoavam canções que se repetiam de barraca em barraca até que as vozes dos prisioneiros se transformassem em uma só.

Norte-americanos e ingleses se desentendiam algumas vezes no campo, devido à conduta despreocupada dos norte-americanos que encaravam aquela situação na

brincadeira, ao ponto, de gritarem em suas barracas: “*Whose dog is barking?* (De quem é o latido de cachorro?) deixando os ingleses furiosos.

O prisioneiro de guerra observa todos os poucos acontecimentos que fazem parte de sua rotina de privação da liberdade. Diariamente Eliseu de Oliveira observava algum prisioneiro insatisfeito desacatando algum guarda. Todos os dias um prisioneiro era conduzido à prisão do campo como punição, onde eram lhe oferecido apenas água. Diante de tal rotina, os brasileiros apelidavam aquela prisão de Gabinete de Investigações (Bondesan,1947). Podemos entender isso como uma forma de resistência dos pracinhas.

Emilio Varoli relata uma situação em que os oficiais se uniram contra opressão nazista. Os alemães temiam que os oficiais fugissem no decorrer da viagem, então um sargento nazista se aproximou do vagão dos oficiais e ordenou aos prisioneiros que jogasse as botinas para fora do vagão. Os prisioneiros o ignoraram deixando-o furioso. O sargento alemão ameaçava tirar as botinas dos oficiais à força e bradava os palavreados de mais baixo calão. Os prisioneiros revidavam os insultos, cada um no seu idioma. O major norte-americano disse ao capitão do grupo que era fluente em alemão: “Diga a esse idiota que ele esta se dirigindo a oficiais e que nenhum de nós tirará as botinas.” O capitão norte-americano transmitiu o recado e, furioso o sargento comunicou ao seu superior a atitude dos prisioneiros. O sargento retornou com um capitão, ele dirigiu-se delicadamente ao major norte-americano, e ambos entraram num acordo. Os prisioneiros prometeram não fugir somente se conservassem as botinas. Depois de negociar com os prisioneiros, o capitão ordenou ao guarda que atirasse para matar se algum prisioneiro tentasse fugir (WWW.grandesguerras.com.br).

Eliseu relata que os prisioneiros conviviam com todo o tipo de privações, mas certo momento, o medo de serem mortos nos bombardeios Aliados se tornou uma rotina constante. Inicialmente, os bombardeios mantinham o foco de ataque mais longe do campo de prisioneiros. Alguns aviões voavam em direção aos entroncamentos ferroviários da Áustria e Baviera. Não durou muito os projecteis caíam no campo de prisioneiros de Mantua. Os pracinhas acreditavam que os bombardeios eram realizados por forças mistas anglo-americanos, eram três aviões “*fighter*” ingleses e sete bombardeadores norte-americanos. Eliseu relata que quando o céu estava azul e transparente, a aviação Aliada despejava suas bombas próximas do horário do almoço. Primeiro ouvia-se o assobio da granada caindo, finalmente a detonação que causava um barulho ensurdecador. Uma chuva de estilhaços voava pelo campo, entrando pelas lonas das barracas. Atiradores alemães

muito bem posicionados com suas metralhadoras antiaéreas defendiam a posição, mas o ataque Aliado era feito com perfeição sem deixar nenhuma baixa (Bondesan,1947).

Em 20 de novembro os Aliados mudaram o horário do bombardeio para a noite. No momento do ataque deixavam o calor das barracas, corriam para fora e deitavam em algum buraco feito por alguma bomba. Passavam a noite no frio até que o bombardeio cessa-se (Bondesan,1947). Havia os abrigos antiaéreos que os alemães haviam obrigado os prisioneiros a cavar. Soava o alarme e todos os prisioneiros corriam para o abrigo, onde ficavam totalmente compactados, ombro a ombro, até que cessasse o fogo Aliado (Motta,Tomo:VIII).

Em Mantua houve um momento que a nacionalidade dos pracinhas foi testada. Um oficial alemão, fluente na língua portuguesa, foi enviado a Mantua para conseguir concitar pelo radio que seus companheiros da frente de batalha se entregassem. Nenhum dos pracinhas estava disposto a trair seu país. O oficial alemão dizia: “Os senhores tornarão mais simples a situação, impedindo que seus companheiros morram nas mãos dos americanos” (Bondesan,1947). Os brasileiros recusaram. Na sua visão de soldado, Eliseu constatou que os alemães pensavam que os brasileiros eram indivíduos sem fibra suficiente para suportar o árduo sacrifício de um conflito armado. Acreditavam que bastava um apelo radiofônico para que os brasileiros se rendessem.

Outro aspecto a ser analisado, eram os boatos que atravessavam os continentes sobre os atritos de brasileiros com os norte-americanos. Eliseu relata que no pós-guerra, os pracinhas foram interrogados sobre um boato que surgiu nesse período. Alguns civis acreditavam que a visita do Ministro Dutra a frente de combate no outono de 44, foi para repreender os brasileiros, que haviam entrado em conflito com os norte-americanos.

O oficial conversou em particular com cada pracinha. Eliseu perdia a paciência, ouvindo o alemão dizer que ele só teria a lucrar concitando seus companheiros a depor armas. Eliseu se exaltou: “Pior do que estou vivendo impossível. Façam de mim o que quiserem, mas continuo dizendo não e não. E garanto que meus companheiros ainda que morram de fome, terão igual procedimento” (Bondesan,1947).

Os brasileiros se negaram a serem subjugados pelos alemães e, o oficial nazista os advertiu que se arrependeriam de sua decisão. Alguns indivíduos fluentes no português concitaram os brasileiros a se entregar, dizendo que na Grande Alemanha estariam livres do dever de lutar. Eliseu apenas censura a nacionalidade desses indivíduos, negando-se a dizer se eram brasileiros ou alemães.

Piolin e Noronha haviam passado uma última temporada no hospital alemão para tratamento, logo receberam alta e retornaram para junto dos remanescentes do 7º grupo tático. Piolin ficou marcado com uma cicatriz no crânio, Noronha ainda não havia se recuperado dos ferimentos, sofreu até o fim da campanha.

No dia 5 de dezembro os pracinhas devolveram seus talheres, marmitas, cobertores, pois era dada a ordem para a partida de Mantua. Rapidamente uma contra-ordem revogou a partida, pois a aviação Aliada havia destruído as pontes de acesso.

Armando havia revelado aos brasileiros que quando o número de prisioneiros chegasse a mil, todos seriam transportados para a Alemanha. De fato, ao chegarem a mil prisioneiros os pracinhas foram conduzidos em marcha pelas ruas de Mantua a caminho da estação da cidade. Algumas senhoras choravam piedosamente ao verem aqueles homens subnutridos, abatidos, e cambaleantes.

Fascistas e antifascistas se misturavam em Mantua. Durante a marcha, um grupo de fascistas se atirou em cima dos brasileiros, tentando arranca-los da marcha para poder enforca-los. Os alemães não permitiram que aquele grupo fanático prejudicasse sua presa de guerra. A polícia de Mussolini permanecia vigilante e hostil naquela cidade, mas Eliseu observava o sentimento antifascista dos populares expressado em frases e inscrições pelos muros da cidade.

Os brasileiros chegaram à estação de Mantua, onde lhes foi servida uma sopa à tarde. Eliseu de Oliveira tomou seu lugar no vagão, esperando a hora que fosse enviado para a Alemanha, no inferno de Hitler (Bondesan,1947). Eliseu dividia o vagão com Amyntas Pires de Carvalho, o sargento José Ferreira Filho, o soldado Guilherme Barbosa Mello, o soldado Mario Gonçalves e muitos prisioneiros das mais distintas nacionalidades (Motta,Tomo:VIII). Eliseu de Oliveira sente a liberdade de lançar um desabafo sobre sua atuação na campanha da FEB:

A vida de soldado, meus amigos, é coisa mais triste que se possa imaginar. Digo-o, com a franqueza de quem conhece todas as vicissitudes dos dias de paz e de guerra. Sei o que é a privação da liberdade, o dormir em salões colectivos, o passar dias seguidos na cadeia – como criminoso comum, por falta disciplinar. Sei o que é lutar, na lama e sob o temporal que Deus manda. O que é empreender longas e extenuantes marchas, ao sol, em terreno montanhoso, onde as pedras parecem deitar chamas... Sei o que é cair prisioneiro – e como tal passar fome, sofrer maus tratos, ser bombardeado,

trabalhar como escravo, sem o direito de dormir sossegado... Ah! O que mais doi no coração da gente são as horas de miséria! (Bondesan,1947)

Amynthas também desabafa em seu relato sobre sua vida de prisioneiro de guerra:

Uma das condições mais angustiantes para um prisioneiro de guerra é o fato de jamais saber qual é o seu destino – não sabe para aonde vai, não sabe se vai ser transferido, não sabe aonde chegará. Daí, ter que encontrar muita força de vontade, muita paciência e, acima de tudo, precisa ter muita fé, principalmente quem professa alguma religião e crê em Deus. A vida, tal qual a entendemos em situações normais, perde o significado. A morte, quase sempre uma morte lenta, esta constantemente à espreita. Além disso, quando o corpo pede cama, as intemperies pedem abrigo, o estômago pede comida e bebida, a dor pede alívio, o algoz maquina uma nova forma de causar sofrimento e penúria (Bondesan,1947).

Jarbas registrou sua visão contemporânea da atuação dos soldados na guerra: “Se veno... é um coitado... todos os países... os maiores sofredor é os coitado dos soldado... isso ai o que eu tenho que dizer... o soldado é... 99,9% se disse pra ele é pra casa ele... vai” (Ferreira,2007). Reutilizando o conceito de memórias subterrâneas de Pollack, Eliseu, Amynthas e Jarbas demonstram um desabafo nos últimos relatos, resultado de lembranças suprimidas muitas vezes pelo trauma da guerra ou da frustração de não encontrar uma escuta. No relato de Jarbas as emoções são facilmente percebidas nas repetidas pausas entre as palavras, representando a necessidade e dificuldade em expor tal lembrança, causadora de sofrimento.

O campo de concentração de Moosburg

Os prisioneiros de guerra deslocavam-se de trem rumo a Moosburg na Alemanha. Os alemães dividiram os prisioneiros em grupos de cinquenta em cinquenta por vagão. Os vagões eram trancados por fora, só havia uma pequena abertura revestida por uma tela de aço, suficiente para manter a respiração dos prisioneiros. Os prisioneiros estavam com a moral muito baixa, espremidos no vagão, não havia como todos deitassem. O chão era coberto por um soalho e palha de trigo.

O calor imperava dentro vagão, aumentando o desânimo dos prisioneiros. Conforme se aproximavam da Alemanha os prisioneiros recobravam o ânimo, pois o clima

esfriava ao se aproximarem do norte. Especialmente os brasileiros ficaram impressionados com a neve, Eliseu de Oliveira ficou pasmado com as paisagens hibernais.

A viagem durou três dias, e os prisioneiros permaneceram dois dias sem ingerir nenhum alimento. Os norte-americanos imploravam por água, era inútil, os alemães só serviriam os prisioneiros em hora determinada. Chegada a hora da refeição, Eliseu se alimentou de um pedaço de salsicha e um pão preto.

Os prisioneiros faziam suas fezes em uma caixa forrada de areia, mas com o tempo os excrementos vazavam por todo o chão. A atmosfera era irrespirável, os prisioneiros se espremiavam no canto do vagão para se proteger das fezes, mas não demorou muito e todo o vagão ficou imundo. Nesse momento a esquadrilha Aliada atacava as composições alemãs, Eliseu desejava a morte do que permanecer sob aquela situação, similar a uma criação de porcos (Bondesan,1947). Amynthas relata que muitos desejavam a morte num ataque aos comboios, mas para Amynthas o ataque da aviação Aliada poderia lhes propiciar uma oportunidade de fuga. Prevenidos dessa possibilidade, os alemães pintaram sobre o teto dos vagões o símbolo da cruz vermelha. Ao verem o símbolo os aviadores Aliados temiam que suas bombas atingissem os vagões dessa instituição neutra no conflito (Motta,Tomo:VIII).

Segundo Emílio Varoli logo após o portão de entrada do campo havia sido construído uma espécie de arco do triunfo feito de madeira. No arco estavam esculpidas as figuras de soldados aliados, aprisionados caminhando sob uma escolta de soldados alemães. Havia uma placa onde estava escrito: “*Nach Berlin*” (para Berlim) e abaixo em grandes caracteres: “Só assim é que chegarão a Berlim” (WWW.grandesguerras.com.br).



Figura 36: Entrada do campo de prisioneiros de Moosburg.

Fonte: www.moosburg.org/info/stalag/indeng.html).

No terceiro dia, os prisioneiros chegaram à Alemanha, passaram rapidamente por Munique, (Amynthas não menciona a passagem por Munique) (Motta, Tomo:VIII), chegaram à tarde na cidade de Moosburg, local do campo de concentração. Alguns civís presenciaram a descida dos prisioneiros, mas logo perderam o interesse, pois a chegada de prisioneiros era fato corriqueiro em Moosburg (Bondesan,1947).

Amynthas relata que os campos de prisioneiros eram conhecidos como *Stalag*, abreviação de *Stammlager*. Estes campos haviam sido criados pela Gestapo desde 1939, onde eram enviados prisioneiros com a hierarquia militar inferior à segundo – tenente (Motta, Tomo:VIII). Os militares de patente superior eram enviados a um campo especial em Berlim (Bondesan,1947).

O campo de prisioneiros de Moosburg era o *Stalag VII A*. Os prisioneiros foram selecionados por raça, hierarquia militar, nacionalidade e cor. Os soldados negros foram separados dos soldados brancos. Cada um recebeu uma marmita, garfo e colher (por precaução não foram distribuídas facas entre os prisioneiros). Os prisioneiros foram destituídos do pouco de dignidade humana que possuíam – o nome. Foram-lhes entregues placas de identificação, semelhantes às norte-americanas, mas de material inferior. Vestiram os uniformes de prisioneiro, semelhante a pijamas. Substituindo os antigos uniformes que se encontravam sujos e rasgados (Bondesan,1947; Motta,Tomo:VIII).

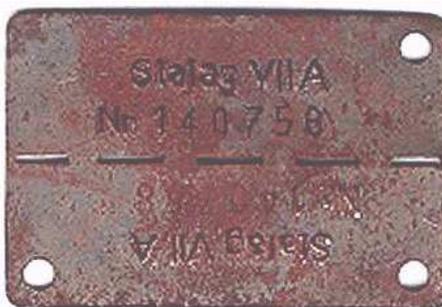


Figura 37: placa de identificação de um prisioneiro.

Fonte: www.moosburg.orb/info/stalag/indeng.html).

Lenharo se utiliza do pensamento de Hannah Arendt para explicar que o objetivo nazista era relegar seus prisioneiros ao estado de “coisificação da personalidade humana, o controle da espontaneidade enquanto expressão da conduta do homem”. De certa forma, o tratamento dado aos prisioneiros Aliados e aos brasileiros, não se compara com o tratamento aos prisioneiros judeus ou eslavos. Mas é similar em alguns aspectos, por exemplo, a tortura pela fome, o isolamento, a segregação dos companheiros, a destituição do nome. Segundo Arendt isso fazia parte da estratégia utilizada nos campos “tornar os

homens supérfluos, destituídos de individualidade.” Agrupados em compartimentos os nazistas estigmatizavam os prisioneiros, desmoralizado os grupos e evitando qualquer tipo de solidariedade entre eles (Lenharo,1994).

Varoli explica que os oficiais eram separados dos soldados como uma medida de retirar a liderança do grupo (WWW.grandesguerras.com.br).

Dia 8 de dezembro, Eliseu de Oliveira dormia profundamente, recolhido com seus companheiros numa barraca coberta de palha de madeira. Os prisioneiros recobriram o animo por que, depois de três dias passado em meio ao charco das fezes, era um alívio dormirem em um ambiente mais limpo. Nesse primeiro dia em Moosburg, Eliseu despertou quase ao findar a manhã. A tarefa de lavar o rosto era cansativa, centenas de soldados faziam fila em frente à única torneira que ficava fora do curral. Utilizava-se de uma quantidade miserável de água para lavar o rosto (Bondesan,1947; Motta,Tomo:VIII). Amynthas comenta que nos dias de frio intenso a água congelava.

Para manter o mínimo de higiene os prisioneiros não tinham opção a não ser utilizar a neve para umedecer o rosto. Banho estava fora de cogitação, em toda sua estada como prisioneiro Amynthas comenta que tomou apenas dois banhos. Os alemães permitiram o banho para prevenir doenças devido ao grande numero de parasitas e muquiranas que infestavam os prisioneiros. Porém as roupas não foram lavadas, as enviaram para as estufas de descontaminação. O corte de cabelo foi oferecido apenas nessas duas ocasiões (Motta,Tomo:VIII).

No primeiro dia os prisioneiros degustaram um chá sem direito a açúcar, cada soldado recolhia-se no seu canto. As reações dos soldados nesse primeiro dia eram diversas, alguns cantavam de alívio, outros aliviavam seu sofrimento orando, até mesmo os ateus. Eliseu assumiu a postura de suplica, e rezou na forma católica por sua mãe e família. Logo, Eliseu recobrou o animo, sem perceber cantava músicas saudosas sobre o Brasil. Os norte-americanos despreocupados jogavam o “*footing*” com os soldados ingleses. Os norte-americanos confiavam cegamente na vitória final, acreditavam que em poucas semanas as forças do geral Patton cruzariam a França, chegando à Moosburg. Os franceses capturados em 1940 eram animadíssimos, estes foram capturados em 1940. A presença de espírito daqueles homens acalentava os pracinhas brasileiros.

O campo de prisioneiros era enorme, Eliseu relata que nunca chegou a conhecê-lo por completo (Bondesan, 1947).

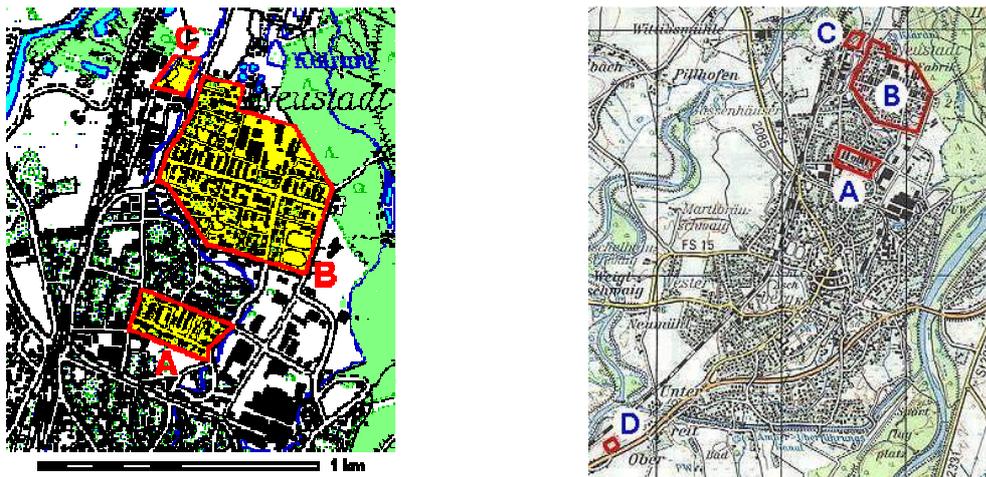


Figura 38: A esquerda - Mapa do campo - Setor A: Acampamento dos guardas, setor B: campo de prisioneiros, setor C: estação de trem, setor D: Cemitério dos prisioneiros de guerra. Figura 39: A direita - Cidade de Moosburg.

Fonte: www.moosburg.org/info/stalag/indeng.html.

Para Amynthas, o campo de prisioneiros tinha suas dimensão territorial superior a cidade de Moosburg que possuía 10 mil habitantes (obviamente Amynthas não poderia ter uma noção exata da dimensão territorial da cidade devido sua condição de prisioneiro). Amynthas trabalhava na limpeza do campo, chegou a localizar cerca de 750 à 800 barracões de prisioneiros. Os prisioneiros permaneciam em compartimentos estanques em grupos de duzentos homens. Os compartimentos, ou currais eram cercados por cercas de arame farpado e mediam até dez metros (Motta, Tomo:VIII).

O contato com outros grupos era estritamente proibido e coibido por um oficial responsável pela vigia. O campo era cercado por sentinelas dispostas de metralhadoras, ambos permaneciam nas torres de vigilância. A guarda florestal permanecia com sua matilha de cães sempre vigilante fora do campo (Bondesan,1947). Os prisioneiros destinados a trabalhos no interior do campo eram constantemente acompanhados pelos oficiais SS que impediam que houvesse qualquer contato com os demais prisioneiros. Os advertiam dizendo: *“nicht arbeiten, nicht essen”*, ou seja, “não trabalha, não come” (Motta,Tomo:VIII).

Os sentinelas permaneciam sempre em atividade nas torres de vigilância, pois a aviação Aliada não dava trégua no ataque. Diariamente as metralhadoras antiaéreas eram utilizadas sobre os aviões, mas as baixas eram mínimas para os Aliados (Bondesan,1947). Inserimos algumas fotos que nos demonstram uma visão parcial do campo de prisioneiros:



Figura 40: Torre de vigia principal.



Figura 41: vista da torre de vigia da entrada principal

Fonte: www.moosburg.org/info/stalag/indeng.html.



Figura 42: Hospital, vista da torre de vigia sul.



Figura43: barracas dos prisioneiros.

Fonte: www.moosburg.org/info/stalag/indeng.html.



Figura 44: barracas vistas da torre de vigia sudeste.



Figura 45: barracas vistas da torre de vigia sul

Fonte: www.moosburg.org/info/stalag/indeng.html.

Eliseu foi separado de seus companheiros remanescentes do 7º grupo tático. Via-os raramente enquanto circulava pelo campo cumprindo a sua função de carregador de lixo. Amynthas Pires de Carvalho foi companheiro de prisão de Eliseu (Bondesan,1947). Ambos dividiam o mesmo beliche, e se tornaram grandes amigos sempre conversando sobre suas angustias, saudades dos parentes e amigos no Brasil (Motta,Tomo:VIII). Eliseu de Oliveira não dispensa elogios à Amynthas, ele se sentia confortado com a conversa agradável desse amigo que o fazia lembrar seus tempos de paz (Bondesan,1947).

Segundo Halbwachs, as lembranças de um grupo podem transitar em experiências vividas em conjunto ou separadamente:

Dois seres podem se sentir estreitamente ligados um ao outro e ter em comum todos os seus pensamentos. Se certos momentos, sua vida transcorre em meios diferentes, ainda que eles possam através de cartas, descrições através de suas narrações quando se aproximam, fazer conhecer em detalhes as circunstancias em que se encontravam quando não estavam em contato
(Halbwachs,1950:45).

Halbwachs fornece a explicação das semelhanças entre os relatos de Eliseu e Amynthas. Memórias compartilhadas pelo mesmo grupo são fáceis a rememoração. Eliseu e Amynthas dividiam as mesmas angustias e opiniões. Os diálogos estabelecidos entre estes dois homens solidificou sua amizade e suas lembranças de prisioneiros de guerra.

Segundo Amynthas, dividiam o mesmo curral: Eliseu de Oliveira, Guilherme Barbosa de Mello, José de Barros Filho, Mario Gonçalves da Silva e Oswaldo Casimiro Muller. Amynthas contou todos os brasileiros aprisionados em *Stalag VII A*, eram: Alcides Lourenço da Rocha, Alcides Ricardino, Amynthas Pires de Carvalho, Anézio Pinto da Rosa, Antonio da Silva, Antonio Ferreira, Antonio Julio, Eliseu de Oliveira, Emílio Varoli, Geraldo da Silva, Geraldo Flausino Gomes, Guilherme Barbosa de Mello, Guilhermino André de Moraes, Hilário Furlan, João Muniz dos Santos, José Ferreira de Barros Filho, José Rodrigues, Mario Gonçalves da Silva, Milton Bragança, Oswaldo Casemiro Muller, Oswaldo Mauricio Varela, Pedro Godoy, Waldemar Reinaldo Cerezoli (Motta,Tomo:VIII).

Segundo a relação da Cruz Vermelha, disponibilizada por Guilhermino André Moraes, a contagem citada acima é completada com o nome do prisioneiro João Gonçalves. Guilhermino nos fornece a lista dos demais brasileiros presos nos campos de

concentração: em *Stalag II A* – Bernardo Carafiol; em *Stalag IV F* – Luiz Argentos; *Stalag 64* – Dominique Martines; *Stalag Marlag Milag Norte* – Joaquim da Silva; *Deilag 18* – Enrique Osman; Enrique Goudestain, Eugenio Querne, Silvaz Silberfield e mais quatro transferências para *Ilag VII*; *Ilag Biderac II* – Ozena Novique e Gabriel Novique (Motta, Tomo VI).

Eliseu faz uma observação sobre os soldados negros norte-americanos aprisionados em Moosburg:

Havia fundamental diferença entre o combatente branco americano e seu compatriota “colored”. Estes se revelaram menos audazes, mais prontos a se renderem ao alemão, porquanto, segundo se propalava, mais de uma vez foram eles substituídos pelos contingentes brancos, afim de salvar situações difíceis, criadas pelo avanço inimigo (Bondesan, 1947).

Eliseu de Oliveira não podia compreender que os negros da 92^oDI norte-americana eram uma tropa discriminada dentro do seio do exército dos EUA. Tal situação era suficiente para que reinasse o desânimo naquela tropa. A visão individual do pracinha brasileiro não permite que ele perceba esses fatores.

Eliseu relata que os prisioneiros negros tinham um tratamento mais rude com relação aos prisioneiros de cor branca. O soldado André da 9^o Cia contou a Eliseu de Oliveira sobre um caso ocorrido no momento de sua captura. Um pracinha de sua companhia, negro, se arriscou numa tentativa de fuga, os alemães o perseguiram e o capturaram. Pela sua desobediência diante dos conquistadores eles o fuzilaram a balas de metralhadora.

Os alemães desviavam as rações alimentares fornecidas aos prisioneiros pela Cruz Vermelha. Eliseu confirma isso, pois cada lata de ração era destinada a um homem, mas os alemães tomavam 11 rações para si, e enviavam apenas uma ração que era dividida entre doze homens (Bondesan, 1947). Segundo Amyntas as rações eram enviadas em uma caixa contendo carne e cereais enlatados, pacotes de biscoitos, doces, barras de chocolate e um maço de cigarros. Para higiene pessoal eram enviados sabonetes, escovas de dente e dentifrício (Motta, Tomo: VIII).

O Natal se aproximava, os alemães disseram que no dia 25 de dezembro cada prisioneiro receberia uma ração alimentar. A expectativa dos prisioneiros crescia nesse prometido gesto humanitário dos alemães. As expectativas foram ouvidas, cada prisioneiro recebeu uma ração alimentar na noite de natal. “*Merry Christmas, Buon*

Natale, Feliz Natal”, todos trocavam seus cumprimentos nos mais diversos idiomas. Na tarde do dia 25, norte-americanos e ingleses se uniram na cantoria, “*God Bless America, Home Sweet Home, Star Spangled Banner*”, eram as mais cantadas. Os russos também formaram seu coral. Subitamente, como se fosse combinado todos se cansaram de cantar, olhavam fixos no chão com o pensamento distante. Eliseu de Oliveira recolheu-se em um canto, lembrando de São José dos Campos. Pensava na tristeza que sua mãe que passaria um natal bem triste, ignorando o paradeiro de seu filho (Bondesan,1947).

Em janeiro, Eliseu de Oliveira era escalado pelos alemães ao trabalho fora do campo. Eliseu e mais sessenta homens foram deslocados para Munique incumbidos de remover neve. Eliseu se sentia aliviado de sair do campo, mesmo obrigado a trabalhos forçados, a falsa impressão de liberdade por estar fora do campo o consolava. Viajaram em vagões fechados como de costume, e desembarcaram em Munique onde Eliseu executou suas primeiras tarefas na estação ferroviária da cidade. Eliseu observava que Munique não havia sofrido seriamente as conseqüências da guerra como as demais cidades que havia conhecido.

A população se encontrava bem nutrida e agasalhada, os jovens eram extremamente fanáticos pelo nacional-socialismo. Tinham em sua maioria 17 e 18 anos, recebiam as tropas que regressavam do *front* com grande entusiasmo e animação. Os jovens se atiravam nos pescoços dos veteranos e os cobriam de beijos. Os oficiais se portavam exemplarmente fardados como ditava a ideologia nazista. Mas os alemães de idade mediana não demonstravam interesse sobre a aventura bélica de seu país. Eliseu tinha a impressão que eles escondiam seu desapontamento com a empreitada bélica de Hitler perante a sociedade, e apenas aguardavam o fim do conflito. Porém a vida era sofrida e o custo de vida dos alemães era alto. Muitos procuravam consolo passando horas nos bares de Munique, apenas aguardando o momento da derrota.

A Gestapo exibia cartazes do *Reich* visando inibir a mentalidade derrotista. Muller traduzia a panfletagem que iludia a população a acreditar na vitória final da Grande Alemanha. Para Eliseu a população não se importava com a propaganda. Por outro lado, os civís temiam serem reprimidos pela Gestapo que policiava toda Munique.

Os cidadãos raramente se aproximavam dos prisioneiros. Os guardas ameaçavam aqueles que se aproximassem fazendo o uso de baioneta. Mas a grande maioria não os dava importância (Bondesan,1947). Nesse segundo semestre de 1944, Goebbels responsável pela propaganda do III Reich utilizava da mesma arma para debelar a mentalidade de derrotista do povo que já era uma realidade incontestável. Os alemães que

ignorassem a propaganda do Reich seriam coibidos pela força. Himmler transformou a SS em uma verdadeira corte marcial. Mantinha as cidades sob estado de terror e executavam as populações que dessem sinais de derrotismo (Pedro, 1994).

Uma garota que residia perto da estação de Munique era motivo de admiração pelos soldados. Os pracinhas a apelidaram de “moreninha”, pois era a única de pele morena entre os demais caucasianos. Quando a vigilância dos alemães permanecia mais branda, os prisioneiros faziam gestos, flertavam a garotas que sempre correspondia mandando beijos nas pontas dos dedos. A presença de garotas consolava os prisioneiros.

A população muniquense continuava seus trabalhos normalmente, mas as cicatrizes da guerra aos poucos apareciam na cidade. Eliseu percebia que aquela paisagem exótica que contemplou em Munique nos dias de inverno, aos poucos se tornava um cenário de guerra. Os trens haviam sido suprimidos por falta de material rodante. Os alemães deslocavam-se para o trabalho utilizando enormes pranchas em que os passageiros permaneciam de pé. O atentado contra Hitler causou certa agitação na cidade. Os alemães se encontravam nas cervejarias para discutir o tema.

Eliseu sempre procurava trabalhar retirando neve por que era oferecida uma sopa nutritiva, nada comparada com a alimentação fornecida no campo de concentração. O ambiente da cidade era preferido por Eliseu, por que neste local os prisioneiros realizavam o seu comercio de cigarros por café (Bondesan,1947). Não era propriamente café, chamava-se *Ersatzkaffe*, ou seja, “substituto de café”, era feito a base cevada torrada. Segundo Amynthas a bebida era revigorante, mesmo sendo morna e adoçada com açúcar de beterraba (Motta,Tomo:VIII). As dificuldades da vida de prisioneiro o faziam apreciar o *Ersatzkaffe* como o mais delicioso néctar. Para seu desapontamento, Eliseu foi escalado algumas vezes para trabalhar no campo. O trabalho constituía na limpeza dos alojamentos, remoção de pedras, remoção de lixo e excrementos (Bondesan,1947).

A Itália vivia um período de forte inflação econômica. Para sobreviver ao período de guerra que elevou o custo de vida a níveis fora do comum, os italianos utilizavam o cigarro como a mais visada moeda de troca. Amynthas pode presenciar muitas vezes durante seu trabalho de remoção de neve na Estação de Moosburg muitos italianos trocando cigarros por calçados, alimentos e vestuário. A exemplo dos italianos, Amynthas trocava os cigarros que recebia da Cruz Vermelha por pedaços de pão preto conhecido por *Roggenbrot*. Amynthas dividia os pedaços de pão que conseguia com seus companheiros famintos do campo, mas para escapar da revista dos guardas Amynthas aprendeu uma estratégia com um prisioneiro norte-americano. Ele colocava os pedaços de pão na junção

da coxa com as nádegas, escapando dessa forma de um flagrante dos guardas. O cigarro era moeda de troca dentro do campo de Moosburg. Para evitar os piolhos e parasitas, Amynthas sempre encontrava alguém disposto a executar um corte de cabelo pelo preço de dez cigarros (Motta,Tomo:VIII).

Todos os dias, Eliseu era sacudido do leito às quatro da manhã pelos guardas, às cinco todos saiam para trabalhar. Regressavam ao fim da tarde, os guardas menos ríspidos na disciplina nazista permitiam que a viagem de volta fosse feita com as portas abertas, onde Eliseu apreciava a típica paisagem hibernal européia. Muitos guardas eram extremamente selvagens, agrediam violentamente os prisioneiros por motivos banais no exercício da sua função. Tapas, pisões, coronhadas eram rotineiras, aquele que ousasse resistir era advertido pela força das armas de uma morte rápida. Eliseu nunca presenciou um assassinato, mas via constantemente corpos de prisioneiros serem transportados para o cemitério de Moosburg. Muitos morriam de subnutrição, embora o serviço médico do campo estivesse sempre constante (Bondesan,1947).

Assim como Eliseu, Guilhermino não assistiu ao assassinato de nenhum prisioneiro, mas a morte era companheira constante no campo, pois havia um lugar onde se cremavam os corpos, exalando o odor de carne queimada por todo o campo (Motta, Tomo:VI). Mas, da grande maioria sobrevivente, alguns como Amynthas carregariam as seqüelas do regime de racionamento de Moosburg por toda a vida. Devido ao estado de subnutrição que passou desde sua captura, Amynthas teve o estômago atrofiado (Motta,Tomo:VIII).

Alguns prisioneiros não possuíam condições físicas para o trabalho forçado. O campo possuía desde poloneses aprisionados em 1939, até brasileiros de 1944. Mas havia aqueles que resistiam ao trabalho forçado fingindo estarem com moléstias, estes eram espancados e confinados sem direito a alimentação (Bondesan,1947).

Analisando o relato de Emílio Varoli percebemos que os oficiais aprisionados tinham um tratamento um pouco menos “desumano” do que o tratamento exercido aos soldados. A alimentação dos oficiais em Mantua era constituída de uma concha de sopa e 250 gramas de pão no horário do almoço. A tarde era dado um pedaço de salsicha ou queijo (WWW.grandesguerras.com.br).

Em Moosburg a rotina dos oficiais era a seguinte: alvorada as 7:00, formatura as 7:30, água quente as 8:00, sopa as 11:00 e jantar as 17:00. A sopa do almoço consistia de uma concha de água quente com algumas migalhas de verduras e carne de cavalo. A refeição melhorava nas quintas com uma sopa de cevada mais consistente. No

jantar eram servidos 200 gramas de pão de batata, 300 gramas de batatas (quase apodrecidas) e um pedacinho de queijo ou salsicha. Cada oficial recebia a sua caixa de ração da cruz vermelha. O desvio de rações era praticado apenas com as rações dos soldados (idem).

Varoli relata que segundo informações que obteve pelos médicos aliados em sua libertação, o regime de racionamento imposto aos oficiais permitia-os ingerir apenas 600 calorias diárias, adicionando as rações da cruz vermelha. Em janeiro cerca de 4 mil prisioneiros das forças aliadas foram transferidas do campo de *Stalag Luft-3* em Sagan ao norte da Alemanha. Os prisioneiros passaram a dividir um espaço de 200 homens com 400 homens. Varoli relata que observava o movimento do barracão junto à entrada, ao retornar ao barracão se surpreendeu com varias meias, cigarros e outros objetos de uso enviados pela cruz vermelha doados pelos aviadores recém-chegados. Estes aviadores resolveram dividir um pouco dos itens da cruz vermelha com Varoli como uma forma de agradecimento, pois os aviadores disseram a Varoli que haviam se encantado com o Brasil durante uma de suas passagens pelo país (Idem). Isso quer dizer que as calorias diárias ingeridas pelos soldados eram inferiores a 600, ou até menos metade disto.

Os barracões dos oficiais diferenciavam-se dos soldados, pois era dividido entre cozinha e o cômodo onde permaneciam os prisioneiros. Os alemães forneciam carvão e lenha para que os oficiais se protegessem do frio que, segundo Varoli, chegou aos -20°C (Idem). Os oficiais não eram obrigados a trabalhar devido aos regulamentos da Convenção de Genebra. Todos os oficiais permaneciam no campo enquanto os soldados trabalhavam dentro e fora do campo (Idem).

A rádio de Berlim transmitia a propaganda do Eixo sob as linhas brasileiras no *front*. Esperavam atrair os brasileiros com mensagens sob o “tratamento humanitário” exercido aos prisioneiros. Funcionários do Eixo disseram que transmitiriam recados dos pracinhas as famílias. Iludidos, os pracinhas souberam depois que seus recados eram deturpados pelos agentes do Eixo, por mensagens radiofônicas os agentes do Eixo diziam que os brasileiros recebiam “excelente tratamento” nos campos da Alemanha (Bondesan,1947). Joel Silveira revela que a propaganda alemã era encoberta por musicas brasileiras e notícias do Brasil. Um dos mais ouvidos era o programa “Radio Auriverde”, que mantinham a seguinte apresentação: “Ouça as canções a sua terra. Ouça a voz da verdade! Ouça Radio Auriverde!” (Silveira,2005).

Segundo Tico Antunes, alguns pracinhas levavam consigo rádios clandestinos para o *front*, ouviam o carnaval do Rio de Janeiro em meio ao estouro da

artilharia alemã. Vicente relata: “Nois pegamo um radio italiano lá, assistimo um jogo de futebol (risos)... é do Rio viu... quarquê um se arranjava... o radio quarquê canto se arranjava” (Coletiva,2009).

A propaganda do Eixo se fazia na forma de folhetos que eram despejados sobre a FEB, mas também nos exércitos ingleses e norte-americanos. Morteiros explodiam no ar espalhando sobre as posições aliadas centenas destes folhetos onde alguns retratavam mulheres seminuas em trajes de banho conhecidos como: *pin-up girls*. A propaganda pretendia disseminar o espírito derrotista no seio do exército brasileiro. Concitavam os brasileiros a se entregarem aos exércitos alemães. No contra-ataque psicológico, a FEB utilizando um alto-falante a FEB dizia a verdadeira situação que se encontravam as forças alemãs nesse período da guerra (Silveira,2005). Adquirimos um panfleto semelhante em poder do veterano Jarbas Dias Ferreira. .



Figura 46: Frente - Panfleto de propaganda

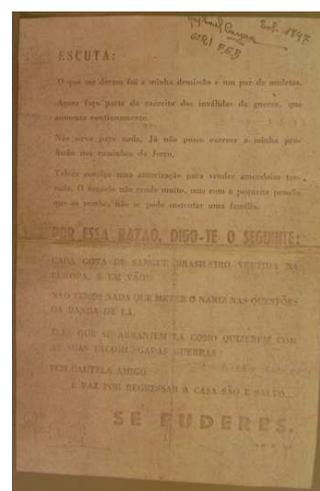


Figura 47: verso

psicológica do exército alemão.

Fonte: Despojo de Guerra de Jarbas Dias Ferreira.

Segue abaixo a mensagem escrita para as tropas brasileiras no *front*:

(na frente) Ouve lá, oh Zé

Deixa-me dizer-te uma coisa.

(no verso) Escuta: O que me deram foi minha demissão e um par de muletas.

Agora faço parte do exército dos inválidos da guerra, que aumenta continuamente.

Não sirvo para nada. Já não posso exercer minha profissão nos caminhos de ferro.

Talvez consiga uma autorização para vender amendoim torrado. O negocio não rende muito, mas com a pequena pensão que se recebe, não se pode sustentar uma família.

Por essa razão digo-te o seguinte:

Cada gota de sangue brasileiro vertida na Europa é em vão!

Não temos nada que meter o nariz nas questões da banda de lá.

Eles que se arranjam lá como quiserem com as suas excomungadas guerras:

Tem cautela amigo e faz por regressar a casa são e salvo... se poderes (Ferreira,2008).

Segundo Helio Portocarrero de Castro, alguns panfletos eram feitos de resumos de notícias que diziam aos pracinhas que enquanto eles estavam lutando nos campos da Itália, os norte-americanos se apossavam das riquezas naturais e minerais do Brasil (Motta, 2001).

A aviação Aliada castigava a Alemanha neste período final da guerra. A cidade de Munique foi destruída pelas bombas Aliadas no ultimo ano de conflito. Casas inteiras cediam lugar para enormes crateras a céu aberto. Os desabrigados procuravam se hospedar nas residências que ainda estavam intactas, mas com o tempo a destruição era tamanha que grande parte da população mendigava pelas ruas da cidade. Prisioneiros e cidadãos trabalhavam juntos na retirada dos escombros (Bondesan,1947). Amynthas se comovia com a cena que presenciava, retirava de tudo dos escombros, desde tijolos até cadáveres humanos carbonizados (Motta,Tomo:VIII). Eliseu percebia nas faces cansadas de guerra da população o desejo de combater os Aliados em frente essa agressão direta. A população passava fome, seu único alimento se consistia nas sopas de batatas servidas nos restaurantes da cidade.

No campo, os guardas se tornavam menos ríspidos em sua conduta. Um dos guardas abandonou totalmente a sua conduta hostil e tratava os prisioneiros de forma mais branda. Eliseu não podia acreditar na mudança dos nazistas, logo os prisioneiros perceberam que a guerra caminha para o seu desfecho.

Os prisioneiros foram transferidos para a cidade de Landshut mais ao norte. Landshut era próxima dos campos de morte de Freising, Bruchenwald e Villingen, onde a morte em massa das chamadas “raças inferiores” era executada com precisão. O campo de mulheres de Ravensburg, bem como o de Belsen, se localizavam próximos de Landshut. (Bondesan,1947)

Os prisioneiros deslocaram-se para Landshut em carros oficiais sob companhia dos alemães. De fato, a conduta do soldado alemão tornava-se mais branda com o fim da guerra. Mesmo assim, os soldados alemães permaneciam com sua postura inabalável, liam revistas com o maior desdém. Durante a viagem um oficial mostrava para Eliseu um artigo de uma revista alemã que fazia reportagem sobre Getúlio Vargas. Eliseu lamentava que Muller não estivesse presente na ocasião para lhes traduzir o conteúdo. Os prisioneiros foram designados a remover escombros na estação de Landshut.

A guerra caminhava para o seu fim, e as notícias chegavam até mesmo ao acampamento de prisioneiros de Landshut. Os prisioneiros comentavam que um soldado norte-americano havia introduzido um rádio - receptor dentro do campo. Os prisioneiros sussurravam uns para os outros as últimas notícias da investida final.

Eliseu não conteve a alegria ao sair da barraca, gritou a um oficial da SS que passava: "*Mussolini e Hitler son caputti*". O SS respondeu sorrindo: "*Si, si, caro*". Não havia dúvidas da derrota da Alemanha em ambos os lados (Bondesan, 1947).

Varoli confirma a existência do rádio - receptor, mas ele mesmo veio saber da existência deste aparelho apenas no momento da sua libertação. Os oficiais escondiam o rádio no forro da barraca e o usavam para se informar sobre as últimas notícias da guerra pelo boletim da BBC (WWW.grandesguerras.com.br).

Os oficiais tinham a oportunidade de se organizar diante da contestação da opressão nazista. Os prisioneiros eram liderados pelo coronel Goodrich, oficial da força aérea norte-americana. Goodrich era auxiliado pelo seu Estado-maior, responsável pelos serviços de segurança, fuga, informações e alimentação dos prisioneiros (Idem).

Varoli relata que passou a conhecer as atividades do Estado-maior dos prisioneiros quando foi conduzido pela primeira vez ao chefe do serviço de Estado-maior para ser investigado. Essa medida era preventiva contra os espões nazistas conhecidos como *phonies* que se infiltravam nos alojamentos durante as transferências de campo. Os companheiros de Varoli foram identificados por outros oficiais. O chefe do Estado-maior não investigou Varoli, e quando estava para mudar de assunto Varoli perguntou: "Coronel, e eu?". Ele respondeu: "Ora, Brasil (era conhecido por este apelido no campo), você já foi investigado. Além do mais os alemães não seriam tão ingênuos para colocar um phony que chamasse tanto a atenção."

Os planos de fuga eram avaliados pelo Estado-maior dos prisioneiros. Se o plano fosse considerado viável, o autor do plano receberia do Estado-maior dinheiro, alimentos, mapas da região a atravessar, endereços em várias cidades da Alemanha e uma

carteira de identidade falsificada. Os mapas eram copiados de uma coleção que havia sido “tomada por empréstimo” do gabinete do comando alemão em Sagan. Normalmente, os planos de fuga eram executados da seguinte maneira: intencionalmente quebrava-se ou danificava-se uma porta ou uma instalação elétrica. O serviço de fuga mantinha um sargento norte-americano no interior das barracas dos prisioneiros. O sargento escalava um soldado de sua confiança em meio ao grupo de soldados encarregados pela manutenção do campo.

O soldado escalado substituíra o oficial que deveria fugir. Depois que o oficial se encontrava no interior das barracas dos prisioneiros o sargento norte-americano conseguia enviá-lo junto com os grupos que trabalhavam em cidades afastadas, e logo desaparecia. Varoli relata uma ocasião que um prisioneiro conseguiu fugir. Os alemães realizaram uma tremenda exibição de força para fazer com que os prisioneiros entregassem o companheiro que havia fugido. Armados com metralhadoras portáteis e acompanhados por matilhas de cães puseram os prisioneiros para fora do alojamento sob a neve que caía incessantemente. Os prisioneiros negaram-se a entregar seu companheiro, e os alemães ameaçavam os prisioneiros dizendo que não os permitiriam retornar ao alojamento enquanto não revelassem o paradeiro do prisioneiro que havia fugido. Devido à união dos prisioneiros os alemães permitiram que os oficiais retornassem aos barracões. Ainda revistaram os prisioneiros três vezes neste dia, e por vários dias continuaram a revista (Idem).

Os comunicados da BBC eram transcritos diariamente pelos encarregados do serviço de informações. Todos os dias às onze horas os prisioneiros postavam sentinelas em todas as entradas e janelas para que os encarregados transcrevessem o boletim da BBC, de modo que se os alemães pegassem em flagrante vários encarregados não poderiam afirmar que os documentos eram subversivos. O serviço de cartografia elaborou um mapa de dois metros de comprimento. Os prisioneiros acompanhavam os acontecimentos marcando linhas das forças de combate através dos comunicados alemães e dos comunicados da BBC. Porém diariamente os responsáveis do serviço de cartografia tinham que corrigir as informações alemãs com os dados da BBC. Inicialmente os alemães não viam o mapa como algo que ameaçasse a segurança do campo, mas em uma das arrancadas costumeiras dos alojamentos os alemães rasgaram o mapa. Os oficiais fizeram outro mapa que foi rasgado novamente. Os prisioneiros resolveram o problema do mapa pintando-o na parede do barracão. Os alemães desistiram (Idem).

Os oficiais ocupavam seu tempo organizando cursos de línguas, mecânica, arqueologia, entre outros. Varoli aperfeiçoou o inglês, enquanto os outros prisioneiros aprenderam ou aperfeiçoaram o espanhol ou português.

O coronel Goodrich protegia seus comandados da opressão dos nazistas e constantemente era ameaçado de punição pelo comandante do campo quando a guerra terminasse. Goodrich denunciou aos altos-oficiais nazistas sobre os desvios de rações da cruz vermelha. Descobriu-se que o comandante do campo estava envolvido numa rede de cambio negro, desconhecida até mesmo pela Gestapo. Goodrich exigiu que fosse distribuído um pacote semanal a cada prisioneiro (os oficiais recebiam meio pacote por semana e aos soldados era distribuído um pacote para cada doze homens). O comandante não tolerou a resistência dos prisioneiros e suspendeu o fornecimento de carvão e lenha aos oficiais, diminuiu a alimentação dos oficiais e passou a lhes fornecer carne crua. A partir de então os prisioneiros passaram a improvisar queimando a madeira de dentro do barracão. Começaram retirando madeira dos beliches. As beliches permaneceram com o mínimo de madeira suficiente, evitando que não caíssem. Havia oficiais formados em engenharia, eles estudaram o soalho o forro e o telhado. Começaram a retirar o soalho que era constituído de duas camadas de madeira. Desmontavam a parte inferior com cuidado para não atrair a atenção dos guardas. Quando esta fonte acabou começaram a retirar as vigas e borrotes do telhado, sob a supervisão dos oficiais engenheiros que avaliavam quais poderiam ser retiradas sem provocar um desabamento (Idem).

Com a perda dos parceiros balcânicos a Alemanha estava praticamente derrotada na frente oriental. Hitler convenceu seus generais a empreender uma ação militar na região de Ardenas. Hitler pretendia abalar a moral dos países Aliados consolidando a frente ocidental, dessa forma estaria livre para disponibilizar certo numero de divisões em direção a frente oriental. No dia 16 de dezembro de 1944 os alemães pareciam infligir uma nova retirada das forças ocidentais. Para evitar um desastre o exército vermelho iniciou a ofensiva do leste em 12 de janeiro. Os alemães viram-se obrigados a deslocar novamente suas forças para o leste. No mês de janeiro os soviéticos estacionaram suas forças a 60 quilômetros de Berlim as margens do rio Oder na região da Silésia (Pedro,1994).

Na Itália a guerra nos Apeninos estava paralisada devido ao rigoroso inverno. Ainda em novembro a FEB havia se deslocado da frente do rio Serchio para frente do rio Reno onde prosseguiria para as elevações de Monte Della Torracia, Monte Belvedere, Monte Castello e Monte Della Vendetta, ambas defesas naturais da cidade de Bolonha, objetivo final do V exército Aliado. Desde novembro de 44 até fevereiro de 45 a

FEB empreendeu cinco ataques para conquistar a elevação de Monte Castello, local onde a FEB sofreu suas maiores baixas (Silveira & Mitke,1984).

Prisioneiros dos mais distantes campos de concentração se deslocavam para Moosburg. Milhares de soldados, até velhos e crianças dividiam o mesmo espaço com os antigos prisioneiros, relegando o ambiente a um estado caótico. Eliseu observa que poucos entre os novos prisioneiros apresentavam uma aparência subnutrida, em sua opinião os alemães mataram os menos aptos. (Bondesan,1947).

Moosburg entrava num clima de contestação da ordem diante da sua superlotação. Era expressamente proibido para os prisioneiros saírem das barracas durante a noite, mas os pracinhas preferiam dormir na noite ao relento a permanecer no ambiente sufocante das barracas. Os brasileiros perambulavam pelo campo a procura de antigos companheiros.

Muitos guardas foram transferidos de Moosburg deixando os corredores com um numero ínfimo de dois guardas por corredor. Os últimos guardas remanescentes não puniam mais as indisciplinas dos prisioneiros, apenas admitiam com pesar a nova conduta. Os prisioneiros subornavam os guardas com cigarros para conseguir um salvo-conduto pelo campo. Foi nessas andanças pelo campo que Eliseu conheceu o tenente Josino, aviador da FAB capturado em fevereiro de 45 (Bondesan,1947). Varoli relata que além de Josino outro aviador da FAB o 1ºtenente Othon Corrêa Netto estava entre os prisioneiros de guerra. (WWW.grandesguerras.com.br)

Os prisioneiros utilizavam lenha como moeda de troca com os alemães. Retiravam estacas de madeira do campo e trocavam por cigarros, relógios e outros objetos de valor. Colhia-se a água com baldes, diferentemente do regime de racionamento exercido anteriormente. Essas atitudes dos prisioneiros, em outras ocasiões seriam punidas sob pena de morte, mas o fim da guerra incitava os prisioneiros a desobedecer.

Eliseu teve um conflito com um prisioneiro marroquino que não permitia que Eliseu acendesse uma fogueira. Inicialmente a briga era entre Eliseu e o marroquino, mas logo todo o grupo brasileiro e o marroquino estavam envolvidos na luta. Segundo Eliseu, os brasileiros foram eleitos vencedores pelos demais que assistiam a briga com prazer.

Eliseu descreve os marroquinos com argumentos extremamente preconceituosos. Podemos perceber isso nos relatos, por exemplo: ao dizer sobre a vestimenta típica dos marroquinos, Eliseu diz que as roupas dos marroquinos eram semelhantes a artistas circenses ou atores da semana santa. Para ele, o tecido de suas

roupas era feio e encardido, assim como a pele deles. Ele os via como pessoas capazes de lançar todo tipo de maldição sob os brasileiros. Eliseu faz referencia ao momento de oração dos marroquinos, rezavam varias vezes ao dia. Os brasileiros ridicularizavam suas orações, os imitando.

Segundo Eliseu, mesmo naquele ambiente de racionamento extremo, os marroquinos conseguiram economizar alguns pedaços de pão como objetos de troca, dessa forma, conseguiram com os oficiais vários objetos de uso. Para Eliseu, os marroquinos eram tão magros e secos que eram capazes de passar mais tempo sem comer do que os demais prisioneiros. No momento da refeição dividiam o alimento apenas entre eles, os demais prisioneiros não tinham direito de entrar no circulo social dos marroquinos.

A memória de Eliseu nos indica a refutar a possibilidade de um choque cultural entre os marroquinos e os brasileiros. Quando a rigidez alemã se abrandou os prisioneiros agiram com mais liberdade, livres do medo que lhes era imposto anteriormente. Talvez as atitudes diferentes dos dois grupos não fossem compreendidas por ambos, resultando no conflito.

Seguem imagens do cotidiano dos prisioneiros de guerra de Stalag VII A:



Figura 48: Distribuição das refeições.



Figura 49: Trabalho no campo.

Fonte: www.moosburg.org/info/stalag/indeng.html.



Figura 50: Prisioneiros se barbeando.

Figura 51: futebol dos prisioneiros

Fonte: www.moosburg.org/info/stalag/indeng.html.

A cidade de Moosburg se transformou em uma cidade morta com o fim da guerra. Grande maioria da população fugiu por medo do avanço Aliado que não tardaria em chegar. Apenas as famílias alemãs simpáticas aos Aliados permaneceram na cidade, estes doavam agasalhos e comida aos prisioneiros. Diversas viaturas do exército alemão deixavam Moosburg para a resistência final do *III Reich*, apenas os oficiais SS permaneciam no campo. Os prisioneiros temiam ser vítimas de um genocídio por parte dos SS.

Oficiais da *Wermacht* deslocavam-se para a defesa da capital Berlim. Desde março, as forças anglo-americanas reiniciaram sua contra-ofensiva, estacionaram no Rio Elba à 100 quilômetros ao sul de Berlim. Na frente oriental, os soviéticos encontraram forte resistência na libertação da Hungria. Com a conquista da Hungria, e o caminho para a Áustria consolidado, as forças do general Zukov estacionados no Rio Oder preparavam-se para a investida final sobre Berlim. Os alemães haviam fracassado numa tentativa de paz com os aliados ocidentais por protestos da URSS que impediu que os ocidentais abandonassem a frente européia. Diante do ataque final soviético do dia 16 de abril de 45, Hitler adotou a política do *Gotterdammerung*, ou seja, a Alemanha deveria lutar até o último homem. Formavam-se exércitos de crianças e velhos conhecidos como *Volksturn*. Os *Werwolf*, fanáticos SS vasculhavam as ruas de Berlim procurando suspeitos de deserção e os executavam sumariamente. O movimento antinazista crescia nesse período final combatendo a loucura que os nazistas submetiam as populações civis (Pedro,1994).

No dia 28 de abril o primeiro prisioneiro a proclamar a notícia da libertação foi um sargento sul-africano (Bondesan,1947). Segundo Guilhermino, era o VII exército norte-americano que se aproximava (Motta,Tomo:VI). Nesse dia o cerco em Berlim já havia rompido quase todos os pontos da capital (Pedro, 1994). Rapidamente a notícia se espalhou de barraca em barraca e todos comemoravam dançando, pulando, soltando gritos de animação. Eliseu tomou conhecimento da notícia da libertação por meio de um guarda que havia se tornado seu amigo no campo. O guarda estava deseioso de obter a proteção de Eliseu depois da sua captura pelos Aliados. O sargento sul-africano instruiu os prisioneiros (a hierarquia militar ainda era respeitada entre os prisioneiros) que permanecessem em suas barracas até que o avanço Aliado rompesse a defesa alemã.

Na manhã do dia seguinte Amynthas chamava a atenção de Eliseu dos tiros secos que vinham do horizonte. Às seis e meia ouvia-se as explosões dos canhões e morteiros, os prisioneiros não tinham dúvida que os norte-americanos haviam chegado. Desobedeceram as recomendações do sargento sul-africano e as nove horas todos subiram no alto das barracas onde avistaram os primeiros jipes e tanques rasgando o terreno em direção ao campo. Gritavam com toda força, saudando os libertadores ao longe. Os prisioneiros desejavam se apossar das armas para ajudar os libertadores na desarticulação da SS. À imprudência deles não podia ser contida diante da alegria de estarem prestes a ser libertados, quatro deles acabaram sendo feridos pelos estilhaços que acertavam o campo. Foram severamente repreendidos pelos mais graduados a deixarem aquela posição ariscada.

Os SS não tinham condições de conter o avanço Aliado, se entrincheiraram sob a proteção dos vagões ferroviários. Os guardas abandonaram os prisioneiros e foram se juntar aos seus na resistência do campo. Os escravos pessoais dos SS constituídos de russos, poloneses, mulheres e crianças correram desesperadamente em direção ao campo. As cercas não estavam mais sob alta voltagem, os escravos dos SS tinham sua libertação facilitada pela ajuda dos prisioneiros que romperam as cercas fazendo uso de alicates.

Depois de uma hora e quarenta minutos de combate Eliseu avistou a bandeira branca tremulando em meio aos vagões. Os alemães partiram em retirada deixando para trás suas munições ao chão, como precaução caso fossem capturados.

Os jipes perseguiram os alemães em retirada. Os norte-americanos confraternizavam com seus conterrâneos prisioneiros. Os prisioneiros comemoraram a libertação com muita cerveja e rações alimentares trazidas pelos aliados (Bondesan,1947). Porém, depois de meses de desnutrição o correto seria que os pracinhas retornassem a sua rotina alimentar em quantidades razoáveis e moderadas, mas isso era terminantemente impossível devido a alegria de serem libertados. A comilança provocou um estado de diarreia na maioria dos praças. Amynthas estava com o estomago atrofiado, não conseguiu ingerir grandes doses de comida (Motta,Tomo:VIII). Os correspondentes de guerra se apressaram em colher os depoimentos do ex-prisioneiros de guerra.

Os tanques norte-americanos reduziram o armamento deixado pelos alemães a ferro retorcido. Logo, os ex-guardas chegavam ao campo, eles temiam serem fuzilados pelos Aliados. Os prisioneiros correram em direção as barracas de guarnição onde residiam os oficiais alemães e suas famílias. Comprovaram que os alemães

desviavam as rações alimentares enviadas pela Cruz Vermelha. Batatas, chocolates, rações, pães, etc, os ex-prisioneiros recuperaram o que era seu por direito (Bondesan,1947).

Os ex-prisioneiros foram submetidos à pulverização como medida preventiva na prevenção de doenças. Depois de meses com o corpo e as roupas imundas, Eliseu pode degustar de um banho demorado, e vestir uma farda limpa. Os norte-americanos forneceram aos ex-prisioneiros sabonetes, escovas de dente, creme dental e algumas peças de roupa.

O trabalho de solidificação da memória

Eliseu de Oliveira foi um dos poucos ex-combatentes a registrar seu relato como prisioneiro de guerra. Utilizamos os relatos de Amynthas Pires de Carvalho, Guilhermino Moraes e Emilio Varoli para dar mais embasamento à memória de Eliseu, e traçar um perfil da história dos brasileiros aprisionados durante a Segunda Guerra Mundial.

Os quatro relatos possuem uma semelhança bastante curiosa: Ambos são metódicos nos registros dos acontecimentos. Eliseu de Oliveira, Emílio Varoli, Amynthas Pires de Carvalho e Guilhermino Moraes memorizaram nomes, horários, lugares e acontecimentos de sua estada como prisioneiros de guerra. Dentre os quatro relatos o de Guilhermino Moraes é a história que possui menos conteúdo. Amynthas, Eliseu e Varoli relatam os acontecimentos de sua memória com uma precisão sem igual.

Eliseu e Amynthas registraram os nomes de todos os brasileiros feitos prisioneiros dos alemães. Registram acontecimentos do dia-a-dia como: o deslocamento para o campo de prisioneiros, a limpeza do campo, a alimentação racionada, a fome, o trabalho na cidade, a rigidez dos alemães, a libertação, etc.

Através de Halbwachs, constatamos que um grupo, ao dividir as mesmas experiências, solidificam sua memória coletiva através da convivência exercida naquele meio. As experiências pessoais de um indivíduo tornam-se conhecidos pela sua coletividade. Tais acontecimentos verdadeiros podem misturar-se com várias outras lembranças verdadeiras ou fictícias. Além de dividir as mesmas agruras e sofrimentos, Eliseu e Amynthas eram companheiros de beliche, ambos eram confidentes um do outro. A amizade consolidou a memória coletiva do período do campo de concentração. Suas semelhanças são perceptíveis até mesmo na argumentação:

Assim relatou Eliseu sobre seu deslocamento via férrea de Mantua para Moosburg:

Apesar de meu estado de fraqueza, ergui-me ao nível do respiradouro e fitei o cenário. Tudo branco, de uma brancura imaculada. A natureza vestia-se de noiva, indiferente à loucura dos mortais. Mas... há que acentuar um detalhe: a gente, vendo neve pela primeira vez, tem a impressão de estar contemplando um espetáculo muito familiar (Bondesan,1947:169).

Amynthas estava junto com Eliseu de Oliveira durante a viagem e assim registrou:

Com muita força de vontade a curiosidade, consegui dominar o cansaço, esticar-me, e olhar também pelo respiradouro e ver o panorama que se descortinava. Tudo era branco nas encostas das montanhas, de uma brancura imaculada lá fora. A natureza eterna parecia vestir-se de noiva, indiferente à desgraça de nós mortais, cá do lado dentro. Senti um sopro de ar gélido na face e não contive a emoção de ver neve pela primeira vez na minha vida e, por alguns segundos, inspirar e sentir o sabor suave do ar puro (Motta,Tomo:8).

Os relatos de Amynthas e Eliseu diferenciam-se apenas na precisão das informações que apenas Amynthas possuía, como alguns termos: *Stalag* (designava o campo de concentração) *Ersatzkaffe* (café adoçado com açúcar de beterraba) *Roggenbrot* (pão preto) e diversas informações mais detalhadas sobre a vida de prisioneiro de guerra. O restante é incrivelmente semelhante. Isto não desqualifica a possibilidade de que a semelhança e detalhamento dos argumentos de Amynthas estejam apoiados em livros de memória da FEB e dos prisioneiros de guerra. Afinal, toda memória do passado apóia-se nas reflexões do presente.

O relato de Emílio Varoli se diferencia apenas nos aspectos referentes à vida dos oficiais aprisionados pelos alemães. Os oficiais tinham o direito de alguns privilégios concedidos pela Convenção de Genebra, embora os alemães não os cumprissem na íntegra, os alemães concediam aos oficiais algumas “regalias” indisponíveis aos militares de baixa patente. Por isso, sua resistência ao regime de prisão era mais aberta. Executavam estratégias de fuga, acompanhavam os instantes finais do conflito através de um rádio clandestino e enfrentavam os guardas alemães através da união.

Segundo Halbwachs, o espaço exerce uma função importantíssima na solidificação da memória de um grupo. Utilizando o exemplo de uma casa; nela os integrantes do grupo compartilham suas histórias de vida. Os móveis, a maneira como

estão dispostos, o arranjo dos cômodos lembram os indivíduos que viveram naquele local (Halbwachs,1950:132). Eliseu, Amynthas, Guilhermino e Varoli descrevem com precisão diversos aspectos físicos do campo de concentração. As celas, os corredores, as tarefas de trabalho, etc. A rotina do campo e a troca de experiências angustiantes no campo de concentração consolidou a memória de Eliseu e seus amigos. Eliseu relatou que em Mantua, observava os fatos mais insignificantes para driblar o tédio da prisão.

Ricoeur analisou as diferentes formas de esquecimento, e constatou que em se tratando de acontecimentos traumatizantes havia um lado oposto ao esquecimento definitivo: o inesquecível. Em geral a experiência no campo de concentração foi marcante para Emilio, Amynthas, Guilhermino e Eliseu. Seus relatos diferenciam-se entre muitas narrativas da FEB devido a seu detalhamento. Seria ousado demais pensar que Eliseu de Oliveira e seus amigos possuíssem algum diário e registrar por escrito suas histórias deste período de aprisionamento.

Eliseu relatou seu desejo em esquecer os acontecimentos de Mantua e Moosburg, mas as lembranças permanecem vivas em sua memória o atormentando diariamente (Bondesan,1947:257).

Capítulo 4

A guerra que não acabou

O fim da guerra na frente européia

Moosburg estava repleta de ex-prisioneiros em março de 1945. Eliseu, Hilário e Furlan de Amparo, percorriam as ruas da cidade pela primeira vez como homens livres. Eliseu de Oliveira observava consternado os saques praticados pelos soldados do exército vermelho em território alemão. Os “vermelhos”, como ele dizia, revolviam todas as residências, amontoavam os pertences que encontravam no local e os incendiavam. Saquearam o depósito de vinho da cidade e, embriagados despejavam sua vingança sobre os poucos civis que permaneciam na cidade. Os russos rolaram vários tonéis de vinho sobre o rio Isar, transformando sua aparência em um rio de sangue.

Norte-americanos e ingleses se opuseram fortemente à violência soviética evitando um massacre. Os brasileiros se limitavam a recolher apenas os alimentos das residências abandonadas. Particularmente, Eliseu não censurava as atitudes dos soviéticos, pois sabia que era uma demonstração de vingança diante da invasão de seu país.

Eliseu retornou ao antigo campo que estava em processo de desmobilização. Os muros e as cercas foram destruídos pelos tanques norte-americanos. Os soldados praticavam o *footing* no interior do campo, enquanto constantemente chegavam caminhões com alemães da SS aprisionados. Eliseu presenciou uma tentativa de suicídio, um soldado alemão alvejou o abdômen repetidas vezes causando apenas ferimentos leves. Norte-americanos fiscalizavam o trabalho dos ex-guardas, agora prisioneiros de guerra.

Os aliados preparavam-se para transferir cerca de 70 mil ex-prisioneiros a cidade de Munique, onde a resistência nazista ainda persistia. Os ex-prisioneiros foram transferidos pela rodovia, onde centenas de caminhões foram mobilizados para a operação. No aeródromo de Munique, os ex-prisioneiros se acomodaram nos hangares onde passariam sua última noite na Alemanha. A viagem para a França não foi imediata, pois a aviação norte-americana ainda demoraria um dia para retornar da Áustria, onde havia parado para reabastecimento. As carcaças da derrotada *Luffwaffe* se amontoavam pelas cercanias do aeródromo.

O coronel norte-americano advertiu Eliseu e os demais que procurassem acomodações para passar a noite, pois já se faziam escassos. Eliseu e seus amigos preferiam passar a noite ao ar livre, onde fizeram um grande banquete. Estar livres para

eles era uma grande festa, dividiram a lebre que haviam apanhado em Moosburg, havia rações, carne, margarina e vinho. Utilizaram copos, talheres e guardanapos que haviam obtido nas habitações abandonadas de Moosburg. Todos comeram e se fartaram, mas devido ao período de racionamento que sofreram, alguns não suportaram a comilança e adoeceram. Antes que a noite terminasse, Eliseu e outro pracinha se alojaram em um edifício bombardeado onde deveria funcionar uma enfermaria. Ainda permeava o cheiro de desinfetante, havia pedaços de algodão ensangüentado no chão.

Eliseu relata que eram comuns as pilhagens de pertences pessoais entre os soldados. No dia de partirem para a França um soldado inglês se apossou de todos os artigos que Eliseu havia colecionado no interior do campo. Havia um canivete iugoslavo, uma cinta e uma cebola russas, duas pistolas alemãs, um quepe SS e varias fotografias tiradas no interior do campo por um fotografo que prestava serviços aos prisioneiros por preços baixos. Foram roubados de Eliseu enquanto ele se detinha a avistar os destroços da *Luffwaffe*. Ao perceber o roubo bradou varias pragas para o *Tommie* (gíria que designa o soldado inglês) que indiferente reuniu-se com seus companheiros britânicos que riam ironicamente. Eliseu não brigou pelos seus pertences, para ele sua maior conquista era voltar vivo para casa (Bondesan,1947).

Antes de partirem, Eliseu e seus amigos tiravam suas impressões dos ex-guardas. A essa altura dos acontecimentos, os germânicos revelavam que não podiam tornar-lhes a vida de cativo menos dura pela imposição do regulamento nazista. Devido à experiência que passou nos campos de Mantua e Moosburg, Eliseu relata que os guardas alemães obedeciam às ordens de seus superiores com prudência, temerosos das punições que seriam submetidos caso desobedecessem (Bondesan, 1947). Guilhermino André de Moraes diz que os brasileiros eram mais privilegiados, pois segundo ele os alemães não torturavam, nem maltratavam os pracinhas (Motta, 2001). Diferentemente de Eliseu que presenciou os maus tratos praticados pelos alemães nas atividades de trabalho.

Às 10 horas, todos completavam as vinte vagas por avião e voavam rumo à França. Segundo Eliseu, a viagem foi às pressas, pois se dizia no interior do campo que o comando alemão havia permitido uma trégua de 48 horas, depois disso o campo seria bombardeado pela aviação Aliada no dia exato da partida dos ex-prisioneiros: 1º de maio.

Na viagem, os ex-prisioneiros se lembravam de um boato que circulava em Moosburg no mês de janeiro. Diziam que Hitler ordenara a morte de todos os prisioneiros em represália aos ataques aéreos. Os prisioneiros passaram sua estada em Moosburg, receosos de que a execução fosse cumprida. Ao tocarem novamente no assunto, os ex-

prisioneiros acreditavam que a ordem não havia sido cumprida pela oposição dos generais, enfim, boatos de campo.

O aeroplano sobrevoava o campo de Moosburg e neste momento um sentimento de pena ficou marcado na memória de Eliseu: “Seis meses vivi nas garras de Hitler; passei fome e outras privações; sofri trabalhos forçados – e, no entanto, ao sobrevoar a Alemanha pela derradeira vez, suplicava ao Criador que tivesse misericórdia e minorasse a punição que sobre o país desabava inapelavelmente” (Bondesan,1947).

O território Francês já podia ser avistado depois de algumas horas de vôo. Segundo Eliseu os danos causados pela guerra na França foram menores se comparados a Itália e a Alemanha. Às cinco da tarde aterrissaram na cidade de Reims onde foram separados de seus companheiros russos, poloneses, iugoslavos e gregos, ambos tomaram outros rumos. Em caminhões, foram conduzidos ao acampamento nas imediações de Reims sob a aclamação delirante do povo que saudava os ex-prisioneiros.

Eliseu usou de um tom ironia ao se referir aos prisioneiros alemães que foram transformados em “criadagem”. Nos alojamentos, os alemães executavam todas as tarefas domésticas. Os brasileiros ofereciam cigarros e guloseimas aos alemães que recusavam por receio de sanções dos Aliados. Por outro lado, a alimentação dos prisioneiros alemães era excelente segundo Eliseu, não faltando até mesmo chocolates e cigarros. Neste local, Eliseu encontrou um dos guardas que o havia escoltado de Serrizoli a Parma. Era estudante de medicina, havia se tornado amigo de Eliseu durante a prisão. Estava envergonhado, de cabeça baixa, mas se aliviou ao avistar o amigo Eliseu.

Os Aliados forneceram novas roupas aos brasileiros que se destacavam pela insígnia norte-americana “US”. Ao verem as insígnias, os franceses abordavam os brasileiros confundindo-os com norte-americanos. Ao descobrir a nacionalidade dos pracinhas, os franceses eram tomados de grande admiração. Bombardeavam os pracinhas com perguntas sobre o Brasil, “a terra do bom café”, pois era raro encontrarem brasileiros naquele local. A cruz vermelha internacional lhes forneceu nova porção de artigos das mais diversas utilidades. Sabão, gilete, creme de barbear, fósforos, goma de mascar, chocolate, lâminas, talco, creme para o rosto, loção para cabelo etc.

A França era agradável aos brasileiros, particularmente Eliseu que se renovava ao avistar as mulheres francesas que eram muito belas. Eliseu conheceu um brasileiro residente em Reims que o recebeu em sua residência. Tinha esposa e uma filha de dois anos, havia morado em Uberlândia no estado de Minas Gerais antes de embarcar para a Europa. O homem se emocionou conversando sobre sua terra natal com Eliseu de

Oliveira. Com a filha no colo, mostrava no mapa a terra brasileira que queria retornar. A esposa interveio na conversa dos dois homens para contar a Eliseu como agiam os nazistas durante a ocupação do país. Ela relata que diariamente os nazistas escalavam os homens para trabalhar como escravos. Certa vez, um dos vizinhos daquela mulher se encontrava seriamente doente. Os nazistas arrombaram a porta da residência onde falaram com a esposa do sujeito. A esposa dizia que seu marido não podia comparecer ao trabalho. Imediatamente os alemães apontaram suas baionetas sob o peito da mulher, temendo pela vida da esposa, o homem doente saiu de seu esconderijo onde foi conduzido ao local de trabalho pelos alemães com muita violência.

Eliseu interpelou à algumas crianças na saída da residência se gostavam dos alemães. De imediato, as crianças demonstraram todo seu ódio aos alemães. O rancor aos alemães era muito maior na França do que na própria Itália. Era um ódio enraizado desde a Guerra Franco-Prussiana (Bondesan,1947).

Os pracinhas viajaram para St. Valery onde foram submetidos ao necessário regime de revitaminação. Eliseu de Oliveira adverte os leitores de que se deteve em boa parte a escrever sobre sua estada na França como alternativa à omitir o período de revitaminação no hospital de St. Valery, marcado de agruras e sofrimentos (Bondesan,1947). Amynths por outro lado, ficou submetido ao regime de revitaminação no departamento de Bouches-du-Rhône na cidade de Marselha (Motta,2001).

París obtém um grande espaço na memória de Eliseu. Ele descreve as casas e botequins da cidade. Relata que os parisienses utilizavam bicicletas como meio de transporte devido ao racionamento de combustível. Surpreendia-se ao avistar várias vezes casais em bicicletas de pedais duplos, assim como no Brasil. Um aspecto a ser analisado são as repetições ao modo elegante de se vestir dos franceses (Bondesan,1947). Segundo Freud “repetição vale esquecimento”, ou seja, a repetição é um fenômeno de substituição de um acontecimento traumático tornando-o inacessível a memória. Lembranças esquecidas podem voltar em pequenos *flashes* ou em porções inteiras (Ricoeur,2007:453).

Eliseu seguiu de caminhão rumo a Paris. A viagem era a toda velocidade e não havia tempo para apreciar as paisagens francesas, mas consolava-se ao saber que sua próxima parada seria na “Cidade Luz.” Desembarcou na estação parisiense que em sua opinião era muito semelhante à Estação Presidente Roosevelt de São Paulo. Reinava o regime de black-out na cidade gaulesa, mas o silêncio do black-out foi rompido com a chegada dos pracinhas que percorriam as ruas cantando a melodia: “*Paris, jê t’aime!*”

Eliseu de Oliveira percorreu os vários pontos turísticos da cidade luz. Iniciando a visita com a homenagem a Margarida Gauthier, seguido da Torre Eiffel, o Arco do Triunfo, a Catedral de Notre Dame, o Museu do Louvre, o Rio Sena. Era uma terapia merecida para Eliseu de Oliveira depois de tantos padecimentos.

O cidadão francês tinha um conhecimento considerável sobre o Brasil, Eliseu recebia manifestações carinhosas dos cidadãos franceses. Diferente da Itália e Alemanha que com ignorância acreditavam que a capital brasileira era Buenos Aires.

Os cabarés de Paris eram muito freqüentados pelos soldados Aliados. Era um local que predominava fardas das mais distintas nacionalidades. Eliseu de Oliveira visitou um “*night club*”, lá os soldados bebiam, fumavam, conversavam e dançavam. As garotas dançavam sacudindo suas saias ao som da orquestra feminina, muitas vezes largavam os instrumentos e vinham se divertir com os soldados. De forma sarcástica, Eliseu revela que nestes ambientes ao invés de predominar o “*cash and carry*”, (dinheiro a distancia) predominava o “*get and carry*” (cria á distancia) (Bondesan,1947).

A guerra na frente européia estava nos seus últimos dias. Depois da vitória em Monte Castello no dia 21 de fevereiro, a FEB conquistou Castelnuovo e Soprassasso a 4 de março e Montese em 14 de abril onde o fogo alemão foi superior à batalha de Monte Castello (Silveira & Mitke,1984). Mussolini foi capturado por partigianis no dia 25 de abril durante sua tentativa de fuga na travessia da fronteira ítalo-suíça. Mussolini e sua amante Claretta Petacci foram executados, provavelmente em Azzano. Seus corpos foram pendurados em um posto de gasolina em Milão para exibição pública (Brayner,1968). Entre 28 e 30 de abril a FEB terminava sua participação na 2ª Guerra Mundial com a captura da 148ª DI alemã e os remanescentes da DI Bersaglieri italiana em Forno di Taro (Silveira & Mitke,1984).

Adolf Hitler selava um pacto de morte com sua amante Eva Braun diante da iminente derrota da Alemanha. Porém, Hitler proibia qualquer tentativa de rendição, nomeou Goebbels chanceler e Doenitz recebia todo o poder militar nas mãos. No dia 30 Hitler e Eva se suicidaram em seus aposentos, os oficiais SS retiraram os corpos para ser incinerados na saída do *bunker* como o próprio Hitler ordenara, depois de saber do humilhante fim do parceiro Mussolini. No mesmo dia a bandeira soviética flutuava no Reichstag.

O general Krebbs reiniciou os combates depois de fracassada as negociações com o general soviético Chuikov que representava os anseios aliados da rendição incondicional da Alemanha nazista. Goebbels e sua esposa livraram seus seis

filhos de um mundo sem o nacional-socialismo, e de forma macabra mataram a todos, suicidaram-se logo depois. A resistência de Berlim cessou no dia 2 de maio com a rendição das forças do general Weiding. Porém, Doenitz recusava se render, sendo convencido apenas no dia 4 de maio. O último foco de resistência nazista foi liquidado pelas forças soviéticas no dia 7 na Tchecoslováquia. No dia 8 a Alemanha aceitava a rendição incondicional aos Aliados por ordem do general Jodl. Era o fim da guerra na frente européia (Pedro,1994).

Paris comemorou o fim da guerra com grande júbilo e entusiasmo. Eliseu relata que maior foram às festas que antecederam o fim da guerra, resultado dos boatos de que o conflito teria terminado (Bondesan,1947). Com certeza resultado das longas negociações que antecederam a rendição incondicional.

Na frente italiana, o 1º batalhão exibia um desenho de autoria sargento Catani em comemoração a vitória dos Aliados sobre o Eixo:



Figura 52: Edição comemorativa do jornal *E a cobra fumou!*

Fonte: ANVFEB – Jacareí/SP,2010.

Eliseu e mais quatro amigos se dirigiram ao consulado brasileiro em Paris para estabelecer o primeiro contato com a pátria depois de seis meses de aprisionamento. O consulado tinha uma forma palaciana, havia retratos de figuras brasileiras importantes como: Rui Barbosa, Duque de Caxias, Rio Branco e Getulio Vargas. Enquanto aguardavam o cônsul os pracinhas mantinham suas atenções em um álbum de propaganda do Brasil. Eliseu se satisfazia em ler novamente textos escritos em bom português depois de seis meses como prisioneiro de guerra. Segundo Eliseu, a propaganda do álbum havia estacionado no começo do século. Exaltava-se o café brasileiro, fazia referencias a São Paulo, Rio de Janeiro, o Pão de Açúcar, modas femininas do começo do século, etc. A

única inovação postada no álbum era a propaganda do governo que exaltava o Estado Novo (Bondesan,1947).

Eliseu reproduz essas memórias referindo-se ao governo brasileiro como uma ditadura, e o álbum como uma propaganda fascista do seu ditador. Não está claro se Eliseu de Oliveira possuía um senso crítico contra as ditaduras antes de partir para a guerra. Mas é certo que ao término da campanha da FEB sua consciência o conduziu a criticar o regime político de seu país.

Uma funcionária do consulado, natural da capital paulista, interpelou os brasileiros acreditando que se tratava de soldados norte-americanos. Seu sorriso cobriu a face ao saber que eram soldados brasileiros. A funcionária ficou maravilhada ao ouvir a história destes prisioneiros de guerra.

O cônsul brasileiro recebeu os pracinhas depois de vinte minutos de espera. Foram conduzidos a sua sala onde através do cônsul, Eliseu e seus amigos realizariam pela primeira vez o contato com a pátria brasileira. Suas expectativas foram frustradas diante do descaso do cônsul para com os brasileiros. O cônsul mostrava-se aborrecido, não deu atenção para a inusitada história de Eliseu e seus amigos. Orientou os pracinhas a se dirigirem ao coronel norte-americano para esclarecer as questões sobre o regresso ao Brasil. Saindo apressadamente os pracinhas tentaram tirar algumas conclusões, mas o cônsul estendeu a mão polidamente e se retirou. Os pracinhas saíram decepcionados com um profundo desejo de denunciar ao governo brasileiro as atitudes dos representantes diplomáticos.

A funcionária do consulado se sensibilizou com a situação daqueles pracinhas que estavam frustrados de não poderem se comunicar com suas famílias. Ela os conduziu a uma estação de rádio, segundo Eliseu a estação parecia o Instituto Biológico de São Paulo onde Eliseu freqüentava em suas visitas a um estimado primo. Eliseu e seus amigos dirigiram-se a um bar onde comiam sanduíches, gelados e frutas, enquanto esperavam um sucesso nas negociações da funcionária do consulado com a emissora de rádio. Foram conduzidos ao alto do edifício para finalmente se comunicar com seus familiares. Todos leram uma mensagem em frente ao gravador de discos. Eliseu se tranqüiliza ao ouvir numerosas vezes sua voz sendo transmitida a sua família que se encontrava além-mar, ignorando o paradeiro do filho (Bondesan,1947).

Em São José dos Campos, Agenor de Oliveira e Trindade Monteiro de Oliveira, pais de Eliseu de Oliveira tinham conhecimento de que o filho estava preso em um campo de concentração dos alemães através de uma carta enviada por Eliseu durante o

período em que era prisioneiro de guerra. Porém a situação calamitosa do filho era motivo de descrença com relação à vida de Eliseu. No dia 8 de abril o jornal local “Correio Joseense” publicou na primeira página um trecho da carta enviada por Eliseu de Oliveira à seus país. Assim escreveu Eliseu:

Papai, Mamãe, Irmãos.

Apezar de atrasado quero cumprimenta-los pelo Natal e Ano Novo. Desejovos a todos um feliz Natal e bastante prosperidades para o ano de 1945. Abraços e saudades a todos.

O filho que pede abençãam, Elizeu. (Correio Joséense, ano XXI, São José dos Campos, 8 de abril de 1945, nº1077).

Dias depois Benedicto Alves, conhecido como Baimú ouviu a mensagem dos pracinhas, logo comunicou ao senhor Agenor, pai de Eliseu que seu filho estava vivo. Seu pai sacudiu a cabeça com tristeza, era doloroso para ele ter esperanças pela vida do filho (Bondesan,1947). No dia 12 de maio a chegada de um *memorandum* aumentava sua descrença:

N. 264/EFR.

Em S. Paulo, 11 de maio de 1945.

Do chefe do estabelecimento de Fundos da 2ª R.M.

Ao snr. Agenor de Oliveira, rua S. José dos Campos, 31, S. José dos Campos.

Remeto-vos com este um exemplar das Instruções para habilitação ao recebimento da pensão especial deixada pelo soldado Eliseu de Oliveira, falecido em operações de guerra, na Italia.

a)Nicanor Posto Virbond

Tte. Coronel chefe da E.F.A (Bondesan,1947).

Obtivemos o *memoradum* que Eliseu de Oliveira se refere em suas notas através do Arquivo Publico Municipal de São José dos Campos:

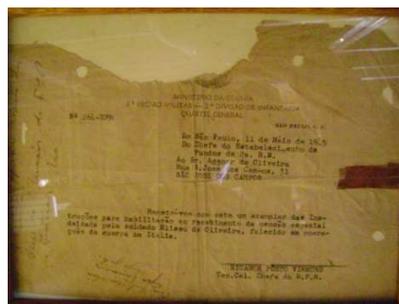


Figura 53: *Memorandum* enviado a Agenor de Oliveira, pai de Eliseu de Oliveira em 11 de maio de 1945.

Fonte: Arquivo Público Municipal de São José dos Campos.

Eliseu relata outros casos como o seu. A mãe do pracinha joseense Geraldo Augusto de Souza recebeu a medalha pela morte de seu filho durante a cerimônia festiva do retorno dos pracinhas joseenses. No momento que Eliseu escrevia as primeiras notas desta memória chegava a notícia de que Geraldo estava vivo em tratamento na América do Norte. Parerido foi o caso de Matias Pascoal, morto em combate, teve sua família alarmada com a notícia que estava vivo. Não passava de uma confusão nos nomes.

Na estação parisiense Eliseu de Oliveira e seus camaradas aguardavam o trem que os levaria em viagem ao interior da França. Eliseu degustava um delicioso chope, outros colegas preferiam conhecer as mais diversas bebidas francesas. Mesmo com pouco dinheiro os pracinhas gratificaram o garçom do estabelecimento pela sua orientação com a escolha das bebidas. Para sobreviver os pracinhas vendiam vários de seus utensílios pessoais em troca da desvalorizada moeda francesa.

Segundo a Convenção de Genebra, os pracinhas deveriam receber ordenados de um soldado alemão pelo tempo que foram aprisionados. Durante a estada em Moosburg, os alemães asseguravam que o pagamento sairia em breve, mas com o avanço Aliado a promessa não foi cumprida. Para Eliseu era repugnante receber dinheiro das mãos inimigas. Ele acreditava que mesmo se passassem toda a vida em poder dos alemães nunca seriam pagos.

Enquanto os brasileiros permaneciam sem nenhum tostão, os alemães eram pontualmente pagos pelos norte-americanos pela sua condição de prisioneiros.

Paris permanecia sob intenso *black-out* durante a saída de Eliseu. A primeira classe estava superlotada, então foi lhes oferecido lugares entre a terceira classe. Para Eliseu e os demais, tal desfeita não era motivo de aborrecimento, o que importava era regressar vivo ao Brasil. O trem dispunha de cabinas de seis lugares providas de espelhos. Havia um sofá-cama que os pracinhas poderiam utilizar para dormir, outros conversavam ou liam revistas sossegadamente.

Eliseu não consegue enumerar todos os locais dos quais passou em sua peregrinação pela França, mas registra alguns locais como: Dijon, Clermon, Nancy e Lyon, nesta última onde pode assistir a marcha de centenas de prisioneiros alemães que envergonhados, desfilavam sob os olhares irados da população gaulesa.

O circo foi um dos locais que os pracinhas passaram momentos de muita descontração, logo chegará a hora de partir para o novo destino: Epinal. A cidadezinha de Epinal foi o local que Eliseu permaneceu por mais tempo. Fez amizade com um senhor, pai de família que havia perdido uma perna durante a Primeira Grande Guerra. Falava um linguajar sulista que misturava expressões castelhanas, francesas e italianas, mas a dificuldade do idioma não impedia a comunicação dos dois. Com lágrimas nos olhos o senhor mostrava o retrato do filho que foi aprisionado pelos alemães enquanto lutava por seu país.

As mulheres francesas são motivo das melhores lembranças de Eliseu de Oliveira. Segundo ele, suas viagens foram embaladas sob muitos beijos sob a luz do luar. Havia uma garota francesa que Eliseu flertou ao se aproximar de carro. Devido à dificuldade do idioma, ambos trocaram poucas palavras. Para Eliseu, a companhia da francesa não era capaz de apagar Oreana de sua memória.

Eliseu relata que todas as viagens em território Francês foram marcadas pela comodidade das instalações dos transportes ferroviários. A cada pausa da viagem a Cruz Vermelha norte-americana distribuía rações extras, bebidas, guloseimas, objetos de uso pessoal como navalhas de barbear, escovas de dente, roupas, sabão, etc.

Os brasileiros foram conduzidos para Marselha, último passeio antes de retornar ao território italiano onde a campanha da FEB começou. Duas semelhanças marcavam o acampamento de Marselha com o acampamento de Moosburg. Primeiro havia separadores, como rezes de matadouros onde ficavam os ex-prisioneiros. Segundo, em Marselha repetia-se a grande heterogeneidade de pessoas: holandeses, iugoslavos, italianos, gregos, todos esperavam condução para suas pátrias. Apenas os soldados provindos das três grandes potências: EUA, URSS e Grã-Bretanha embarcaram primeiro. A movimentação de entrada e saída das tropas era intensa.

Os pracinhas souberam que se deslocariam via marítima rumo à Itália. Para os pracinhas era desnecessária uma viagem marítima, pois avaliavam os pracinhas que três aviões no máximo seriam suficientes para enviá-los para a Itália. Graças ao representante diplomático brasileiro os pracinhas conseguiram o transporte aéreo para a Itália. Este diplomata revelou-se muito mais amistoso do que o primeiro. Os pracinhas o encontravam casualmente em um café francês, muito bem trajado à moda européia e acompanhado de uma bela loira, os pracinhas acreditaram se tratar de um casal europeu. Logo, o diplomata revelou sua nacionalidade, era brasileiro e se interessou muito pela história destes ex-prisioneiros de guerra. A conversa seguiu muito agradável na presença

do diplomata e da dama loira que era motivo de olhares admirados dos pracinhas. Os prisioneiros alemães serviam os brasileiros gentilmente. Naturalmente, Eliseu usa de tom sarcástico ao se referir aos, anteriormente, rudes alemães, agora não passavam de “arrumadeiras”, blandiciosos e amáveis.

As praias de Marselha eram bonitas por natureza, mas feridas pelas cicatrizes da guerra com a presença de destroços de embarcações e bombas. As mulheres de Marselha chamavam a atenção de Eliseu. A moda de praia em Marselha era de maios curtos se comparados aos usados nas praias brasileiras naquela época. O nudismo em Marselha era comum e normal, segundo Eliseu o primeiro dia que passeou pela praia avistou uma bela garota de 14 ou 15 anos que ignorando os olhares de Eliseu, se despia normalmente de seu traje de passeio substituindo-o por um traje de banho.

O dia era sufocante, apenas a noite os pracinhas podiam derivar de momentos de prazer. Segundo Eliseu, Marselha era a Sodoma da França, “vício e jogo em Marselha caminham de mãos dadas”. Marselha era uma cidade cosmopolita, falavam-se os mais diversos idiomas naquela pequena urbs. Em tempos de guerra Marselha ultrapassava os limites de cidade do prazer, fazendo com que para o soldado a cidade de Marselha fosse um “achado”. Eliseu dizia: “*Paris jet’aime; Marseille, jê t’adore*”.

O pracinha Emilio Varoli soube que haviam telefonado da Itália dizendo que haviam disponibilizado aviões para o transporte dos pracinhas. Cada avião tinha capacidade para pelo menos oito homens e Eliseu soube que estaria na segunda turma. Depois de arrumar sua sacola, teve suas expectativas frustradas, pois o aeroplano havia desviado para o norte, retornando apenas depois de 48 horas.

Eliseu viveu intensamente estes dois últimos dias em Marselha, gozando o máximo de suas aventuras na terra gaulesa. Uma jovem franzina, muito bela o fez companhia nestes dois últimos dias. Eliseu revela que viveu momentos “inesquecíveis de prazer e ternura” com a francesa. A jovem não disse seu nome, nem mesmo Eliseu perguntou. Talvez sua vontade fosse expressa em sua filosofia de vida que dizia: “*La vida es igual que el tiempo; um dia lleno de luz y de claridad; despues la noche sombria y irremediable de la muerte... Que hacer? Gosar, gosar hasta que la muerte cierre nuestros ojos, con sus manos temblantes...*” (Bondesan,1947).

Eliseu não lembra se registrou na íntegra as palavras de sua “amiguinha”, mas teve certeza que seguiu assiduamente o seu conselho. Ela o acompanhou até a despedida no aeroporto desejando-lhe “*salud y mucha plata*”. Ao tomar o assento do avião

da FAB, deu-lhe o ultimo beijo e enquanto a avião ganhava altitude despedia-se com saudade do território francês (Idem,1947).

O retorno ao Teatro de Operações da Itália

Desde o dia 30 de abril a FEB não empreendia operações de guerra. Com o aprisionamento na 148ª DI alemã em Forno Di Taro, não havia mais inimigos a combater. O V exército norte-americano encerrou a campanha no dia 2 de maio. Logo após o desfile das tropas libertadoras da Itália ocorrido em Milão, onde a FEB foi representada por um pelotão do 1º RI, houve a distribuição da tropa pelas áreas ocupadas. O 1ºRI foi deslocado para a cidade de Piacenza, o 6ºRI para Voghera-Castelnuovo Tortona e o 11ºRI foi para Alessandria (Brayner,1968). A missão principal constituía-se na guarda de setores públicos, repressão de distúrbios que perturbassem a ordem, enquanto as tropas não fossem substituídas por unidades regulares do Governo Militar (Castello Branco,1960). Segundo Mascarenhas de Moraes, durante o período de cinquenta dias que a FEB cumpriu a ordem de ocupação do território não houve nenhum incidente entre as populações civis, a FEB e os guerrilheiros partigiani (Moraes,1947:240). Já Castello Branco revela que a ocupação Aliada não conseguiu conter os ataques dos guerrilheiros comunistas sobre os remanescentes do fascismo. Seu ódio era tremendo, os partigiani organizavam execuções públicas, numa forma de exorcizar seu país da ultima influencia do fascismo (Castello Branco,1960).

Eliseu viajou duas horas de avião, desembarcando em Pisa às quatro horas da tarde. Eliseu revela ao retornar a Itália, não se sentia mais em território estrangeiro, a Itália era como uma sub-pátria onde reencontraria seus companheiros de guerra. Eliseu espanta-se com o poder de recuperação dos italianos. Lembra-se que antes de ser aprisionado, havia visto uma cidade de Pisa totalmente destruída pela guerra, mas ao termino dela seus habitantes encontravam-se com grande sorriso, entusiasmados em recuperar seus lares (Bondesan,1947).

Na cantina dos brasileiros o sentimento de superação dos italianos era sem igual. Oficiais da FAB dançavam com as jovens italianas num ambiente de muita diversão. Era como se Hitler e Mussolini nunca tivessem existido, diz ele. Eliseu não participou do baile, preferiu beber algumas “birras”, como ele diz, até o momento que fosse voltar para dormir. Na manhã durante o café com os aviadores da FAB Eliseu recebeu ordens de que não se afastar até receber as devidas ordens. Eliseu desobedeceu às ordens dos aviadores e

às 11 horas embarcou nos caminhões pilotados por brasileiros que por lá passaram, e seguiu rumo a Viareggio, ao norte para procurar o PC brasileiro.

De Viareggio seguiu por varias outras localidades que ele não se deteve em registrar em suas notas. Sua impressão era que havia certo desinteresse pelos oficiais da FEB em saber onde estava localizado o grosso das tropas (Bondesan,1947). Neste período o alto comando da FEB percebeu o estado de irritação e fadiga das tropas neste fim de campanha, enquanto aguardavam a viagem de volta para o Brasil. Temiam que a tropa se dispersasse pela Itália, por isso criaram clubes recreativos em Alessandria e Piacenza para descontrair as tropas. O alto comando não obteve resultados em seus esforços e os pracinhas restituíram as “tochas”, organizando verdadeiras peregrinações pelo continente europeu. O alto comando tentou inibir os excessos e punia algumas transgressões, mas logo as “tochas” se tornaram fato comum (Castello Branco,1960:482,483).

Em Alessandria, Eliseu encontrou o capitão Damasceno que transmitiu notícias sobre os pracinhas de São José dos Campos. Retiravam-se de Alessandria rumo a Voghera onde avistaram os joseenses Norberto Firmino e Toti, trocaram poucas palavras, pois tinham pressa em chegar ao PC. Eliseu se alegrava ao saber que seus amigos estavam vivos, contrariando suas expectativas (Bondesan,1947).

Em Moosburg, Eliseu acreditava que pelo menos 50% de seus companheiros do 1º batalhão estariam mortos. Foi de muita alegria saber que o 1º batalhão do 6º RI foi à unidade de menos baixas, com apenas 19 mortos e 22 desaparecidos, destes últimos apenas um Eliseu acreditava estar morto. Muitos feridos foram deslocados para tratamento nos EUA, fato que poupou muitas vidas. Alguns homens foram vitimas de acidentes durante a campanha.

Hilario Decimo Zanenco morreu vitima de acidente de jipe. O soldado Solano morreu vitima de um disparo acidental de seu fuzil Mauser que estava sendo examinado por um companheiro. Depois do termino da campanha o 1º sargento da 3ª Cia Rodoval Cabral da Trindade morreu num acidente de carro nas proximidades de Voghera. Sua morte foi muito sentida pelas tropas.

Eliseu de Oliveira insere em seu relato a relação dos homens do 1º batalhão que tombaram na campanha da FEB publicada neste período em Voghera:

Manuel Barbosa da Silva – 2º tenente – 1ºCia. Cascio (Gallicano) – 22-10-44;

Sansão Alves dos Santos – cabo – 2º Cia. Camaiore – 8-10-44.

Elizeu Pinhal – cabo – 2º Cia. – Barga – 29-10-44.

José Maria Pinto Duarte – 1º tenente; José Rufino da Costa e Vicente Batista – soldados – 3ª Cia. – Colle S. Quirico (Barga) 31-10-44.

José da Silva – cabo – 2ª Cia. Lizzano (Vergato) 2-12-44.

Francisco Gomes de Souza – soldado – 1ª Cia; José Leite da Silva – soldado – 2ª Cia; Antonio Matias de Camargo – soldado – 2ª Cia. – Boscaccio (Castelnuovo) 31-12-44.

José Alves de Abreu – soldado – 1ª Cia. Castelnuovo 3-3-45.

Romeu Casagrande – cabo- 2ª Cia.- Soprasasso (Castelnuovo) 5-3-45.

João Pereira da Silva – soldado – 2ª Cia. – Soprasasso (Castelnuovo) 5-3-45.

José Luiz dos Santos – soldado – 2ª Cia. – Elevação 720 (Castelnuovo) 6-3-45.

José Luiz dos Santos – soldado – 2ª Cia. – Monte Belvedere – 6-4-45.

Abel Antonio Mendanha; Sebastião Garcia; José Fernandes da Silva; Hilário Décimo Zanesco; soldados e Andirás Nogueira de Abreu, 2º sargento – todos da 2ª Cia. – Collechio (Fornova) 28-4-45 (Bondesan,1947).

Segundo Eliseu o 1º RI unidade que chegou no 2º escalão, foi à unidade que registrou o maior numero de mortos na campanha (Bondesan,1947). Segundo o Helio Portocarrero de Castro, o III batalhão do 6ºRI participou de dois fracassados ataques a Monte Castello. O III batalhão estava desgastado devido aos muitos conflitos que travou. Foi substituído pelo 1ºRI do Rio de Janeiro e pelo III batalhão do 11ºRI de São João Del Rey (Motta,TomoIV:71,72,73). Segundo Enéias Sá de Oliveira, o regimento Sampaio mal havia encontrado tempo para preparar suas tropas para o combate foram logo designados a conquistar Monte Castello resultando em um grande numero de baixas (Oliveira,2008). Helio relata que o III batalhão do 11ºRI ainda não possuía nenhuma experiência de combate, era o batismo de fogo das tropas. O 1ºRI já havia sido deslocado na região de Torre de Nerone, porém sua experiência de combate não era muito superior ao 11ºRI. O III batalhão da 11º RI ficou famoso neste episodio por ser aquele que caiu em debandada morro abaixo (Motta,TomoIV). Tais fatos no ajudam a compreender o motivo das baixas ocasionadas pelos demais escalões da FEB. Como diz o ditado popular: os pracinhas foram “jogados na fogueira.”

O tenente-coronel Celso Rosa relata que era corrente entre as tropas os boatos de que no ultimo ataque a Monte Castello as tropas norte-americanas que haviam conquistado o Monte Belvedere, elevação circunvizinha de Monte Castello atiraram nas

posições brasileiras. O equívoco dos norte-americanos foi provocado novamente pelo uniforme verde-oliva da FEB similar ao uniforme alemão (Motta, Tomo VI).

Emilio Varoli nos relata a curiosa conversa que teve com um capitão alemão durante uma parada momentânea logo depois de sua captura no terceiro ataque a Monte Castello na região de Abetaia. Emilio e o capitão conversaram em inglês, com eles estava um oficial médico atendendo os feridos alemães:

Francamente, vocês brasileiros ou são loucos ou muito bravos. Nunca vi ninguém avançar sobre metralhadoras e posições bem defendidas com tanto desprezo pela vida.

- Capitão, nós cumprimos as ordens recebidas.

- Eu sei disso. Mas a tropa brasileira perdeu no ataque de hoje uma centena de homens entre mortos e feridos (na verdade foram 145 baixas), contra cinco mortos e treze feridos nossos.

- Capitão, os brasileiros não fogem à luta, haja o que houver.

- Vocês são uns verdadeiros diabos. Na minha opinião, depois do soldado alemão que incontestavelmente é o melhor do mundo, os brasileiros e os russos são os melhores lutadores que já vi.

- Essa é sua opinião, mas não a minha (WWW.grandesguerras.com.br).

Noronha concedeu uma entrevista ao jornal “E a cobra fumou!” no qual narrou sua atuação na campanha. Eliseu se surpreendeu de alegria ao ler o artigo, pois ignorava o paradeiro de seu companheiro de guerra. Eliseu acredita que o artigo é de autoria de Higino Corrêa. Nele, Noronha relata em certo momento que na região de Brunico havia encontrado um avião da FAB aprisionado e um soldado do 11º RI, este último se tornou conhecido no seio da tropa por ter sido retirado pelos alemães de dentro da casamata com um oficial norte-americano responsável pelos tanques. O soldado contou para Noronha que durante o interrogatório os oficiais alemães queriam saber qual o significado do dístico da FEB com a cobra fumando. Os alemães não se conformaram com a explicação dada e registraram em seus relatórios que se tratava de um prisioneiro de uma unidade alpina brasileira. O alemão concluiu dizendo: “Se não fosse assim, como podem vocês combater dessa forma nos morros” (Bondesan, 1947:282). Percebemos que não era a habilidade de combater dos brasileiros que impressionava os alemães, mas o destemor e entreguismo dos brasileiros pelo dever da guerra.

Voghera era um local de tristes lembranças para Eliseu enquanto ele estava nas mãos dos alemães, mas ao avistar seus irmãos de armas da 3ª Cia este sentimento

dissipou-se. Ao avistarem Eliseu, seus companheiros mal podiam acreditar que aquele companheiro que julgavam estar morto havia sobrevivido. Gritaram de emoção ao vê-lo, Eliseu diz que ficou com as costelas e as mãos doendo de tantos abraços que recebeu. Todos se agruparam em torno de Eliseu, e ouviram sua história de prisão cheios de indignação e surpresa. Alguns retornavam a apalpalá-lo para verificar se era ele mesmo em carne e osso (Bondesan,1947). Não era de admirar a descrença de seus companheiros, antes do retorno de Eliseu a frente italiana foi publicada em uma edição do jornal “E a cobra fumou!”, (qual não possuímos a data exata) a relação dos mortos e desaparecidos do 1º batalhão. Eliseu estava na lista dos desaparecidos:

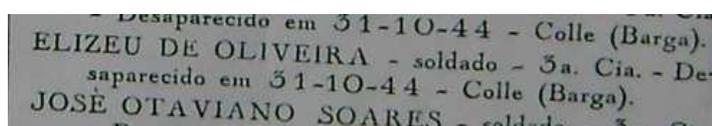


Figura 54: Jornal E a cobra fumou, Voghera, Itália, 1945. Figura 55: Idem.

Fonte: ANVFEB – Jacareí/SP,2010.

Eliseu se emocionou ao reencontrar seus companheiros que lutaram na batalha de San Quirico. Primeiramente reencontrou seu companheiro Bigode, de Jacareí, que escapou da morte durante uma fuga arriscada enquanto seu grupo era cercado. Abraçaram-se demoradamente. Logo depois, Eliseu encontrou seu superior da 3ª Cia, o capitão Aldenor da Silva Maia. Eliseu correu para abraçá-lo, e conversaram por muito tempo. Eliseu narrou para Aldenor sua história como prisioneiro de guerra e, conforme Eliseu contava, Aldenor o interrompia emocionado. Aldenor se surpreendeu com o relato, pois julgava que os 17 homens do 7º grupo estivessem mortos. Eliseu estava curioso pelo destino das tropas durante o revês de San Quirico. Aldenor contou a Eliseu como ocorreu o primeiro revês da FEB, a morte do tenente José Maria Pinto Duarte e o destemor do capitão Atratino, já relatados no capítulo anterior (Bondesan,1947).

A história de Eliseu se espalhou rapidamente por Voghera, muitos pracinhas procuraram Eliseu para ouvir de seus próprios lábios sua odisséia. A curiosidade deles era enorme, e o capitão Aldenor, depois de abraçá-lo, lhe deu o seguinte conselho:

- Você deve escrever um livro, Eliseu. Você deve contar aos brasileiros de hoje, e aos de amanhã, tal como esta fazendo para nós, a sua história. Os brasileiros do futuro precisam saber disso – e imitar o seu exemplo.

- Eu, escrever um livro? Não dou para isso capitão!

- Como não! O material esta ai, é ótimo! Muitos escritores nossos teriam vindo aqui, só para ver o que você viu!

- Ah! Mas falta-me jeito, instrução, gramática...

- Nada disso. Faça tudo com naturalidade. Deixe correr à pena. Se algum pronome sair fora do lugar, deixe que os gramáticos gritem. Mais gritariam se caíssem nas mãos dos alemães. O que importa é salvar a sua história.

Prometi ao capitão estudar o caso. Certo, porém, de que jamais me meteria em tal aventura. O mundo, isto que chamamos mundo, dá muitas voltas. E o livro esta aqui... (Bondesan,1947).

Eliseu se tornou popular entre as “bambinas”, como ele diz, graças a seus companheiros que exaltavam sua figura como herói de guerra para as beldades italianas. Era carinhosamente recebido pelas moças e o cobriam de beijos dizendo: “*E questo nostro Eliseu?*”, “*Che bel fanciollo!*”. Eliseu se tornou apto no idioma italiano, falando-o naturalmente como a língua portuguesa. Eliseu se identificava com os costumes e o modo de agir dos italianos semelhantes aos brasileiros.

Os romances entre pracinhas e italianas aconteceram aos milhares. As italianas aprenderam palavras em português como: “eu te amo”, “meu amor”, “meu pedaço...”, as diziam para os pracinhas no ambiente de namoro. Em Voghera, repetia-se um fato que Eliseu já havia presenciado em Pisa e Alessandria, vários pracinhas levando jovens italianas numa intimidade de lua-de-mel. Eliseu estranhou logo de início, mas logo participou da brincadeira.

O jornal “E a cobra fumou!” não deixou de publicar em seus periódicos este fenômeno que resultou em alguns casamentos entre os pracinhas:

Aureolado pelos dons invejáveis: ter vindo de um país grande e desconhecido e ser ‘liberatore’, Mestre Praça realizava o ideal do Príncipe encantado, por quem suspiravam as beldades vogherenses. E uma paixão violenta e arrebatadora tomou de assalto a deliciosa cidade. Nobre e enquadrado, não

compreendendo o amor fora dos ‘casais competentes’ (para evitar a concorrência, dizem os despeitados), o pracinha não vacilou e, em conseqüência, o imponente ‘duomo’ de Voghera tem assistido a diversos casamentos. Outros mais, sabemos, estão com datas marcadas. A moléstia esta se alastrando de modo alarmante. Fiquemos aqui mais tempo, e todos voltarão casados, alguns até pela segunda vez... (Bondesan,1947)

Eliseu de Oliveira se encontrou com seus primos Monteiro e Cunha que renovaram o espírito saudosista de Eliseu exibindo-lhe cartões de São José dos Campos. Eliseu pediu para um deles que o levasse em sua motocicleta para San Casciano onde poderia ver pela ultima vez a jovem Oreana, por quem havia se apaixonado. Ambos estavam preparados para a ambicionada viagem, porém uma ordem do alto comando lhe fez preparar as malas para a viagem para Francolise, ultimo ponto que a FEB estacionaria antes de embarcar de volta para o Brasil. À ordem porem só foi cumprida alguns dias depois, para a frustração de Eliseu que não teve a oportunidade de rever Oreana.

Eliseu participou de varias passatempos nestes últimos dias em Voghera em companhia das italianas e de seus amigos. Assistiu pela primeira vez filmes dublados no cinema de Voghera que havia sido reaberto. Assistiu a peças de teatro em que participavam os cidadãos locais e alguns pracinhas que tiveram seus dotes humorísticos muito elogiados. Também assistiu a opera intitulada: “*Ballo in Maschera*”. Houve disputados jogos de futebol entre o time dos pracinhas e o de Voghera. O time brasileiro era composto dos praças: “Andrade (Garcia), Baiano e Armando; Vicente, Fiúza (Castelli) e Castelli (Mecchi); Bariri, Gratalhano, Chiba, Alvim e Paradella. Os gols foram marcados por Chiba e Gratalhano.”

O 1º batalhão publicou em Voghera 14 edições do jornal de campanha: E a cobra fumou! O jornal era impresso nas “*Industrie Grafiche P. Via Plana, 7 Voghera*”. Havia grandes deficiências tipográficas no desenvolvimento de um jornal em português. Não existia o c cedilha e o til, para remediar colocava-se o numero 5 de cabeça para baixo no lugar do c cedilha, e no lugar do til aplicavam o acento circunflexo e agudo. Para Eliseu a leitura de “E a Cobra Fumou!”, com suas piadas, clichês, alusões aos companheiros, lhe proporcionavam momentos de prazer espiritual (Bondesan,1947).

Obtivemos uma propaganda da produtora do jornal que pertencia ao senhor Nelson Guedes. Porém não podemos afirmar se tratava de uma edição de “E a cobra fumou”, ou de algum cartaz:

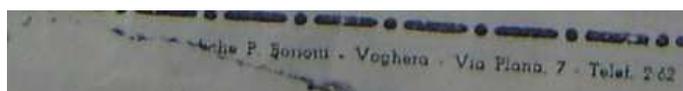
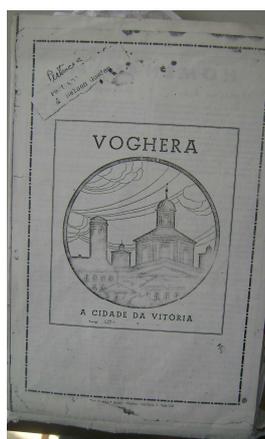


Figura 56: cartaz da *Industrie Grafiche* da cidade de Voghera. Figura 57: Idem.

Fonte: ANVFEB – Jacareí/SP, 2010.

Eliseu transcreveu alguns artigos em seu livro, havia artigos que ironizavam os serviços da retaguarda, (conhecidos como Saco B) como no jornal de 8 de junho que dizia: “Ultima Hora – Voghera, 4 (Escambau) – Chegaram as encomendas de Natal” (Bondesan, 1947).

Eliseu transcreve um terceto de Tico Antunes publicado em “E a cobra fumou!”, criticando os soldados da retaguarda: Quebrem-se as taças de teus bacanais, Dê-se um consolo às pobres mães que choram, Pelos seus filhos que não tornam mais! O jornal criticava os soldados da retaguarda em forma humorística:

Após havermos lido a mirabolante entrevista concedida em Mogi das Cruzes por um certo cabo, que se diz “herói da FEB” na qual declarou ter atravessado o rio Pó a nado e conquistado Gênova e Trieste em assalto a baioneta, fomos entrevistar o ilustre personagem – snr. Boja, para que se fizesse luz sobre o assunto. Fomos encontrá-lo na cozinha da 3ª Cia, S. Excia. de longe nos mandou fazer alto, pois naquele momento ia ser destampado um recipiente da celebre sopa de sua especialidade, em cuja confecção entram, como ingredientes, M-1, 2 e 3, barbante de juta, e carne de lobisomem... Reforçando a expressão disse: “Chi toca, muore” (alusão aos fios eletrificados). Depois dessa admoestação e explicação, perguntou-nos se queríamos fumar um sublime cigarro RODEIO, oferta da LBA, o que indignados recusamos incontinentemente... (Bondesan, 1947)

Havia os jornais que faziam piadas dos cigarros brasileiros, detestados pela FEB: “Na Itália, como no Brasil, existem praias. Nem todos, porém, estiveram em Viareggio. Contemplem estas ninfas, produtos tipicamente daquela região e saibam que, com Iolanda, Cine e “mancando” fósforo, nem com promessa as apanharão em suas redes...” (Bondesan,1947) .

A partir do dia 3 de junho a FEB iniciou seu deslocamento para a região de Francolise. O deslocamento foi feito via férrea: Bolonha – Livorno – Francolise; por via marítima: Livorno – Nápoles; por automóvel: Genova – Livorno – Roma – Francolise (Moraes,1947:241). A despedida dos pracinhas em Voghera foi marcada de um ambiente muito doloroso para os casais. Os pracinhas prometiam as amadas que logo providenciariam a viagem para o Brasil, “coisa em que elas aparentavam acreditar.” A viagem foi feita de caminhão até certa localidade na qual Eliseu não conseguiu recordar, seguiu para Francolise em marcha. O grosso das tropas já estava à espera do embarque para a pátria. Suas barracas situavam-se em torno da cidade. Ao chegar ao acampamento os pracinhas que lá estavam interpelavam Eliseu dizendo: “Arre! Encontrei um americano que fala português! Puxa!”, mas ao perceber que se tratava de apenas um brasileiro vestido com a farda norte-americana os pracinhas caíam na gargalhada (Bondesan,1947).

O Governo brasileiro tinha pressa em organizar o mais rápido possível a desmobilização política da Força Expedicionária Brasileira. Castello Branco salienta que a desmobilização militar é um ato de rotina destinado a reconverter os efetivos militares as suas proporções primitivas à medida que vão se tornando desnecessários à guerra. No caso da FEB houve uma antecipação da desmobilização por certo temor da alta cúpula da ditadura Vargas numa propalada rebelião contra a ordem constituída, entre os expedicionários (Castello Branco,1960:539). Segundo Amyntas Pires de Carvalho os certificados de reservistas foram impressos na tipografia *A. Macchi & Cia*, em Milão, seriam enviados ao Brasil para a desmobilização das tropas (Motta,TomoVIII:314). Porém segundo Oudinot Walladino, atirador do III batalhão do 6ºRI os certificados de reserva foram entregues enquanto as tropas ainda permaneciam na Itália (Motta,TomoVII:51). Para Skidmore, a FEB se tornou motivo de preocupação no projeto de transição da ditadura para o regime democrático. Em 1944 o governo brasileiro recebeu relatórios de oficiais brasileiros do V exército. Os relatórios continham críticas ao Estado Novo (Skidmore, 1969: 72).

No capítulo II vimos que grande maioria dos homens que fizeram parte da FEB eram reservistas empenhados em seus trabalhos civis, sem interesse dos motivos da

entrada do Brasil na guerra. Mas o sentimento democrático e de repúdio ao fascismo influenciava uma pequena parcela dos oficiais de patente mais elevada que estavam descontentes com a alta cúpula do governo. Na formação da FEB, os poucos universitários que compuseram a FEB não deixaram de influenciar as tropas com músicas, artigos etc. Mais radical era a base comunista relatada por Jacob Gorender em princípios de 1945 elaborou um manifesto exigindo o retorno do regime democrático ao Brasil. Ambos os grupos conheciam as influências fascistas de Filinto Muller, Francisco Campos, Getúlio Vargas, Eurico Gaspar Dutra entre outros. Com o fim da guerra, é certo que os pracinhas retornaram com este sentimento democrático mais aguçado ao enfrentarem o inimigo nazifascista. Assim como relatou Eliseu quando criticou o álbum de propaganda do Estado Novo no consulado brasileiro em Paris.

Castello Branco e Brayner salientam que Francolise era um local insípido e desconfortável, resultando num ambiente de revolta no seio da tropa brasileira para com o descaso dos norte-americanos (Castello Branco,1960; Brayner,1968). O alto comando do exército norte-americano ordenou o recolhimento de todo o material de guerra da FEB. Brayner relata que tal medida resultou em um sentimento de castração ao retirarem dos pracinhas as armas que os conduziram à vitória (Brayner,1968:512). Segundo Oudinot Walladino, as tropas aliadas revendiam os armamentos ilegalmente para os italianos (Motta,TomoVII:47).

Enquanto os pracinhas eram deslocados para Francolise, última estada das tropas brasileira em território estrangeiro, o Ministro da Guerra autorizou o desmembramento do Estado-Maior da Divisão na forma de um Destacamento Precursor que seria enviado no dia 8 de maio sob a chefia do Coronel Floriano de Lima Brayner. Para do grupo do Estado-Maior seria desmobilizado no regresso ao Brasil, outra parte seria desmobilizada junto com os sucessivos escalões de embarque da FEB. Brayner relata que era duro ver o órgão criado por ele mesmo ser desmembrado para “satisfazer ambições e manobras de bastidores” (Brayner,1968:510,511).

Segundo Mascarenhas de Moraes durante o período de ocupação do território italiano, houve diversas manifestações dos cidadãos italianos para a permanência da tropa brasileira naquele país (Moraes,1947). Porém, Brayner ressalta que para Mascarenhas só interessava o rápido retorno da FEB para o Brasil. Para Brayner a ocupação territorial era atitude digna de tropas mercenárias que espoliavam os povos submetidos a anos de ocupação. Brayner revela sua magoa para com o alto comando do exército norte-americano que esperava ansioso o retorno das forças brasileiras. Outro fato

ressaltado por ele é o alto custo que a permanência da FEB acarretaria aos cofres públicos (Brayner,1968:509,511). Mas o filme *Radio Auriverde*, nos mostra uma visão mais satisfatória ao revelar que a Força Expedicionária Brasileira sofreu veto como tropa de ocupação da Áustria, ordenado pelo marechal Crittenger para a FEB e a 92ª DI norte-americana (Filme *Radio Auriverde*,1991).

Já analisamos anteriormente que não era vantajoso para o exército norte-americano um parceiro como o Brasil. No decorrer da campanha percebesse muitas demonstrações de descaso por parte dos norte-americanos para com a FEB. O jornal de campanha “E a cobra fumou!” transcreveu um artigo publicado originalmente no periódico norte-americano “*The Stars and Stripes*” de 1 de abril de 1945 de autoria do sargento Stan Swinton. Estava intitulado no artigo brasileiro “O que eles dizem de nós”, e abaixo a seguinte mensagem “Transcrevemos na íntegra para que cada um faça seu próprio julgamento”.

Percebemos que o articulista do jornal tentava acalmar os ânimos no seio do exército norte-americano, explicando o contexto histórico em que a FEB estava inserida, bem como um resumo da campanha da FEB até aquela altura. Para conscientizar os soldados norte-americanos sobre as muitas deficiências no seio da FEB, porém algumas questões importantes podem ser percebidas no decorrer do artigo. O articulista descreve que o exército brasileiro provinha de uma disciplina rígida, à moda francesa. Sua única experiência de combate consistia na repressão de revoltas internas. A camaradagem entre oficiais e soldados, típica no ambiente militar norte-americano não existia no Brasil.

Apenas os oficiais tinham o direito ao voto, os soldados eram mal remunerados e utilizavam armamentos antiquados das mais distintas nacionalidades. Relata aos norte-americanos que os brasileiros eram profundamente pró-aliados enquanto o regime que viviam era altamente totalitário. E lança a seguinte questão: “por que a decisão de mandar os soldados brasileiros para a guerra em 1943?” Essa deveria ser uma questão muito propalada entre os militares de média-alta patente. O articulista salienta que segundo alguns observadores latino-americanos, Vargas previa uma invasão da Alemanha através da costa da África, impulsionada por sublevações da quinta-coluna na região sul do país (lembrando que essa era uma análise feita pelos estrategistas norte-americanos, não por Vargas). Outra razão seria a modernização do exército brasileiro em associação com os EUA, e o prestígio internacional que o Brasil obteria com a vitória na guerra (E a cobra fumou! Anno I,nº12, Itália, 25 de abril de 1945).

Para descrever o perfil do pracinha brasileiro o articulista procura descrever o resumo da campanha na visão pessoal de dois personagens fictícios: José e João. João era operário, José era lavrador, ambos jovens de 21 anos de idade, eram muito pobres e com pouca instrução escolar. Foram sorteados para formar as fileiras da Força Expedicionária. O enquadramento e treinamento destes dois personagens foram marcados de dificuldades no início, pois para o articulista do jornal, o fato do Brasil não possuir unidades de recepção dos soldados era um fator a considerar. Porém os pracinhas mostraram-se estudantes atentos a instrução de combate norte-americana. O articulista segue descrevendo a campanha da FEB, mas revela que em sua visão o Deslocamento da FEB para o Rio Reno e a batalha de Monte Castello serviu apenas para quebrar o “marasmo” do corpo expedicionário. O articulista não poderia compreender que a FEB foi lançada desde o início numa frente de combate totalmente desproporcional aos número de seus efetivos em combate (Idem).

Através do sargento norte-americano Jim E. Asper de Salt Lake City obteve relatos sobre o motivo que cada pracinha acreditava estar lutando. O sargento que falava fluentemente o português perguntou por que lutavam. Segundo ele, alguns pracinhas diziam que lutavam pelas “Quatro Liberdades”, mas muitos não sabiam quais eram estas liberdades. Para ele o soldado brasileiro tinha uma visão pessoal do conflito, muito parecida com o soldado norte-americano (Idem).

A FEB provocava muitas mudanças no exército brasileiro, principalmente no que se refere à disciplina francesa que estava sendo abolida. Praças não prestavam mais continências a seus superiores, tal formalidade não era mais necessária. A polícia militar da FEB adquiriu poderes equivalentes ao policial militar norte-americano com autoridade para repreender, se necessário, até mesmo um oficial. O pracinha tinha uma moral mais alta se comparado aos soldados que serviam dentro do Brasil, pois seu ordenado era muito maior. O trecho mais importante do artigo era com relação às mudanças democráticas no regime ditatorial brasileiro:

Do outro lado do Atlântico, o Presidente Vargas aboliu a censura interna, restaurou muitos direitos democráticos e anunciou a primeira eleição presidencial livre desde 1910. Pressão dos Estados Unidos tiveram provavelmente uma parte nessa decisão. A opinião pública foi outro fator primordial! Os brasileiros acharam que a FEB lutasse pela Democracia fora, quando inteira Democracia não existia no país. O ‘pracinha’, encolhido em

Fox holes nas montanhas da Itália, podem ter conseguido a sua maior Vitória no próprio Brasil. (E a cobra fumou! Anno I,nº12, Itália, 25 de abril de 1945)

A prostituição em Francolise era negocio lucrativo devido à grande concentração de soldados naquele local. Enquanto os pracinhas se divertiam organizando varias festas no acampamento de Francolise, Eliseu preferia descansar no interior da barraca, apenas observando seus amigos se divertindo no terreiro. No interior das barracas havia de tudo necessário para uma boa estada no acampamento: velas, óleos para os cabelos, loção contra mosquitos, pulverizadores, utensílios para barba e pastilhas contra tifo e malária, etc. Neste local Eliseu não podia apreciar a agradável leitura do jornal de seu batalhão, “E a cobra fumou!”, mas se alegrou ao avistar um exemplar do “Globo Expedicionário” (Bondesan,1947).

Não podemos saber qual numero do Globo Expedicionário Eliseu possuía, mas inserimos um exemplar de “o Globo Expedicionário” que se destaca pelo teor de sua notícia. O articulista do jornal destacava que no dia 22 de fevereiro o presidente Vargas se reunia com o Ministério no Palácio Negro, em Petrópolis, para discutir sobre as medidas a serem adotadas para a prometida reestruturação política do país, a fim de se realizarem eleições gerais. Jornais como este nas mãos dos pracinhas poderiam ser interpretados pelos soldados como uma vitória da FEB dentro de seu próprio país. Exaltando ainda mais a imagem da FEB, destacasse a homenagem de Walt Disney para a FEB, o desenho da “Cobra fumando”, enviada a pedido do jornal “o Globo”.



Figura 58: O Globo Expedicionario.

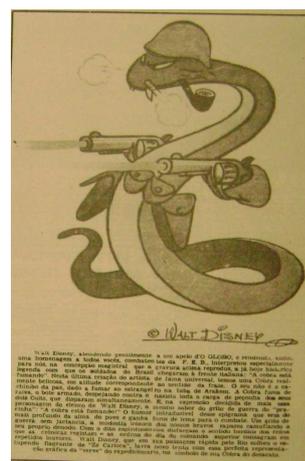


Figura 59: Idem.

Ano II, nº25, Rio de Janeiro, 22/02/1945.

Fonte: Agencia Globo de Serviços Ltda, 1985.

Grande maioria dos soldados empreendeu verdadeiras viagens turísticas pelas cidades italianas. Inicialmente, Eliseu não tinha desejo de viajar pelo território italiano. Estava cansado, seu desejo era ausentar-se, dormir por muito tempo. Porém, um de seus companheiros o convenceu a visitar Roma, “a cidade eterna”. Em Roma o calor era escaldante, era impossível passear sem um refrescante sorvete. Eliseu pagou um alto preço nos “*ice cream*”, algo em torno de 20 liras. Havia varias pessoas que trabalhavam como guias turísticos nesta época, Eliseu e seu amigo foram barrados por um homem metido a guia turístico que dizia conhecer os mais belos pontos turísticos de toda Roma. O Eliseu tentou dissuadi-lo, mas o homem jurava por todos os santos e beijava as pontas dos dedos dizendo que tinha a preferência dos melhores turistas (Bondesan,1947).

O esperto guia acompanhou Eliseu e seu amigo mostrando-lhes alguns pontos turísticos de Roma. Seu linguajar era confuso, e misturava nomes de santos, imperadores, reis, guerreiros, estadias e personagens de romance. Visitou o monumento a Victor Manuel II, o Castelo de Santo Ângelo, o Panteon, o Palácio de Quirinal, a Basílica de São Pedro, o Duomo de Milão, a Capela Sixtina, a Biblioteca, a Basílica de São Paulo, o Castelo de Santo Ângelo, Pompéia e o Monumento a Garibaldi. Eliseu retornou a Francolise, mas não conseguiu ver o Papa, pois sua santidade atenderia todos os pracinhas somente à tarde (Idem,1947).

O retorno ao Brasil e a outra guerra

No dia 4 de junho, passados um mês estacionado em Francolise deram-se início as ordens de embarque. Aos feridos e ex-prisioneiros foi concedido o privilégio de retornarem a pátria por via aérea. Para Eliseu tal viagem solitária não era atrativa, permaneceu estes últimos momentos com seus camaradas do 1º batalhão. Embarcou junto com a FEB um contingente da 10º DI de Montanha que participaria do desfile no Rio de Janeiro. Durante todo o dia 5 foram efetuados os preparativos da operação de embarque. Fazia um ano e 4 dias quando a nave de ferro deixou o golfo rumo a pátria dos brasileiros.

Eliseu descreve o estado moral dos homens: “Muitos regressavam envelhecidos – os velhos de vinte anos, produtos das guerras, das estúpidas carnificinas que os homens realizam, sem saber porque.” E mais adiante:

Partíramos sob a impressão da incerteza do porvir. Regressávamos com planos e planos na cachola... Alguns pretendiam trabalhar, para recuperar o tempo perdido. Outros desejavam o contrario – queriam descançar, por um ou dois anos – ou pelo resto da vida... Muitos projectavam casar, assim que

pussem o pé no bendito chão brasileiro. Eu não tinha planos. Estava ainda meio tonto, sem saber que fazer no Brasil; apenas viver, o que já era uma grande coisa, para quem andou nos campos de concentração... (Bondesan,1947)

Em Voghera, Eliseu dizia quais eram suas intenções quando chegasse ao Brasil: “Quando chegar ao Brasil, quero ficar seis meses sem falar, sem trabalhar, sem pensar... Quero hibernar, depois de tantos dias de agitação e fadiga” (Bondesan,1947).

O jornal “A Tocha” passou a ser impresso no interior do *General Meigs* no camarote 204. Os artigos tinham o cunho informativo demonstrando o contexto da guerra pelo mundo. O cotidiano dos pracinhas no navio era relatado, havia poemas, charges e piadas que divertiam as tropas. Eis um exemplar de “A Tocha” impresso no interior do *General Meigs*:

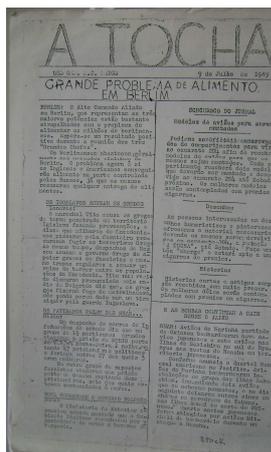


Figura 60: Cópia do jornal *A Tocha*,USS General Meigs, 9 de julho de 1945.

Fonte: ANVFEB-Jacaré/SP,2010.

Um concurso foi promovido pelo jornal “A Tocha” que fazia a seguinte questão aos pracinhas: “O que você fará ao deixar o exército?”. O vencedor foi o soldado Milton Zappia do 6ºRI que compôs a seguinte frase: “Procurei ao sair do exercito ser um bom civil, fiel no meu país, trabalhador e honesto, pois assim sendo terei a certeza de quando morrer ter sido, ao menos, um pouco útil ao meu glorioso Brasil”. Não sabemos de qual setor partiu a iniciativa do concurso, mas pode-se entender o concurso como uma forma de evitar atitudes de “vadiagem” quando estes desembarcassem no Brasil (A Tocha, USS General Meigs, 15 de julho de 1945).

A FEB foi embarcada em quatro grupamentos sob comandos autônomos: O primeiro era o destacamento precursor do Estado-Maior chefiado pelo coronel Floriano de Lima Brayner; o segundo chefiado pelo comandante da FEB general Mascarenhas de Moraes que partiu no dia 6 de julho em um avião norte-americano sob a companhia do tenente-coronel Castello Branco; o terceiro era o 1º escalão da FEB que saiu de Nápoles a bordo do *General Meigs* no dia 6 de julho com um numero de 271 oficiais e 4660 praças chefiado pelo general Zenobio da Costa; o grosso da FEB permaneceu em Francolise sob o comando do general Cordeiro. O boletim interno do exército ordenava a extinção do ultimo grupamento depois de sua partida para o Brasil, ou seja, dera-se início ao processo de extinção da Força Expedicionária Brasileira (Brayner,1968:514,515,516).

Brayner relata que se utilizou de todos os argumentos cabíveis para convencer seus superiores de que não se desmobilizasse o Estado-Maior Divisionário e a FEB. Segundo Brayner a desmobilização da FEB foi uma medida preventiva dos “personagens” da ditadura Vargas, pois se temia os resultados de uma recepção apoteótica do povo a vitoriosa Força Expedicionária Brasileira, a seus generais e ao Estado-Maior Divisionário (Brayner,1968:519).

Mascarenhas expediu durante sua viagem de volta as medidas cabíveis para a imediata desmobilização da FEB a partir de sua chegada no Rio de Janeiro. Ordenava-se o rápido envio das unidades para suas sedes de paz e o devido licenciamento do corpo expedicionário (Brayner,1968:523,524). Amyntas relata que as unidades seriam enviadas a 1º Região Militar onde foram encaminhadas para suas devidas sedes de paz (Motta,2001:314).

Com o inimigo derrotado, a viagem de volta foi muito tranqüila. Eliseu relata que atividades rotineiras da viagem de ida como uso obrigatório do salva-vidas, exercícios de abandono do navio, exercícios antiaéreos, black-out já não eram necessários. No caso de abandono do barco, era necessário apenas um equipamento de borracha que o soldado devia encher com a boca em caso de perigo. Os festejos eram rotineiros durante a noite, misturava-se o jazz americano e o chorinho brasileiro. Os “ianques” empreendiam um esforço tremendo para se adaptar ao ritmo do samba brasileiro. Organizavam-se torneios de boxe, os vencedores eram premiados com cestas cheias de guloseimas e objetos de uso (Bondesan,1947).

Através da ANVFEB-Jacareí, obtivemos uma reportagem de Teobaldo Andrade do jornal “A Tocha” sobre as lutas de boxe organizadas pelos norte-americanos e brasileiros. Inserimos o artigo na integra para os leitores:

O “Special Service” não tem poupado esforços no sentido de divertir a tropa que viaja neste transporte, na sua “longa viagem de volta”. Assim sendo, organiza interessantes divertimentos que ajudam ao “pracinha” aflito a suportar, com menos impaciência, o dis esplendido da nossa chegada ao Brasil.

Procurei logo conhecer o que se fazia neste setor e ontem passei uma hora divertida no “ring” de bordo. Um pouco antes do inicio das “hostilidades” interroguei um dos assistentes, o sd. Bruno Russo do 6ºRI, sobre essa iniciativa do SS. “Bom divertimento para a tropa; uma brilhante iniciativa que só nos tem causado prazer.” Enquanto conversava com o sd. Russo, tive a atenção voltada para numerosos aplausos; era o sgt. Americano “Cachaça” que entrava no tablado. Na verdade, o sgt. Cachaça soube conquistar a simpatia dos soldados brasileiros e com suas brincadeiras anima ainda mais as lutas. Este divertimento não atrai unicamente aos brasileiros, mas também a tripulação americana que a ele assiste e toma parte. O publico é exigente e descobre sempre as “marmeladas”, além disso, as recordações do acampamento de Francolise ainda estão vivas e quando um lutador fica em cima do outro, a assistência grita logo: “Olha a fila!

A primeira luta foi travada entre Olmor Rodrigues Dutra e Ernani Dornelles, ambos do 6ºRI, despida de qualquer técnica, embora o ardor combativo dos contendores contentasse ao público. Em seguida, tive ocasião de ver uma luta entre um americano e um brasileiro. Formada a peleja ouvi o pugilista patricio, sd. Geraldo Rodrigues, do 6ºRI, que assim falou do seu adversário: “magnífico lutador, muito forte e muito combativo.”

O Cachaça também gosta de dar os seus murros e suas lutas a par de uma técnica apurada são entremeadas de brincadeiras que fazem o bom “pracinha” perder o fôlego de tanto rir.

Um numero interessante do programa de lutar é, sem duvida, a luta com os olhos vendados. Os animadores do programa, sd. Elias e o cabo Sebastião, colocam no tablado oito homens, todos com os olhos vendados e com luvas; a um apito eles procuram acertar os companheiros, ao mesmo tempo que se esquivam ou apanham socos em toda a parte do corpo. O sd. Francisco José Rabelo, do 6ºRI, com os lábios sangrando, disse-me que havia lutado por farra e pelo chocolate também...

A penúltima luta foi travada entre dois soldados da FAB, na qual se via, de um lado, um rapaz com predicados técnicos e do outro, um mocinho fegoso

que abrindo constantemente a guarda, deliciava-se com “diretos” do adversário.

A melhor peleja daquela tarde foi a última, quando o sd. Euclides Procópio da Silva, do 1º Btl de Saúde, foi a “knock out”. O abnegado amador “colored” ainda estava tonto quando perguntei o seu nome para a reportagem

Quantos sacrifícios não se faz pelos chocolates e cigarros? Ou será o espírito esportivo do “pracinha” que está dominando? Em todo caso, esta iniciativa do “Special Service” tem agradado e desopilado o fígado de muita gente boa!

Solicitamos aqueles que receberem este jornal, passa-lo aos seus companheiros.

E já passa tarde... (ANVFEB-Jacaré/SP,2010)

Curiosamente, Eliseu também usa a expressão “colored” ao designar os soldados negros. Com certeza tratava-se de uma gíria de guerra dos soldados brancos dos EUA absorvidas pelos pracinhas que não estavam isentos de preconceito.

A edição de “A Tocha” de 9 de julho, destacada acima, anunciava distribuir cigarros como prêmio aos pracinhas que se voluntariassem a desenhar charges para o jornal. Os interessados deveriam comparecer na redação do jornal até o próximo sábado (A Tocha,USS General Meigs, 9 de julho de 1945,ANVFEB-Jacaré/SP,2010). A edição de 15 de julho que já possuía as referidas charges. Das charges que possuímos, apenas duas possuem assinatura na pessoa do pracinha “Bertholdo.” Eis algumas delas:



Figura 61: A Tocha,USS General Meigs,15 de julho de 1945.

Fonte: ANVFEB-Jacaré/SP,2010.

A competição de boxe descrita por Teobaldo de Andrade teve sua devida ilustração no jornal:

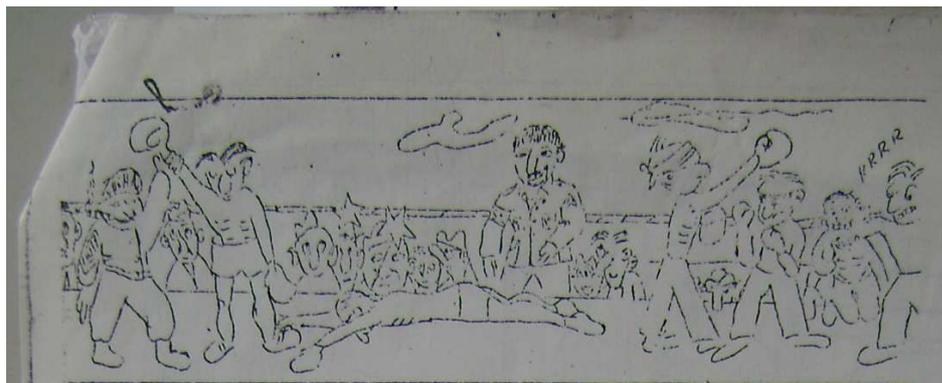


Figura 62: A Tocha, USS General Meigs, 15 de julho de 1945.

Fonte: ANVFEB-Jacareí/SP, 2010.

O desenhista procurou agrupar num só quadro alguns acontecimentos daquela competição, como as lutas de olhos vendados e a derrota do soldado Euclides Procopio da Silva do batalhão de saúde. Algumas charges divertiam os pracinhas relembrando situações pitorescas acontecidas durante a campanha:



Figura 63: A Tocha, USS General Meigs, 15 de julho de 1945.

Fonte: ANVFEB-Jacareí/SP, 2010.

A ilustração acima relembra o relato de Eliseu sobre a atuação dos pracinhas como “príncipe encantado” levando muitas italianas pelo braço numa intimidade de lua-de-mel. Na curiosa charges enquanto o pracinha era acompanhado por quatro italianas os dois cidadãos comentavam: “aquele sujeito naturalmente já se apoderou dos fundos.”



Figura 64: A Tocha, USS General Meigs, 15 de julho de 1945.

Fonte: ANVFEB-Jacareí/SP, 2010.

Na figura acima dois policiais militares da FEB comentam sobre alguma festa a ser realizada pelos pracinhas, eles diziam: “Que voce diz sobre essa festa a ser realizada no campo de S. Cristovão?”, o outro policial respondia: “É... ainda bem que não é no Vasco da Gama”. Mais ao longe um pracinha e uma italiana se dirigiam para a festa, ou para o local de namoro evitando os olhares dos curiosos.

Conseguimos identificar o significado de quase todas as charges. Abaixo inserimos algumas delas que relatam situações vividas por grande parte dos pracinhas. O primeiro quadro a direita mostra a situação de agitação entre as tropas com a noticia do licenciamento da FEB. Um oficial repreendia dois pracinhas enquanto mais longe outros dois já conformados com o licenciamento diziam: “Que gritaria é essa tão alta?” o outro respondia: “É por causa da baixa.” Abaixo deste, o proximo quadro mostra os desentendimentos dos pracinhas com os italianos na chegada à Itália devido a diferença dos idiomas. Já vimos com Cabral que *paisano* para os italianos designava amigo, mas para os pracinhas *paisano* designava o civil. Na situação do quadro, o italiano chama o pracinha de *paisano*. E mais abaixo a situação do quadro demonstra de forma divertida varios pracinhas em marcha na beira da praia. Os pracinhas detem seus olhares para a bela moça com seus “reduzidos” trages de banho. Há uma cerca com uma ordem proibindo o acesso dos soldados a praia, porém um dos pracinhas burla essa ordem. Eliseu havia relatado sobre algumas baixas entre os soldados no início da campanha que se detinham nas praias sem avaliar o perigo dos corsarios nazistas que sempre estavam a espreita.

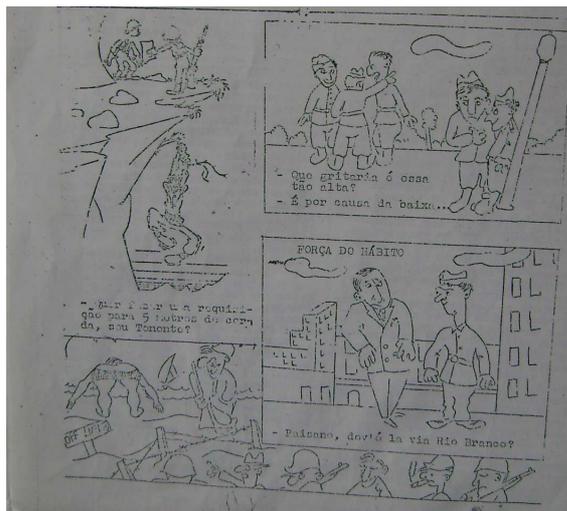


Figura 65: A Tocha, USS General Meigs, 15 de julho de 1945.

Fonte: ANVFEB-Jacareí/SP, 2010.

A recepção da FEB foi dirigida pelo tenente-coronel Adhemar Queiroz do Gabinete do Ministro da Guerra e pelo Estado-Maior da FEB no interior dirigido pelo general Anor Teixeira, coroneis Teixeira Lott, Lyra Tavares e outros. Dessa forma o Destacamento Precursor chefiado por Lima Brayner perdia totalmente sua utilidade na recepção dos pracinhas. Os oficiais do destacamento precursor foram ignorados, chegaram sem nenhum festejo ou aclamação, nem mesmo havia-se disponibilizado transporte para suas residências e para suas bagagens no aeroporto. De forma mais injusta foi o tratamento dado ao comandante da FEB. Estava programado o desembarque do general Mascarenhas no dia 11 de julho no aeroporto Santos Dumont no Rio de Janeiro, mas uma ordem de ultima hora dizia que devido ao mal tempo o avião aterrissaria na Base de Santa Cruz, muito distante da cidade do Rio. O comandante da FEB seguiu no mesmo dia para sua residência, ignorado, sem a merecida homenagem. Para Brayner não havia mal tempo que impedisse a recepção do comandante da FEB na cidade maravilhosa. Tudo não passava de pretexto político (Brayner, 1968:518,519).

O navio norte-americano percorria o oceano quando numa noite algum dos pracinhas anunciou ter avistado a constelação do cruzeiro do sul, logo todos correram para o convés para ver a referida constelação. Era a mensagem antecipada da presença do Brasil. Ao entrar no espaço marítimo brasileiro vários navios cumprimentavam os pracinhas com sinais semafóricos. O Cristo redentor já podia ser avistado à partir do dia 18 de julho. Na entrada da Barra, centenas de embarcações aguardavam o transporte das

tropas, os navios apitavam saudando a FEB. Depois de atracar começaram a operação de desembarque (Bondesan,1947).

O Ministério da Guerra organizou um desfile para o 1º escalão da FEB na Avenida Rio Branco com a visita do Presidente da República. Mascarenhas era uma figura obscura, condenado a permanecer no palanque oficial vendo seus homens desfilarem sob uma festa arranjada. Para Brayner o prestígio social da FEB estava em decadência. Figuras do alto escalão do governo trabalhavam contra ela tirando todo tipo de vantagens, e as merecidas glórias (Brayner,1968).

Os pracinhas aguardaram um longo período antes do início do desfile, que teve a participação de grande massa popular. Formaram-se cordões de isolamento para que os pracinhas passassem em meio à enorme multidão de cariocas que felicitam os heróis da FEB. A cruz vermelha fornecia alimentos e bebidas.

Eliseu descreve a emoção da chegada e o reencontro com seu pai:

não sei o que fazia naquele instante inesquecível. Tinha uma vontade de rir, de chorar, de dormir, - nem sei bem o que...

Na Avenida Rio Branco, quando desfilávamos sob os aplausos frenéticos e ensurdecedores do povo, sob os beijos de tantas moças bonitas – avistei num de grupos de joseenses, meu querido pai. Vencemos custo à maré humana e nos abraçamos demoradamente, sufocadoramente.

A paz meu pai, minha terra! Três coisas tanto deseja – consubstanciadas num amplexo, dentro de movimentada via publica, num dia festivo para o meu país” (Bondesan,1947).

Entre o grupo de joseenses relatado por Eliseu de Oliveira, além do pai de Eliseu, havia o senhor José Francisco Monteiro, Afonso Bráulio de Melo, José Gonçalves, doutor João Batista Souza Soares, Noêmio Arruda, Bento Pinto da Cunha, Badue Cari, Aníbal Tarantino e Mario Porto, este ultimo portava a seguinte mensagem do prefeito Pedro Mascarenhas aos pracinhas Joséenses:

São José dos Campos que desde o começo das hostilidades de nossa grande Pátria com a belicosa Germânia, assumiu a atitude inflexível de concorrer com o seu esforço, com todo o potencial moral e material de que dispõe, rejubila-se neste dia significativo, pelo regresso dos denotados Expedicionários Brasileiros. O que em perigos de guerra esforçados, escreveram com a sua bravura as paginas mais gloriosas de nossa história militar, nas longínquas terras do Velho Mundo.

Por todos os feitos dos heróis patrióticos e a ventura de tornarem a suas lares, satisfação e apresenta os mais ardentes votos de felicidade pessoal nos seus gloriosos filhos.

Salve Força Expedicionária Brasileira!

São José dos Campos, 18 de julho de 1945

Pedro P. Mascarenhas

Prefeito Sanitário (Correio Joséense, ano XXI, São José dos Campos, 14 de agosto de 1945, nº1090).

Nesta mesma edição, o Correio Joséense publicava a relação nominal dos joseenses que lutaram na segunda guerra mundial:

Acácio Ferreira Santos, Alcir Moreno, Augusto Costa Medeiros, Antonio Vidmer, Alfredo Rodrigues Figueiredo, Antenor Ramos de Araújo Antonio Prianti, Antonio Gonçalves, Alcides Ferreira Santos, Antonio de Oliveira Costa, Alfredo Manoel Francisco, Augusto Conceição Mineiro, Arminio R. Machado, Ângelo França, Antonio Conceição Bastos, Antonio Rosa dos Santos, Benedito Rosa dos Santos, Benedito Silva dos Santos, Benedito Antonio Cardoso, Benedito Braz Filho, Benedito Vicente dos Santos, Benedito Antonio de Lima, Benedito Cardoso Barbosa, Benedito Nunes de Assis, Bertolino Corrêa Machado, Benedito de Souza, Benedito Ramos, Doraci Gomes, Durvalino de Paula, Domingos Corrêa da Silva, Dionizio Machado, Eduardo Alves Ferreira Santos, Elizeu de Oliveira, Francisco de Assis Varela, Francisco Machado Freire, Eduardo Rocha, Geraldo Bolsois de Oliveira, Geraldo Tomaz de Godoy, Geraldo de Oliveira, Gumercindo de Oliveira, Geromil Borges dos Santos, Izaias Ribeiro da Costa, José Ribeiro Bastos, José Benedito Ferreira, José Candido Moreira, José Benedito Santana, José Paula Silva Neves, João Alves Cardoso, José do Espírito Santo, João Batista Barreto, João Cunha de Oliveira, José Micheletti, José Nunes Prianti, José Peneluppi Filho, José Lopez Cruz, José Benedito de Vasconcelos, Jarbas Dias Ferreira, José Pinto Machado Filho, Joaquim Monteiro, José Aparecido Lourenço, Luiz Augusto de Souza Cruz Filho, Luiz Teixeira, Marcilino Franco, Mario Cordeiro, Moacir Domingues de Vasconcelos, Maurílio Cursino, Norberto Firmino de Moraes, Oswaldo Carnevalli, Orestes de Aquino, Olavo de Oliveira Ramos, Pedro Alves Ferreira, Pedro Pinto da Cunha, Paulino Patrício, Pedro Soares M. Filho, Paulino Pires da Silva, Sebastião José dos Santos, Sebastião Claudino de Brito, Rafael Caruso,

Vicente Siqueira de Melo, Roberto A. Saraiva, Erasto Gomes, Fortunato Scarpeli, Nelson Pinto da Cunha (Idem).

Estes foram os joseenses que voltaram a sua terra, destes apenas cinco não retornaram, eram: tenente Névio Baracho dos Santos, José Leite da Silva, Geraldo Augusto dos Santos, Sebastião Felício e Laudelino Nogueira (Idem). O tenente Névio Baracho foi o primeiro joseense a tombar nos campos da Itália. Foi morto durante a conquista de Camaioire (Cabral,1987).

Os veteranos da FEB não se identificavam mais com o “Exército de Caxias”, pertenciam ao exercito da FEB instruída na doutrina norte-americana. Enéias Sá de Oliveira nos relata um fato curioso acontecido no seu retorno a Vila Militar no Rio de Janeiro. No horário de almoço foi servida aos pracinhas uma comida extremamente ruim, os soldados ficaram furiosos, viravam as panelas para o ar. Enéias convidou seus companheiros para se dirigirem a um restaurante que ele conhecia. Passaram toda a madrugada no restaurante e o dono do estabelecimento fez questão de pagar as despesas dos pracinhas (Oliveira,2008).

Eliseu permaneceu trinta dias no Rio de Janeiro (Bondesan,1947). De certa forma grande maioria dos joseenses permaneceu todo este período na cidade maravilhosa. Enquanto os pracinhas se recompunham na cidade do Rio, a prefeitura de São José dos Campos estudava a preparação das festividades para a recepção dos pracinhas. Foram distribuídos panfletos a população sobre o cronograma das referidas festividades (Correio Joseense, ano XXI, São José dos Campos, 8 de julho de 1945, nº 1087).



Figura 66: Cartaz da festa de recepção dos Expedicionários joseenses

Fonte: Laboratório de Documentação Histórica – IP&D, Univap.

No folheto destaca-se a frase: “Aura Terraque Generosa. São José dos Campos para o Brasil”. As entidades e pessoas responsáveis pela festividade estão citadas

nas laterais do cartaz, entre eles: Arnaldo S. Cequeira, Aéro Clube, Henrique Mudart, Irmãos Weiss, Cerâmica Sta. Lucia, Oficina J. Polilo, Salim Simão, Empresa de Ônibus S. Bento, Cia. Brasileira Rhodiateca, Irmãos Prianti, Estevão Ferri, A Fortaleza e Deposito Brasil. No centro do cartaz destacam-se os nomes dos pracinhas que retornaram e dos pracinhas que tombaram no campo de batalha. Abaixo do cartaz esta contida a “Saudação ao Expedicionário que regressa”, escrita por Altino Bondesan:

Você sabe de onde eu venho?

- Sim, eu bem sei de onde vens!

Vens da Europa ensangüentada,

Onde a raça brasileira

Inscreveu com letras de ouro,

A epopéia gloriosa

Deste glorioso Brasil!

Vens dos montes Apeninos

Onde a neve secular

Tua fronte coroou,

Simbolizando a nobreza

A pureza sacrossanta

De tua nobre missão!

Vens, patrício dos combates,

Em que uma raça altaneira,

De mais louros se cobriu,

Acrescentando outras glórias

As glórias de nossa terra,

As glórias deste pais,

Cantando em cada vitória

A alvorada redentora

Da vitória que colheste

Na arremetida final!

Vens dos instantes supremos

Em que o bárbaro inimigo,

Estertorando, gemendo,

Dobrou, servil, os joelhos.

Implorando de mãos postas

Ao teu peito generoso

Teu generoso perdão!

Vens do rude Castelnuovo,
Vens de Foggia, de Pistóia,
Do heróico Monte Castelo,
Em que tu ressucitaste
Guararapes, Tuiuti,
Itororó, Avaí,
Curupaiti e Humaitá!
Cerro Corá e Assunção.
Vens das horas da saudade,
Em que, a luz de um sol estranho
Relembavas, comovido,
A tua terra Natal!
A imagem de tua noiva,
De tua santa mãezinha,
De teu pai, de teu irmão,
De um filhinho, de um amigo,
Deste mundo que é o teu mundo,
Desta gente boa e meiga,
Deste bom, meigo Brasil!
Lá deixaste uma trincheira,
Um rastro vivo da Glória,
Um companheiro brioso,
Dormingo no campo-santo,
A sombra desta bandeira,
O eterno sono do Herói!
Você sabe de onde eu venho?
- Sim, eu bem sei de onde vens:
Vens da gloria da Epopéia,
Do sangue vertido além,
Para redenção do mundo,
Para a eterna afirmação
Da lei, da Democracia
Do direito, da justiça,
E da Civilização!
- Orgulhoso, eu te saúdo,
Ó meu bravo combatente,
Valoroso, intemerato,

Valente Expedicionário

Do meu valente Brasil! (Laboratório de Documentação Histórica – IP&D, Univap).

No cartaz as frases: “Da lei, da Democracia/Do Direito, da justiça, E da Civilização”, são os estandartes que a FEB carregou ao regressar a Ditadura Vargas. Passados trinta dias, Eliseu de Oliveira embarcava na Estação Central para a viagem de volta a São José dos Campos sob à companhia de trezentos pracinhas. Desembarcou primeiro na cidade de Aparecida do Norte para cumprir uma promessa, depois retornou para sua cidade natal (Bondesan,1947). A prefeitura municipal de São José dos Campos em associação as diversas instituições locais, organizaram um dia de festividades aos expedicionários joseenses. Estava publicado na primeira pagina do Correio Joseense o artigo da recepção dos pracinhas com o seguinte titulo: “O mais deslumbrante espetáculo cívico-patriótico que o povo joseense já assistiu” (Correio Joséense, ano XXI, São José dos Campos,19 de agosto de 1945, nº1091).

De certa forma a prefeitura soube utilizar da situação para realizar uma festa de grandes proporções. A recepção dos pracinhas teve inicio às 6 horas da manhã no dia 14 de agosto sob a salva de 21 tiros da bateria militar. Muitos joseenses dos diversos bairros e distritos foram se avolumando no centro da cidade até o horário da missa campal realizada em frente à Igreja Matriz onde foi proferido o discurso aos pracinhas pelo Monsenhor Ascanio Brandão. Às 10 horas tomou a palavra o promotor publico Luiz de Azevedo Castro na cerimônia de lançamento da pedra fundamental do monumento aos expedicionários (São José dos Campos, ano IV, 26 de agosto de 1945, nº 222).

A ata que tornava lei o monumento foi lida pelo professor Domingos de Macedo Custódio, logo depois foi assinada pelos presentes. A ata foi colocada sob o monumento e junto com outros objetos pessoais foi abençoado pelo vigário padre João Guimarães (Correio Joséense, 19/8/45). Às 11 horas no estádio do Esporte Clube São José foi proporcionado um grande churrasco aos expedicionários e suas famílias, as autoridades presentes como o prefeito Pedro Mascarenhas e sua esposa Dona Ieda D’Avila Mascarenhas, a Antonio do Amaral Melo presidente da C.M da Liga Brasileira de Assistência e ao povo em geral (São José dos Campos, 26/8/45). O desfile dos expedicionários marcado para as 14 horas sofreu o atraso de uma hora devido ao grande numero de instituições que dele participaram (Correio Joséense,19/8/45).

As ruas de São José foram ornamentadas pelo doutor Kira Yssao, Bernardo Flórida, José Guilherme da Silva, Daval Moura e outros, sob a orientação do prefeito sanitário (São José dos Campos, 26/8/45). Às 15 horas os expedicionários marchavam pela Rua Quinze de Novembro sob o rufar dos tambores da banda do Tiro de Guerra 545, em companhia da corporação musical de Piquete. As demais instituições traziam alegorias da vitória de Monte Castello e da “cobra fumando”, eram: Escola Agrícola de Jacareí, Cerâmica Santo Eugenio, Cerâmica Weiss, Sindicato dos Empregados do Comercio, Associação Esportiva São José, Esporte Clube São José, Escola Normal, Ginásio Municipal, Escola Técnica de Comercio, Corporação Musical de Santana do Paraíba, Externato São José, (Correio Joséense, 19/8/45) Associação Atlética Santana do Paraíba, Tecelagem Parahyba, Grupo Escolar Olimpio Catão, Grupo Escolar de Santana, Grupo Escolar Pedro Mascarenhas de Eugenio de Melo, Casa Santa Inês, Fraternidade Operaria de Santana, Escolas de Buquira e São Francisco Xavier e Legião Brasileira de Assistência.

O auge do desfile foi no momento em que Brígida Teixeira conduziu a coroa da vitória, sob aplausos do povo que se encontrava nas calçadas e janelas da rua Quinze de Novembro. Os expedicionários Joséenses foram saudados com grandes aplausos, serpentinas e confetes que lhes eram atirados do edifício da prefeitura municipal. Neste momento foi descortinada a faixa da frente do prédio que dizia: “Homenagem do governo da cidade aos seus bravos expedicionários” (São José dos Campos, 26/8/45).

O desfile terminou no Largo da Matriz onde no palanque principal, encontrava-se o juiz de direito Ricardo Couto que foi o primeiro a dirigir a palavra, seguido do Prefeito Sanitário Pedro Mascarenhas, o professor Domingos de Macedo Custodio do Centro de Cultura, senhora Antonia do Amaral de Melo da Liga Brasileira de Assistência, João Ramos Filho e a menina Geni Ferre pelo Sindicato dos Comerciários, dr Neif Matar da Colônia Síria, Padre João Guimarães e José Mattar pelo Tiro de guerra 545. O representante dos pracinhas a discursar foi o expedicionário Benedito de Oliveira Costa. Ao som do Hino Nacional executado pela banda de Piquete as crianças dos grupos escolares erguiam as bandeiras nacionais e davam vivas ao Brasil e aos expedicionários. Realizaram-se em seguida a entrega de medalhas as famílias dos expedicionários mortos em combate.

Algumas mulheres entregavam as medalhas aos familiares dos Joséenses mortos. O prefeito sanitário entregou pessoalmente a medalha em homenagem a mãe de José Leite da Silva e a irmã de Laudelino Nogueira (São José dos Campos, 26/8/45). O

povo se comoveu com o choro da irmã de Laudelino. A mãe de José Leite da Silva se aproximou do prefeito, humildemente de pés no chão, chorava sem parar até que um cidadão comum a consolou com um abraço piedoso (Correio Joséense,19/8/45).

No palanque oficial, além dos oradores havia a presença de personalidades locais, como o capitão Saturnino M. D. dos Santos presidente do Tiro de Guerra 545, Sinésio Martins representando a Santa Casa local, Altino Bondesan, João Lopes Simões, Arseno Glanini, Arlindo Fernandes, Elmano Veloso coletor federal, Álvaro Gonçalves representante do “A Noite”, Fausto Bandeira e o Reverendo Deocleciano Cavalcanti (São José dos Campos,26/8/45).

Houve a inauguração da placa denominativa da Praça dos Expedicionários depois da entrega de medalhas. A festa foi encerrada às 19 horas e trinta minutos com o desfile dos carros de praça que percorriam as ruas da cidade em formação de V conduzindo lanternas coloridas e um grande cartaz com o busto do presidente Vargas ladeado pela figura do Ministro da Guerra Eurico Gaspar Dutra e do comandante da FEB Mascarenhas de Moraes. O povo se comprimia desde o Largo da Matriz até a Praça Afonso Pena para aplaudir o desfile. Às 20 horas a queima de fogos coloriu aquela noite inédita para a população joseense. Às 22 horas a Associação Esportiva São José e o Avenida Futebol Clube organizaram animados bailes a população joseense (São José dos Campos,26/8/45). Francisco Fleming do Departamento Nacional de Informações foi encarregado de filmar todos os detalhes da festa aos expedicionários joseenses (Correio Joseense,19/8/45).

O historiador Roney Cytrynowicz descreve que a homenagem prestada aos pracinhas na cidade de São Paulo mobilizou voluntariamente a população diante da guerra. Cytrynowicz utiliza o cinejornal “Retorno do Expedicionário à São Paulo” que faz referência ao número de um milhão de pessoas presentes na homenagem aos pracinhas paulistas (Cytrynowicz, 2002:352). Analisando os jornais locais de São José dos Campos percebemos uma grande mobilização, não com as mesmas proporções da capital paulista, mas com o mesmo sentimento “patriótico.”

No dia 26 de agosto o Correio publica as homenagens aos pracinhas realizadas no distrito de Buquira pertencente a São José dos Campos (Correio Joséense,ano XXI, São José dos Campos,26 de agosto de 1945,nº1092). As homenagens prestadas aos pracinhas são entendidas por Eliseu de Oliveira como vazias e sem sentido algum. Para ele os padecimentos dos pracinhas brasileiros durante a guerra, e injustamente depois da guerra não são apagados pelas demonstrações cívicas do dia 14 de agosto. A festa de recepção em São José dos Campos, os discursos das muitas personalidades que se segundo

Eliseu, pretendiam tirar vantagem das glórias da FEB não são pagas diante do esquecimento da atuação dos brasileiros na segunda guerra (Bondesan,1947).

Sua revolta no pós-guerra tem início em sua estada em Aparecida do Norte. Seu companheiro de guerra José Francisco de Melo havia viajado junto com Eliseu na viagem de volta para o Estado de São Paulo. Eliseu se despediu de José Francisco e permaneceu em Aparecida. José Francisco planejava descer em Mogi das Cruzes quando sua composição se chocou com um cargueiro, José Francisco foi morto no retorno para sua casa. Houve um grande numero de feridos. Essa revolta particular de Eliseu esta no descaso da prefeitura de Mogi das Cruzes para com o expedicionário José Francisco. O cadáver de José Francisco permaneceu abandonado na estrada até que um caminhão o recolheu conduzindo-o a Mogi das Cruzes. Alguns cidadãos comovidos com o destino do expedicionário exigiram da prefeitura um enterro digno de um ser humano para José Francisco, porém o pedido foi negado. No momento que Eliseu de Oliveira escrevia essas notas, o corpo de José Francisco permanecia abandonado no necrotério de Mogi das Cruzes a própria sorte (Bondesan,1947).

O “Zé Carioca”, uniforme verde-oliva utilizado pela FEB na segunda guerra mundial foi proibido logo depois do desembarque. Eliseu relata que foi dado o período de 12 dias até que os veteranos retornassem as suas residências e se habituassem novamente a vida civil (Bondesan,1947:83,84). Segundo Brayner até mesmo distintivos da “Cobra fumando” ou qualquer outra espécie de ornamento que designasse o febiano estava proibido. A proibição chegou ao ponto de coibir a formação de grupos de ex-combatentes em vias publicas, ou que se comentassem antigas operações e proezas do período da guerra (Brayner,1968:520).

O presidente Getulio Vargas empreendeu todos os seus esforços para afastar o comandante da FEB e seus demais lideres. Mascarenhas mal retornara ao Brasil, foi designado a uma missão diplomática onde encontraria o presidente do Peru. Depois de vinte dias ausente do Brasil foi designado em nova missão onde foi convidado pelo governo dos EUA a visitar o Teatro de Operações da Alemanha. Nas missões diplomáticas teve a companhia do general Zenóbio da Costa, tenente-coronel Thomaz Castello Branco e coronel Floriano de Lima Brayner. Sua estada na Alemanha foi mais longa onde permaneceu por três meses, apenas Cordeiro Faria recusou-se a participar das missões. A operação de desmobilização continuava com o regresso dos diversos escalões da FEB que retornavam sem a recepção de seus comandantes que estavam afastados (Brayner,1968:526).

Os altos oficiais do Corpo Expedicionário foram enviados a guarnições longínquas logo depois de sua apresentação em suas unidades de paz, gerando um clima tenso entre os pracinhas que se frustravam com a ausência de seus comandantes (Brayner,1968:521). Altos oficiais receberam promoções de cargo e imediatamente foram enviados a regiões distantes. As promoções não atingiram o nível dos sargentos, cabos e praças, estes foram incorporados novamente na reserva (Soares,1984:278).

As condecorações dos pracinhas foram em muitas regiões fraudadas neste período inicial do pós-guerra. A medalha de maior valor para um combatente: a Cruz de Combate, outorgada somente para os que autores das maiores façanhas, seriam banhadas em ouro. Porém, a Cruz de combate foi feita com latão, sem valor algum. Outro aspecto foi que muitos dos condecorados nunca participaram da campanha, entre eles haviam, industriais, comerciantes, conhecidos como “testas-de-ferro” dos militares de alta patente, recebiam medalhas que não eram suas (Soares,1984:337).



Figura 67: Diploma da Cruz de Combate de Eliseu de Oliveira, 30 de abril de 1945.

Fonte: Arquivo Publico Municipal de São José dos Campos, 2010.

O diploma destaca a seguinte mensagem:

O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, resolveu de acordo com o Decreto de 27 de abril de 1945 conceder a Cruz de Combate de Primeira Classe ao soldado do 6º Regimento de Infantaria ELISEU DE OLIVEIRA, por ter no dia 25-IX-1944 tomando parte em uma patrulha que atacou Monte Valimono aprisionando soldados inimigos, onde revelou coragem destemor e sangue frio.

Rio de Janeiro, 30 de abril de 1945.

124º da Independência e 57º da Republica (Idem,2010).

Getúlio Vargas conseguiu afastar uma sublevação da FEB que impedisse a transição do regime ditatorial para o democrático. Só não contava com a força do

exército brasileiro e seus generais como: Góes Monteiro e Eurico Gaspar Dutra, anteriormente aliados, posteriormente tramavam todos os meandros para depor o Presidente. Góes Monteiro e Dutra desconfiavam que Getulio Vargas estivesse articulando outro golpe de Estado, assim como Perón na Argentina. Getúlio havia dito que não se candidataria a presidência, mas devido ao grande movimento Queremista do dia 3 de outubro de 1945 em comemoração ao 15º aniversário do Estado Novo, o decreto que antecipou as eleições estaduais e municipais para o dia 2 de dezembro e a substituição de João Alberto, chefe da polícia do Distrito Federal por Benjamin Vargas, irmão do ditador, Góes Monteiro mobilizou a opinião dos círculos militares em prol de um golpe de Estado.

Em 29 de outubro Dutra entregou a Vargas um ultimato de Góes Monteiro pela não-nomeação de Benjamin Vargas a chefe da polícia do Distrito Federal. Vargas não acatou o ultimato, então Góes Monteiro sitiou o Palácio da Guanabara. O general Cordeiro Farias (ironicamente ex-comandante da Artilharia Divisionária da FEB) foi incumbido de convencer Vargas a deposição. Finalmente, depois de 15 anos no poder, Vargas retirava-se do Catete (Skidmore,1969:76,77,78).

No dia 29 de outubro de 1945 o poder político do país passava para as mãos do presidente do Supremo Tribunal Federal José Linhares. Era o fim de quinze anos da ditadura de Getúlio Vargas, naturalmente a FEB ganhava os ares de tela derrubado. Rapidamente o novo governo tratou de esmagar a FEB, último resquício do Estado Novo, através do recurso da lei. Seguiram-se os avisos de 18 de dezembro que extinguiu o Estado-Maior da FEB no Interior, o de 22 de dezembro que extinguiu o Quartel-General e a Bateria de Comando da Artilharia Divisionária da 1ºDIE, o de 26 de dezembro que extinguiu todos os órgãos da Justiça Militar da FEB e finalmente no dia 30 de janeiro de 1946 extinguiu-se a 1º Divisão de Infantaria Divisionária (Brayner,1968:528).

Eliseu de Oliveira era um ex-militar a partir deste dia, forçado pelo regime a retornar a sua vida civil sem nenhum tipo de preocupação do governo com as condições físicas e psicológicas dos pracinhas, muitos dos quais estavam feridos, inválidos ou com problemas psicológicos. A Força Expedicionária Brasileira, exército pelo qual Eliseu de Oliveira lutou já não existia mais. A FEB estava sendo verdadeiramente exorcizada pelo governo.

Eliseu registra sua revolta com o tratamento recebido pelos pracinhas no pós-guerra na seguinte frase: “Um dístico na Avenida Rio Branco afirmara em vão: AOS HERÓICOS PRACINHAS A GRATIDÃO DO BRASIL!” (Bondesan,1947:307). Eliseu relata que logo depois da guerra, teve conhecimentos das muitas medidas de amparo

aos ex-combatentes concedidas por José Linhares como isenção de impostos na aquisição de imóveis e obtenção de empregos públicos aos febianos. Em “Verdades e vergonhas da Força Expedicionária Brasileira”, Leonercio Soares expõe que muitos eram os boatos propalados no seio da FEB sob as muitas vantagens que seriam concedidas aos ex-combatentes. A expectativa dos pracinhas era enorme, mas logo todos se viram frustrados (Soares,1984:384,385). Eliseu chama a atenção em sua obra para que as autoridades dessem o devido auxílio as centenas de viúvas e órfãos deixados pelos pracinhas, bem como o auxílio aos inválidos da guerra, aos veteranos desempregados e aqueles que não receberam o devido soldo pela campanha (Bondesan,1947:277).

O tenente-coronel Castello Branco faz uma dura critica aos ex-combatentes. Castello Branco relata que o governo enfrentou duras tarefas em relação à readaptação dos veteranos a vida civil, ao amparo aos ex-combatentes, o aproveitamento dos veteranos que permanecessem nos quartéis e a difusão dos conhecimentos adquiridos em campanha. Para ele muitos expedicionários ignoraram os benefícios das leis de amparo aos ex-combatentes, caindo no vicio, na embriaguez e na miséria. Na visão deste oficial o governo se esforçou em proporcionar vida boa aos veteranos. No dia 23 de janeiro de 1946 foi expedida a lei que estabelecia pensão especial aos veteranos e uma pensão *post mortem* aos filhos de febianos variando segundo a patente militar. A lei de 23 de janeiro que auxiliava os inválidos e os benefícios referentes a bolsas de estudo aos ex-combatentes e seus filhos. Mas para Castello Branco, muitos pracinhas estavam desinteressados em retornar a vida civil, transformando os Centro de Reabilitação Militar em verdadeiros asilos (Castello Branco,1960:540,541,542,543).

Em contraposição a Castello Branco, Brayner nos demonstra que muitos dos ex-combatentes não foram contemplados com as leis votadas em 1946. Em 1948 o Congresso Nacional votou a lei de amparo aos ex-combatentes, mas logo ela foi escandalizada com nomes de lei comunista, lei integralista, lei da praia, lei de Canudos, lei do Contestado, etc (Brayner,1968:521).

O filme dirigido em São José dos Campos por Francisco Fleming sobre a recepção da cidade de São José dos Campos aos pracinhas foi censurado pelo Departamento Federal de Segurança Pública. Obtivemos esta informação através do ofício do Prefeito Pedro Mascarenhas enviado ao gerente do Cine Paratodos do dia 9 de agosto de 1946. Percebemos o esforço do prefeito sanitário em exhibir o filme da recepção dos pracinhas joseenses desde seu primeiro ofício do dia 12 de fevereiro de 1946, no qual Pedro Mascarenhas solicitava a Honorio de Sylos, Diretor do Departamento Estadual de

Informações uma cópia do filme. No dia 12 de abril de 1946 o prefeito sanitário fazia o mesmo pedido em um ofício enviado a João Franco de Sousa, Chefe dos Serviços Auxiliares do Departamento Estadual de Informações, mas com a seguinte recomendação: “Com referencia à consulta formulada a esta Prefeitura, sobre a data em que desejaria exhibir o referido filme, deixe o cargo desse Departamento a fixação da mesma, solicitando, entretanto, que seja o mais breve possível.” No ofício do dia 27 de julho de 1946 a situação parecia ter se amenizado. Pedro Mascarenhas informou a Honório Sylos que em breve o filme seria exibido, mas no dia 7 de agosto de 1946 o prefeito sanitário enviava em anexo uma cópia do ofício do Diretor da divisão de turismo e inversões públicas do Departamento Estadual de Informações, proibindo a exibição do filme por ordem do Departamento Federal de Segurança Pública (Arquivo Publico Municipal de São José dos Campos,2010).

O filme dos expedicionários joséenses não foi uma exceção da censura à memória da FEB empreendida pelos governos que sucederam Getúlio no pós-guerra. O curta “São Paulo recebe os pracinhas”, dirigido por J. Tinoco de Freitas foi censurado entre os dias 1 à 15 de agosto de 1945. Posteriormente no período Ditadura Militar, o curta de 1965 A “Revolução dos pracinhas” foi permanentemente censurado em 11 de março de 1965 (www.cinemateca.com.br).

A memória da FEB foi rapidamente esquecida, muitos cidadãos comuns taxavam os pracinhas de “exploradores do povo” devido às leis de amparo aos ex-combatentes que foram anunciadas, mas nunca preencheram todos os quadros do corpo expedicionário (Bondesan,1947). Amynthas Pires de Carvalho teve suas expectativas de retorno à vida civil frustradas. Em Belo Horizonte, sua cidade, Amynthas não conseguia emprego algum devido ao estigma de ser portador da “neurose da guerra”. Na capital paulista a situação se repetia, foi aconselhado por amigos a se dirigir ao hospital militar do Rio de Janeiro para renovar seu pedido de invalidez. Amynthas ficou com o estômago atrofiado devido ao regime de racionamento imposto pelos alemães. Segundo a avaliação de uma medica psiquiatra, Amynthas deveria ter sido declarado invalido logo depois de seu desligamento em 1945 devido a sua condição de ex-prisioneiro de guerra (Motta,TomoVIII:314,315).

Epapharol Silveira, chefe da sessão de morteiros do 6ºRI relata que por muito tempo sofreu de problemas psicológicos advindos do período da guerra. No hospital militar, Epapharol se desentendia com os funcionários, achava que não estava sendo

atendido como deveria. Ao subir nos caminhões para se deslocarem para as unidades de Depósito, Epapharol ficava extremamente nervoso (Motta,TomoIII:130).

Segundo Leonercio Soares, os veteranos da FEB não foram submetidos a nenhum tipo de exame físico-psicológico ao retornarem ao Brasil. Calcula-se que mais três mil veteranos da Segunda Guerra mundial morreram na miséria em varias cidades do Brasil. As cidades com maior incidência de óbitos foram: Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Belo Horizonte, Salvador e Porto Alegre, somente em Curitiba os ex-combatentes tiveram uma melhor acolhida por parte da gestão municipal (Soares,1984).

No ano de 1945, a Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira, que é uma organização de amparo aos ex-combatentes apelou para os pedidos de ajuda. A Associação expôs ao publico que dos 1500 ofícios enviados em ajuda aos veteranos necessitados, apenas 150 donativos foram enviados neste período inicial do pós-guerra (Bondesan,1947). Oudinot Walladino fazia parte da ANVFEB e da Associação Nacional dos Ex-combatentes do Brasil. Oudinot passou a vida amparando os companheiros que não conseguiram seguir com suas vidas civís, sempre enviava muitos ofícios as autoridades, encaminhava os ex-combatentes a empregos remunerados e visitava os doentes. Mas os febianos eram mal vistos pelos patrões, muitas pessoas taxavam os membros a ANVFEB de comunistas, não de febianos. Muitos febianos não aceitavam mais exercer atividades manuais, devido a uma nova visão de mundo que adquiriram com a guerra, os ex-combatentes visavam empregos melhores que lhes dessem oportunidade de ascensão social (Motta,TomoVII:53,54) .

Eliseu relata um episódio ocorrido com um expedicionário de Taubaté que: “tendo regressado ao Brasil, foi, por motivo de suspeitas de um galego, levado a policia. Defendeu-se, altivamente, ouvindo do delegado esta expressão, que reproduz fielmente: Vocês, depois que estiveram na Europa, voltaram cangaceiros, mas felizmente temos ainda polícia no Brasil!” (Bondesan,1947).

A história do expedicionário taubateano deveria fazer parte das conversas dos grupos de ex-combatentes. Analisando as palavras de Eliseu, percebemos certas omissões em não dizer os motivos das suspeitas do “galego” ao expedicionário taubateano. Eliseu chama o acusador de “galego” que significa individuo rude ou grosseiro. O expedicionário defende-se “altivamente”, ou seja, o taubateano defendeu-se com palavras, não cedendo a seus acusadores. O delegado lança o clichê de “cangaceiro” aos expedicionários em geral, ou seja, ele utiliza as características negativas dos cangaceiros como o porte de armas e a pratica de saques para denegrir a FEB.

Dentre os veteranos entrevistados neste trabalho, Enéias Sá de Oliveira continuou sua carreira no exército (Oliveira,2008). Jarbas Dias Ferreira tornou-se proprietário de um bicicletaria em São José dos Campos, mantendo suas atividades até hoje (Ferreira, 2007). José dos Santos exerceu a função de cobrador de ônibus, Vicente de Oliveira trabalhou no Serviço de Saúde da Rodovia Presidente Dutra, Benedito Antunes de Andrade exerceu advocacia ao retornar da campanha (Coletiva, 2009).

A pensão da FEB era equivalente ao posto de 2º tenente, Jarbas Dias Ferreira foi uns dos pracinhas que receberam este benefício (Ferreira, 2007). Enéias relata que todos os sargentos e oficiais que continuaram na ativa do exército não receberam a pensão pelos tempos de guerra (Oliveira, 2008). José dos Santos, Vicente de Oliveira e Benedito Antunes não receberam a pensão pelos serviços prestados ao país (Coletiva, 2009).

Os restos mortais dos pracinhas mortos em campanha foram transferidos muito tempo depois do Cemitério de Pistóia para o Aterro da Glória no Rio de Janeiro, segundo relatou Pedro Rodrigues dos Santos, motorista do II batalhão do 6ºRI (Motta, TomoIII: 314).

Eliseu se magoava com a descrença de muitos que duvidavam da garra dos brasileiros durante a campanha da Itália. Sua preocupação neste período inicial do pós-guerra era na divulgação da memória dos ex-combatentes em contraposição ao esquecimento da FEB. Ele relata que poucos eram os livros de ex-combatentes naquele início de pós-guerra. Havia apenas alguns livros de correspondentes de guerra que observaram a campanha a distancia. E lança o seguinte apelo aos ex-combatentes:

Daqui lanço, portanto, um apelo a todos os praças: que cada um faça o seu depoimento ajude-me a contar ao Brasil o que foi nossa atuação na Europa. A Pátria um dia nos compreenderá e substituirá essa admiração vazia de sentido superficial e inoperante, por um sentimento que nos pague dos padecimentos (Bondesan,1947:277).

Eliseu parte voluntariamente para sua própria guerra e desenvolve: “Um pracinha paulista no inferno de Hitler”. Percebemos que para Eliseu este livro é um livro de redenção, onde embrenhado pelo sentimento de justiça pelos muitos pracinhas que lutaram e morreram na Itália, constrói uma obra cheia de sentimento onde descreve a campanha da FEB em sua visão particular.

“Um pracinha paulista no inferno de Hitler” se tornou um dos tantos relatos da história dos pracinhas apagados no tempo. Para o historiador Roney Cytrynowicz, poucos dos diários, livros e memórias publicadas sobre a FEB chegaram ao público leigo. Principalmente a população que viveu nos anos de 1942 à 1945 não se sentia diretamente envolvida no conflito. O cotidiano da população no Brasil transcorria normalmente enquanto os pracinhas lutavam na Itália em prol dos Aliados. Dessa forma a memória da FEB é marcada pela ironia, dúvida, descrença, farrá, e incompreensão, destacando-se apenas os assuntos polêmicos referentes ao recrutamento, os exames médicos, etc. Situações dramáticas cotidianas dos pracinhas durante a campanha foram muito pouco exploradas pelos estudiosos, ou não chegaram ao conhecimento do público (Cytrynowicz,2002:310).

Cytrynowicz aponta um dos equívocos construídos no pós-guerra na comparação, ou substituição dos expedicionários da Segunda Guerra pelos combatentes de 1932. Segundo Cytrynowicz, Jairo Junqueira, Presidente da Associação da Força Expedicionária Brasileira de São Paulo, escreve em uma carta da associação que era comum a população confundir os expedicionários com os combatentes de 32 nos desfiles de 7 de setembro (Idem,2002:292,293).

Cytrynowicz analisou o cotidiano da cidade de São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial e, no aspecto referente à comparação dos pracinhas com os veteranos de 32, Cytrynowicz entende que não à uma identidade entre a cidade de São Paulo e os pracinhas. A memória coletiva das elites e classes médias esta associada à Revolução de 1932. Não a cerimônias cívicas que exaltem os expedicionários, ou um feriado equivalente ao de 9 de julho que oficialize a memória dos pracinhas mortos em combate. As cerimônias da FEB são restritas nos círculos militares (Idem,2002:287,288,289).

A contribuição literária a FEB é ínfima se comparada com a de 1932. Cytrynowicz aponta 250 livros publicados sobre as memórias dos veteranos de 1932, dentre os quais 150 foram escritos nos anos de 1932 à 1937. Segundo Cytrynowicz os livros já publicados de memórias de ex-combatentes da FEB não passam de 20 obras (Idem,2002:311).

Para Cytrynowicz, a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial é uma memória ausente entre a população paulistana. Não existe uma “memória popular” da guerra, a guerra não é um tema a ser debatido nas conversas dos mais velhos. A memória

dos pracinhas não esta fortemente registrada nos monumentos, avenidas e ruas da cidade paulista (Idem,2002:288).

Em São José dos Campos foram construídos dois monumentos, um deles em homenagem à Revolução de 1932 e, poucos metros a frente um monumento ao Soldado Expedicionário Brasileiro. O ex-prefeito Joaquim Ferreira Bevilaqua relata que em sua gestão de 1978 à 1982 foram construídos inúmeros monumentos em homenagem à movimentos e personagens históricos brasileiros. Ao se referir ao monumento em homenagem ao soldado expedicionário, a associação com a memória da Revolução de 32 é imediata no relato de Bevilaqua:

O ‘primeiro’ deles em forma de pirâmide tem as siglas MMDC, que significa isso? Significa os nomes dos quatro estudantes que tombaram na praça da Republica em 13 de maio de 1932, daquele movimento já dos estudantes e boa parte da população contra a... a Ditadura do “Estado Novo.” Estes estudantes chamavam-se Martins, Miragaia, Dráuzio e Camargo, daí a sigla MMDC, que é a inicial dos nomes deles. Certo que o Miragaia, nada mais é do que o Euclídes Miragaia... que é filho de São José dos Campos (informação verbal).¹⁹

Segundo Bevilaqua, o monumento em homenagem a Revolução de 32 foi idealizado pelo professor Brendo de Moura, secretario da sociedade dos ex-combatentes de 32.

Sobre o monumento em homenagem ao soldado expedicionário, Bevilaqua continua: “O ‘outro’ monumento que é o soldado combatente com o fuzil em mãos, aquele monumento é em homenagem ao expedicionário.” O monumento em homenagem aos expedicionários foi construído pelo escultor Bonetti, morador de Valinhos – SP (Idem,2007).

¹⁹ Entrevista concedida por Joaquim Ferreira Bevilaqua, 2007.



Figura 68: À esquerda - Inauguração do monumento ao soldado expedicionário, 8 de maio de 1981. Figura 69: A direita - Inauguração ao monumento MMDC, 9 de julho de 1981.

Fonte: Arquivo Publico Municipal de São José dos Campos, 2011.

Segundo Bevilaqua, a placa de bronze onde havia sido registrada a mensagem aos pracinhas foi roubada logo depois:

Este monumento erguido pela Prefeitura de São José dos Campos por sugestão do vereador José Guido Alves Cardoso homenageia os ex-combatentes joseenses e todos aqueles que deram suas vidas pelos mais atávicos sentimentos do homem: justiça e liberdade.

Inaugurado, dia 8 de maio de 1981.

“Dia da Vitoria”

Prefeito Municipal

Joaquim Bevilaqua

Presidente da Câmara Municipal

José Luis Carvalho de Almeida (Idem,2011).

Os monumentos foram construídos 40 anos após o fim da guerra, e mesmo numa cidade interiorana com São José, a maneira de perpetuar a memória dos pracinhas da Segunda Guerra é associá-la com os combatentes de 1932. Bevilaqua é um dos brasileiros que herdou essa “memória popular” de 1932. Seu relato sobre a Revolução de 32 é mais detalhado, com destaques aos nomes dos estudantes mortos, consagrados mártires da Revolução de 1932. A importância de Euclídes Miragaia para a história de São José dos Campos na Revolução de 32 é sem igual. Sobre o monumento à FEB, Bevilaqua não se aprofunda no relato, destaque-se que Bevilaqua, inconscientemente classifica o

monumento a Revolução de 32 como o “primeiro” e mais importante, enquanto o monumento a FEB é o “outro”, em segundo plano.

Assim como em São José dos Campos, na capital paulista o monumento em homenagem aos expedicionários brasileiros foi construído no centro da cidade, junto com o Obelisco de 32, o monumento aos bandeirantes e a estatua do descobrimento do Brasil (o primeiro monumento aos expedicionários construído em 1981 próximo ao campo de Marte estava completamente abandonado, sem nenhuma localização geográfica significativa como referencia da memória de guerra). Para Cytrynowicz 1932 é o evento “símbolo da nacionalidade paulista”, o “momento-mor da Historia do Estado (Cytrynowicz,2002:293,294,295).

Assim como 1932, a Guerra do Paraguai permanece presente na memória coletiva dos paulistanos, segundo Cytrynowicz. Personagens como Duque de Caxias, Tamandaré, nomes das batalhas como Tuiuti, Humaitá estão presentes nos logradouros e nos currículos escolares (Idem,2002:302). Em São José dos Campos, os jornais locais se utilizam do tema da guerra do Paraguai ao se referirem sobre a FEB, patriotismo, etc. Na edição do jornal São José dos Campos de 11 de novembro de 1945, um artigo intitulado “Os heróis de ontem e amanhã”, fazia um breve histórico da Guerra do Paraguai e a participação dos joseenses na guerra. O intento do artigo é convencer a opinião publica a inscrever junto ao obelisco em homenagem aos pracinhas os nomes dos heróis da Guerra do Paraguai. Transcrevemos parte do artigo que se referia aos joseeses da Guerra do Paraguai:

Atendendo aos apelos dos clarins e ao chamado da pátria, juntaram-se, entre outros, filhos do nosso município:- Maneco Pedro, José Prequité, Quim da Nha e João Tucá, gente simples mas valente e altiva que preferiu tombar nos campos de guerra a apresenciar a nossa terra escrava do invasor cruel ...

Passaram-se depois disso 5 longos anos de cruenta guerra e de inauditos sofrimentos para que os intrépidos voluntários joséenses voltassem aos seus lares. E, em 1870, regressaram finalmente eles, cobertos de glórias, com a pátria vitoriosa e empunhando altivos e orgulhosos, a bandeira brasileira, desfraldada – mais bela do que nunca, porque desultrajada-aos vivificantes ventos da ‘aura terraque generosa’. Todavia, a nota triste desse regresso, foi o fato de João Tuca ter voltado invalido, devido aos graves ferimentos que recebeu em combate. Moço pobre, sem quaisquer haveres, a sua vida foi, daí em diante, um rosário de privações – apesar do acatamento que lhe dedicavam os seus conterrâneos – pois a Monarquia lhe deu um soldo de apenas 90 réis

diários e a Republica o elevou mais tarde a 1000 réis por dia! A morte, veio por final as suas necessidades e sofrimentos, no dia 11 de novembro de 1896, portanto hoje faz justamente 49 anos (ano IV, São José dos Campos, 11 de novembro de 1945,nº 233).

Altino Bondesan faz referências às batalhas de Tuiuti, Guararapes, Itororó, Avaí, Curupaiti, Humaitá, Cerro e Assunção da Guerra do Paraguai para endossar as batalhas dos expedicionários travadas em Castelnovo e Monte Catello no seu texto da “Saudação ao Expedicionário que regressa” publicada no cartaz em comemoração ao retorno dos pracinhas joseenses em agosto de 1945 (Laboratório de Documentação Histórica – IP&D).

Eliseu se utiliza dos nomes das batalhas da Guerra do Paraguai como: Tuiuti e Humaitá. Refere-se muito a Duque de Caxias em seu livro para dar forma literária ao seu texto (Bondesan,1947). O Pracinha faz uso de referencias a Revolução de 1932 no transcurso de sua obra. Vimos anteriormente às gírias de guerra utilizadas por Eliseu e os pracinhas, entre tantas gírias havia gírias do período de 32, “vovô” na gíria de guerra significava canhão (Bondesan,1947).

Quando estava em San Casciano, Eliseu compartilhou de situações constrangedoras com seus companheiros sobre as cartas deturpadas por agentes da V coluna nazista que diziam que os pracinhas estavam gozando de uma vida devassa em San Casciano, enquanto suas famílias oravam pela segurança de seus filhos. Como foi dito anteriormente, as famílias dos pracinhas repreendiam aos pracinhas por meio de cartas. Eliseu diz que se entristece com os boatos que deturpavam a imagem da FEB, mas diz que ele e seus companheiros não voltaram da guerra com a idéia de serem privilegiados em homenagens nacionais, mas que sentia o direito de respeito e compreensão aos 25 mil homens que lutaram na guerra. Utiliza-se da frase de Siqueira Campos (um dos líderes da revolta dos 18 de Forte de 1922, que equivocadamente confunde com um revolucionário constitucionalista) como suas: “A Pátria tudo se dá e nada se pede, nem gratidão” (Bondesan,1947:82,83). Inconscientemente ou intencionalmente, Eliseu se utiliza dessa “memória popular” da Guerra do Paraguai e da Revolução de 32 para endossar um sentimento de patriotismo aos heróis do momento: os pracinhas da Segunda Guerra.

Em São José dos Campos essa associação entre os combatentes de 32 com os pracinhas da Segunda Guerra pode ser percebida na recepção aos expedicionários em 14 de agosto de 1945. No cartaz da festa de recepção aos pracinhas, junto com os nomes de

todos os expedicionários joseenses, vivos e mortos, encontram-se os nomes dos joseenses que combateram na Revolução de 1932. Inicialmente, destaca-se a seguinte frase: “voluntários de 32 aos expedicionários de 45.” E seguem-se os nomes:

Cap. Saturnino Moreira Dias dos Santos, Arnaldo S. Cerdeira, Carlos Belmiro dos Santos, Gusmão Pinto dos Santos Arari Mercadante, Joaquim Bueno Vasconcelos, Silvio Becker, Dr. Tertuliano Delfim Junior, Nelson Martins Pereira, Dr. Constanzo Capobianco, Danilo Monteiro, Breno Moura, Paulo Madureira Lebrão, Joaquim Moura Candelária, Pedro Delias, Jorge Barbosa Moreira, João Dias Costa, Álvaro Dias da Costa, José Dias Costa, Valdomiro Ferraz, Sebastião Afonso de Melo, Paulo Fernandes, Joaquim Carvalho, Costanzo de Finis Neto, Ângelo Copobianco, Antonio Coelho, Pedro de La Rosa, Benedito Z. Vasconcelos Pedro Davi, Arnaldo Fiorita, Helio Bittencout. FALECIDOS: Cap. Manuel Penha, Serafim Dias Machado, Silvino Guedes, Euclídes Miragaia, Aristides Friggi (Laboratório de Documentação Histórica – IP&D).

Segundo Pollack, acontecimentos regionais que marcaram a vida de um determinado grupo podem ser transmitidos pelos séculos com altíssimo grau de identificação. Isto é possível graças à “memória herdada” característica dos “acontecimentos vividos por tabela” nos quais a identificação com determinado acontecimento histórico propicia a transferência da memória entre as gerações (Pollack,1992:2). A guerra do Paraguai e a Revolução de 32 são acontecimentos vividos por tabela por Eliseu de Oliveira. Sua memória o impulsiona citar estes acontecimentos como se fizessem parte de suas lembranças individuais.

Leonercio confirma que o período de mais sucesso das lutas pelos direitos dos ex-combatentes foram nos curtos períodos democráticos, principalmente nos governos de Juscelino Kubitscheck, Janio Quadros e João Goulart (Soares,1984). Segundo Daniel Lacerda, sargento auxiliar do pelotão de morteiros do III batalhão do 6ºRI, apenas da década de 1960 algumas reivindicações dos ex-combatentes começaram a ser concedidas. O direito pensão *post mortem* foi conquistado às viúvas dos ex-combatentes, mas muitos dos veteranos não tiveram seus direitos conquistados neste período (Motta,TomoIII:125).

O período de conquistas terminou com o Golpe Militar de 1964, durante os 21 anos de ditadura os febianos foram silenciados. A lei que privilegiava o acesso de ex-combatentes aos cargos públicos era burlada por militares de carreira que se apossavam dos cargos dos pracinhas. Os pracinhas interessados nos cargos públicos eram submetidos

a demorados exames físico-psicológicos, mais parecidos com interrogatórios. Em 1967 um general-deputado elaborou um projeto de lei que regulamentava que “todos os militares do período da guerra eram ex-combatentes”, dessa forma muitos militares que não haviam partido para a guerra tornavam-se “febianos” da noite para o dia. Leonercio ressalta sobre o que ele chama de “mortos-vivos”, ou seja, veteranos da Segunda Guerra de média patente ainda na ativa do exército que não apoiaram o golpe de 1964. Foram perseguidos pela ditadura e muitos desapareceram (Soares,1984).

Jarbas Dias Ferreira relata que apenas com a nova constituinte em 1988 os pracinhas conquistaram o direito à pensão pelos serviços prestados ao país (Ferreira, 2007). Para terminar este capítulo lançamos o último pensamento de Eliseu de Oliveira, no qual podemos ter uma noção de seu estado psicológico depois da experiência como prisioneiro de guerra:

Viva eu cem anos, eu nunca esquecerei o que foram Mantua e Moosburg. Esse passado negro separa dois períodos de minha vida. E se tento volver aos dias anteriores ao conflito, o campo de concentração se interpõe, martelando-me as temporas com a monotonia enervante da agoirenta ave: “Never more”, nunca mais... nunca mais... (Bondesan,1947:257).

O silêncio em torno da História da FEB

Os veteranos da FEB viram suas reivindicações serem reconhecidas por lei apenas em 1988, 48 anos depois do fim da guerra. Durante esse período de 48 anos, o Brasil passou por várias sucessões presidenciais, derrubou-se uma ditadura em 1945, o regime democrático foi restabelecido para retroceder ao período ditatorial novamente em 1964. Podemos dizer que até 1988 os ex-combatentes viveram mais em períodos de ditadura do que em regimes democráticos, e conseqüentemente, o estigma carregado pelos veteranos de “defensores da democracia” foi o fator preponderante para a tentativa de “apagamento” de sua memória.

Enquanto o Estado Novo agonizava, Vargas empreendia todas as medidas a fim de impedir que a presença vitoriosa da FEB fosse motivo de pretexto para a tomada do poder. Separaram a FEB de seus líderes, esfacelaram o corpo expedicionário em vários grupamentos, desarmaram os combatentes, licenciaram os combatentes a vida civil, não dispendo os combatentes a nenhum apoio médico, psicológico ou financeiro. Transformaram a FEB em um assunto proibido, um fato a ser apagado da História Nacional Brasileira. De Eurico Gaspar Dutra (antigo germanófilo), primeiro presidente do

curto período democrático (1945-1964), até Costa e Silva, último presidente da Ditadura Militar brasileira (1964-1985), o assunto “FEB” era digno de esquecimento. Apenas nos governos populistas de Kubitschek, Janio Quadros e João Goulart as políticas de auxílio a FEB sofreram algum avanço.

Ricoeur utiliza o conceito de “anistia” que é a forma de esquecimento utilizada pelas instituições. O Estado seleciona os acontecimentos considerados proibidos, protagonizados por categorias, grupos ou indivíduos considerados delinquentes. A anistia é uma forma de esquecimento utilizado pelos Estados Nacionais para dar fim “a graves desordens políticas que afetam a paz civil” (Ricoeur,2007:459,460).

A história da FEB entra no rol de acontecimentos proibidos sofrendo o processo de anistia pelo Estado brasileiro. Porém vimos com Pollack, às memórias proibidas continuam se perpetuando em círculos familiares ou de amigos, aguardando o momento certo para assumirem um caráter reivindicativo. A memória de Eliseu é o melhor exemplo que dispomos. Seu objetivo ao escrever Um pracinha paulista no inferno de Hitler é contribuir com a história da FEB diante da amnésia imposta pelo Estado. Mas por que os governos posteriores à Vargas não revisaram as políticas dos direitos do ex-combatentes? Segundo uma análise de Pollack sobre os veteranos da Segunda Guerra da região de Alsacia e Lorena, os dirigentes temem realizar uma revisão autocrítica do passado diante das reivindicações dos indivíduos marginalizados que o Estado não conseguiria conter (Pollack,1989).

Além da amnésia do Estado há o esquecimento espontâneo da sociedade. Através de Cytrynowicz, percebemos que a população brasileira não se sentia um agente integrante do esforço de guerra. Os pracinhas da FEB tornam-se indivíduos estranhos para a população civil e suas histórias são dignas de contestação. Melhor exemplo disso é a associação feita à memória dos combatentes de 32 com os veteranos da FEB. Isto não é um caso tipicamente brasileiro, Pollack destacou que na França, entre as memórias das pessoas que viveram a Segunda Guerra Mundial, a associação entre os soldados alemães da Primeira Guerra Mundial (que usavam capacetes pontudos) com os soldados alemães da Segunda Guerra (que usavam capacetes redondos). Do mesmo modo na França a data comemorativa do fim da Primeira Guerra é associada à data do fim da Segunda Guerra. Segundo Pollack, a lembrança da Primeira Guerra se sobrepõe a da Segunda Guerra devido ao grande número de mortos que a Primeira Guerra vitimou (Pollack,1992).

A Revolução de 1932 é a memória herdada da população paulista. Eliseu de Oliveira cita a Revolução de 1932 algumas vezes para endossar a sua experiência como

combatente, ou seja, este acontecimento longínquo torna-se parte integrante do grupo em que o Eliseu sente-se pertencer. Com uma intensidade menor faz referências a Guerra do Paraguai, mecanismos utilizados para contar a sua história. A Guerra do Paraguai e a Revolução de 32 são “acontecimentos vividos por tabela” por Eliseu de Oliveira, resultado do trauma vivido por seus antepassados no momento destes conflitos, transmitindo essa memória como herança a seus descendentes.

Analisamos em Halbwachs a interação entre memória e o espaço. O espaço imóvel representa as histórias de vida dos grupos sociais. Halbwachs salienta que as pessoas são muito mais sensíveis ao desaparecimento de uma rua ou de uma casa do que os acontecimentos nacionais, religiosos ou políticos (Halbwachs,1950:134). De certa forma a população brasileira não se sentia parte integrante do esforço de guerra, pois a guerra nunca representou uma ameaça real para suas vidas.

A memória nacional caracteriza-se por ser um resumo dos acontecimentos mais marcantes da vida dos cidadãos que fazem parte do conjunto de uma nação. Diferentemente da memória coletiva que registra apenas os acontecimentos importantes para um grupo, sejam eles provincianos, urbanos ou locais (Halbwachs,1950:78,82).

A memória da FEB e a Revolução de 1932 encontra-se em dois patamares distintos. Enquanto a memória da FEB permaneceu no ambiente coletivo devido às circunstâncias político-sociais, a memória da Revolução de 32 superou o ambiente coletivo assimilando-se a memória nacional. Segundo Cytrynowicz, a Revolução de 32 mobilizou grandes contingentes humanos, foi propagada nas cidades, influenciou o sentimento regionalista, teve seus mártires (Martins, Miragaia, Claudio e Camargo) e seus heróis. A Revolução de 1932 é o momento-mor da História do Estado de São Paulo. Enquanto a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial é dificilmente conhecida pelos brasileiros. A FEB não faz parte das histórias dos mais velhos, nem está inserida nos livros didáticos (Cytrynowicz,2002).

Considerações finais

A memória coletiva não é capaz de sozinha registrar metodicamente seu lugar na memória nacional. Em Halbwachs concluímos que os acontecimentos nacionais são lembrados de acordo com a influência das lembranças coletivas dentro dos acontecimentos nacionais. Por isto, investigamos o contexto histórico do Brasil na Segunda Guerra Mundial para dar uma base histórica à memória de Eliseu de Oliveira.

Os regimes totalitários da Europa surgem diante de uma situação de crise do capitalismo mundial e uma contestação do liberalismo. O fascismo surge como alternativa de regime diante da ameaça do comunismo soviético e do capitalismo debilitado. Seu anti-liberalismo e anti-comunismo conquistou vários adeptos, inclusive entre representantes do governo brasileiro. Chefiada por Mussolini, a Itália reerguia-se da Primeira Guerra com os desejos de restaurar a glória do Império Romano. Na Alemanha, o fascismo assume o aspecto anti-semita iniciando o nazismo. Influenciado por um espírito revanchista, a Alemanha liderada pelo Partido Nazista de Adolf Hitler renasce das cinzas da Primeira Guerra e inicia os planos de conquista do *III Reich*. Assim como investigou Pedro, a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) era uma continuação da Primeira Grande Guerra (1914-1919), que por sua vez era continuação da Guerra Franco-Prussiana (1870-1871) resultado dos conflitos imperialistas dos países europeus na divisão do mundo (Pedro,1994).

Inglaterra e França ignoravam uma ameaça real do nazi-fascismo em primeiro plano. Através de uma política de conciliação, o Primeiro Ministro inglês Chamberlain preferia evitar um conflito com as ambições do nazi-fascismo, representado pelo Eixo: Roma-Berlim-Toquio (Itália, Alemanha e Japão), preferia-se manter a Alemanha em conflito com a União Soviética. Logo, Stalin abandonou as propostas de acordo com o ocidente assinando o pacto com a Alemanha de não-agressão. O pacto serviria para que os dois países ganhassem tempo para o conflito militar e ideológico entre nazismo e comunismo. Depois da incorporação da região do Sudetos, Inglaterra e França perceberam a ameaça real da Alemanha.

A Segunda Guerra Mundial possui um aspecto diferente de todas as guerras anteriores. Pela primeira vez, civis eram alvos das operações militares. A Alemanha surpreende o mundo com seu novo modelo de guerra: *Blitzkrieg* (guerra

relâmpago) superando o modelo Francês de guerra de trincheiras. Um a um, os países europeus caíam diante do poder de fogo alemão.

Este cenário de guerra era o qual Eliseu de Oliveira estava inserido. A guerra logo de início o incomodava. Recém saído da reserva do exército, Eliseu temia ser convocado para lutar pelo país. O bar de Agenor de Oliveira, pai de Eliseu, localizado em São José dos Campos, era local de reunião para os amantes do tema da guerra.

O Brasil assumia uma posição de neutralidade para com os países envolvidos no conflito. Assim como conceituou Tota este período era caracterizado de “política pendular”, pois o Brasil buscava um parceiro que lhe concedesse maiores vantagens no desenvolvimento da indústria de base no país: Alemanha ou Estados Unidos. O país vivia sob um regime ditatorial, muitos de seus líderes eram simpáticos ao Eixo. Porém, depois do ataque japonês a base aérea de Pearl Harbor os EUA exigiram um alinhamento do Brasil as potências ocidentais na guerra. Depois do rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e o Eixo (Alemanha e Itália) submarinos nazistas torpedearam navios mercantes na costa brasileira. Incitado por grande aclamação popular Vargas declara guerra a Alemanha e Itália.

O Brasil não pretendia contribuir para o esforço de guerra apenas cedendo territórios na construção de bases norte-americanas no litoral brasileiro. O governo do Brasil se interessava pelo prestígio internacional que o envio de uma Força Expedicionária poderia lhes proporcionar, bem como tirar partido do contexto de guerra.

Neste momento teve início a saga militar de Eliseu de Oliveira, assim como muitos dos recrutados da FEB, Elizeu, filho de lavradores provinha de famílias pobres, muitos eram analfabetos, recém saídos da reserva do exército. Eram “cidadãos-soldado” como designou Carlos Haag, pois grande maioria eram profissionais liberais.

Carlos Haag utiliza o termo “soldados-trabalhões”, característica muito explorada pelos estudiosos da participação dos brasileiros na Segunda Guerra. Este termo resume todas as dificuldades, equívocos e demais erros que marcaram a participação do Brasil na guerra. A dificuldade de formar a 1ª Divisão Expedicionária, a seleção médica deficiente, o armamento antiquado, a instrução deficiente, etc. Eliseu cita alguns casos de estupro, deserções, baixas durante os treinamentos e durante a campanha.

Assim como lembrou Ferraz, não era interessante para o exército norte-americano um parceiro como o Brasil que precisasse ser municiado, alimentado, vestido e embarcado. O exército norte-americano demonstrou seu descaso com a FEB,

reservando seu lugar junto com o seio discriminado do exercito norte-americano: a 92° DI de negros.

Na Itália, os Aliados eram chamados pelos italianos de libertadores, tal situação propicia um sentimento nacionalista em Eliseu e seus amigos, algo que segundo ele em nenhuma situação em que esteve no Brasil havia sentido algo igual.

A FEB surpreende os demais exércitos aliados pela sua composição. Na FEB negros e brancos compunham as mesmas tropas. Isto chamou a atenção da imprensa norte-americana dando-lhes argumentos diante do regime de segregação racial imposto nos EUA.

Eliseu de Oliveira era treinado nos moldes da doutrina norte-americana. A FEB diferenciava-se do exército brasileiro, abandonava-se o aspecto de hierarquização da doutrina francesa para uma postura de camaradagem entre os oficiais e soldados. Este fato propiciou a inveja do exército brasileiro, “o exercito de Caxias”, o qual a FEB não fazia mais parte.

Os pracinhas mostraram sua bravura mesmo diante de todas as dificuldades. Eliseu recebeu a Cruz de Combate de Primeira Classe por sua atuação no Monte Valimona. Porém, na operação de Lama di Sotto e San Quirico, caracterizada por Mascarenhas como o primeiro revés da FEB, Eliseu de Oliveira juntamente com seu grupo de combate são aprisionados em San Quirico. Essa primeira derrota da FEB foi ocasionada pela ambição de status dos generais da FEB que enviaram tropas cansadas desde o inicio do conflito.

Eliseu de Oliveira foram interrogados pelos alemães, depois foram transferidos para o campo de prisioneiros de Mantua. O segundo campo de prisioneiros que Eliseu e seus amigos foram enviados era o de Moosburg na Alemanha. Durante este período o relato de Eliseu e seus amigos são marcados pela descrição detalhada dos acontecimentos traumatizantes da vida de prisioneiros. Sua rotina de trabalho, alimentação, alojamentos etc, é descrita por Eliseu, Amynthas, Varoli e Guilhermino com precisão. Embora divergentes em certos aspectos, ambos os relatos são iguais quando refere ao regime de racionamento alimentar imposto pelos alemães.

Os prisioneiros de Moosburg são libertados pelas forças do VII exercito norte-americano vindo da frente ocidental. Na frente oriental as forças soviéticas aproximavam-se cada vez mais de Berlim. A guerra na Itália chega ao fim, o V exército derrota as forças alemãs no litoral da península itálica, a FEB aprisionou a 148° DI alemã

em Forno di Taro. Mussolini é executado por guerrilheiros partigiani em sua tentativa de fuga para a Suíça.

Eliseu de Oliveira foi submetido ao regime de revitaminização, logo que foram transferidos a Paris em meio as comemorações da rendição incondicional da Alemanha diante das forças soviéticas. Era o fim da guerra na frente européia.

Eliseu e seus amigos foram licenciados na Itália e deixam de serem militares devido a manobras políticas do governo Vargas que temia alguma manifestação da FEB que resultasse na tomada do poder. O estigma de defensora da democracia pesou de certa forma e os veteranos foram abandonados pelo Estado no retorno de suas vidas como civis.

Para Eliseu, as grandes manifestações de júbilo no retorno dos pracinhas ao Brasil são vazias e sem sentido algum. Ao retornar ao Brasil, Eliseu observa o descaso do Estado que não proporcionou políticas públicas em auxílio a FEB. Observa muitos pracinhas deixados na sarjeta por serem estigmatizados como indivíduos portadores da neurose da guerra. Encontra uma sociedade extremamente cética e contestatória diante do papel dos brasileiros que arriscaram suas vidas nos campos da Itália.

A população civil não se sentia participante da guerra mundial. Não havia uma memória coletiva que a integrasse à história da FEB. O Estado contribuiu para o apagamento da memória da FEB tornando-a um assunto proibido.

Depois deste breve resumo da atuação de Eliseu na Força Expedicionária Brasileira, uma pergunta nos vem à mente. Como Eliseu de Oliveira poderia registrar de forma tão detalhada todos estes acontecimentos de sua participação na guerra? Eliseu cita nomes de filmes, peças de teatro, nomes de italianos, alemães, seus amigos e demais situações com muita precisão. Seria improvável que Eliseu portasse um diário no front de batalha, muito menos como prisioneiro de guerra. Então se nada foi escrito durante a guerra, como se desenvolveu o trabalho de solidificação de sua memória?

Segundo Michael Pollack a memória é um fenômeno construído. Neste processo a memória relembra, grava, recalca, exclui, resultado de um trabalho de organização individual e coletiva, consciente ou inconsciente. Neste processo de construção da memória o indivíduo busca apresentar a imagem de si mesmo para o grupo a qual pertence. A imagem representa a continuidade do grupo, bem como esta intrincada com o sentimento de identidade tanto individual como coletiva (Pollack,1992:4,5).

Qual é a imagem que Eliseu de Oliveira quiz passar de si mesmo? Podemos ter uma noção desta imagem utilizando suas próprias palavras:

A vida de soldado, meus amigos, é coisa mais triste que se possa imaginar. Digo-o, com a franqueza de quem conhecer todas as vicissitudes dos dias de paz e de guerra. Sei o que é a privação da liberdade, o dormir em salões colectivos, o passar dias seguidos na cadeia – como criminoso comum, por falta disciplinar. Sei o que é lutar, na lama e sob o temporal que Deus manda. O que é empreender longas e extenuantes marchas, ao sol, em terreno montanhoso, onde as pedras parecem deitar chamas... Sei o que é cair prisioneiro – e como tal passar fome, sofrer maus tratos, ser bombardeado, trabalhar como escravo, sem o direito de dormir sossegado... Ah! O que mais doi no coração da gente são as horas de miséria! (Bondesan, 1947)

Utilizamos este desabafo de Eliseu no capítulo III, o qual comparamos com os relatos de Amyntas e Jarbas. No caso de Eliseu, a imagem construída é de um combatente da Força Expedicionária Brasileira. Eliseu relata que ao retornar para o Brasil pretendia descansar por um bom tempo depois de tantas agruras e sofrimentos, mas o ambiente de ceticismo e contestação o impulsiona a uma busca pelo reconhecimento da identidade do pracinha da Força Expedicionária Brasileira.

Eliseu prometeu dizer a “verdade” sobre sua atuação da FEB diante das chacotas das populações civis que marcaram o ambiente do pós-guerra. Mas como seu relato pode ser tão detalhado? Segundo Portelli, a autobiografia é sempre marcada pela primeira pessoa no singular “eu”, quando a narrativa multiplica-se em diversos pronomes e verbos quer dizer que a memória esta sendo contestada.

Eliseu de Oliveira nunca esteve sozinho durante o período da guerra. Ele viveu a expectativa de ser convocado no ambiente familiar de sua casa, e no bar de seu pai em campanha de seus fregueses. Do período de aquartelamento até o desembarque estava sempre reunido com o grupo de São José dos Campos. Durante a campanha, os joseenses se separaram mais a situação de guerra consolidou uma amizade ainda mais forte com os novos amigos. Durante o período de prisão, todo o seu grupo de combate foi aprisionado, teve como companheiros de cela os brasileiros: Guilherme Barbosa de Mello, José de Barros Filho, Mario Gonçalves da Silva e Oswaldo Casimiro Muller e Amyntas Pires de Carvalho, este ultimo tornou-se confidente de Eliseu. Depois de sua libertação reencontrasse com seus amigos do 1º batalhão no território italiano. A presença da primeira pessoa no singular na narrativa de Eliseu é raramente percebida, em sua grande maioria encontram-se sempre as palavras “nós”, “eles”, ou seja, sua memória não é somente sua, é o resultado da

experiência da coletividade em que ele estava inserido. A troca constante de experiências com seu grupo foram essenciais para o processo de solidificação de sua memória.

Mas será que Altino Bondesan não interferiu na memória de Eliseu? Será que existem duas pessoas na mesma narrativa? Podemos argumentar que sim. E isso aparece em vários momentos. Altino Bondesan insere informações ao relato de Eliseu: “Já na outra guerra, os Estados Unidos haviam experimentado os transtornos da alta percentagem de moléstias sexuais, as quais exigiam dispendioso tratamento, inutilizavam boa parte da tropa e, o que era pior, predispunham a soldadesca a um estado de depressão deveras prejudicial” (Bondesan,1947:26).

Altino também insere uma forma literária ao relato de Eliseu de Oliveira. Esta nota foi escrita durante o relato do desembarque em Nápoles: “Camões colocou sabiamente a Ilha de Amores na rota dos marinheiros portugueses, certo como estava de que o homem normal não prescinde dos afagos de uma mulher. Também Adão fizera patente ao Criador essa necessidade, solicitando uma companheira, mesmo a custa de uma costela...” (Idem,1947:27).

Altino também romantiza, esta nota foi escrita no relato de Bagnoli:

Sol e poeira, eis o que encontramos nessas primeiras semanas de Itália, num doloroso contraste com a idéia que formávamos da terra de Garibaldi,
Casimiro de Abreu, autor daquela poesia, que diz assim:
Flor dos tópicos, cá na Europa fria,
Eu definho, chorando noite e dia
Saudades de meu lar... (Idem,1947:40).

Altino é sádico em alguns momentos, assim inseriu uma piada ao relato de Eliseu sobre o costume dos aldeões de criar os porcos no térreo da casa: “O caipira, que criava porco no porão da casa, diz-lhe um medico, de passagem pelo local: Homem é preciso mudar os suínos. Isso é anti-higiênico, faz mal pra saúde! Retruca o matuto: Ora, seu doutor, mal pra saúde nada! Até hoje não me morreu nenhum bacorrim!” (Idem,1947:41).

Altino ganha bastante espaço na narrativa de Eliseu com suas anedotas, piadas, poemas e formas literárias, preenchendo até mesmo paginas inteiras de alguns capítulos. O livro contem 51 capítulos, principalmente os capítulos 37 ao 51 que marcam o período de libertação, são marcados pela presença constante de Altino Bondesan inserindo informações sobre as belezas turísticas das cidades européias.

Um pracinha paulista no inferno de Hitler foi desenvolvido primeiramente como crônica jornalística. Diariamente Altino entrevistava Eliseu a fim de manter continuar cada capítulo da crônica sem interrupções. O método de sucessivas entrevistas ao invés de uma única entrevista nos remete a pensar no enorme esforço de rememoração de Eliseu de Oliveira. Assim como ressaltou Ricoeur “Assim como é impossível lembrar-se de tudo, é impossível narrar tudo. A idéia de narração exhaustiva é uma idéia performativamente impossível. A narrativa comporta necessariamente uma dimensão seletiva” (Ricoeur, 2007:455). Um exemplo disso é que depois de elaborados os capítulos da prisão em Moosburg, Eliseu lembra que os prisioneiros levavam mantimentos para o interior do campo durante sua volta do trabalho nas cidades para o campo. As escondiam em depósitos nas costas para ludibriar a revista dos alemães. Ele insere esta nota logo depois, durante os capítulos que marcam sua libertação (Bondesan,1947:228).

Portanto, a memória de Eliseu é reprocessada por Altino Bondesan. A grande extensão de capítulos, a seleção dos acontecimentos, as interferências de Altino Bondesan caracterizam a tentativa de prolongar a série jornalística, na qual as crônicas de Eliseu de Oliveira eram publicadas semanalmente. As constantes repetições em comprovar que a memória de Eliseu caracteriza-se pela verdade pode ser entendida como um esforço de Altino em evitar críticas posteriores em ter se desviado da veridicidade da história de Eliseu. No prefácio do livro Altino Bondesan diz: “Mantive-me, nos retoques executados, fiel, fidelíssimo ao que me fora transmitido pelo pracinha, evitando tanto quanto possível enveredar pela estrada suave da fantasia” (Idem,1947:7). Mas a frente ele diz: “não mencionarei nenhuma cidade importante, dessas em torno das quais gira habitualmente a curiosidade dos brasileiros. Que fazer? Não me desviarei da rota real, como de resto serei fiel à verdade dos factos, que é o que interessa” (Idem, 1947:40).

Segundo Eliseu, durante este processo da crônica de jornal para o livro poucas foram as diferenças na história. Uma das passagens omitida por Eliseu foi sobre o regime de revitaminização em St. Valery, local que lhe trouxe muitos sofrimentos. Outra é sobre uma passagem curiosa que Eliseu relatou antes da explosão das bombas atômicas nas cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki que marcaram o fim da Segunda Guerra Mundial em 2 de setembro de 1945:

Às vezes chego a pensar que guerra é como briga de cachorro. Dada a primeira mordida – adeus! ... Não há como conter os animais enfurecidos. Há cães que, no ardor da peleja, chegam a morder o próprio rabo, cegos de ira. O

ódio humano é movido por uma força inteligente, a crueldade de uns, despertando a dos antagonistas, um dia levará a humanidade à autodestruição (Bondesan,1947:201).

Ao terminar estas análises, percebemos que o processo de “apagamento” da memória da Força Expedicionária Brasileira demonstrou-se eficaz. Estado e sociedade não avaliam os pracinhas brasileiros como sujeitos dignos de honraria.

Ao desembarcarem no Brasil, os pracinhas encontraram um inimigo mais terrível que os alemães: o esquecimento.²⁰ Este é um inimigo que os pracinhas combateram por toda vida. Muitos não conseguiram seguir em frente, caíram da mais profunda miséria às covas escondidas dos cemitérios municipais. Outros empunharam o lápis e a caneta, e com estas armas contribuíram para a perpetuação da história da FEB. Alguns, como Eliseu, precisaram da ajuda de um interprete, mas grande maioria preservou (e preserva) a história da FEB nos círculos familiares. A guerra nunca acabou... mas está para ser vencida!

²⁰ Está análise é de autoria da Profª Drª Maria Aparecida Papali feita durante a defesa deste trabalho realizada na Universidade do Vale do Paraíba de São José dos Campos – SP, em 01 de julho de 2011.

Referências Bibliográficas

- AGENCIA GLOBO SERVIÇOS DE IMPRENSA LTDA. *O Globo Expedicionário – O Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Agencia Globo, 1985.
- ANDRADE, Benedito Antunes. *Estórias de um pracinha*. São Luis do Paraitinga: Publicação do autor, 2008.
- BRAYNER, Mal. Floriano de Lima. *A verdade sobre a FEB – Memória de um Chefe de Estado-Maior na campanha da Itália*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- BONDESAN, Altino. *Um pracinha paulista no inferno de Hitler*. São Paulo: Bonalume, 1947.
- CABRAL, Geraldo Marcondes. *São José dos Campos na II Grande Guerra*. São José dos Campos: Câmara Municipal de São José dos Campos, 1987.
- CASTELLO BRANCO, Thomaz. *O Brasil na II Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960.
- COGGIOLA, Oswaldo. *A Revolução Chinesa*. São Paulo: Moderna, 1985.
- CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem guerra – A mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Geração Editorial, 2002.
- FERRAZ, Francisco Cesar. *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahur, 2005.
- GONÇALVES, José; MAXIMILIANO, Cesar C. *Irmãos de Armas: Um pelotão da FEB na II Guerra Mundial*. São Paulo: Codex, 2005.
- HAAG, Carlos. *Por quem a cobra fumou?* Pesquisa FAPESP, n° 177, 2010.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda. 1990.
- HOLANDA, Sergio Buarque. *Raízes do Brasil*. 26. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LEÃO, Andrea; MODESTO, Everaldo. *As visões dos pracinhas brasileiros*. 2008, Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Historia) Universidade do Vale do Paraíba, 2008.
- LENHARO, Alcir. *Nazismo – O triunfo da vontade*. São Paulo: Atica, 1994.
- MCCANN, Frank D. *Aliança Brasil – Estados Unidos – 1937/1945*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1995.

- MOTTA, Aricildes M. *História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial*. Tomos III, IV, V, VI, VII, VIII. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.
- MORAIS, João Baptista Mascarenhas. *A FEB pelo seu comandante*. São Paulo: Processo Editorial, 1947.
- PASCHKES, Maria Luisa de Almeida. *A Ditadura Salazarista*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PEDRO, Antonio. *A Segunda Guerra Mundial*. 11. Ed. São Paulo: Atual, 1994.
- PORTELLI, Alessandro. *Ensaaios de História Oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.
- POLLACK, Michael. *Memória, Esquecimento e silêncio*. Estudos Históricos. Vol. 2, n° 3, 1989.
- POLLACK, Michael. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos. Vol. 5, n° 10, 1992.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007.
- SILVEIRA, Joel. *O inverno da guerra*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- SILVEIRA, Joel; MITKE, Thassilo. *A luta dos pracinhas*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1984.
- SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castello Branco (1930 – 1964)*. Rio de Janeiro: Saga, 1969.
- SOARES, Leonercio. *Verdades e vergonhas da Força Expedicionária Brasileira*. Curitiba: Editora Curitiba, 1984.
- TRENTO, Ângelo. *Fascismo italiano*. São Paulo: Atica, 1993.
- TOTA, Antonio P. *O Estado Novo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- VITA, Álvaro. *Nossa Constituição: A História das constituições brasileiras*. São Paulo: Atica, 1991.
- WAACK, Willian. *As duas faces da glória: A FEB vista pelos seus aliados e inimigos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- ZANETTI, Valéria. *Fase Sanatorial de São José dos Campos: Espaço e Doença*. São Paulo: Intergraf, 2010.

Fontes Primárias

- Arquivo Público Municipal de São José dos Campos: Correspondências recebidas, Arquivo de Guarda Permanente, Caixa 10.
- Arquivo Público Municipal de São José dos Campos: Registros fotográficos.

JARBAS DIAS FERREIRA. Discurso de despedida do general Mark Clark, comandante do V exercito Aliado em 25 de agosto de 1944 (visita realizada em 2 de março de 2007).

Artigos

Jornal *A Tocha*,USS General Meigs, 9 de julho de 1945: ANVFEB – Jacareí.

Jornal *A Tocha*, USS General Meigs, 15 de julho de 1945: ANVFEB – Jacareí.

Jornal *E a cobra fumou! Anno I*, Itália, 25 de abril de 1945, n° 12: ANVFEB – Jacareí.

Jornal *E a Cobra Fumou! Ano I*, Camaiore (Itália) 12/10/1944, n°5: ANVFEB – Jacareí.

Jornal *E a cobra fumou*,Voghera, Itália, 1945: ANVFEB – Jacareí.

Jornal *E a cobra fumou! Anno I*,n°12, Itália, 25 de abril de 1945: ANVFEB – Jacareí.

Jornal *E a cobra fumou!* Edição comemorativa: ANVFEB – Jacareí

Jornal *Correio Joseense*, ano XVIII, São José dos Campos, 23 de agosto de 1942, n° 953:

Arquivo Publico Municipal de São José dos Campos.

Jornal *Correio Joseense*, ano XXI, São José dos Campos, 14 de agosto de 1945, n°1090.

Arquivo Publico Municipal de São José dos Campos.

Jornal *Correio Joseense*, ano XXI, São José dos Campos, 8 de julho de 1945, n° 1087.

Arquivo Publico Municipal de São José dos Campos.

Jornal *Correio Joseense*, ano XXI, São José dos Campos,19 de agosto de 1945, n°1091.

Arquivo Publico Municipal de São José dos Campos.

Jornal *Correio Joseense*,ano XXI, São José dos Campos,26 de agosto de 1945,n°1092.

Arquivo Publico Municipal de São José dos Campos.

Jornal *São José dos Campos*, ano IV, 26 de agosto de 1945, n° 222. Arquivo Publico Municipal de São José dos Campos.

Jornal *São José dos Campos*, ano IV, 2 de setembro de 1945, n°223. Arquivo Publico Municipal de São José dos Campos.

Jornal *São José dos Campos*, Ano IV, 11 de novembro de 1945, n° 233. Arquivo Publico Municipal de São José dos Campos.

Diapositivos

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS. Diploma da cruz de combate de 1° classe de Eliseu de Oliveira.

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS. *Memoradum* enviado a Agenor de Oliveira, pai de Eliseu de Oliveira em 11 de maio de 1945.

ARQUIVO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS VETERANOS DA FEB – JACAREÍ. Cartaz da *Industrie Grafiche* da cidade de Voghera (visita realizada em 21 de maio de 2010).

JARBAS DIAS FERREIRA. Despojos de guerra, Fotografias (visita realizada em 2 de março de 2007).

LABORATÓRIO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA. Cartaz da festa de recepção dos expedicionários joseenses. São José dos Campos: Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, 2010.

MUSEU DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA, 6º Batalhão de Infantaria Leve. Fotografias. Caçapava (visita realizada em 5 de maio de 2010).

Vídeo

RADIO AURIVERDE, A FEB na Itália. Manaus: Versátil Home Vídeo, 1991. 1 DVD: NTSC, son., preto & branco.

Banco de dados

Fotos da Força Expedicionária Brasileira. Disponível em: [HTTP://www.anvfeb.com.br](http://www.anvfeb.com.br)

Fotos de São José dos Campos. Disponível em: [HTTP://www.camarasjc.sp.gov.br](http://www.camarasjc.sp.gov.br)

Mapas da Segunda Guerra Mundial. Disponível em: [HTTP://www.colecaosegundaguerra.com.br](http://www.colecaosegundaguerra.com.br)

Filmografia Brasileira. Disponível em: [HTTP://www.cinemateca.com.br](http://www.cinemateca.com.br)

Musicas do Estado Novo. Disponível em: [HTTP://www.franklinmartins.com.br](http://www.franklinmartins.com.br)

Depoimento de Jacob Gorender. Disponível em: [HTTP://2fpa.org.br](http://2fpa.org.br)

Depoimento de Emilio Varoli. Disponível em: [HTTP://www.grandesguerras.com.br](http://www.grandesguerras.com.br)

Fotos do campo de concentração de Stalag VII A. Disponível em: [HTTP://www.moosburg.org.br](http://www.moosburg.org.br)

Depoimento de Dirce Saloni Pires. Disponível em: [HTTP://www.museudapessoa.net](http://www.museudapessoa.net)

Depoimentos Orais

Benedito Antunes de Andrade.

Enéias Sá de Oliveira.

Jarbas Dias Ferreira.

Joaquim Ferreira Bevilaqua.

José Benedito Moreira.

José dos Santos.

Vicente de Oliveira.

Pedro Cortelli Filho.

Anexos

Anexo - 1

Transcrição do documento da despedida em Vada – Itália.

64-A

V Exército Americano

Força Expedicionária Brasileira. Quartel General na Itália

Escalão avançado da 1ª D.I.E. Em 25 de agosto de 1944.

Para o conhecimento deste escalão avançado e devida execução, publico o seguinte:

I – Dia do Soldado – Saudação feita à tropa brasileira.

General Mascarenhas, General Zenóbio, oficiais e soldados da Força Expedicionária Brasileira, eu vim aqui nesta manhã para saudar-vos, apresentar-vos as boas vindas do V Exército e dizer-vos o quão sincero é o nosso orgulho de vos ter ao nosso lado. Reuniste-vos a um merecimento constante, o V Exército. Desejo-vos dizer algumas coisas sobre o V Exército, do qual fazeis parte no presente momento.

Dentro de poucos dias, a 9 de setembro, celebrará o primeiro aniversário do nosso desembarque em Salerno. Depois de Salerno, com vós sabeis lutamos desesperadamente e vencendo os esforços do inimigo pela costa até o grande porto de Nápoles. Depois, lutamos nas montanhas, neve, lama e chuva e finalmente desembarcamos na cabeça da praia de Annie, onde ainda uma vez, vencemos os esforços do inimigo, ou suas tentativas para nos lançar a par.

Sonhamos uma grande vitória em Annie e matamos milhares de inimigos. Em Annie, fomos uma ameaça constante ao seu flanco. Retaguarda em conjunto com o nosso avanço de 11 de maio, ajudou finalmente a libertar a primeira capital européia sob o domínio nazista. Capturando Roma.

Continuamos o avanço por mais cerca de 200 milhas, a entrada agora na linha Pisa-Florença. Aprisionamos 47 mil alemães; destruímos outro tanto deles. Aniquilamos muitas das suas divisões e derrotamo-los em todos os campos de batalha onde os encontramos.

Não parecia que a missão do V Exército já termino. Estamos começando, e vós – da Força Expedicionária Brasileira, tereis grande parte nas vitórias que estão por vir. Vossa presença

aqui hoje, não é senão, mais uma prova da identidade dos ideais que existe entre nossas duas grandes nações. Vós representais a nata do Exército Brasileiro. Vós estais muito bem chefiados; vós tendes ótimos comandantes no General Mascarenhas e no General Zenóbio. Vossos oficiais subalternos estão muito bem treinados. Vós estais perfeitamente equipados. Com vosso espírito combativo grandes dias vos esperam.

Gostei muito do que vi esta manhã. Vós tendes um aspecto decidido. Percebi, pelas observações que fiz durante a revista, que sois bem disciplinados. Não vos esqueceis de que a disciplina é o fator mais importante para quem quer ganhar batalhas. Vós estais recebendo o nosso treinamento que foi dado a outras unidades do V Exército.

Reconhecendo que quando encontrardes alemães, que nada tendes a temer deles, com efeito, eles terão medo de vós. Vós os derrotareis e os aniquilareis em toda parte onde os encontrardes. Vós os cobrireis de glórias e os escrevereis um bolo o brilhante capítulo na História da vossa pátria, o Brasil.

Nada poderia ter sido mais próprio neste vosso grande dia, o dia de CAXIAS, do que tomardes o vosso lugar de combatentes ao lado do V Exército e renovar vossos juramentos de destruir o vosso odiado inimigo.

Grandes dias vos esperam. Desejo-vos muitas felicidades e que Deus vos abençoe.

Mark W. Clark

Tenente General U.S.A.

Comandante do Vº Exército.

Anexo - 2

Transcrição da entrevista de Noronha ao jornal: *E a cobra fumou!* Bondesan, 1947:280,281,282,283

O “Noronha” voltou!

A reportagem de “... E a cobra fumou!”, como não podia deixar de ser, esteve na recepção ao Octaviano José Soares.

“Ora! Muitos dirão, quem será esse tal José?”

- Respondemos: trata-se do primeiro soldado de nosso Batalhão a regressar, depois de haver estado prisioneiro dos alemães durante seis meses.

Conseguimos, a muito custo, aproximar-nos do ponto de atenção de todos os rapazes da 3ª Cia. Criavavam-no de perguntas as mais diversas. “Noronha”, seu nome de guerra, era bradado continuamente. Mas preferimos chama-lo de Soares, à maneira que tínhamos de trata-lo, desde aquele 21 de janeiro de 1943 quando, entre 600 outros convocados de Campinas, desembarcamos em Caçapava.

Fizemos “uma viração em regra” “para que outros camaradas compreendessem a prioridade da Imprensa. Depois, numa dependência do grande colégio, onde estão hospedada a “melhor do mundo” começamos o nosso trabalho.

O Soares trabalhava em Campinas, na Agencia Chevrolet. Tem 24 anos de idade. Alto, moreno e... pretende engordar agora que não é mais prisioneiro. Quis, antes de mais nada, que deixássemos patente a coragem e desprendimento do cabo Waldemar Reinaldo Cerezoli e soldado Eliseu de Oliveira, seus companheiros naquela infeliz jornada de Colle, em Barga. Disse-nos o Soares que, estando a casa, onde se abrigava o seu grupo, cercada por fogos inimigos e sem comunicação com o comandante, aqueles dois bravos se prontificaram a ir rastejando até o local onde se encontrava o P.C. das “Lourdinhas” e “banho” de morteiros.

- “Minha odisséia começou com a explosão de uma granada de fuzil”, falou nosso entrevistado. “Fui ferido e a metralhadora, que estava em minhas mãos, voou pelos ares em pandarecos”. Mostrou-se em seguida as pernas e as costas. Uma porção de manchas escuras, cicatrizes recentes, na pele morena era o que servia. “Logo mais, prossegue, os alemães apoderaram-se da casa e nos aprisionaram a todos. O sargento Joel Carlos Borges dera ordem para que se resistisse até o último cartucho e depois destruíssemos todo o material que pudesse ser útil ao inimigo, antes de nos entregarmos. Assim, eles só

apanharam as rações K que devíamos comer naquele dia. Ao ser levado para o Posto de Saúde por meus próprios companheiros, alguns dos quais levemente feridos – desejo por em relevo o cabo José Rodrigues, que muito me sofria, notar que os alemães tinham um bocado de baixas naquele dia. Vi muitos mortos e feridos. Admirei-me com as formidáveis fortificações de toda a região Barga-Castelnuovo. Também com o grande número de tedescos. Num, ao que me parecia capitão, percebi signo da morte que identificava o SS.

- Eu lhe conto... Só depois de 5 dias de viagem por caminhão cheguei a Mantua, onde havia hospital, já separado de meus companheiros. Dou uma idéia de seus recursos, dizendo que os estilhaços de meu corpo foram tirados sem aplicação de anestésico. Meus gritos eram abafados com gaze na boca. Calcule como sofri!

A alimentação para os feridos também não era grande coisa. Mas pior foi quando dois meses depois, restabelecido, fui mandado para o campo de concentração na própria Mantua. Já era inverno; os abrigos uns barracões abertos, a cama feita de taboas, coberta muito mais curta que o corpo, a comida, sempre sopa. O que havia de sobre era neve e frio. Entre os 500 prisioneiros, que calculo houvesse no campo, de várias raças, eu era o único brasileiro.”

A uma nova pergunta, responde o Soares: “Sim, havia sabão e também 20 cigarros por semana, que nos mandava a Cruz Vermelha Internacional. Mas a água só bastava para lavar o rosto, e muito mal. Também me foi permitido passar um rádio para minha família, por intermédio da mesma organização.

“Presentes de civis? Uma única vez, dos habitantes da cidade. Do pão branco, um luxo, salame, e maçã só vimos e comemos o pão, ainda assim, metade do que nos haviam mandado.

Por várias vezes era para haver deslocamentos dos prisioneiros daquele campo, em trem, mas depois de estarem todos embarcados dava-se “última forma”, porque a aviação destruía pontes e linhas de estrada de ferro”.

- Nada era feito para os divertir, como os americanos fazem aos prisioneiros alemães? A vigilância era muito severa?

- “Nada. *“Chi toca, fili muore”* – as cercas eram eletrificadas. Nosso divertimento consistia em dormir para esquecer a fome e ver a aviação aliada bombardear e metralhar objectivos nas imediações. Isso acontecia frequentemente. Você nem calcula como “homens” ficavam por conta!

Um dia, em consequência talvez da ofensiva que se anunciava, houve a mudança dos prisioneiros. Fomos para Brunico, próximo da fronteira da Áustria. Creio que a intenção

inicial era levar-nos para a Alemanha, mas o transito do Passo de Brenner, como todos sabem, era um problemas.

Em Brunico, vi um avião da FAB. Ali veio juntar-se a mim um soldado do 11º R.I. aprisionado no Monte Belvedere.

- Ah! Aquele que foi tirado da casamata com um americano dos tanks?

- “Sim. Ele contou-me uma coisa interessante: Ao ser interrogado, os alemães queriam saber o significado daquele distintivo “cobra fumando”. Não se conformaram com a explicação dada. Foi lançado em relatório que tratava de prisioneiro de uma unidade alpina Brasileira! “Se não fosse assim, concluiu o interrogador, como podem vocês combater dessa forma nos morros?”

- E a liberdade? Veio de surpresa?

- Nem tanto. Os movimentos há dias eram o prenuncio de novidades boas para nós. Mesmo assim, não deixou de ser uma coisa agradabilíssima ver os americanos chegarem em jeeps, e, logo mais, revezar os que se voluntariassem para isso, a guarda dos tedescos. Os papéis se invertiam para isso, a guarda dos tedescos. Os papais se invertiam e eu respirava um ar livre antes de tomar um bom banho...

Essa foi em linhas gerais, a história que nos contou o Soares. Não quisemos prolongar nossa conversa, por mais tempo. Muitos ainda não o tinham cumprimentado e queriam uma “deixa”...

- “Ah! Disse-nos ele, antes de terminar, gostaria de dizer o quanto fiquei constrangido quando soube em Nápoles que a minha companhia tinha sido mal julgada por seu comportamento no dia 31 de outubro. Quem, como eu e outros, ali estivesse naquele dia não faria, em absoluto, tal julgamento...” Nós o sossegamos, dizendo que Castelnuovo, Zocca e Segalara provaram de sobrejo em favor do conceito da 3ª Cia.

“O Noronha voltou! “Poucos em nosso Batalhão e mesmo no Regimento, tiveram uma provação tão dura, um sofrimento tão forte. Porém, quando ainda em Nápoles lhe fora dada “chance” de ir para o Brasil, evacuado, ele deu um geito e veio para aqui, onde o atraem velhas amizades. Com elas, queria compartilhar os últimos tempos da Itália.

Não restava duvida! O sorriso com que nos disse: “Até logo””, dizia também de sua fortaleza de animo que, como a dos outros camaradas que voltarão, os “boches” não conseguiram destruir.

H.

Anexo – 3**Entrevista com o cabo Jarbas Dias Ferreira, pracinha da Força Expedicionária Brasileira.**

Entrevista realizada no dia 05 de abril de 2007.

Douglas: Pode falar o nome do Senhor?

Jarbas: Meu nome?... Jarbas Dias Ferreira, nascido em Mogi das Cruzes... a-a-a nove de dezembro de mil novecentos e vinte um... oitenta e cinco anos...completos.

Douglas: A patente que o Senhor tinha nu-na-na época?

Jarbas: Cabo.

Douglas: Cabo... depois o Senhor morava?

Jarbas: Aqui em São José dos Campos

Douglas: Aqui em São José dos Campos mesmo né.

Jarbas: É. Fui convocado aqui por São José dos Campos mesmo.

Douglas: E depo...e antes... antes da...

Jarbas: Da guerra.

Douglas: O Senhor já era...

Jarbas: Eu já era reservista de segunda categoria. Fiz o tiro de guerra trezentos e quarenta e cinco em mil novecentos e trinta e oito.

Douglas: em trinta e oito já.

Jarbas: É.

Douglas: De trinta e oito pra(não entendi)

Jarbas: Já tinha ficado mais de cinco anos já

Douglas: Ta certo... (respiração) vão começa... vão começa...

Jarbas: Trabalhava na Tecelagem Parahyba.

Douglas: Trabalhava na Tecelagem Parahyba?

Jarbas: Trabalhei oito anos

Douglas: E...a...e...como foi a...preparação do... o treino quando fico sabeno...

Jarbas: Da guerra...da guerra fui convocado em... treis de agosto e me aposentei em treis de outubro... de mil novecentos e quarenta e dois.

Douglas: De mil novecentos e quarenta e dois

Jarbas: É.

Douglas: Foi quando o Brasil declarou guerra ao Eixo?

Jarbas: (risos) É ! exato!

Douglas: Como foi a prepara... a... preparação... do treinamento... aonde foi.

Jarbas: O treinamento foi bastante complicado...a convocação foi bastante tumultuada, foi bastante complicada...não tinha lugar para por os pracinhas que chegavam, os convocados que chegavam...No sexto regimento de infantaria ficou mais de seis mil homens...depois

preciso de faze...uma...divisão, uma parte foi pra Taubaté, o primeiro batalhão foi pra Taubaté...o terceiro batalhão foi pra Lins e Tupã...e o segundo batalhão fico em Caçapava.

Douglas: O Senhor era...?

Jarbas: Do segundo batalhão.

Douglas: Do segundo batalhão.

Jarbas: É, eu era da... eu fui convocado CPP2 que era “compania de petrecho pesado...e depois fui promovido e transferido pra sexta companhia.

Douglas: Então o Senhor foi pra Lins?... Pra lince, comé qui é?

Jarbas: Não, o primeiro batalhão foi pra Lins.

Douglas: Lins né

Jarbas: Lins e Tupã... e o primeiro batalhao foi pra Taubaté

Douglas: Taubaté

Jarbas: É... por estava em exesso de contingente, mais ou menos seis mil lá.

Douglas: seis mil, seis mil pessoas.

Jarbas: É.

Douglas: O Senhor já prestava serviço militar, foi pru senhor mais fácil?

Jarbas: Hein?

Douglas: Pro Senhor foi mais fácil... acerta toda... a papelada?

Jarbas: Se foi fácil?

Douglas: Foi fácil pro Senhor? Pro Senhor foi...

Jarbas: Não pra mim não tinha...a...nao tinha complicação nenhuma

Douglas: Não tinha.

Jarbas: Não, não, não, não...só apresenta

Douglas: Mas o pessoal lá di fo...o pessoal que foi convocado...

Jarbas: É por que ninguém esperava...um enxame de gente (risos) parecia abelha né.

Douglas: Então ta. É verdade que foi convocado vinte e cinco mil mas...

Jarbas: Vinte e cinco mil.

Douglas: É! Vinte e cinco mil.Mas...é...diz algumas fontes assim que...queriam contrata até com...com, convoca até cem mil.

Jarbas: Não eles iam segundo oque eu sei...era...eram treis divisões....eram treis divisões que seriam convocadas...certo...que cada divisão tem dezoito mil homens, que dizer é um total de cinqüenta e quatro mil.

Douglas: cinqüenta e quatro mil

Jarbas: É...esse era... o que corria.

Douglas: a intenção.

Jarbas: É isso era o que corria por...

Douglas: Isso é... talvez uma... reunião que u... Getulio Vargas teve co...

Jarbas: E, e...o Getulio da-da-da Aranha né?

Douglas: Eu... fala um pouquinho do treinamento que o Senhor teve.

Jarbas: O treinamento foi... o treinamento normal do exercito né.U... armamento já sucatiado... depois houve uma transferência de armamento pra... armamento franceis, por que no começo tinha...mistura com armamento alemão... então depois complico bocadinho agora depois que nois chegamo na Itália nós recebemo todo armamento americano! Presizamo faze tudo de novo.

Douglas: Tudo de novo.

Jarbas: Tudo de novo. Por que era arm...completamente diferente né? Mas pra gente não tem dificuldade (sorriso)

Jarbas: É

Douglas: Ta mexendo com arma a muito tempo. Passaro assim... é...que foi assim e eles explicava comé qui era o terreno...assim... muito montanhoso...

Jarbas: Não, não, não , não

Douglas: Se era plano?

Jarbas: não, não, não, não.

Douglas: Não falavam nada?

Jarbas: Não, nada,nada, nada

Douglas: Falava nada, nada, nada, nada

Jarbas: Não, não, não, não... tinham encontrando e... trabalhando nele

Douglas: Trabalhando nele... como se fosse aquilo...

Jarbas: É... da o melhor que a gente podia né

Douglas: Bom... é...como foi a... como foi a ida... di-do trem?

Jarbas: Sabe nois saimo daqui di...di... Caçapava ...reunimos com os outros batalhões e fomos pra Vila Militar no Rio de Janeiro...por que lá que tinha o campo de treinamento, que era o campo de Geilisinó... aonde a gente fazia a maior parte do do treinamento... e nos ficamo... uns três, quatro meses lá... pra depois i pru embarque.

Douglas: A ta certo. Aqui, aqui, ca,ca,do lado aqui...

Jarbas: Caçapava.

Douglas: Tinha talvez é sei lá... o Senhor imaginava assim Du-du-du-e-e-e-é agora que a gente vai pra...sera que é agora que a gente vai pra guerra?

Jarbas: não, não, não, não,não... Ninguém penso e não podia fica sabendo o dia e a hora, saia... por causa da quinta coluna...se não havia represália no mar né.

Douglas: Que era a quinta coluna?

Jarbas: Quinta coluna era os infomantes, pra...do que tá acontecendo... pra ninguém fica sabendo né.

Douglas: Os informantes da... informações de guerra

Jarbas: É... a quinta coluna... *fifty, fifty colon*

Douglas: *Fifty colon*

Jarbas: É (risos)

Douglas: E depois...é...lá no Rio de Janeiro?

Jarbas: Depois que nois fizemo os ixame medico em Caçapava... foi feito o exame medico rigoroso...e daí nois fomo pro Rio...fizemos o treinamento que tinha que se necessário...e...fizemos o embarque.

Douglas: No Rio não fez mais exames não né?

Jarbas: No Rio não. Era mais exame de rotina né.

Douglas: E o embarque no navio?

Jarbas: O embarque no navio nois saimo de noite...fizemos alguns treinamento...pra despista a quinta coluna e... voltava...e...quando foi uma noite, foi a coisa, foi as dez horas da noite nós embarcamos pra Praça Mauá no Rio. Embarcamos no navio americano General...

Douglas: General Man.

Jarbas: General Man isso. Numero 112.

Douglas: Então é... o Senhor fazia exercício e... exercício de embarque... tipo assim desembarque e embarque

Jarbas: No navio não. Não,não,não,não... a gente fazia graça pegava as coisa, sai. Mandava o saco B, o saco B era as coisas de reserva da gente. Certo, e o saco A que ia junto e o saco B que era aonde ia as coisas de segunda... necessidade.E era o apelido que a gente dava pros praça da retaguarda. É saco B (risos).

Douglas: E...é...nao sei... se o Senhoe teve medo... medo no navio... medo no trem...

Jarbas: Não... vinte e um anos... tudo é festa.

Douglas: Senhor penso...tinha assim...di-di-di ir pra guerra.

Jarbas: Bastante vontade?

Douglas: Não, assim... vontade de ir pra guerra assim... “eu vo por que é minha obrigação...

Jarbas: Não,não,não,não,não eu unicamente, eu cumpri com a minha obrigação pra não envergonhar a minha família...por que muitos ai deserdaram... agora eu... não queria envergonha a minha família.

Douglas: Tinha bastante apoio do pai do Senhor?

Jarbas: Ah sim! Minha família, se eu deserda-se ia ficar completamente envergonhada.

Douglas: Pai do Senhor... pai do Senhor não fazia parte do exercito tambem não?

Jarbas: Quem?

Douglas: Pai do Senhor.

Jarbas: Não,não,não,não,não... da minha família só um tio, um oficial do sexto RI.

Douglas: Que que se passava dentro do navio?

Jarbas: Do navio?

Douglas: É.

Jarbas: É... sabe maior parte das coisa é fazer limpeza viu.

Douglas: Faze limpeza?

Jarbas: É... lá eles não deixavam descansa viu...tinha que faze...era obrigatório.

Douglas: Era obrigatório?

Jarbas: O exame era feito diariamente, as vezes feito com lanterna.

Douglas: Com lanterna ainda?

Jarbas: É... tinha que tá limpinho. Agora a maior parte do tempo era no convés, depois ia toma banho... até que eles reclamaram um dia o comandante reclamo qui nois tava gastando muita água.

Douglas: Podia sai bastante vezes... bastante vezes no convés assim.

Jarbas: Podia fica o dia inteiro no convés.

Douglas: Não tinha problema?

Jarbas: Não,não,não,não,não...É só não esquece da hora do almoço e da janta né?(risos)

Douglas: E...e...na hora do almoço era difícil tambem pra...entra na fila...

J: Não,não,não,não, era tudo numerado né.

Douglas: Tudo numerado

Jarbas: Era... tudo numerado, tudo por compartimento...por cor...a minha por exemplo era laranja, 313 orange (risos)

Douglas: I... a comida tambem era boa a comida?

Jarbas: ... Do navio?

Douglas: É.

Jarbas: Não

Douglas: Não!!?

Jarbas: Não, não era ruim, era uma comida leve por que não tava acostumado a viajar e com o balanço né. A maior parte ficava de cama né. Passava mal, vomitava.

Douglas: Não era muito boa a comida.

Jarbas: É principalmente o café viu...ah! (enojado)

Douglas: E... as outras pessoas que não eram bra-brasileiros...ah, americanos.

Jarbas: Só americano.

Douglas: Só americano.

Jarbas: É, o navio era americano... e a tripulação era americana.

Douglas: Se davam bem, se davam bem com eles.

Jarbas: Ah sim! Normal.

Douglas: Tentava fala um inglês assim...

Jarbas: Tentava fala um inglês assim, tentava faze um gesto...

Douglas: Um gesto é

Jarbas: É... o que eles compreendem bem é era dinheiro né. (gesticula com as mãos) Falava *Money, Money*. (risos)

Douglas: Falava um *Yes* assim...

Jarbas: É...yes.

Douglas: É... bom... e o desembarque da chegada?

Jarbas: Na chegada é... no Porto de Nápoles... nos fomos é...a primeira cidade que nos avistamos foi a cidade de Tanger...e foi na...no Gibraltar... depois nois chegamo no Mediterrâneo e fomos costeando a Africa...viu...quando chego mais ou menos no...Duran! Na Torre de Duran foi feito um corte por ali e foi exatamente pra Nápoles. Chegando lá o porto tava congestionado, comandante disse que ia faze uma viagem de pra nois e deu mais uma volta. Avistamo o Vesúvio... a (não entendi) nois chegando lá, chegamo mais ou menos umas duas horas da tarde...e...tinha uma bandinha de musica tocando num barril de chope viu.(risos)

Douglas: Que, qui...foi... quando o Senhor chego lá no desembarque já tinha...sei lá'...tinha alguém esperando...

Jarbas: Tinha soldado.

Douglas: Só do exército.

Jarbas: É só do exército.

Douglas: É...Americanos

Jarbas: Americanos... a maior parte era americano...o povo tava todo rebentado... balãozinho por tudo quanto era canto.

Douglas: I-i e o estado da cidade.

Jarbas: Da cidade? A toda arrebetada.

Douglas: Toda arrebetada.

Jarbas: Toda arrebetada, nós saímos de Nápoles e fomos pra banhado de Banholi (Obs: o correto é Bagnoli), lá cabia mais ou menos uns quinze mil homens dentro dum, entre moros lá... ai ficamo acampado. Lá fizeram o acampamento.

Douglas: E quando o Senhor entro na cidade ...comé qui foi ... o povo, o que é que o Senhor viu do povo.

Jarbas: O povo tava em miserável estado, tava passando fome, pedindo esmola por tudo quanto era canto

Douglas: É mesmo.

Jarbas: É... vinha pedi pão lá o dia inteiro viu.

Douglas: Pedia a pão pros soldados? E o Senhor dava?

Jarbas: Dava, todos nos dava... tinha dó deles.

Douglas: Tinha criança andando.

Jarbas: É principalmente criança.

Douglas: A cidade de Nápoles já estava...

Jarbas: É, bem quebrada

Douglas: A Primeira batalha...

Jarbas: A... primeira...nos estávamos em Varda (Obs: o correto é Vada), houve... aquela despedida do General Mac Clark que eu mostrei pra você... ele se despediu e nos fomos tomar contato com os alemães em Fiano em San Martin Fredana... foi ali a tomada de contato na linha Gótica.

Douglas: E os alemães tinha muitos, tinha muitos soldados alemães lá.

Jarbas: Olha, segundo informação o que eles diziam eles estavam entre Emine... e estavam perto de Veneza... nós estávamos com vinte e seis divisões ... a dezoito mil homens...e os alemães estavam com trinta divisões... quando chego naquela época da-da... da invasão que eles sabiam por onde que o exercito americano e os aliados iam invadi els pensaram que ia invadi pela Áustria...e sorrateramente sumia quatro divisões nossas

Douglas: Subiu pela bota da Itália.

Jarbas: É... então daí eles tiraram quatro divisões, os alemães ficaram com trinta divisões e nós ficamos com... vinte e duas. E quatro foi pro desembarque na França... porque... se já sabe foi o desembarque do Dia D.²¹ E eles entraram pela França... por que se fosse por onde nois tinhamo ido, nois tinhamo dado de encontro com a Linha Siegfried.

Douglas: Firaro pelo meio ali.

Jarbas: Não cheguei a vê a Linha Siegfried não.

Douglas: não.

Jarbas: não, não... fiquei por ali mesmo (respira fundo).

Douglas: É... então essa parte... o senhor tava no alto dos morros, então...

Jarbas: É depois os alemães mudaram de posição, e nois tivemos de frente de outras vez, daí nois fomo pra outro lado... daí os americano resolvero manda nois pra frente lá de... Pericano NE, e depois futuramente eles tiraram nois, porque a frente tava meio fraca, eles mandaram nois lá pra Serra de Pistoia... então nois ficamo lá na frente do Monte Castello, Torre de Nerone viu, Soprassaso e... Montese onde deu todo essa babal...

Douglas: O senhor também passou por todos esses lugares?

²¹ A operação de desembarque das tropas na Normândia: Dia D, aconteceu no dia 6 de junho de 1944. As tropas brasileiras enviadas a Normândia foram designadas em um período posterior como tropas de ocupação na operação Anvil (Waack,1985).

Jarbas: Passei por, passei por, não tive em todas elas, mas eu... fiz todas as batalhas do exército brasileiro.

Douglas: Todo o trajeto né.

Jarbas: É eu estava na Torre de Nerone.

Douglas: não todo o contato assim né

Jarbas: Ah não, não da tempo (risos) se não eu não tava aqui.

Douglas: Tem um... algum lugar assim que o senhor gostaria de falar mais assim? Torre de Nerone...

Jarbas: O que eu gostaria de falar bem mais é de Francolise.

Douglas: Francolise?

Jarbas: É.

Douglas: Francolise... eu não conheço.

Jarbas: Francolise é no sul da Itália... é no dia em que nois viemos embora (risos). Lá perto de Castel Nuovo Iscriviva no Vale do Pó, lá em cima, perto do... perto do Bastone... Brenen. E nois viemos de trem até Francolise... ficamos ali quinze dias depois embarcamos... esse foi o nosso trajeto... onze dias a viagem... doze noites até o Rio de Janeiro.

Douglas: guerra nada né.

Jarbas: não, que guerra o que... guerra comercial.

Douglas: Pelo amor de Deus.

Jarbas: É pelo amor de Deus, mata esses diabo todo.

Douglas: Por ordem né.

Jarbas: há?

Douglas: era ordem né.

Jarbas: É... eu não tive culpa nenhuma... si eu fiz alguma coisa é por conta deles, poe na conta deles.

Douglas: Vocês eram sempre instruídos pelos americanos?

Jarbas: Não, não, todo o nosso comando... era sobre o comando americano o nosso comando era comando independente... A estratégia era feita pelo americanos junto com a gente por que o nosso front era a quinze quilômetros... a nossa frente era de quinze quilômetros... E nós ficamos nos Apeninos... onde nos pegamos Monte Catello e aquele negocio que eu já falei.

Douglas:... senhor não quer falar dos amigos que já morreram não é.

Jarbas: Não, não, não... da nossa companhia morreram quatro.

Douglas: senhor rezava muito?

Jarbas: Ah sim viu. Rezava, chupava chiclete.

Douglas: E o senhor percebia nervosismo por parte do sargento, do tenente?

Jarbas: Não, não, não,não, os três primeiros dias foi muito difícil, mais o resto foi normal.

Douglas: Eles passavam confiança assim?

Jarbas: Ah sim... o brasileiro parece brincadeira viu, muito unido... muito unido mesmo, não parece mais são unidíssimos.

Douglas: E falando assim... o senhor viu alguém, outro pelotão de outro, de outro país?

Jarbas: Se eu vi?

Douglas: É

Jarbas: Ah vi.

Douglas: E eles são... comparando assim.

Jarbas: Ah... segundo aos... tinham os australianos que eram bons soldados, tinham os... africanos viu, tinha francês, tinha, tinha tudo misturado.

Douglas: É

Jarbas: É, era uma Torre de Babel. E a gente fazia algum gesto.

Douglas: E as, e as cartas?

Jarbas: Cartas?

Douglas: isso.

Jarbas: Ah... as cartas em... as cartas eram normais. Só que demorava um pouco, por que ia no navio, demorava quinze dias viu.

Douglas: E se o senhor escrevesse uma coisa que não podia como é que eles faziam pra cesurar?

Jarbas: O que é que tem?

Douglas: Se alguém...

Jarbas: Abria a carta e cortava o pedaço!

Douglas: E quem... e quem lia as cartas era o Quinto, Quinto...

Jarbas: Que lia era o nosso mesmo, nosso pessoal brasileiro era censura brasileira.

Douglas: O senhor já era casado na época?

Jarbas: Não... tinha vinte e um anos... nem pensava nisso rapaiz (risos).

Douglas: Tinha namorada no Brasil?

Jarbas: É... tinha, não tinha por que eu era meio de rua viu?

Douglas: É.

Jarbas: É qualquer coisa servia pra mim.

Douglas: E lá na, na Itália assim, quando... não sei se tinha hora, se tinha muita hora de folga assim, de passear?

Jarbas: Não quando... o negocio apertava não tinha folga nois... de vez em quando a gente dava uma saidinha ali, saindo por turma. Saia uma parte, voltava, saia outra, sempre tava saindo pra toma banho, fazer barba viu...

Douglas: Dava pra passear por dentro da cidade assim?

Jarbas: dava, dava sim, dava.

Douglas: Senhor passeava bastante pela cidade?

Jarbas: É nois andamo bem viu, as vezes ia sozinho... quando mais interessava a gente ia sozinho.

Douglas: Mas todo mundo a população que... tava tendo guerra né?

Jarbas: não, não, não, não.

Douglas: Saíam também?

Jarbas: Saíam também, saíam. Inclusive fizeram até baile.

Douglas: baile.

Jarbas: Ora... baile... “botaro nossas filhas pra bailar ali os irresponsabili”(risos).

Douglas: É... mais... teve soldado brasileiro que teve namorada lá?

Jarbas: Oh, e quantos... a maior facilidade do mundo.

Douglas: Mas na época, tipo assim, era fácil assim?

Jarbas: É fácil por que se fala tudo errado mais entende né?

Douglas: E os italianos, e os italianos.

Jarbas: Depois o pessoal aqui de São Paulo parece brincadeira, tinha muita facilidade italiana na língua italiana.

Douglas: Mas só os soldados assim... sargento não falava nada não?

Jarbas: Todos eles a mesma coisa... falava tudo errado, inglês errado, o espanhol errado... só que fome não passava.

Douglas: Durante os combates e fora também tinha bastante comida?

Jarbas: Tinha comida de primeira qualidade.

Douglas: Água também.

Jarbas: Água, água é muito boa, não tinha qualquer água que nois tomamos não... não podia tomar... por causa do veneno né.

Douglas: É.

Jarbas: É por que... tinha medo da água ta envenenada... então eles traziam água e nas estradas tinha... uma caixa, uma espécie de caixa de lona e... que a gente chamava de... ela tinha uns... uns negocio lá ai a gente tirava água... é wat point.

Douglas: Esse... essa função... na função que o senhor exercia tem é... cabo tem... o senhor liderava.

Jarbas: Ah sim, eram... eu comandava uma peça de metralhadora...

Douglas: Peça de metralhadora.

Jarbas: É.

Douglas: Como é que funciona assim?

Jarbas: São cinco homens... e a gente ficava lá...

Douglas: No buraco?

Jarbas: Ficava no buraco as... as vezes precisava faze patrulha, carrega armamento.

Douglas: É... só que... a patrulha, a patrulha nunca é feita em suspeita em terreno minado assim?

Jarbas: Tinha... terreno minado

Douglas: Podia, podia fazer em terreno minado assim?

Jarbas: Hum.. quanto... muita gente perdeu o pé por causa disso... morreu por causa disso.

Douglas: senhor desarmava bastante minas?

Jarbas: Tinha bastante, principalmente no Monte Castello... quando eles tiraro as mina no Monte Castello deu um gema sem intero.

Douglas: É

Jarbas: É.. mais de oito mil quilo de...

Douglas: Então o senhor ia rastejando co, como é que fazia?

Jarbas: Não, andando, rastejando do jeito que dava né... ai quando começava caia bomba era fica deitado... único jeito é fica deitado é não corre por que...

Douglas: não corre?

Jarbas: É por que... quanto mais você... se expõe é pior...

Douglas: Senhor tirava mina assim com uma...?

Jarbas: Não, não, não tem u... pelotão que vem com o... detector de mina e tira né... tem pessoa especializada né.

Douglas: Ah ta certo.

Jarbas: Apesar de se for preciso a gente tirar a gente faiz... mais... tinha pessoa especializada.

Douglas: É... o senhor ouvia radio?

Jarbas: Ah?

Douglas: Se o senhor ouvia radio? Tinha informação daqui do Brasil.

Jarbas: Ah tinha, tinha... tinha a Hora do Brasil a gente escutava a noite

Douglas: Falavam informação ou era só musica?

(interrupção).

Douglas: Então o senhor falo que ouvia radio. Então ouvia radio dentro do buraco?

Jarbas: As vezes a gente tava em casa... nem sempre a gente ficava dentro do buraco.

Douglas: Não.

Jarbas: Não... só quando... a maior parte do tempo uma turma ficava lá dentro, pegava outra coisa, outras ficava, ficava mais pra trais... não podia fica todo mundo amontoado.

Douglas: Qual foram as piores partes assim... contando tudo assim... o frio?

Jarbas: Foi o pior, o pior foi a neve

Douglas: Pior foi a neve.

Jarbas: Por que a neve... lá no Alpes do norte, nos Apeninos... nos estávamos a mil e poucos metros e... quando bateu, quando chego a vinte graus na noite de quarenta e quatro de Natal... e no Natal de quarenta e quatro... deu dois dias vinte graus abaixo de zero.

Douglas: Vinte graus abaixo de zero?!

Jarbas: Assusto? (risos)... deu dois metros.

Douglas: Dois metros de neve.

Jarbas: Era um lençol... tudo, tudo, tudo, tudo, o rio fechado...

Douglas: E dava... mas... paralisava tudo ou... continuava?

Jarbas: Não combate não tinha.

Douglas: Combate não tinha.

Jarbas: Não tinha só caramuça assim de... uma que vinha outra que ia... por que não... num o armamento não funcionava direito.

Douglas: Então o combate... claro.

Jarbas: Quase que parou.

Douglas: quase que parou.

Jarbas: Quase que parou, exeto... as granadas, as shrapnel que vinha aquela que estora no ar... não tem contato com a terra... mas as granada de tempo estora agora...

Douglas: Foi no final do ano até o começo do ano.

Jarbas: É, não foram três meses.

Douglas: Ah três meses direto a guerra meio... parada né.

Jarbas: Finzinho de novembro, dezembro, janeiro.

Douglas: Nossa.

Jarbas: Depois começa o degelo, ai é o pior.

Douglas: O pior é o degelo?

Jarbas: É o pior porque vem aquelas correnteza de água, água, água... é água que não acaba mais... tinha um vento que doía na arma viu... é não sei como o brasileiro agüento tudo isso.

Douglas: Brasileiro é forte né.

Jarbas: É.

Douglas: É nesse tempo também... tinha os prisioneiros, se o senhor quiser falar?

Jarbas: Os prisioneiros? É o sexto regimento de infantaria fez aprisiono a cento e quarenta e oito divisão alemã... e mais uma parte dos italianos né. Inclusive foi um dos generais que foi pego.

Douglas: É, eu... não sei se eu to errado... o sexto regimento foi o que mais capturo prisioneiros?

Jarbas: Foi.

Douglas: Foi né.

Jarbas: Foi, foi... não ali era um conjunto né.

Douglas: Era um conjunto

Jarbas: Era um conjunto e mais o que mais aprisiono foi o sexto regimento.

Douglas: E esses, esses italianos eram oque...

Jarbas: Eles tavão junto com os alemães

Douglas: Tavão junto com os alemães.

Jarbas: É por que tinha uma parte que não tava... outra parte que tava.

Douglas: Ah mais, mais, depois que os prisioneiros tavão capturados... ai tinha o interrogatório, ai eram vocês que faziam o interrogatório?

Jarbas: Não, não, não, não a gente... eles vinham... entregavam todo o armamento, entregavam todos os pertences deles, exceto os pessoais não, medalha não, essas coisas... eles pegaram porque estavam mais não que a gente... tomasse, não, armamento não, armamento era obrigatório deixa armamento, munição... viu... e... viatura, pessoas, coisa... ficava... agora eles já pegava o nosso caminhão e já ia pro campo de concentração que me parece que era em Luca viu.

Douglas: Em Luca.

Jarbas: Sul da Itália... é na media Itália.

(interrupção)

Jarbas: Na Itália não... lá ou era... lá não tinha nem acampamento não tinha, nem tinha nem é a... como é que se diz... assim no... só tinha no quartel acampado.

Douglas: Também se tivesse casa lá no morro se não tinha ninguém

Jarbas: Não, mesmo se tivesse se a gente precisa-se pilhava.

Douglas: Pilhava?

Jarbas: Requisitava a casa e cabo... não judiava da família nem nada, mas pedia pra eles se ajuntarem num canto lá e a gente aprove- pegava, isso aconteceu também comigo... que precisei ocupa, ocupei (choro).

Douglas: E... quando o senhor ficou sabendo que a guerra já tinha terminado já? Que Hitler já tinha...

Jarbas: É que ouvi o desarmamento né.

Douglas: Desarmamento.

Jarbas: É ouvi desarmamento a... e como que se diz... o... ouvi cessar fogo e nós aguardamos o retorno... daí nós fomos da onde estava pra Francolise, nós fomos pra Castel Nuovo Iscrivía...

Douglas: É outro lugar?

Jarbas: Outro lugar, Castel Nuovo Iscrivía foi um último lugar... que o segundo batalhão do sexto RI ficou... uns ficaram em Castello Nuovo Iscrivía, outros ficaram em cidades a parte que eu não me lembro do nome, mas tudo naquela região aguardando retorno... agora do dia nós viemos... pra nós viemos de trem até Francolise... e Nápoles.

Douglas: Mas os alemães quando teve o cessar fogo alguns continuaram?

Jarbas: Sempre tem... é... sempre tem os que saíram revoltados... que não concordam.

Douglas: e continuam?

Jarbas: É que continua sozinho... pega ele pela asa e pronto

Douglas: Que o senhor acha... sei lá dos soldados alemães?

Jarbas: Se venho... é um coitado... todos os países... os maiores sofredores é os coitados dos soldados... isso é o que eu tenho que dizer... o soldado é... noventa e nove vírgula nove por cento, se disser pra ele, é pra casa ele... vai.

Douglas: E... e depois, e depois quando saiu de lá e depois chego aqui, as homenagens.

Jarbas: É as homenagens foram tudo direitinho, trataram muito bem foi tudo muito bom... depois houve a baixa aí fomos embora pra casa... e aqui estou a suas ordens (risos).

Douglas: É chegado primeiro no Rio de Janeiro?

Jarbas: É no Rio de Janeiro. Eu fui no primeiro do escalão, aí no primeiro escalão a volta. Eu fui no primeiro escalão e voltei no primeiro escalão... eu fui no navio... General Mann cento e doze... e voltei no navio General Mann cento e dezesseis.

Douglas: O povo, o povo.

Jarbas: Nossa foi festa viu... foi festa, deram comida pra nós lá dentro

Douglas: Deram comida é.

Jarbas: Oh!

Douglas: Senhor participo desse dia aqui em São José?

Jarbas: teve, teve, teve um festão, uma festa grande.

Douglas: festa grande em São José dos Campos.

Jarbas: A maior alegria foi da minha mãe... (risos) a festa a gente deixa de lado.

Douglas: E recebe pensão também.

Jarbas: É recebi pensão de segundo tenente.

Douglas: Qual a importância da segunda guerra mundial pro Brasil?

Jarbas: Pro Brasil de importante, olha... eu não acho importante nada viu. Mas de resultado tem a Usina de Volta Redonda... que foi naquela época que a... que foi naquela época de o... o americano vieram e puseram junto com os brasileiros aquela turma toda... foi uma

espécie de uma negociação né... tem muita gente que não sabe disso,mas aquilo... CNN lá, aquilo lá foi a época que eles tavam negociando, o Brasil não manda eles não fazem.²² Então oBrasil mando e eles fizeram... só que invés de três divisões foi uma só... foi mais de uma, não chego a se uma e meia, mas chego, coloco uma divisão tem... dezoito mil... e tinha na época dezoito mil, por que hoje é menos... foi reduzido. E mandaram vinte cinco mil, que dizer... sete mil de diferença, sete mil não e metade... são dezenove mil... então sei lá.

²² Segundo Ferraz, a assinatura do acordo de instalação da Companhia Siderurgica Nacional (CSN) data de setembro de 1940, anterior a entrada dos EUA no conflito em 9 de dezembro de 1941, ou seja, indiretamente a CSN não é fruto das negociações de guerra entre Brasil e EUA.

Anexo – 4

Entrevista de Pedro Cortelli Filho, nascido em 19 de agosto de 1929.²³

Entrevista do dia 13 de abril de 2007.

Universitários: Quais as notícias informadas sobre a guerra ao Brasil, antes que ele entra-se na guerra?

Pedro: Com relação as notícias transmitidas pela imprensa, não havia muita notícia chegando, pois o Brasil na época, era assediado pelos nazistas.

Universitários: Como se deu a convocação para a guerra?

Pedro: Haviam se passado de três a quatro meses da minha baixa no serviço militar, antes da minha convocação.

Universitários: Como foi seu treinamento?

Pedro: Em função da minha convocação ter ocorrido pouco tempo depois da minha baixa, não houve treinamento específico para os combates que vieram a acontecer, só após minha chegada ao porto de Nápoles, junto com outros expedicionários é que recebemos instruções sobre os armamentos, que eram norte-americanos; sobre os inimigos, locais por onde passariam. Na verdade nós só aprendemos a lutar verdadeiramente foi nos campos de batalha... Existia um abismo muito grande entre o treinamento recebido e a realidade da guerra que se fazia presente... As únicas montanhas que eu tinha visto, de longe foram a Serra da Mantiqueira e o Pão de Açúcar no Rio de Janeiro. De repente, me vi dentro da cordilheira Apenina enfrentando com uma certa angustia o começo de um forte inverno.

Universitários: Como foi a ida para a Europa?

²³ Entrevista realizada pelos professores Alexandre Cortelli e José Valdemir durante sua graduação no cumprimento da disciplina: Projeto I.

Pedro: Com relação a ida para a Europa, foram vários meses de treinamentos de embarque. Nós não sabíamos quando embarcaríamos, ninguém tinha esta informação e nem aonde iríamos desembarcar, havia uma forte suspeita que seria no norte da África, longe de qualquer batalha. Houve até um black-out ocorrido na cidade do Rio de Janeiro, no momento em que o trem que carregava o 6º BIL cruzava a cidade em direção ao cais.

Universitários: Qual o armamento usado pelos brasileiros:

Pedro: O armamento usado pelos brasileiros foi todo americano, em substituição ao antigo que era de origem francesa. Não só o armamento, mas até as instruções e táticas para combate foram trocadas, os métodos franceses usados no Brasil anterior a guerra era considerado obsoleto para os combates do tipo que ocorria naquele momento.

Universitários: Como era a relação com os aliados?

Pedro: O relacionamento com os aliados variava de acordo com a etnia e origem de cada grupo. Inclusive com alemães e italianos, partidários do eixo, entre os americanos naquela época não existiam tropas mistas, negros e anglo-americanos, no entanto as tropas brasileiras é que chamavam a atenção destes, pois além da mistura étnica, todos se tratavam sem desconfiança numa determinada altura da guerra, o grupo que eu integrava fomos render um outro grupo americano formados por afro-descendentes, sentido se confuso e curioso um tal de “Jimmy” sentiu-se impelido de aproximar-se e tentar uma conversa com os brasileiros, já naquela altura devido ao constante contato com os estrangeiros, já havia sido desenvolvida uma certa habilidade em comunicação desta natureza. Jimmy queria saber se no Brasil era realmente daquele jeito que lê via com as tropas, se haviam casamentos inter-raciais entre nós, para sua surpresa, acabou-se tornando-se amigo estimado entre estes brasileiros, quando nossas tropas juntavam com a deles, nós é que tínhamos que suportar o chumbo grosso, eles só combatiam conosco se fosse dentro dos tanques de guerra. Os ingleses também causavam receios entre brasileiros, aos as batalhas se encerrarem era proibido a permanência de soldados em locais públicos como bares, cantinas e restaurantes, pois a população italiana a beira da fome necessitava dos alimentos mais do que os soldados que dispunham de rações de campanha. Só que os soldados atraídos pela hospitalidade italiana não deixavam de freqüentar estes lugares. Pois bem, eram os soldados ingleses que mantinham a ordem no local: Nós sabíamos quando os

soldados ingleses chegavam pelo barulho das botas, marchando, então fugíamos rápido do local, se não apanhávamos a borrachadas deles. Os “partizano” eram amistosos, sobretudo nos combates, porém, não se pode dizer o mesmo de seus compatriotas do eixo. Entre os prisioneiros, os italianos é quem mais perturbavam a ordem, num episódio durante o horário do rancho (muitas vezes os prisioneiros comiam junto com os soldados) os italianos começaram a provocar os brasileiros chamando-os de covardes, quando ele falou para mim, eu desferi um golpe com minha marmita na cabeça dele, mas não antes de me certificar que no momento da refeição a maioria era brasileira.

Os prisioneiros alemães, entre eles, boa parte acabavam se entregando nos combates, mesmo os capturados na condição de prisioneiros mostravam-se amistosos, era como um alívio por não oferecer a vida em risco. Apenas os oficiais alemães demonstravam orgulho, recusando a falarem com os soldados, somente apresentavam rendição aos de patente equivalente mostrando-se inconformados. Durante um avanço em que os brasileiros se encontravam no encalço dos alemães, eis que surgiu um alemão alto e magro, acenando, gritando num italiano carregado no sotaque estava se entregando, mais tarde, ele dizia tomar esta conduta porque era motorista da ambulância militar, não continha instruções para lutar, porém seus oficiais o obrigaram a tomar lugar nos combates devido ao grande numero de baixas e deserções.

Universitários: Como era o dia-a-dia da guerra.

Pedro: No dia-a-dia da guerra os soldados acamavam se submetendo a situações se não degradantes, no mínimo constrangedoras aos olhos da vida comum. Por exemplo, fiquei por três meses sem tomar banho e sem trocar de uniforme. No cemitério de um velho vilarejo abandonado e destruído, optei por passar a noite dentro de uma cripta pois ali não nevaria e depois de muito tempo poderia dormir em chão seco, alís, o desgaste era tão grande que eu por varias vezes dormi em chão lamacento e tempo chuvoso. Claro que a morte fazia parte do cotidiano, além de fatos curiosos, havia também um soldado de Jacaré que resistia muito em participar dos combates por medo, porém ele se transformava toda as vezes que um companheiro caia ferido, ninguém sabia como explicar como ele pode resgatar um soldado ferido carregando-o nas costas enquanto rastejava, porem num desses acessos heróicos, ele pisou em uma mina, conclusão: perdeu uma perna, metade do rosto ficou desfigurado e um dos braços ficou invalido. O comentário dos amigos é que assim que foi resgatado ele perguntou aos médicos se ainda poderia jogar futebol. Outro

ponto importante do cotidiano da guerra era a trégua que durava um breve momento, ela servia para que ocorressem os resgates médicos por ambos os lados na terra de ninguém. Explico-te este termo era usado para se referirem ao espaço entre os dois fronts de batalha, podendo varias de cem a trezentos metros. E para se ter a idéia aproximada do que se passava na cabeça dos soldados no dia-a-dia da guerra a esse comentário passo a te dizer que todas as vezes que comiamos durante o dia dizíamos: “almoçar eu já almocei, só não sei se vou jantar.”

Universitários: Vocês receberam visitas de personalidades da época.

Pedro: Ao fim das batalhas mais ainda em solo italiano as tropas brasileiras receberam a visita do 1º Ministro britânico Sir Winston Churchill. Com relação a este momento especial, tive a honra de ficar cara a cara com Winston Churchill a menos de um metro usando chapéu cocó e fumando charuto.”

Universitários: Quais os fatos que marcaram para o senhor.

Um fato que me marcou bastante foi um amigo meu que morreu em meus braços, durante uma vigia noturna, eu e meu amigo de Mogi das Cruzes chamado Otto Unger tomavam conta em uma parte da trincheira, primeiramente vamos falar da ironia que a vida causou a este cidadão de ascendência alemã, segundo, segundo Otto, na época próximo a eclosão da Segunda Guerra a Alemanha e a Itália ofereciam passagem e outros recursos para que seus cidadãos no exterior pudessem retornar a pátria, um destes cidadãos que respondeu a convocação foi o pai de Otto, pai e filho lutando de lados opostos. Bom voltando ao momento da trincheira, Otto aproximou-se tão repentino que um terceiro soldado que os acompanhavam, munido de metralhadora se assustou e desferiu uma rajada de tiros em direção de Otto e eu que era o segundo por sorte estava dentro da trincheira, por tanto o primeiro que era Otto caiu em meus braços vindo a falecer em seguida. Hoje existe em Mogi das Cruzes uma rua com seu nome para homenageá-lo.

Anexo – 5

Entrevista com Joaquim Ferreira Bevilaqua, 8 de maio 2007.

Bevilaqua: Bom Douglas é... na minha primeira gestão de prefeito... como prefeito de São José que foi de setenta e oito a oitenta e dois... é... eu mandei fazer uma série de monumentos é... em homenagem aos movimentos e aos vultos da nossa história.

O primeiro deles em forma de pirâmide tem as siglas MMDC, que significa isso. Significa os nomes dos quatro estudantes que tombaram na praça da Republica em 13 de maio de 1932, daquele movimento já dos estudantes e boa parte da população contra a... a Ditadura do Estado Novo. Estes estudantes chamavam-se Martins, Miragaia, Drauzio e Camargo daí a sigla MMDC que é a inicial dos nomes deles, certo que Miragaia nada mais é do que Euclides Miragaia, que dado um nome de uma rua daqui de São José dos Campos aquela que passa entre o Tênis Clube que vai desemboca na Faculdade de Direito que é filho de São José dos Campos, Euclides Miragaia.

Então aquele monumento, então lá você vai ver a sigla MMDC aquilo foi idealizado, foi desenhado pelo professor Brendo de Moura que era secretario da sociedade é... que congregava os ex-combatentes.

O outro monumento que é o soldado combatente com o fuzil em mãos aquele monumento é um homenagem ao Expedicionário, ou seja, os soldados expedicionários, e também teve participação dos soldados de São José dos Campos que lutaram nos campos da Itália junto com as forças Aliadas contra as tropas do Eixo.

Esse monumento da Segunda Grande Guerra foi feito por um escultor que fez outros monumentos, outras esculturas em São José também já faleceu, ou já é idoso é... isso foi... começo da década de oitenta... chamava-se Bonetti e morava em Valinhos, então esse é o significado.

Anexo – 6**Entrevista com capitão Enéias Sá de Oliveira, 17 de julho de 2008.**

Douglas: Seu Enéias o que o senhor fazia antes da guerra.

Enéias: Eu...é... antes da guerra... quando eu completei de dezessete anos aprendi o ofício de marcenaria, trabalhava com marc... e quando completei dezessete ano e passado uns meses, eu entrei de voluntario pro exercito. Mas nem pensava em ir pra guerra né. Foi no ano de mil novecentos e quarenta e um e existia já guerra na Europa já, por que a guerra começo em mil novecentos e trinta e nove. Sempre estudei a noite dos doze aos dezessete então... aqui em Caçapava não tinha ginásio não tinha nada então... a gente estudava com professor particular e até um primo do meu pai e... eu gostava de estuda e... tanto que eu entrei no exército e... (pigarreou) o primeiro mês em foi mês de adaptação, depois começo o curso de cabo... com curso de cabo foram seis meses... e desses 6 meses eu sai cabo... até os primeiros vinte e, já tava no no meio de quinze, dezesseis caras mais logo que termino o curso de cabo fomos promovido a cabo...e... logo em seguida houve o exame de seleção pro curso de sargento. E como tinham muitos cabos só passaram vinte nove desses do regimento todo. E desse vinte e nove nós fizemos o curso de sargento. Uma semana antes da (pigarreou) de termina o curso de sargento o Brasil declaro guerra a Alemanha, foi dia vinte e dois de agosto de mil novecentos de quarenta e dois, o Brasil declaro guerra a Alemanha. E no fim do mês nós terminamos e no fim de agosto nós terminamos o curso. Dia primeiro de setembro veio a ordem de promove todos os sargentos... e... todos os cargos a sargento e... aquile tempo não era assim... e... tempo de paz se tirava o curso de sargento, sempre os primeiros e... eram promovidos e o restante permanecia. Quando terminava o outro ano tinha o curso novamente. Mas como o Brasil tinha declarado guerra então... foram promovidos os vinte e nove, e eu... como tava bem colocado entre os cabos eu tive o terceiro lugar no curso, então e... de qualquer forma eu estaria... e... então nessa parte aí eu era marceneiro.

Douglas: Quando o Senhor recebeu a notícia de que o senhor ia pra Itália. O que o senhor sentiu na hora.

Enéias: Ai são circunstancias né. Por que... eu servi aqui... como terceiro sargento aqui... logo em seguida fomos promovidos e... setembro de quarenta e dois... então... foi formado em Caçapava o terceiro batalhão do sexto regimento, aquele tempo existia aqui...o ... sexto regimento tinha dois batalhões, mais eram batalhões em tempo de paz, era tres companhias cada batalhão daquele lá só tinha ,exemplo é: primeira, segunda companhia de petrecho, quarta e quinta companhia de petrecho entre os que formaram o terceiro batalhão aqui... e formaram o terceiro batalhão ... eu entrei nesse batalhao e... esse batalhão nos deslocamos pra Lins... no Estado de São Paulo e... uma das companhias foi pra Araçatuba e a sétima e a nona companhia de metralhadora permaneceu em Lins... mais por que é...agora CE pergunta, mais por que em Lins, lá no noroeste do estado de São Paulo e que lá em Lins é... mais da metade da população de Lins naquela época era de japonês e descendente de japonês e... não que... o Brasil não declarou guerra ao Japao, o Brasil declarou guerra a Alemanha e a Itália, agora quando houve essa... que os embaixadores, e retiro os embaixadores também do Brasil, que também estava no Japão porque... então tinha um visgo porque... por que o Japão era amigo da Alemanha e da Itália então... foi tirado os embaixadores tudo, desses países todo né... e os embaixadores desses país foram cada um pro seu país, então acabo a embaixada da Alemanha aqui no Brasil, acabo a da Itália e acabo a do Japão... então o Japão era considerado inimigo também então... esse batalhão foi pra Lins, agora de Lins é... eu passei lá mais ou menos quase um ano, menos de um ano e pouco... eu voltei pra Caçapava por uma troca do,do tinha um companheiro daqui que queria morar naquela zona e... foi a troca, eu fui pra Caçapava e ele foi lá. Mas acontece que nos soubemos um mês depois que eu sai de Lins, que esse batalhão lá foi deslocou-se aqui pra Pindamonhangaba por que nessa época o regimento foi considerado tropa de ir pra guerra. Então como o sexto RI, o terceiro veio pra Pindamonhangaba, o segundo batalhão, e o primeiro batalhão aqui do sexto foi pra Taubaté é... aqui fico somente o segundo batalhão e com mais a... como se chamava os órgãos regimentais eram quatro companhias, essa companhia era a companhia de comando, companhia de serviço, companhia de canhões anti-carro e companhia de obuses então e... era efetivo americano então ai começo a chega gente de fora pra completa o efetivo do regimento e... o regimento que nos não tinha nem quatrocentos e poucos homens, não tinha nem quinhentos homens, passou a ter quase cinco mil homens (risos) então era um colosso, e aqui não cabia tudo em Caçapava... e eu por mim... tanto que nessa época houve então os medico pra faze inspeção de saúde mais de dois médicos, veio psicólogo veio tudo e... e o psicólogo, me lembro até hoje que tinha feito uma pergunta só: “Ce quer ir pra guerra.” Como fez pra

mim fez pra... (risos) e eu não, eu respondi mais por outros meios, eu disse: “não se eu sou um militar da ativa e sou... e se o meu regimento vai pra guerra eu sou obrigado a ir pra guerra. E não disse sim nem não né, mas o caso é esse, se eu sirvo uma unidade e essa unidade vai pra guerra (risos) ou tem que ir ou fugir.

Douglas: Teve muita gente que deserto na época,

Enéias: Não, não nessa época não. Agora nós soubemos que quando na, no dia do embarque no Rio de Janeiro e... teve alguns casos, então não teve muito não... mais de meia dúzia fugiram... na hora de por que o sexto RI foi a primeira unidade a embarca. E... tanto que nos saímos em que fomos pro Rio de Janeiro, saímos de Caçapava em março de mil novecentos e quarenta e quatro. E... fomos pro Rio e... só embarcamos no fim de junho, quer dizer, ficamos março, abril, maio e junho e nos últimos dias de junho, eu por exemplo embarquei dia trinta, dia vinte e nove foi uma turma e dia primeiro de julho foi outra turma, e dia dois o navio se deslocou. Então é... nos deslocamos, essa primeira turma que nos fomos nos ficamos fora do navio e naquela época o Presidente da República o Getúlio Vargas ele veio no navio lá, fico numa das portas lá, fez um discurso daqueles que: “você vão defender a pátria”, isso, aquilo “suas famílias não” e como se diz “não vou passar necessidade” então eu pra ir pra guerra a minha resposta foi essa. Se eu sou um militar de carreira eu tenho que ir.

Douglas: Começo a chegar mais armamento.

Enéias: Bom material era instrução pesada né, aqui no Rio, quando nós não embarcamos com armamento. Nós ia receber tudo lá na Itália e armamento americano. Então...na... o armamento nos eu permaneci aqui... nós fomos receber logo que no segundo acampamento lá lá que nós recebemos o armamento. E então... o fuzil o americano era a mesma coisa que o nosso aqui era... fuzil normal né... é fuzil normal de cinco tiros... agora existia outra parte de armamento, era metralhadoras eram diferentes o... um outro tipo de fuzil mais pesado chamava-se garan que dava oito tiros, mas isso foi o período de estudo que nos permanecemos antes de entrar em combate. Que nos chegamos na Itália dia dezesseis de julho ... permanecemos em... perto de Nápoles mais ou menos uns quinze dias, nesse tempo foi recebido que o equipamento isso, tudo aquilo lá e... começo as instruções perto de Nápoles. Depois nos deslocamos fomos pra perto de Roma, logo depois de Roma,

chamava-se Tarquinia o lugar onde nos acampamos. E... ali em Taquinia que nós recebemo o armamento, e foi quinze dias só de mexe com armamento isso, aquilo e... estuda o armamento e subi como é que atira e tudo.

Douglas: Era bem diferente o armamento?

Enéias: O armamento é... foi simples né, só uma metralhadoras que era diferente: a Thompson. Essas metralhadoras e que um grupo de combate, um soldado é que leva uma metralhadora então e... ele é o atirador do grupo. Então ele leva a arma é... mais útil que o próprio sargento que é o comandante do grupo. Eu era comandante do ultimo grupo, eu levava um fuzil e... o soldado, ele levava a metralhadora. Então o grupo de combate é... até o grupo de combate era diferente por que aqui no Brasil eram... treze soldados, lá treze soldados e cabos. Aqui era um sargento, dois cabos e dez soldados. Lá era um sargento, um cabo e oito soldados, formava um grupo de combate.

Douglas: Dentro do navio o que vocês faziam pra passar o tempo?

Enéias: Dentro do navio é... a gente passava o dia todo... é durante a noite o navio era fechado para não entra luz tudo pra evita negocio de submarino e de dia a gente passava no convés do navio e... saia pra comida e tinha pessoal que era escalado pra limpeza isso e tudo o navio tinha que ta sempre limpo né. Um navio... com cinco mil homens no navio, não é fácil não (risos). Da comida pra todos esses cinco mil no navio fora o... a tripulação do navio que tinha uns quatrocentos, quinhentos homens é... eles tinha tudo tinha quixerinha tinha tudo. Havia treinamento de soltava um balão assim... depois as metralhadoras, os canhão tudo... fazia treinamento e nos só assistindo agora então passava o dia só no convés... era difícil até pra arrumar um lugarzinho pra encosta, porque tanta gente que tinha no convés.

Douglas: E como é que fazia pra comer, pra dormir?

Enéias: Agora é... pra comer era um sofrimento porque ... nós comia eram... era refeição só duas vezes por dia só então... e mudava sempre o horário. E por que era como se fosse por... como se fosse numa companhia e... vinha naquele galpão grande, naquele galpão grande. Era chamado era por uma reportagem daquela e (pigarreou) cada um tinha um...

ticket que o cara marcava se entro, e data e se entre tudo certinho. Então se o sujeito não fosse a hora que foi todo mundo aí pra entra lá era muito difícil viu, por que pra entra tinha que ser tudo igual é... aquela parte que tinha que corre. E era duas vezes só e a, as vezes a gente comia de manhã sete horas, oito horas, depois ia duas horas, três horas da tarde, depois só no outro dia que a gente ia comer (risos). Rapaz era tudo com... acontece que muita gente... sentiu mal... nos primeiros dias, aí começo, era ... sujeito vomitava porque não tava acostumado com o navio. Eu tive sorte que não me aconteceu nada, e eu tinha uma fome desgraçada, e então eu acabava de come, que comia muito bem, e eu ficava as vezes dando umas volta lá no refeitório e... não demorava muito, esse que sentia-se mal, só um cheiro de comida (risos) já desaparecia e ia vomita, e a gente aproveitava e comia também, as vezes comia até duas vezes.

Douglas: Mas lá dava arroz, feijão?

Enéias: Não lá comida era tipo americano. Não era tudo mais doce um pouco e... era salsicha e isso e aquilo e... tinha o feijão também mais era... era nem diferente do nosso no modo de fazer. Mais era alimentação forte mesmo.

Douglas: Como é que tava o estado da Itália?

Enéias: O que, que... quando nós chegamos no porto de Nápoles... ali que nós vimos os primeiros sinais de guerra, porque na Baía de Nápoles tava cheio de navio bombardeado, só aparecendo o casco assim... outro navio virado lá e... quando chegamos no porto mesmo o porto tava todo arrasado não tinha nem um... não tinha nem um... subi aqueles armazéns de perto e tudo. Tava tudo bombardeado aquele troço lá. Agora na cidade mesmo que nós descemos do porto e fomos até a estação ferroviária até não dava pra vê muita coisa não, por que ele... tanto americano quanto o alemão... eles bombardearam a estrada de ferro, a estrada de ferro e... o porto era abatido também tanto com... americano como o alemão atava essas partes.

Douglas: E os italianos perceberam que a tropa era brasileira quando vocês chegaram?

Enéias: É... tem uma história aí que contaram... que... eu não... não aconteceu não, (pigarrou) descemos do navio e andamos mais ou menos um quilômetro e pouco até chega

no.. na estação ferroviária. E nesse ínterim teve muita gente que viu que italianos parava e pensava que era prisioneiros do alemão e porque a farda era a mesma cor né. Por que a farda do americano é mais, era mais clara, e a nossa era verde-oliva com o alemão. Só que as do alemão tinha umas pratina a... essas prata meio preta aqui tudo e pode até vê aqui em filme a diferença. E mais e... é historia mais consta que os italiano pensaro que fosse tropa... tropa de prisioneiros de guerra. E no fim era tropa que tava chegano pra ir pra guerra.

Douglas: População totalmente miserável né?

Enéias: Não memo que... e nós pegamo esse trem logo de chegada e ... nos descemo numa estação chamada Magnólia, é perto de Nápoles ... é uma cidade que até hoje se vê no mapa, se encontra. E... ali nós fomos apé, descemo do trem e fomo num lugar chamado, no... vulcão extinto e... chamava-se Astrom e um... e perto de Nápoles esse vulcão extinto até hoje e... antes , antes da guerra, era uma espécie de campá do governo da coisa e fazia passeios lá e... era um lugar grande mesmo e, o grande mais tudo redeado de montanha em volta... e era uma bacia e só tinha uma entrada... então e... até ... e com se vê com... negocio de geografia ai... é vulcão extinto a mais de milhares de anos... e ali que nos permanecemos nos primeiros dias, e logo em seguida no primeiro dia já começo a chaga as rações de comida... mais era comida fria né. No,no,não era arroz, feijão não, não, tinha nada... era latinha, uma latinha tinha batata, outra tinha feijão mais deu pra alimenta

Douglas: Podia faze uma foguerinha e esquenta?

Enéias: Na... nesse tempo a gente esquentava ainda na... depois dessa mesma comida eu comi muito tempo no front lá... mais lá não podia esquenta, (risos) só tirava a gordura de fora e...

Douglas: E quando começo a guerra mesmo?

Enéias: E... a daí, (pigarreou) essa parte, esta parte ai, nós começamo a avança por parte né, saimo de perto de Nápoles, fomo até perto de Roma, daí recebemo armamento e tudo, depois deslocamo pra um lugar chamado Vada perto de uma cidade chamada Vada e então ali... em Vada a gente já tava escutando os tiros de canhoes... e... a guerra naquela época

estava entre Pisa e Florença e... e aquela o Quinto Exército norte-americano, esse período todo nós fomos incorporado ao Quinto Exército o...e... esse aí, tudo que eu to contanto é o primeiro escalão... que depois foram mais quatro escalões, foram cinco escalões pra guerra né... então mais o primeiro escalão é que teve... é essa, esse movimento todo e... esse lugar Vada, também foi feito tiro de fuzil, metralhadora e... instruções sobre negócio de minas, pra gente sabe tudo, faziam todas as instruções com o americano vinha e... tinha os americano que sabia fala um pouco de português, espanhol e tudo e a... uma companhia e dava aquelas instruções que como é que tira uma mina isso e aquilo. E nesse mesmo tempo teve muitos oficiais que foram fazer curso e tudo pra... entra em combate. Comigo não aconteceu mas muita gente foram fazer curso mas eram , eram oficiais né. Eram sargentos permaneceram com a tropa. Até... dia quinze de setembro dia quinze de setembro nós é... entramos... (pigarreou) numa zona que... a minha companhia por exemplo chegou num lugar... e... os americanos saíram, então a gente sabia que o que tava aí na frente era inimigo que ia. E nessa mesmo, nessa mesmo e... nesse mesmo dia é... dia quinze a noite o... o comandante da companhia por exemplo reuniu todos os sargento e... indico antes de escurecer um pouco estar vindo aquele morro lá assim, hoje a noite nós vamos fazer um ataque lá a... é a hora, como diz outro, dá um friozinho na barriga né. Que... até aquele momento era instrução né... agora dali pra frente era. Mais e no batalhão... ele pegou uma zona que na... era montanhoso... mais e... a os outros dois batalhões do sexto RI, pegou na baixada, tinha um rio chamado Rio Serchio, no Rio Serchio o primeiro batalhão e o terceiro batalhão permaneceram naquela base e... as cidades que tinham lá... era tudo beira do rio, e então o sexto RI, já pegou de aqui dia dezesseis uma cidadezinha chamada Massarosa e... e o alemão tocando tiro de artilharia e tudo, e dia dezoito foi... foi tomado Camaiore. Foram duas, dezoito de setembro, dia dezesseis de setembro. E começo os combates ali... mais o meu batalhão não aconteceu nada... nós... nós andamos, a noite e dia, não se escutava um tiro... as vezes nós parava e... fazia aquele ataque e... chegava lá não tinha ninguém, não tinha, se tinha... eles tava recuando, compreende. A gente , nós sabíamos que eles tinham alemão mais era... era os Apeninos... então os Apeninos é alto pra xuxu., tem lugar lá com mais de mil metro de altitude, a gente andava com farda, cinco de guarnição cheio de granada pendurada no corpo... tava bordo de munição, um peso desgraçado (risos) e tinha... capacete de aço e... sobe morro, desce morro, sobe morro, desce morro e não acontece nada.

Douglas: Levava mochila nas costas também?

Enéias: Não, não, não... não levava nem mochila por que ficava mais na retaguarda, quando a gente fazia esses avanço assim... a gente não levava nem... nem cobertor nem nada mais depois que parava se precisa-se. Mais é... isso nós andamos mais ou menos ... mais de dez dias... sem encontrar nada... quando chego num ponto lá... e até uma história que eu não sei se eu contei pra você... que a... então... os outros batalhões tava... tendo combate, tendo tudo, teve, teve até prisioneiro que caiu em emboscada em Barga e nós lá... não era boa vida por que era... anda, subi morro, desce morro, mais nós chegamos numa cidadezinha, perto de uma cidadezinha chamada Fiano... aí foi o primeiro encontro que nós tivemos e... e... o lugar que nós estávamos e tinha uma estradinha assim... que ia até a ... a cidadezinha, a cidadezinha ficava no alto do morro e... aquela estradinha era, precipício dum lado, montanha do outro né. Fizero a estradinha no... e... mais nós... nós sabia que o alemão tava por ali... e... entramos cada companhia todo e era... dispersa um pelotão aqui, um pelotão lá e... aquele campo e... aquela estradinha no meio que ia lá pra... e chego de noite (pigarreou) eu, o meu pelotão tava, tava bem na direção da estradinha... chego de noite nós vimos uma luz... vindo de lá, disse algem tá andando... e ... mais tinha uma espécie de uma casinha no meio, daí o... daí o atirador do meu grupo... “sargento atiro?”, eu disse não, a guarda e, eu tava de lado, tudo deitado e... vamos espera, depois que ele passa a casinha, que ele vai chegando mais perto... daí eu do um tiro pra vê o que acontece... Mais foi logo que eu tava falando com ele o outro grupo do meu pelotão mesmo... um soldado se espantou lá, deu um tiro... deu tiro apaga aquela luzinha... oh rapaz não uns quinze minutos... foi aquele... aquele tiroteio de morteiro, aquele lugar onde tava o grupo lá, por que um grupo ficava meio longe do outro pra espalhar no terreno né. Mas é... foi uns tiroteios de mortero lá... mas deu aquele toque... e paro esse daí quando chego de manhã... quando amanheceu... eu fui até lá no lugar, chego lá não tinha ninguém... daí eu fui saber o sargento lá na hora quando começo cair tiro de mortero ele recua pra trás, mais o erro dele foi não me avisar que ia né, que eu tava certo que tinha gente a minha esquerda o... o outro que eram são três grupos né. A daí... não demoro muito daí o capitão apareceu por lá e... eu já reclamei isso e aquilo... bom... aquele dia ... (pigarreou) quando chegou de mais ou menos depois do almoço... e... o capitão... escalou um dos grupos pra até a cidadezinha. Por que a-a depois daqueles tiros não se viu mais coisa nenhuma... daí aquele grupo foi, foi lá na cidade... e se... encontro um italiano lá e... mais não conto, disse que o povo da cidadezinha tinha escondido lá então... ele voltou com o grupo sem novidade... não tem nada... Quando passo a noite não teve movimento nenhum... quando chego no outro

dia o capitão... mundo essa mesma patrulha e até essa cidade e permanece por lá tudo... foi quando esse sargento, ele até foi muito meu amigo, já até faleceu uns anos aqui e ele... foi até lá... aí encontro um outro italiano... daí conversaram... daí disse, não se você tá aí eu vou toca o sino da igreja pra avisa o povo aí... que ... a cidade tá libertada (risos) E... não é cidade é uma rua só e... umas travessa. A cidadezinha da Itália e... foi na hora que o... italiano toco o sino da igreja... quando ele saia da porta da igreja, houve um tiroteio, os alemães tavam em cima do morro atrás da cidadezinha e... no lugar onde nós estávamos nós contamo nove metralhadora atirando... o italiano foi o primeiro a morrer... que saiu da porta da igreja, morreu na porta da igreja e o sargento... Ivo Serigadoli... pego lá no calçamento, pego dentro e... tem uma sorte desgraçada só pego um pouquinho aqui dentro e... e restante da turma correu de volta, correu de volta e... quando demoro muito o sargento chego também daí eu fui vê ele tava cheio de sangue nos olhos... e ajudei ele limpa e tudo e... daí ficaram dois caras... foi... faltava dois soldado. O soldado... não demoro isso foi na parte da manhã, quando chego a tardezinha, chego um outro italiano lá da cidade... consegui chega ali pra fala com o capitão e falo com o capitão que... ele sabia que os alemães ainda tava em cida... e que os dois soldado que foram ferido... um deles foi ferido numa perna e... mais não foi profundo ele mesmo tiro a bala, e nois levava um negocio de primeiros socorros assim né. Ele tiro a bala e fez o curativo dele. O outro tava muito machucado e ele, o italiano tinha puxado ele pra dentro de uma casa lá, e tinha uma irmã de caridade lá italiana e trato dele, ele pego um tiro aqui no capacete e... os tiro deu... a bala passa... entre os dois capacete, nois tinha capacete de fibra e capacete de aço, ele entro mais não entro no de fibra entro e saiu atrz e pego as costas dele, as nadegas e esculhambo com as costas dele e... ele tava encostado lá.

E daí o antes de escurece um pouco o capitão mando me chama. É seu Enéias o senhor vai lá na cidade busca esses dois caras e eu vo reforça o seu grupo... e... se, se leva uma metralhadora, deu uma metralhadora Thompson, aí e.. vamo pegamo uma padiola pra traze o cara e o italiano tava junto com a gente... e o outro sua gente que também tinha ido de manhã... que não o que foi ferido, o pelotão tinha além do sargento comandante de grupo tinha um sargento chamdo de orientador... esse foi lá pra cima de manhã... e foi junto comigo no... de noite né... Daí o capitão deu as ordens pra mim. É você vai , quando chefa oito horas da noite vou acerta o relógio aqui. Vocês v/ao sai daqui, a... não tinha dois quilômetros dali até lá não tinha dois quilômetros. Mais era uma estradinha cheia de curva e... quando chega as oito horas você deve tá pertinho da cidade. Esse tempo que se tá vendo, a artilharia brasileira, vai toca fogo em cima dos morros lá e, quando chega as oito

horas eles vão diminuir os tiros, de um tiro ou outro pra não cair nenhum tiro na cidade. E você entra na cidade pega os dois caras e... volta...

Olha deu tudo certinho eu cheguei as oito horas... e quando eu vi que a onda de tiro diminuiu, tava passando por cima e tava penando os morros lá em cima... e eu entrei na cidade e só pensava só tinha uma rua só daquele e era meio larga... e se botavam uma metralhadora lá estilhaçava meu corpo todo né (risos). Mais entramos, o italiano tava junto fomos até a casa lá, pegamos o cara, passamos na padiola... e... o outro veio andando né, veio um soldado ajudando o outro e... e saímos da cidade. Quando nós saímos assim... começo o... os tiros de morteiro e começaram a atirar na estrada... acho que desconfiaram de alguma coisa (risos) Aí mais ali que tinha uma valeta o... no morro assim, tinha aquela valeta que corre água, nós ficamos tudo deitado na valeta assim com a cara com a padiola com tudo (risos) .. e olho... e passam quase uma hora... e fogo tocava na ainda bem que não tava caindo aonde nós estava, tava caindo mais na frente um pouco... E pelo jeito que lá de cima é mais na frente um pouco... quando melhorou um pouquinho o italiano que tava comigo disse: sargento se a gente conseguir chega na primeira curva ali... eu conheço o caminho... é difícil pra subir esse morro e... e sai logo onde o capitão está. Daí quando diminuiu um pouquinho, esse italiano... vamos tinha que chegar lá na curva lá. Mas não podia ficar de pé, só rastejando, só rastejando, se sabe o que é leva um doente na padiola e a gente rastejando no chão? Mas a gente com muito custo nós chegamos na curva, quando chegamos na curva já não tinha perigo mais não que... os tiros de morteiro não pegavam a gente. Mas aí foi difícil subir né. Quem... uma barroca daquela lá (risos) mais conseguimos subir.

Olha pra terminar, era quase duas horas da manhã quando chegamos de volta, mas trouxemos os dois, já parou, já parou com a ambulância lá pra levar os dois caras pro hospital e... o capitão tava até alegre e disse: “bem hoje a noite vocês não precisam ficar em guarda é... deita aí... durmi tudo no chão mesmo né”... no... não tinha casa num... esticava e dormia lá mesmo. E esse... chegou outro dia daí... e houve ordem pra avançar, aí avançamos, mais os alemães não tava lá não... seguimos e olhei... fomos encontrar esses alemães muitos dias depois do (risos) e teve uma turma que era uma turma que sabia que nós tava avançando então... era alguém que parou pra retardar o nosso avanço né. E esse (risos) foi até dia trinta e um... até fim de outubro, dia trinta e um e antes do dia trinta e um parece que dia trinta o... nós saímos do front pra voltar pra... pra descansar. Mais e aí, e aí foi um mês e meio de combate, que não teve muito combate... Agora... nesses últimos dias de outubro... então aconteceu o seguinte... o capitão viu lá, e me deu as ordens aqui: “você via com o seu

grupo ... me mostro no mapa assim... e uma cidadezinha lá... e... e de lá você vai sabe aonde é que ta onde é que ta os alemães... E o capitão tava com partigiani, esse partigiani era... de pessoal é italiano mesmo que... eles lutavam contra os alemães né. Eram civis mais tudo armado, tudo... e lá e nessa cidade aqui é... agente falava cidade e... rui, rui uns bequinho... e lá você vai encontra mais partigiani, tem uma tropa de partigiane lá. E ... e lá o chefe deles vai te dar umas instruções lá”. Daí... eu... o capitão disse: “bem você vai sair daqui umas três horas da tarde, se vai chega umas quatro e pouco, e as quatro e pouco voce conversa lá com italiano e... ele vai indica onde é que tão os alemães, e você volta, antes de escurece (risos) O troço não dei nada igual assim não... eu fui a três horas com o meu grupo né... até ai não cidade tudo bem, chegamo lá umas quatro e meia, cinco horas. Já, já ia... demoro quase duas horas pra chega lá... ai chego lá encontrei... italianão lá a.. chamavam ele de coronel, coronel... andava com um bruta deum rebenque assim italiano assim... “E vocês tão tudo atrasado, isso e aquilo”. (risos) aquele eu já compreedia um pouco de italiano, daí... ele ... eu desloquei com ele um... um lugar bem longe assim né... e ele me mostro lá: Então lá... naquela cidadezinha lá chama-se Garfagniana e isso aquilo e tal... e eu fiz então croqui, levei um papel e tudo... e fiz um... uma espécie dum mapinha e marquei tudo, tudo, tudo, tudo que ele falava. Ai tava tudo bem ai quand nós voltamo começo a escurece... começo escurece, já era seis e pouco da tarde né... Daí bomescurreceu, já eram seis e pouco da tarde né... Daí o italiano me pergunto: “A tem bússola ai? Eu disse: não eu vim com o seu auxiliar ai e... eles disseram: “Mas com você não... vocês tem que ir sozinho”... Eu disse: “não... acerta de dia eu acerta, mais de noite né... Eles disseram: “mais de noite até nois aqui pra passa é... é perigoso... se eu fosse você eu não ia hoje... Eu disse: Olha mais o capitão lá vai fica por conta (risos) que... E disse: “E mais... não vai da pra é... hum é bom ceis ficarem aqui. Ai negocio... civil né, ele... daí ele reuniu o grupo e disse: “olha... a situação nossa já tinha escurecido, a situação aqui tava feia, se nós voltarmo... eu posso até aceita o lugar, mas era montanha e sobe montanha, sobe, desce, sobe e... de noite ficha aquilo (risos) fica escuro... e eu acho que não vai dar. Acho que nós vamo passa a noite aqui. E nois sabemos que aquela cidade de noite os alemaes faziam ronda na cidade... patrulha deles faziam ronda na cidade... Daí, mais daí eu acertei com o italiano lá... eloe arrumo uma espécie de um, era espécie de um bar que tava fechado... e... tinha a prte de frente e tinha a porta dos fundos... dava na direção onde é que eu ia embora... então já tinha um balcão lá dentro, então eu pus... ao lado do balcão uma metralhadora... pus um outro soldado com um fuzil... e... e eu sai com o italiano, fui na casa de um outro voltei lá... voltei lá, já era umas dez horas da noite, voltei lá... tava

todo mundo dormindo só tava o pessoal de metralhadora tava firme... se os alemaes vié... (risos) nois vamos ter um tiroteio aqui e nois fugimo pro fundo... mais gente teve sorte... sorte... não aconteceu nada sabe.. quando antes de clarea o dia eu disse: “Vamo embora.” Daí que saimo da cidade, ai clareo o dia e daí... quando eu cheguei na companhia... tava numa cidade chamada Fabrichi... onde o capitão tava o restante da companhia... cheguei lá tava o pelotão pronto pra me procura (risos) pra procura o nosso grupo, por que o capitão tava certo que tinha caído na mão do alemãoou alguma coisa. A mas daí ele... quis... esbraveja, eu disse: “Pérai deixa eu conta a historia”, contei a historia, contei pra ele...e... ele saiu que nem uma bala e o comando todo do batalhão pra vê oque aconteceu... Eu tava certo que ele ia desloca a companhia toda pra aquela cidadezinha, mais não... eles deslocaro uma outra companhia pra aquela cidade e... e nós saimo fomo pra uma outra cidade pra retaguarda... e... lá pássaro... treze dias lá, descançando né. Foi a primeira vez que eu dormi numa casa lá na Itália que nesse lugar que fomo descança lá, arrumei uma casa lá... e... durmimo tudo (risos). Quando chego... dia dois de novembro... nós deslocamo de caminhão daquela zona... passamo por... Pistóia... subimo a serra pro outro lado da Itália... e passa o dia todo... chegamo num lugar onde seria o... comando da divisão e tudo... ai nós passamo a noite... no outro dia nois entramo no front... onde... de acordo a guerra ai, foram a... Torre de Nerone, Monte Castello, Belvedere e a... a ali tava a tropa dos alemães ali e os outros batalhões já ravam por lá... e npois fomo junta com... ali já é outra guerra (risos)... é por que lá... ali era bravo poque... logo na entrada... a gente via aquela cadeia de montanha assim né... e os alemães tava tudo lá nas alturas... e... e nós entramo ali dia... de três pra quatro de novembro... olha.. foi o pior lugar que eu tive na minha vida... porque eu... ali foi o lugar onde mais sofri, ali foi o lugar onde perdi um cabo, perdi um soldado que morreu o... a bomba caiu dentro do buraco do cabo e do soldado... eu fui ferido, fui derido.. lá pros meados de novembro eu já tava no hospital.

Douglas: Como é o nome do lugar em que o senhor foi ferido?

Enéias: É... o lugar, em que eu fui ferido chamava-se Torre de Nerone, Torre de Nerone... era o lugar mais é.. todo mundo tinha medo poque... se você vê os livro... os mapinha da FEB... ele, Torre de Nerone ficava aqui, Monte Castello ficava aqui, Soprassaso Ficava pra cá, era uma ponta, nesse lugar é que a minha companhia (risos).

Douglas: E foi direto pra Torre de Nerone?

Enéias: Ali... eu fui pro hospital... dia... parece que dia dezesseis de outubro... de novembro fui pro hospital, fui ferido, levei um estilhaço nas costas aqui e fui pro hospital... agora a minha companhia permaneceu ali... até fevereiro... quando chego em dezembro caiu a neve, eles permaneceram naquele lugar porque... além desses que já tinham tentado... tentado ataques e tudo, mas os alemães estavam muito fortes naquela zona.. e... chovia muito né... É fim de outubro, é fim de novembro... o vento sopra muito na Itália é... e o... e o fim do outono né, fim de outono chove muito. Então... aqueles ataques que foram só no Monte Castello aí entro em outubro e em novembro já estava no caso... não foi como nós que... nós chegamos em... em... chegamos em julho... só em setembro que nós entramos no front, agora o primeiro RI e o... e o... primeiro RI do Rio de Janeiro e o, e o onze RI de São João Del Rey... eles já chegaram em outubro e em novembro já puseram eles no front, só deu tempo de pegar armamento e... eles sofreram mais do que nós. Então... e dia... a estava então é... como é que nós estávamos mesmo?

Douglas: Bom, o senhor tinha sido ferido né?

Enéias: É... nesse período aí é que eu fui ferido né.. fui ferido, e eu fui ferido até de coisa, porque eu recebi a... a... a alimentação é uma caixa de ração né. E o soldado ia e... levava num... nós e lá eu que abria a caixa e... distribuía o... é que fazia dois dias que tinha morrido o cabo e o soldado. E eu... e eu que distribuía a ração... e... e eu levantei assim, o busto assim... além do buraco pra entrega: “oh fulano pega lá, o fulano... e... eu jogava a... a... alimentação pra turma... e... latinha... mais num é... deu fazer assim coisa de... de... cinquenta metros assim, eu vi a terra levantar, quando levanto eu senti uma, uma, uma batida nas costas. Eu disse: “E a... acho que levei uma pedrada aqui” por que a... por que os tiros de artilharia do alemão pegavam na torre, lá tinha uma torre que chamava-se Torre de Nerone né. E estava caco por tudo que canto, então... pedrada a gente tomava de vez em quando, e essa aí eu, levei uma pancada o... troço foi meio forte... e... o jeito que eu estava eu saí do buraco e... rolei, caí num buraco junto soldado do meu grupo mesmo. Daí eu falei: “Da uma olhada na minha costa aí... levanta a brusa aí e vê com é que tá... aí ele levanto e disse: “Ih sargento! Tem um furinho nas tuas costas aqui, bem nessa altura (mostrando o local do ferimento)... o mais não foi coisa de minutos ali, eu já comecei sentir, dor, dor de tudo né... a... aí voltei pro meu buraco, chamei um soldado e: “A vai de rastro lá avisa o tenente lá que o tenente telefona pro capitão... dizendo que eu tô ferido...que eu tô ferido.. já tá me

doendo tudo aqui... e ... eu senti aquela dor, é que é que pego no músculo do braço né... nós temos o músculo do braço aqui, hum... e eu não... já nem começava a mexe com o dedo... ai não demoro muito o capitão mando dizer se ... precisava a padiola, precisava... eu disse: “não... e... é só me da a ordem que eu vou até... eu subia onde ele tava ... ai sai correndo, fui até o lugar dele lá... Ah mas não... quela noite foi fogo viu, por que eu fui ferido, era seis horas da tarde... e... e os tiroteio de artilharia, é... artilharia dos dois lados, eles atiravam de lá e daqui pra lá e... e... quando deu... o... subtenente ele aviso, o subtenente que ficava oito quilômetros de lá, o subtenente vinha, vinha com um jipe pra me pega... mas não consegui, não conseguia... e eu fiquei deitado num lugar lá onde tinha um telefonista lá... e... ai o capitão... o medico já tinha... já tinha... me visto tudo. Porque o medico sempre ficava por lá. Ai era ferimento tinha que ir pro hospital... daí, hum... mais... eu passei a noite toda... deitado... gemendo... a, a...o enfermeiro vinha me dava injeção... e dava pra durmi umas duas horas assim, as vezes nem isso.. ai começava, dói de novo assim (risos)... E, eu tomei injeção a noite toda (risos) tinha hora lá que o enfermeiro dizia assim: “o senhor vai ficar grogui ai,” por que... de tanto e... hum, mas antes de... antes de clarea o subtenente chego... trouxe café nós tomamos e lá fui embora, consegui chega no hospital a uma hora da tarde, porque... passava tudo por postes, passava no posto de saúde do regimento passo da divisão, passo do americano, passo tudo, conforme, conforme o ferimento, ficava no caminho, e eu fui seguindo, cheguei num hospital grande... que era em Pistóia e... era... hospital de campanha mesmo dentro da cidade. Lá eu fui... fui... hum, fui operado e... lá eu passei oito dias tomando penicilina. Depois eu fui transferido... pro próximo hospital bem mais pra retaguarda... e... e lá também passei mais um bocado de tempo. Eu sei que eu passei Natal, Ano Novo tudo no hospital viu. Eu sai do hospital dia sete de fevereiro de quarenta e cinco, quase três meses depois viu. Daí hum... no hospital, ai depois nesse tempo todo ai, e a guerra continuo, continuo lá... Mas é... o meu caso por exemplo quando... quando... tava pra faze uma semana que ia completa três meses, daí eu fui pra uma Junta Medica e... o medico... é eu fui lá faze fisioterapia, faze tudo, porque... o estilhaço mesmo... um mais um pouco já tava cicatrizando e tudo. Mais a... acontece que eu não mexia com o dedo... não mexia... nada, paraliso o braço... então eu fiquei fazendo fisioterapia no hospital. Quando chego em... começo de fevereiro e doía ainda, por causa do frio também, porque... deu neve lá também lá nesse lugar onde nois tava... caiu neve, caiu tudo. Então... mais o... eu fui pra Junta medica, o medico perguntou pra mim se doía.. eu disse: “não, dói tudo a...” se te dar, ele queria me manda de volta pro Brasil... ele disse: “o senhor vai pra, eu vou mandar você pra Napoles e... e lá a primeira condução que tiver

pro Brasil e hum.. vai embora”. (risos) Ai eu disse: “Ah doutor de jeito nenhum eu quero ir pro Brasil!”... eu bate o pé mesmo e... e... mais por segurança, por que... eu... sabia que tava me julgano incapais... e eu... eu como sargento eu sabia qu não existia num, nem nenhuma lei que... eu ia volta pro Brasil e ia se licenciado e tava acabado por que não tinha leis, essas saíram em 1946, depois da guerra que saiu, quer dizer... eu não tinha cinco ano de serviço, então a... não tinha segurança nenhuma... não quero se julgado incapais de jeito nenhum. E no fim... o ... os médicos tiveram que me da alta... e... “o senhor me da alta?”, “mas não vai agüentar sargento, lá ta um metro de neve, e como é que você, você é comandante de grupo se vai (risos) ... como se vai agüenta”, eu disse: “não, não tem jeito, eu vou... se não agüentar eu baixo no hospital de novo”. E mais... no fim eu pus na cabeça dele que eu não queria ir embora pro Brasil. Daí... deu alta... quando e cheguei no regimento era numa cidadezinha... depois de Pistóia no alto do morro lá... onde era lá, onde... era o comando da FEB, o comando do regimento tudo naquela cidade. E... eu me apresentei... e daí... o ca- o capitão ajudante lá, ele me conhecia desde aqui no Brasil e tudo. Conteí a minha história pra ele, ele disse: “não...arruma um lugar pra dormir ai sargento e... na cidade e... depois se vê o boletim a tarde. Ai a tarde eu vi o boletim eu... hum, eu já encontrei aquele cerigato, aquele que foi ferido tava nessa cidade também... e... fui dormir lá pro... fui lá pro quarto dele... e de tarde e vi, deu minha alta do hospital e... pusero lá que permaneci adido a companhia se serviço... a fi de mais tratamento, isso e aquilo... que dizer... me deixaro a vontade. Ai eu passei quinze dias... depois o ... capitão comandante do serviço de transporte mando eu faze um serviço pra ele lá no... pelotão de transporte... eu fui lá no pelotão de trasporte negocio de marcenaria e tudo e... peguei uns soldados lá pra fazer um serviço com o capitão... no fim o capitão gosto de mim, pergunto se eu queria ficar no pelotão lá, eu disse: “quero”. Ai entrei em contato com o regimento lá, com o comandante... e eu fiquei mesmo no pelotão de transporte... e trabalhei até o fim da guerra com caminhão de gasolina... montava posto de gasolina, ia... na intendência... pegar gasolina montar tudo... até o fim da guerra eu mexi com caminhão de gasolina. Tinha o motorista, tinha o soldado, tinha... a vinha com aqueles camburãozinho de vinte litros e... a gente montava posto de gasolina, chegava dez caminhões assim cada motorista um aquela coisa... e cada um se abastecia, era posto de gasolina. E fiquei a, no fim da guerra mesmo. Permanecemos no norte da Itália... e em... nois deslocamos, deslocamos de caminhão viemos até de quarenta e cinco... nois entramos no hum, no navio chegamos no Rio de Janeiro dia dezoito de julho. Acabo a guerra (risos).

Douglas: Os pracinhas que o senhor conhece receberam pensão?

Enéias: Infelizmente... o Exército aqui... ele... eu acho que... já ai entra política no meio por que no meio por que... a... porque eles tinham receio de que a FEB quando chegasse... ai acabar com a Ditadura, por que nós fomos, nós fomos pra uma guerra, pra acabar com uma ditadura lá... e aqui no Brasil tava a ditadura... então o pessoal foi licenciado, pessoal que quis ser licenciado... o soldado por exemplo, todos eles foram licenciados na Itália, quando chegou lá, o, certificado de reservista foi feito em Milão, chegaro aqui no Brasil já tava com certificado pra ir embora pra casa (risos). Quando chegamo, não demoro muito, os oficiais... eles espalharo os oficiais pro Brasil todo... pra num haver grupo, o... o sexto RI o... onze RI e... daí e... perigoso. Então pego os oficiais e transferiu pra tudo quanto é lugar.

Douglas: Mas o governo dava casa pra pessoa?

Enéias: Não, isso ai só... isso ai essas leis, saíram, essas leis depois de muitos anos de coisa, e a... o cara que foi julgado incapaz, e... tiveram direito a uma casa, mais nem todos conseguiram, foi uma coisa muito mal feita. E... tudo... a lei que veio melhora um pouco foi a Constituição de oitenta e oito... isso quantos anos depois que deu uma... uma pensão pra todos os ex-combatentes, mas não deram pro pessoal que permanecerem na ativa (risos) a, a até hoje eu to com um processo na justiça dos direitos que eu tenho mais no... não vai, não passa ainda. Então é um tróço mal feito né.

E pelo menos os soldados que deram baixa do exército... eles em oitenta e oito, os que tavam vivos ainda em oitenta e oito conseguiram pegar essa pensão. A pensão é boa tudo, pensão de segundo tenente que todo mundo recebeu. Mas... que houve muito desleixo houve... agora com os sargentos eles não mexeram... nós permanecemos aqui no regimento, todos os sargentos, os que saíram é por que queriam ir pra outra unidade... mas os oficiais, os oficiais eles pararam tudo... mais... mesmo assim... e... nós chegamo e julho e em outubro acabo a ditadura aqui no Brasil.

Douglas: Como o senhor faz pra arranjar trabalho depois?

Enéias: A ai foi bem recebido. No Rio de Janeiro... engraçado até quando o Tancredo Neves faleceu que houve aquele monte de gente lá no Rio de Janeiro e tudo, então eles fizeram uma comparação que do dia, do primeiro navio que chego da FEB... tinha mais

gente do que o... (risos) aquele desfile que morreu o Tancredo Neves... aquele dia encheu de gente. Mais...nois descemo do navio, entramo em forma... começo a começo o desfile não demoro muito acabo o desfile, que o povo fecho (risos) o povo fecho nos ficamos um por um atrás do outro (risos) não tinha não, tinha jeito, até chegar lá na... estradinha de ferro NE... ai pega o trem e ir pra Vila Militar. Mais é... foi um troço difícil mesmo pra, pra chegar lá... eu ainda tive um pouquinho de sorte porque... que veio antes, que era da minha companhia, que foi ferido tudo, e logo que começo aquela bagunça lá que ... eu encontrei com ele e hum, ele disse: sargento, eu conheço um caminho melhor”. Nós saímos de lá, entramos num bar, pagaro nossa cerveja (risos)... com fuzil e tudo... E depois eu fui até a estação e... ir pra Vila Militar. E chegamos na Vila Militar a comida foi hum... de tardezinha levaro a comida pros soldado um... jabá... jabá e carne seca com coisa... ai o... uma coisa feia agora, viraro as marmitas tudo lá né... se chega juma viagem de comemo bem no navio e tudo, quando chega no quartel da uma comida de invés de fazer uma coisa agradável ta... os soldados quebraram tudo lá... os soldados da FEB é fogo viu (risos) viraro tudo aquele negocio lá... eu nem fiquei lá por que quando chego de noite eu peguei uns, dois, três companhero e... já fui pra Madureira, conhecia um restaurante que eu sabe, eu tava sempre lá, lão tinha dinheiro, não tinha nada... ai cheguei lá, conversei com o dono... lá eu não tinha um dinheiro, mais nois começamos alguma coisa lá (risos). E... fizeram uma festa com a gente lá... um bailão e bebemo , comemo. Essa foi a primeira noite, depois recebemo dinheiro... depois cada um houve desfile em São Paulo, houve tudo pra depois volta pra Caçapava... acaba a festa.

Douglas: O senhor fez alguma namorada na Itália?

Enéias: A não e... esse ai... nois não tivemos muito tempo, foi só depois da guerra que... que permanecemo um pouquinho lá no norte da Italia lá... mais não é... teve tinha, tinha bastante... houve muito casamento do pessoal lá, mas era o pessoal da retaguarda... o pessoal de ex-combatentes de frente mesmo eles não tinha... então o pessoal de retaguarda eu... nunca fui contra o pessoal da retaguarda, se eu to comendo lá, tem munição tem tudo é por causa do pessoal da retaguarda né. Então foi só o pessoal que permanecero mais de quinze dias num lugar.

Douglas: A teve gente que caso né?

Enéias: Ah teve muita gente que caso, caso teve muita gente... deu, um trabalhão desgraçado por que... só conseguiram trazer as mulher pra cá... dois, três anos depois. Daí que eles conseguiram trazer as mulheres... caso lá mas... não vieram... depois de dois, três anos de muita, muita... conversa ai conseguiram... a passagem pras mulher ir embora pra vir pro Brasil... mais não é fácil não.

Anexo – 7**Capitão Benedito Antunes de Andrade, cabo José dos Santos e soldado Vicente de Oliveira. Entrevista do dia 28 de dezembro de 2009.**

Douglas: Como é o nome dos senhores?

José dos Santos.

Vicente de Oliveira.

Benedito Antunes de Andrade.

Douglas: A idade de cada um?

José: Oitenta e nove

Vicente: Noventa e um.

Douglas: A patente?

Benedito: Capitão.

Vicente: Eu sou soldado.

José: Cabo.

Douglas: O senhor é natural de que cidade?

José: Natividade, Natividade da Serra.

Douglas: Quando o senhor ingressou no exército?

José: Vinte de junho de trinta e nove.

Vicente: cinco de julho de trinta e nove.

Benedito: Em trinta e nove.

Douglas: Aonde os senhores moravam aonde... aconteceu a guerra... em trinta e nove?

Vicente: Aqui mesmo (Pindamonhangaba).

José: Em São Paulo.

Benedito: Em Natividade.

Douglas: Como era a cidade na época... Pindamonhangaba?

Vicente: E... muito pouco movimento.

Douglas: A data que os senhores foram convocados pra FEB?

Vicente: Em janeiro de... janeiro de quarenta e quatro.

José: Eu... novembro... de quarenta e dois.

Benedito: Em novembro de quarenta de dois.

Douglas: Quando... o Brasil foi pra guerra... saiu em todos os jornais essas coisas... o senhor lembra se o povo, o povo da cidade..

Benedito: Não... o povo não foi contra não.

Douglas: Houve... na convocação deserções na FEB?

Vicente: (respondeu imediatamente) Houve sim!

Benedito: (Benedito não compreendendo a pergunta é auxiliado por Vicente, ao ouvir a pergunta Benedito responde) Se houve deserções na FEB... Então eu não tive conhecimento.

Vicente: Minha companhia deserto... é... quatro. Principalmente aqueles pessoar que morava no Oeste, tinha vindo do oeste aqui eles desertaram. (se vira e fala pra o Benedito) Então o capitão... Andrade, era tudo escondido não é. E tudo sem... o capitão nosso falo pra nois assim: “Olha to falando pra vocês que é o seguinte... que nois estamo pronto pra embarca... só não sabemo pra onde e nem quando... quem não for home pra ir pra guerra pode sumi”. A aquela semana que... pegaro o trenzinho aqui e se mandaro (Vicente ri enquanto Benedito e José apenas sorriem). E ia mesmo.

Douglas: Houve exames de rotina e... treinamento antes do combate?

(todos falam juntos) Teve, teve.

Benedito: Totalmente.

Vicente: No Capisterno... lá no morro do Capisterno.

José: Lá no Rio.

Vicente: É

José: Quando uma vez.

Benedito: Desde a convocação até a guerra só foi treinamento.

Vicente: treinamento bastante.

José: Treinamento rigoroso... tinha que se, desde a organização no Rio, eles fizeram treinamento mesmo.

Douglas: Vou perguntar pra cada um... quais as unidades que o senhor permaneceu até o embarque?

Benedito: Terceiro do sexto RI.

Vicente: Fico o tempo todo no sexto RI.

José: Sexto.

Vicente: Meu a primeira companhia do sexto em Caçapava.

Douglas: E quais as unidades do exército que o senhor fico até o embarque?

Benedito: Quais? Ah só o sexto.

Douglas: Lá em Caçapava.

Benedito: Só o sexto de Caçapava... não o terceiro batalhão foi pra Lins mais pertencia ao sexto de Caçapava, entendeu. Primeiro batalhão foi pra Lins depois foi pra Pinda nesse quartel... eu fui com eles no terceiro batalhão.

Vicente: Eu o terceiro do sexto.

José: Eu o terceiro do sexto.

Douglas: E houve alguma... celebração no embarque no Rio de Janeiro?

(todos riem juntos)

Vicente: Ah, foi tudo escondido.

José: Foi tudo na penura.

Benedito: Da imprensa ninguém soube. Foi de madrugada que entraro lá.

José: (não entendi – José dos Santos possui muita dificuldade na fala) Falo (não entendi) Getulio lá... comprimento o Chester ali. Sargento Chester, lembra do Chester?

Benedito: Lembro.

José: Ai falo com ele e... os... desígnios... de boa sorte.

Douglas: Como era o dia-a-dia dentro do navio? Na viagem?

(todos riem)

Vicente: Come e durmi... o dia-a-dia no navio era come e durmi.

Benedito: Ce levo o meu livro não levo?

Douglas: É que tem que fazer essas perguntas né... mesmo eu já sabendo as respostas tem que grava tudo.

Benedito: Os exercícios que faziam dentro do navio era de abandono do barco...

Vicente: É.

Benedito: caso de bombardeio... caso de torpedeamento... então havia o treinamento, vestia-se a...

Douglas: Salva - vidas.

Vicente: Salva - vidas, salva - vidas

Benedito: Salva – vidas e... a gente vivia com ele permanentemente, não podia tirar. Ai tinha o treinamento de como abandona o barco em ordem em caso de torpedeamento.

José: E esse ai eu não entendi.

Benedito: Ah?

José? Pra que tinha?

Benedito: Por que a... no navio... não sei quantos radares tinham, três, quatro... quatro até no convés, mas eu acredito que tivesse uns oito ou dez. Então havia uma escalonamento,

entrava a primeira, tudo em ordem, o abandono do barco era plenamente treinado pra não haver tumulto.

José: Só tem uma coisa, quem tava no terceiro que era nosso caso... primeiro torpedo.

Douglas: Como é que foi o... desembarque na Itália em Nápoles?

Vicente: A foi tranqüilo né o... tranqüilo.

Benedito: Tudo organizadamente... tudo.

José: (insiste em falar) nossa farda era parecida com o do alemão, então os italianos pensava que era prisioneiro... “ei tedeschi”.

Vicente: (interrompe) Nois decemo numa alegria, decemo numa alegria por que depois de dezesseis, dezesseis, dezesseis dias (todos falam ao mesmo tempo) tava todo mundo alegre.

Benedito: Desembarcamos no porto, fizemos uma marcha de vinte cinco quilômetros a pé.

Vicente: É.

Benedito: pra acampa.

Vicente: Na cratera do vulcão

Benedito: Na cratera do vulcão... a...

Vicente: pode fala. Tem coisa que a gente não esquece nunca né (risos).

Douglas: E qual que era o estado... como é que tava o estado da Itália, quando ceis chegaram? Da população?

Benedito: Como é que é? (Benedito tem problemas de audição por conseqüências da guerra).

Douglas: O estado das pessoas.

Vicente: (auxilia Benedito) das pessoas.

Douglas: É da guerra, como é que tavam as cidades.

Vicente: Ah tá.

Benedito: Tava completamente bombardeado, não adianta, tava destruído completamente.

Vicente: O porto (Benedito o interrompe).

Benedito: O que não foi destruído pelos alemães foi destruído pelos aliados.

Vicente: É.

Benedito: Por que houve um entrava de posição.

Vicente: O porto esculhambado.

Benedito: É.

Vicente: O porto esculhambado de covardia, cheio de navio afundado no porto.

Douglas: Como foi conviver com pessoas de outros países? Conviver com o italiano, conviver com o americano... eram boa gente?

José: Todo mundo falava italiano, os americano falavam italiano muito mal, como nós...mas os alemães estavam lá e... qualquer nacionalidade falava italiano... é a língua que estava oficial lá.

Benedito: Como é que era o povo lá? (Benedito não entendeu o dialogo de José).

Douglas: Como é que.

Benedito: Tinha nada

Douglas: Não como é que... como é que convive,

Benedito: (interrompe) não tinha dinheiro que compra, de vende.

Douglas: Como é que era viver lado a lado com o americano.

Benedito: (ainda não entendeu) Eles viviam lá com o armazenamento que cada um fez, aquele que tinha um pouco... e o resto era pedir pras tropas... e pedia, até bita de cigarro que a gente, ponta de cigarro... eles vinham lá correndo, disputavam pra cata a bita de cigarro pois não havia nada, nada.

Vicente: Viu... que faziam cigarro é... com o cigarro ce arranjava quaque coisa

Benedito: Ah ta bom.

Vicente: O cigarro valia mais do que dinheiro.

José: Tinha missa punha na meia.

Benedito: Por chocolate eles faziam tudo.

Vicente: É chocolate e cigarro.

Benedito: Até as mulheres, tudo.

Vicente: Chocolate, cigarro e chiclete (risos).

(todos falam juntos).

Benedito: Até arranjava frango assado e macarronada... polenta como que vinha polenta tudo cortadinho... lá era tudo a base de cigarro e... chiclete (risos).

Douglas: Houve namoros entre,

Vicente: Ah aconteceu... (risos) namoros só depois que acabo a guerra.

Benedito: Eu não entendi.

Vicente: Namoro... com italiana.

Benedito: Ah!

Vicente: Só depois que acabou a guerra.

Benedito: Só pra quem ficava lá atrás... na retaguarda.

Vicente: Na frente só tinha home (risos)

José: Mas era o fato de ser militar tinha de namora preto com brasileiro.

Vicente: (risos).

José: Então puxano o Brasil, uma hora vai acaba o preto, acha loira pra namora que a...

Vicente: Quem namorava, quem namorava era só o saco B.

Benedito: Quem é?

Vicente: Só o saco B que tinha...

Benedito: É. (todos concordam). Era o saco B.

Vicente: Foi pra retaguarda era saco B.

Douglas: De Nápoles pra frente quais... até aonde as tropas ficaram?

(Vicente e José riem juntos).

Benedito: Tenho, tenho legenda aqui.

Vicente: Tem legenda?

Douglas: Em Nápoles, ai de Nápoles até... com precisão pra você...

José: Essa parte foi pra... treinamento né?

Vicente: É essa parte foi só treinamento lá.

Benedito: Ficamo acampado lá.

José: Tarquinia depois Vada.

Vicente: Vada.

Benedito: (desiste de procurar a legenda da FEB) Bom eu sei de cor, me lembra bem... de Nápoles nós fomos pra...

José: Tarquinia.

Benedito: pra Tarquinia.

Vicente: Lá pra... Vada foi o último.

José: Teve um que...

Benedito: Há?

José: Teve um outro também, eu não lembro.

Vicente: Só foi lá parte de Vada... Tarquinia era pra frente que era beira de mar, tinha praia.

Benedito: É seguidamente, seguidamente nós fomos pra Vada. Vada foi o ultimo, de Vada nós fomos pro front.

Douglas: Senhor já respondeu que em Vada foi os exercícios de combate.

Vicente: Treinamento.

Benedito: há?

Douglas: Em Vada que foi os exercícios de combate né.

Benedito: É todo o... mais em Vada foi o... retoque final pra entra em combate, por que... tinha participação dos americanos na excursão... gente que já tinha voltado... esse foi em Vada.

Vicente: Sabe o que eu gostei mais?

Benedito: Há?

Vicente: Sabe o que eu gostei mais? Sabe que em Vada... o batalhão que era o... o sexto... fizeram um... fizeram um... fizeram uma formatura num campo lá.

Douglas: Ah?

Vicente: Fizeram um... um tablado e o Zenóbio foi o... foi pra apresenta a tropa do sexto pros americano. Daí aquele sargentinho que fazia a... foi funcionário volto como sargento... que fazia aquele “Deus salve” foi, foi aquele que fica na frente né.

Cabo Daniel (monitor da entrevista): Ah, o regente?

Vicente: É, daí (risos) chego na frente da... “Deus salve a Ame, ninguém do sexto, ninguém cantava (risos) viu... e o Zenóbio tava de saco cheio, o comandante fico (risos) canção do sexto “vai toca a canção do sexto. O sexto Regimento!” Todo mundo canto (risos) ficaram com a cara no chão por que... perto dos americanos... ninguém cantava (Vicente ri enquanto Benedito e José apenas sorriem)

Benedito: (sussurrando diz) Piada sem noção.

José: Tem cada episódio né.

Vicente: É.

Douglas: De Vada, aonde ocorreu o conflito com os alemães... o primeiro encontro com o alemão?

Vicente: Como é que é?

Douglas: É que o, onde é que ocorreu o primeiro local, o confronto com os alemães?

Benedito: Onde?

Vicente: É.

Benedito: Foi em... Luca.

Vicente: Luca.

Benedito: A dezesseis de setembro... foi em quarenta e quatro, nois tomamos posição em Luca... pra os primeiro... para o Batismo de fogo.

Douglas: Então, os senhores foram em Luca.

Vicente: É... Luca.

Benedito: Daí ele, ele... de Luca.

Vicente: Fomos pra Cardoso.

Benedito: nós já.

Vicente: Monteprano.

Benedito: não Monteprano.

José: Não teve um tal de... setor de Colônia para o setor de...

Benedito: É, mais ai já tava longe.

Vicente: oh.

José: O setor mudo, nós viajamos o Vale inteiro, pegamos o setor de... fomos pega Porreta Terme lá. É.

Douglas: Quais são as atividades que se faz na guerra?

Vicente: Bom ai é padrão né.

Douglas: Como é que é?

Benedito: O que é que é?

Vicente: Atividades da frente de combate.

Benedito: Das atividades.

Vicente: É da patrulha.

Benedito: Patrulha e ataque e... golpe de mão, eu por exemplo participei de dois golpe de mão terrível... tinha uma, tinha uma arma... hostilizano a nossa, nossa, nossa coisa... e... não se pode movimenta nada por que essa arma, então planeja-se o golpe de mão... depende da potência da arma inimiga... nós por exemplo fomos com o pelotão... o meu pelotão... ai então prepara-se tudo pra neutraliza aquela, aquela arma né... e ai tudo a artilharia, os morteiro tudo... concentra fogo... na hora marcada, na hora de assalto, aquela arma... Eu pelo menos... em duas que eu fiz... é muito é a mais terrível da guerra é o golpe de mão... mais é, duas que eu fiz quando chegamos lá, só achamos pedaço de tedesco que a artilharia já tinha acabado com com ele.

Douglas: humhum.

Benedito: Sorte nossa... além da... além do, além da ar, deles se rodeavam de minas... pra eles também se protege. E a gente tinha que enfrenta primeiro as minas, correr o risco de alguém morrer nas minas pra depois poder assalta...

José: Na mina de tanque e ia o pessoal ne'.

Benedito? Hem?

José: Na mina de tanque ou ia o pessoal.

Benedito: É.

(Todos fazem silencio).

Benedito: Mas o resto é patrulha né... patrulha vai.

José: Aha.

Benedito: Combate vai a tropa toda, a gente nem sabe como é que vai, nem sabe o que tá acontecendo né.

Douglas: Entendi... Como é que era o serviço de correio durante a guerra?

Vicente: É uma droga né!

Douglas: (risos)

Benedito: Serviço de que?

Vicente: De correio! De correio era uma droga... lá na, não sabia se era por ano, por mês (risos).

José: Era censurado.

Vicente: Censurado.

José: Numa junta de censura e cortava o que eles... não dava pra passa.

Vicente: O general lia a cartinha e passava a gilete.

José: bem cortadinho.

Vicente: (risos)

José: E... acho.

Vicente: não tinha nada de mais viu.

José: Caso que, cda batalhão... cada companhia... tomava conta dos seus... companhia... cada um junta três... e cada um lia uma, lia de todo mundo, do batal... mais não sabia quem era a pessoa só

Douglas: Como era os programas de radio? O senhor ouvia radio?

Vicente: rádio não existia.

Douglas: não tinha como ouvir radio?

Vicente: Radio não existia.

Benedito: Que que se pergunto?

Douglas: Não tinha como ouvir radio?

Benedito: Radio, ouvimos no front, ouvia radio.

Vicente: Ouvia radio?

Benedito: Nós havia radio em... em razão do combate.

Vicente: (risos).

Douglas? Há.

Benedito: Entendeu. Todos a... todas as tropas tinham de, de cada, cada companhia tinha o telefonista, tinha... desenrolava aquele fio comprido e ai abandonando tudo e... por que...

da linha que recebíamos ordem da retaguarda, não sabia, no escuro na agora acontece que... nos aproveitávamos.

Vicente: (risos).

Benedito: O pracinha arranjava um... um... radio clandestino, aquele tempo não tinha pilha, eu não sei como eles. Se funcionava também não sei, mas clandestinamente eles tinham um radiozinho possivelmente eles escutavam aqui no Rio de Janeiro o carnaval pegando fogo aqui sabe (risos).

Vicente: (risos).

Benedito: mas era clandestino.

Vicente: nós pegamos o radio italiano lá, assistimo um jogo de futebol (risos). É do Rio viu... quarqué um se arranjava... o radio quarqué canto se arranjava.

Douglas: Entendi... tinha... ainda tinha jornais pra

Vicente: Tinha nada.

Benedito: Tinha!

Vicente: Na minha companhia não tinha, você eu não sei.

Benedito: jornal?

Vicente: Tinha?

Benedito: Tinha, nós tínhamos dois jornais... tínhamos o Cruzeiro do Sul... que era um jornal emitido pelo regimento... ou pela Divisão não sei... e tinha o nosso particular que nois metia a lenha, chamava-se “E a cobra fumou!”

Vicente: É... eu tinha.

Benedito: Eu colaborei muito com “A cobra fumou!”

Vicente: É eu lembro (risos) eu tinha três daquele que eu trouxe (não entendi) depois que pego pra ler desapareceu.

José: Oh Tico que era bonito era “O Esclarecedor” (não entendi).

Benedito: Aqui tinha “O Esclarecedor” eu também fui redator do Esclarecedor aqui em Pinda.

Vicente: (risos).

José: passava matéria.

Benedito: A cobra fumou era de um tal de Gino. Ficava na retaguarda também, mandava pro front.

José: Mas é... vinham busca.

Benedito: Vinham busca.

José: De São Paulo do Brasil.

Benedito: Artigo vinham busca.

Douglas: Entendi. É... no inverno como que ficou... como é que era a guerra durante o inverno?

Benedito: Triste pergunta.

Vicente: Ah... no inverno era só na defensiva né... é.

Benedito: O front estabilizado.

José: nós estávamos.

Benedito: Mais o frio era insuportável... tinha, tinha aquelas coisa de roça lá, como é t'água.

Vicente: T'água.

Benedito: Tinha muito feno... reservado... os contadinos, os italianos... os agricultores armazenavam aquilo que esquentava um pouco a gente... por que... ficava muito... o grupo de combate nessa posição... mais não ficavam tudo lá, eles ficavam lá na vigia desde aqui... não muito atrás... agilizando lá... então tem essa hora que a gente ficava queto, a gente ti... fez o feno... queima na lareira... tinha lareira (risos).

Douglas: É o senhor teve contato com os italianos que lutavam a favor do Brasil?

Vicente: Partigiani?

Douglas: Partigiani.

Benedito: Partigiani?... partigiani ajudaro muito, muito... eram os guerrilheiros italianos.

José: Os italianos nossa... como ajudaram, como ajudaram. Um piloto nosso... ai é fato serio, ele foi ajuda na fila ele pulo de paraquedas e caiu em território alemão e olho meio desconfiado, o partigiani foi lá.

Benedito: Cada companhia tinha um partigiani.

José: humhum.

Benedito: Vinham emprestado da turma dos patriota.

José: É.

Benedito: Por que os partigiani era da região, por que facilitava o nosso movimento, por que ele sabia... facilitava.

Douglas: Entendi.

Benedito: E eles ficaram, foram muito estimados pela tropa brasileira por que. (todos riem juntos).

Vicente: tinham os pinguinha né.

Benedito: É eu não tinha, ceis quiseram então quando ia pra outra região levava um partigiani que ele era de lá.

José: Mais eles ajudaram demais, Nossa Senhora... cada região levava um...

Benedito: É... pretaro muito serviço.

José: Esse partigiani.

Benedito: Partigiani valente viu.

José: Partigiani... procuramo um lugar pra sai a noite... na linha de frente.

Benedito: Partigiani marcava no cabo da pistola... é... cabo de madeira, aqueles cortinho quantos alemães eles tinha matado.

José: É.

Benedito: Cada um que ele matava ele marcava, marcava, marcava num... tinha gente que não tinha mais onde marca (risos).

Vicente: (risos).

José: E o... tinha mulher participando dos partigiani... e eles se infiltravam que... eles começaram fala alemão quando vê eles.

(pausa para o lanche)

Douglas: Nenhum dos senhores foi ferido em combate.

José: Graças a Deus nois num.

Vicente: não!

Douglas: O senhor não foi ferido em combate né.

Benedito: Não, não... meu foi só um deslocamento de ar só... deu deslocamento de ar.

Vicente: Tinha uma cobertura assim, na casa, em Soprassaso... tinha uma cobertura assim... tijolão... daí dentro daquela cobertura tinha escada que descia... passava por cima de escada... sai na porta.

José: É.

Vicente: Ai era uma escadaria e eu sei que pra atirar sei lá, mortero... um fumação que saiu na hora que eu fui desce... eu fui e sai... mas quando saímos... daquela cobertura caiu a bomba do mortero... mais foi uma coisa que nossa, furo a parte da base, começo a passa (imita o som da explosão: PA!) quebro aquela teicera da por cima da minha cabeça, costas.

Vicente: Um fedo de pólvora queimada que... dava um negocio ruim... é no mais, deixa eu conferir.

(interrupção).

Douglas: Pode falar.

Benedito: Os primeiros, primeiros ataques... nos primeiros ataques nos fomos rechaçados... no primeiro ataque... ataco um batalhão só, e que eu to dizendo que foi o meu, terceiro batalhão. Só um batalhão atacamo... claro que não chegamo nem no primeiro objetivo...

tivemo que desistir... fomos rechaçado. No segundo já foi o regimento... fomos rechaçado... no terceiro foi outro regimento e mais outras forças atrás forças... bom, houve cinco ataques, só no ultimo que foi... houve a queda do Monte Castello. Mesmo por que tinha...o... batalhão americano... a décima de montanha a, a... trabalhando pelo (não entendi) de nós... e eles conquistaram o Belvedere e propicio mais uma defesa pra nós.

Vicente: é ali aconteceu... um outro, um outro... segurava outro.

José: É.

Vicente: O, o um apoiava o outro... quando o terceiro que eu to sabeno, quando o terceiro, abriu socorro, e não conseguiu fica... por que o outro, a outra frente, era do, a outra, era dos americanos, os americanos que ia conquista... daí o terceiro regimento ia folga.

Benedito: É... o primeiro que ataco foi o terceiro do sexto... o segundo ataque eu ainda participei, também como (não entendi) houve o terceiro, houve o quarto, houve o quinto... então no quinto ou no sexto, eu não to bem certo... é que se conquisto Monte Castello.

Douglas: humhum.

Benedito: Assim mesmo por que era uma força ponderável, por que... eram vanguarda.

José: batalhão veio, batalhão veio o nosso pra descança... dois bota, veio... e eu e o outro da área de comando (não entendi) deixa o império rolando subi, de ligação, subi e... móvel (risos) deixa o império rolando, móvel... Então eu fui enviado de manhã... eu fui roça com (não entendi) lá na igreja subir. E a gente foi convocado, dois, no São Paulo, tava na casa da namorada e tinha democracia, mais de tanto soldado de tanto se recuando, acho quando nós, eu rodeava viu, aquela que tava melhor que tava fácil (risos) melhor tava a (não entendi) o batalhão recuou (não entendi) e quase nois dançamo naquela... o batalhão recuando já ouviu? Aquele batalhão que recuou em Monte Castello (José dos Santos possui muita dificuldade na fala).

Benedito: batalhão?

José: Batalhão que recuou do Giovani... deixo abandonado o flanco, se lembra disso?

Benedito: Vocês tão entendendo o que ele ta falando?

Douglas: Batalhão que recuou na tomada de Monte Castello.

Benedito: Quais os batalhão.

Douglas: É.

José: deu uma recuada.

Vicente: O que ceis tão vendo é o onze, onze RI.

Douglas: onze RI.

Benedito: O batalhão. O terceiro batalhão o meu... e o terceiro ataque houve... um outro regimento, um outro batalhão... mas dando cobertura, fizemos... isso ai é algo meio complexo.

Vicente: Então mas é que... Oh Andrade se era da oitava companhia?

Benedito: Eu era da nona.

Vicente: Ah da nona.

Benedito: Terceiro batalhão da nona... oitava era o Campello... mais eu, eu

Vicente: To com um documento aqui de um amigo meu de infância ele tava na oitava companhia.

José: Qual deles?

Vicente: O Oliveira foi recebeu... de carro foi convida (não entendi) lá na frente de combate.

Benedito: Quando é que houve o documento dele?

Vicente: Chego do Rio deu uma bebedera no pessoal na Central (não entendi) daí eu mandei pega o documento dele que ele era (não entendi) Daí o... ele mando traze os documento dele tudo comigo... mais daí nun veio, num veio as comida pra esconde, o capitão Silva Prado, Silva Prado era o capitão que cuidava da artilharia... ele tava no governo do Jango.

Benedito: Quem era o capitão.

Vicente: capitão Silva Prado.

Benedito: há.

Vicente: Daí o... eu falei pro capitão Silva Prado: “o seu documento ta ai (não entendi) e pro ataque (não entendi) faça o favor tem hora que o... sai daqui nomeado, nomeo pro ce sai daqui... daí o... o Oliveira veio. Não veio. Vai ver quem fico lá... fico no começo do (não entendi) num sei como é que, como é que eles arranjar pra receber o... beneficio... não sei... por que o irmão dele foi duas vezes lá depois que ele tava recuperano, duas vezes e não falo com o me, eu pó coincidência não consegui, ta comigo aqui, ta tudo aqui. Aque vê (Vicente falou muito rápido).

Douglas: Bom... depois de Monte Castello quais os outros... pontos que tiveram, por exemplo.

Benedito: Ai fomos pra (todos começam a falar ao mesmo tempo).

Douglas: Torre de Nerone, Castel Nuovo, Soprassaso.

Vicente: foi, foi em Soprassaso.

José: Ah... pro ce te uma idéia o...

Vicente: Ai conquistamo lá... e dali, e dali tinha uma tinha rede de pesadelhas que eles conseguia fazer que eles tavam bem de rende... por que atrás daquele morro... passava uma das... rodovia importante que ia pra França, ia até pra (não entendi) pois a rodovia defendia tudo quaque jeito, ce perdia a saída.

Benedito: É uma

Vicente: Como aconteceu... eles perdero ela na ofensiva... cabo com eles, cabo que daí... eu fui no... com um grupinho quando fomos e pegamos os alemães lá... fomos lá e pegamos, terceiro batalhão de um lado, segundo do outro e o primeiro ali... e o primeiro dano assistência, sempre assistencia... não viu o jipe se aterrano no brejo... e o tanque era assim daí um grupinho nosso da minha companhia (não entendi) meu grupinho... difícil (não entendi) quando foi dois daqui a pouco ele tava “desce”, e o tanque tava vaziu, ai quando ele desceu já correu pra ir pro tanque, que depois sobe (risos) a terceira reuniu, fecho o pessoar, fecho por que não podia sai de jeito nenhum. Fecho uma baixada ali que ele não conseguiu mais nada, não tinha como sai dali, não tinha como... ele tava com ela fogo em cima, ele ia pro lado fogo em cima... ai na hora que ele ia sai, tava voltano. Ai chego o tanque, a artilharia chego, ai começamo senta fogo lá naquele buracão de terra preta... senta fogo lá, fogo lá... ah.... abriro o bico.

(Benedito e Vicente riem)

José: (não entendi)

Vicente: abriro o bico e... vazaro ...(não entendi)... vão se entrega e entrega esse armamento, até quantas horas... se até quantas horas nu.... resolve... passo o horário, passo o horário num resolveu , fogo! (gargalhadas)

José: (não tem como entender o que ele fala)

Vicente: ...revolve de monte lá... fuzil aqueles fuzil novinho assim dava tiro assim e quebrava u-u... quebrava a coronha e jogava ti-ti tinha no meio, um aterro, então tinha u-u uma vala do aterro em!

Benedito: (fala ao mesmo tempo)

Vicente: cheia de arma jogada... até não é o baxada... que é o aterro... então tinha uma valeta uma-uma-uma-uma onde eles tirava terra pra fazer o aterro, por causa de se baxo ... fico lá coberto de arma, e ia jogano arma no-no-no-...

Benedito: Isso em Fornovo?

Vicente: É Fornovo? É Fornovo di Taro é,

Benedito: Ah!Fornovo di Taro

Douglas: O Senhor também teve... em Soprasasso que nem...e, o Senhor também teve em Soprasasso?

Vicente: (não entendi)

Benedito: Teve aonde?

Vicente: Soprasasso.

Douglas: Soprasasso.

Vicente: Era a frente nossa aqui.

Benedito: eu vô lhe da alguns aqui que... se disse todo... os combate do sexto teve, eu teve...mais os principais é... eu tive em Massarrosa,Camaiore,

Vicente: Massarrosa.

Benedito: Monteplano, Borgobossano,

Vicente: Monte Fiano.

Benedito: Castelnuovo, Montese, Zocca, Colechio... Respisio, Fornovo di Taro... tive...tive... em Áfrico... tive co,

Vicente:(não entendi)

Benedito: Roca Corneta

Vicente: Pedra Colores

Benedito: Ah? Pedra Colores... em Fornasi di Barga,tive em Barga Galicano, tive em Galicano, é impossível lembra tudo, mais eu tive em tudo-tudo tudo em todos que o sexto teve eu tive(risos)

Vicente: batalhão que mais participaro foi o tercero

Benedito: É, foi o tercero batalhão do sexto... tinha o nome de batalhão Navaia

Vicente: É (risos).

Benedito: porque por que u... Major... (não entendi- todos falam juntos) num arrogo de entusiasmo, pelo-pelo: “ esse-esse é o meu batalhão Navaia. É... (risos).

Vicente: (risos)

Benedito: Mais era bravo... lembra?

(pausa).

Vicente: Eu fui como primero homem na volta encontrei mais dois, ele me deu um esculacho(risos- não entendi)... eu fui lá procura o pelotão... tinha, de-desse amigo meu....(não entendi) escreveu pra procura eu... eu sabia que ele tava lá na Torre de Nerone.... tava, tava co uma... tinha uma capela, uma igreja... até co, ele acho co- co grupo dele lá dentro da(não entendi)

Benedito: Tercero, Shirley

Vicente: Tava cheio de buraco, cheio de buraco, é (risos)... então eu fui lá sabe, eu falei: “não u... o Oliveira ta lá em baixo, ele foi pedindo a cabeça, então... eu era da comunicação... Eu disse... decide, co foi desceno co-co-co(soluçou) co-co-co o coronel Silvera: “oh (não entendi) ta! (gargalhadas)... ai ai... que cascudo, (imitando o coronel)“eu ia te dize em, Deus queira(não entendi), se volta aqui eu juro por Deus

B: Naquelas,naquelas....

Vicente: (risos) É...

Benedito: Naquelas posições que a gente tava espalhado... as vezes, as vezes de noite co-co-co começam a noite, quando menos esperava tava lá o Major Silvera perguntano da gente como é que ta... ele andava sozinho por aquele setor

Vicente: É

Benedito: Com uma metralhadora(não entendi)

Vicente: Éra o Navaia, e o navaia...

Benedito: Ele era valente.

Douglas: Ele era companheiro.

Vicente: :Ele era ferrado

José: (não da pra enterder)

Douglas: E nesses lugares que a gente falo aqui seria co- qual teve apoio da F.A.B na maioria, da aviação em todos eles?

Vicente: A F.A.B teve, a F.A.B só deu apoio... foi no Monte Castelo uma semana... neles (olha como quem pergunta ao Seu Tico)

Benedito: É

Vicente: Monte Castelo... uma semana, foi só lá, que eu me lembre foi só lá...ele bateu a semana intera metralhano e jogando bomba...ah... ele não joga até lá eu ia espera (gargalhadas)

José: (quer falar mas não consegue)

Benedito: Bombardiaro uma semana os alemães...

Vicente: (gargalhadas) É ruim em...

Benedito: Um serviço extraordinário

Vicente: o único lugar que-que eu vi foi lá.

Benedito: É.

Vicente: Lá não vi mais, lá não...

José: O comando Matarosa ta sonhano... a frente é ampla né (não entendi)

Benedito: Senta pua...

Douglas: É... houve bastante brasileiros feito prisioneros pelos alemães?

José: É... vinte e dois né.

Vicente: Como?

José: prisionero é vinte e dois

Benedito: Prisionero?

Douglas: vinte e dois brasileiro feito prisionero pelos alemães o Senhor falo?

Benedito: Eu não sei quantos mais na minha companhia houve dois prisionero...

José: É tem u...

Benedito: Sei até o nome deles

José: (não entendi) o ministério tinha comunicado que tinha vinte e dois prisionero (não entendi) e o Eliseu o resto eu não sei quem é...

Benedito: Na minha, na minha companhia houve dois prisionero... o Andrezinho e o Purtuguêis

José: É

Benedito: U...Eram cozinheiro... eles a os-os alemães , a patrulha alemã atravesso a nossa linha(não entendi)... foi lá na guarda, fez os dois de prisionero, levo... um foi pra, um foi pra Alemanha limpa trilho... o Andrezinho... e o outro(não entendi) banco de caminhão dos alemães... caiu, caiu do-do do caminhão

Douglas: (risos)

Benedito: Numa noite muito escura, ninguém viu... ele-ele fugiu foi se encorpou aos partizan na montanha, e guerreou até o fim da guerra na montanha

José: (não entendi)

Benedito: O Purtugueis. (risos)

Vicente: (risos)

Douglas: Eliseu é de São José dos Campos

José: Em?

Douglas: Eliseu é de São José

José: Como, em?

Douglas: Eliseu, Eliseu de Oliveira

José:Oh Eliseu é o seguinte, Eliseu de Olivera era da minha companhia

Douglas: Ele mora em Santos.

José: Em?

Douglas: Ele mora em Santos... ta morando lá em Santos agora

José: Oh Eliseu!...

Douglas: É Eliseu... ta morando lá em Santos agora...é, deixa eu vê como que era o soldado... soldado... alemão?

Benedito: ... Bravo! Disciplinadíssimo

Douglas: É

José: (não entendi)

Vicente: Ele fa- e-e-eles era muito bravo na frente, por que... se pega-se(não entendi) ai ele ficava que-que, ele afinava...

Douglas: (risos)

Vicente: Ai punha a mão na cabeça aqui não tirava de jeito nenhum

Douglas: Afinava.

Vicente: Afinaro.

Benedito: (não entendi- Vicente fala ao mesmo tempo) de Fornovo... seiscentos prisioneiros da Alemanha... tudo desarmado naturalmente por que eram prisioneiro... e nós levamo né... apresentei a pé, de Fornovo di Taro, até vinte e cinco quilômetros atrás, a pé... tinha um Subtenente na frente comandando esses seiscentos homens, eu-eu a minha-minha ordem eu dizia pro-pro Subtenente... que falava italiano... e ele dava ordem p-pros prisioneiro... ele-ele eu tive a oportunidade de-de de conversa com diversos deles... alemães que também falavam pur- italiano...no horário determinado... seiscentos homens... eles co- quando dava o alto horário de dez minutos, falava pro Subtenente, Subtenente fora de forma eles sumiram... parecia que não havia mais ninguém ali daqueles que se entregaram... quando passava dez minutos eu falava: “ pode coloca-los em forma que eu vou vê... Subten, dava um grito, eles estavam todos no mesmo lugarzinho onde estiveram antes de sair. Eu constatei isso por que naqueles mesmo lugarzinho eu ia falar pra esses... pra esses alemães que falavam meio italiano(não entendi)

Douglas: O Senhor falou já... da resistência da-da

Benedito: Viu vê se você vai rápido nisso por que... né

Douglas: Mais o Senhor já respondeu já da-da

Benedito: Faz umas perguntas mais objetivas aí pra gente poder

Douglas: E depois e depois da rendição, da rendição dos alemães é qual os lugares que teve?

Vicente: Ah foi fazer ocupação né e fazer do-do-...

Benedito: Ah aí foi só passar só... eu tive Genova, tive no Norte da Europa, tive na rendição dada-da...da frente da cento e quarenta e oito divisões, eles deixaram muito carro... civis, fez... eles requisitavam dos italianos os carros na campanha... pra guerra pra eles

né... mais eles se renderam e entregaram os carros todos... a então

Vicente:Arma tudo

Benedito: Então os pracinhas... e

Vicente: (risos)

Benedito: alguns né

Vicente: cataro

Benedito: Era vivo... pegaro um carro daquele... e sairo pela Itália, no Norte da Itália, por que tinha os pontos de gasolina era-eram do, era da-do... dos americanos, era dos aliados que um... praça... e gente chegava no posto , tinha farda de-de-de-de aliado eles enchiam não querem sabe de

José: (não entendi)

Benedito: (não entendi) passeava (risos).. passamos pelo norte da Itália, eu tive em Genova tive é... Alexandria

Douglas: É... u... o embarque como é que foi na volta, come que a F.E.B foi recebida aqui no Brasil?

Vicente: Ah foi uma festa né... foi uma festa

Benedito: nunca vi...

Vicente: Festa no Rio, festa em São Paulo

José: Quando chego no Rio, quando chego no Rio, coronel falo assim: “ olha eu quero uma... coluna de doze impecável...(não entendi) começo desce começo desce, uma palhaçada, pessoal invadiu, pessoal da tarde, invadiu, se lembra daquela avenida Rio Branco (não entendi) caiu um no outro (não entendi)

Benedito:(risos) Nós esperamos no navio... eu não sei quanto mais eu calculo... uns deiz quilômetros pra chega no porto... começaro a chega os-os barcos encontrando com agente

José: É.

Benedito: Barcos esportivos, barcos e lanchas, soltano foguete, estorano tudo

José:Hum!

Benedito: Foi uma recepção... espetacular... eles vinham acompanhando, gritando e...até desse... Ai desfilamos as coisa e... e por último íamos pra recepção, eles vinham acompanhando, gritando por que até desceno fogo.

José: (risos)

Benedito: E desfilamo as coisas e... foi muito bonita a recepção.

Douglas: O que cada um fez depois da guerra? Que o senhor fez depois da...

José: Eu voltei a ser cobrador de ônibus... lá em São Paulo.

Vicente: Eu não entendi o que ocê falo.

Douglas: Ah... o que o senhor fez da vida depois que acabou a guerra?

Vicente: Trabalha (risos).

Benedito: (risos).

Vicente: Eu fiz um serviço na Dutra no centro de saúde, fiquei vinte e seis anos lá... depois quando veio...

Benedito: A pensão?

Vicente: A pensão... eu perdi, depois de, depois de aposentado eu perdi a pensão do Estado.

Benedito: (risos) E o engraçado é que eu nem tive pensão... eu cheguei a pedir, olhei os direitos, me formei advogado, exerci a profissão, não tive pensão nenhuma.

José: Não teve pensão?

Benedito: Não tive pensão nenhuma.

Vicente: Quarenta e um ano depois rapaiz, depois de tanto trabalha eu perdi (não entendi) perdi. Eu cheguei depois de... quarenta e um anos pra sai... e o pessoal que ficaro na praia aqui... ao invés de receber a mesma coisa do nosso como expedicionário da FEB da... recebia e ainda recebia do INPS e gan... tinha dois pagamento. Tive que desisti, de caráter irreversível... se não sai.

José: É nois dançamo.

Douglas: A pensão o senhor recebeu quando?

Vicente: Quando que eu recebi?

Douglas: É.

Benedito: O que que foi?

Douglas: Quando veio a pensão do exército?

(todos riem)

Benedito: Não pensão aqueles que não reformaro, aquele que não tinha coisa, deram pensão muito tempo depois.

Vicente: Nossa quarenta e um anos.

Benedito: Ah?

Vicente: Quarenta e um anos.

Benedito: Então...

Douglas: Qual foi a importância pra cada um da participação do Brasil na guerra? Pro senhor?

José: Ah (risos).

Benedito: Primeira: a mais importante foi que nois ganhamo a guerra NE... e houve um aliviu nos países que tinham a ditadura.

José: mas é... a Alemanha se você olha no mapa... a Alemanha (não entendi) que se vencesse a guerra ia pra São Paulo pra baixo eles (não entendi) e o Brasil que era uma ditadura.

Douglas: Cabo a ditadura.

Benedito: Cabo. Eu agradeço é a... o interesse.

Douglas: Ah desculpa a amolação.

Benedito: Ah?

Douglas: Desculpa a amolação.

Benedito: Ah sim, assim continua-se todos perguntando o que que a FEB fez é... por que a... hoje no Brasil.. é um, é um... é uma omissão quanto ao trabalho da... da FEB na Europa. Nas escolas infelizmente não ensinam.

José: não.

Benedito: É ninguém é obrigado a aprender se ninguém ensina. Então a um desinteresse quase que geral da participação da FEB.

José: Só nos militares não.

Benedito: A não ser os militares. A ala, a classe castrense nos quartéis... eles tem muito interesse pelo ex-combatentes.

José: É.

Benedito: Se tem um lugar que participamos (não entendi) é nos quartéis, por que no meio civil não a interesse pela FEB.

Anexo – 8**Depoimento de Amynthas Pires de Carvalho****Disponível em: [HTTP://www.anvfeb.com.br](http://www.anvfeb.com.br)**

O dia clareava. Quase 36 horas antes, os 5.075 homens do Primeiro Escalão da Força Expedicionária Brasileira já haviam embarcado no navio norte-americano General Mann, do Serviço de Transporte Naval (Naval Transportation Service). Embora houvesse, coletivamente, perfeita ordem entre a soldadesca, havia, individualmente, aqui, ali e acolá, no íntimo de quase todos, certa estranheza e alguma impaciência diante daquela imobilidade.

Às 6 horas da manhã, em ponto, sentiu-se, subitamente, o fremito do navio ao se movimentarem os potentes motores nas suas entranhas. Aos poucos, lentamente, como um gigante que acorda, espreguiça e sacode seu torpor, o grande barco pôs-se a deslizar pelas águas. Não tardou muito, e o aumento da velocidade começou a ser sentido.

Tudo ao redor parecia ainda adormecido, mas à medida em que o navio avançava pela Baía da Guanabara, a impressão que se tinha era que mar e terra acordavam e estremeciam como que sacudidos pela trepidação da grande nave. Mais à frente o navio passou pelo Forte da Laje e, logo depois, pela Fortaleza de Santa Cruz, onde, lá no alto de suas muralhas, formava-se sua guarnição para saudar aqueles que partiam naquela histórica e patriótica missão.

Mais ao longe, vislumbrava-se os vultos imponentes dos três destróieres da Marinha do Brasil que iriam escoltar o General Mann na sua travessia do Oceano Atlântico.

Foi no momento de transpor a barra da Baía de Guanabara que surgiu aos meus olhos o Cristo Redentor, no Corcovado, já plenamente iluminado pelo sol. Seus braços abertos me deram alento. Tive a sensação de ver na sua fisionomia serena e paternal um sorriso meigo e de ouvir de seus lábios a sublime prece. " Que Deus vos acompanhe, meus filhos! "

Daí a pouco, estávamos fora da barra. Via-se Copacabana, lá longe, o sonho de tantos e já a saudade de todos, afastar-se e esvaír-se no horizonte.

Esses arrebatamentos de despedida foram quebrados por uma revista de todo o pessoal embarcado. Era imperativo ter a certeza de que todas as medidas e precauções de segurança e de prontidão contra naufrágio e incêndio fossem tomadas e rigorosamente cumpridas. Assim que o navio começou a entrar em alto mar, aguçou-se em toda a tropa a percepção de que não só íamos para a guerra mas, efetivamente, estávamos em guerra.

Percebeu-se um avião que, em círculos cada vez mais fechados sobrevoava o navio, dando a impressão de que procurava uma posição mais favorável para atacá-lo. Atrás de si, rebocava um planador-alvo, conhecido como "biruta". Iniciou-se, então, um exercício de defesa antiaérea. A artilharia do navio começou a disparar fogo cerrado contra a "biruta" que, em segundos, virou frangalhos.

Embora os artilheiros tivessem demonstrado sua destreza ao acertarem o alvo "na mosca", por assim dizer, fiquei a imaginar a possível extensão da destruição e tragédia que, certamente, ocorreriam se um navio, como o nosso fosse atingido, afundando com algo em torno de 6.000 homens dentro do seu bojo, principalmente ao se considerar-se que, aproximadamente, dois terços desse efetivo se encontravam alojados em compartimentos abaixo da linha de flutuação. Mesmo sabendo que quem está na guerra está sempre sujeito a situações desse gênero, não é nada agradável ter pensamentos como esse.

E, assim, o General Mann foi singrando as águas do Oceano Atlântico a uma velocidade média de 30 milhas marítimas por hora, ou seja, aproximadamente 50 quilômetros por hora. Quando chegou à altura do paralelo de Recife, anunciou-se que a escolta dos destróieres brasileiros seria substituída por uma Força-Tarefa da Marinha dos Estados Unidos, composta pelo cruzador Omaha e dois destróieres. Isso se tornou evidente quando se pôde ver na linha do horizonte as silhuetas desses navios. A mudança da escolta foi marcada por uma cerimônia marítima.

O General Mann cruzou o Estreito de Gibraltar. Ao entrar no Mar Mediterrâneo sentiu-se logo um alívio geral, pois com as águas mais calmas, o navio já não jogava e sacudia tanto quanto no Oceano Atlântico, o que fazia quase todos ficarem mareados e vomitarem quase o tempo todo.

Nápoles, 16 de julho de 1944.

Por fim, por volta das 9 horas da manhã, o General Mann chegou à Baía de Nápoles. Lentamente, o navio foi se aproximando do cais do porto em escombros, pontilhado de embarcação nos mais variados estados de destruição, mas não foi isso que mais me chamou a atenção. Ficamos impressionados com as centenas de balões cativos, presos a seus cabos e balançando no ar, com a finalidade de impedir o vôo baixo de aviões inimigos.

O desembarque teve início às 13:30 horas. Mal desembarcamos, fomos informados de nosso acampamento ficava na localidade de Agnano, a uma distância de um pouco mais de 20 quilômetros de Nápoles, e que para lá, deveríamos seguir imediatamente. Lá o Exército

dos Estados Unidos havia estabelecido um ponto de reunião e distribuição de tropas, denominado Staging Area 3, localizado na cratera de extinto vulcão, o Astronia. Para chegarmos a esse ponto, teríamos que percorrer cerca de 25 quilômetros, sendo 8 quilômetros a pé, e o restante do percurso por via férrea. Por volta das 14:00 horas, iniciamos a marcha de 8 quilômetros para chegarmos à estação ferroviária de Bagnoli onde deveríamos tomar um trem da Ferrovia Dello Stato, para nos transportar, por mais 17 quilômetros até Agnano.

No mês de julho já se fazia sentir o verão europeu. O calor era intenso e ainda tínhamos as pernas bambas do confinamento e do bamboleio do navio. A caminhada feita por mais de 5.000 soldados logo atraiu a curiosidade popular. Ao nos ver sem qualquer garbo militar, desarmados e desequipados, com a aparência cansada e macambúzia, andando a passos trôpegos, foi motivo para que muitos indagassem: "Sono prigioneri?" e que outros gritassem com sarcasmo: "*Brutti prigioneri tedeschi!*" Alguns chegaram até a nos jogar pedras.

Posteriormente ficamos sabendo que essa animosidade se deveu a uma suposta semelhança, à distância, de nosso uniforme verde-oliva com o uniforme cinza-esverdeado do Exército Alemão.

Quando, enfim chegamos à estação ferroviária em Bagnoli e assim que desembarcamos, recebemos o comunicado de que não existiam barracas armadas ou para armar em Agnano. Com efeito, não havia quaisquer instalações para nos receber. Não havia cozinha. Não haviam banheiros. Mal haviam instalações sanitárias e três tendas para os comandantes. Para a tropa, mal havia o chão para deitar e o céu de cobertura. Aparentemente, houve mal entendido nas comunicações entre os diversos comandos norte-americanos na região. O transtorno, foi causado exclusivamente, pelos norte-americanos, mas, como sempre, alguém tem que "pagar o pato", fomos nós os soldados, que sofremos as conseqüências. Na verdade, não se tratava de falta de equipamentos e suprimentos - que existiam em abundância! Não muito longe dali, em Caserta, sede da base de operações norte-americanas, conhecida pela sigla PBS (Peninsular Base Section), havia grande depósito de todos os tipos de materiais.

Estou certo de que, se os meios tivessem sido colocados à nossa disposição, teríamos resolvido o problema e as barracas estariam armadas e prontas antes do cair da noite. A burocracia americana, no entanto, se mostrou irremovível, e já estava decidido que a correção da falha só se daria no dia seguinte.

O terreno onde passamos a noite ficava no fundo da cratera do vulcão extinto, numa depressão bem abaixo do nível do mar. Embora fizesse calor durante o dia, a noite que passamos ao relento foi gélida. Foram dez longas horas de frio intenso. Os homens se acomodaram como puderam no chão, embrulhados em capotes e mantas inadequados para as condições prevalecentes.

No fim das contas, como diz a sabedoria popular, todo mal tem sua compensação, e restou-nos, pelo menos, o alívio de estarmos livres do aperto e do ar viciado dos porões do navio. Apesar dos pesares, nos sentimos reconfortados por termos chegado relativamente inteiros ao nosso lugar de destino, e estarmos em contato direto com a natureza, podendo respirar, a plenos pulmões, o ar fresco da noite, liberto do confinamento da viagem marítima.

Passei uma noite atribulada, tiritando de frio e sujeito ao desconforto de deitar no chão duro e desigual. Mal madornava, intermitentemente, tomado pelo cansaço e torpor. Eis que, numa dessas madornas tive um sonho aflitivo - ou melhor dito, um pesadelo! Sonhei que havia entrado em combate ali mesmo onde estava e fui capturado pelos alemães.

Ainda no Brasil, ouvia sempre dizer e cheguei a ler relatos de que os alemães eram cruéis para com seus prisioneiros de guerra. Aplicavam as mais cruciantes torturas para extrair-lhes informações, não os alimentavam, e os impunham trabalhos forçados e pesados. É comum dizer que pouco se sabe a respeito do significado dos sonhos, mas acredita-se que possam ser a previsão do que, inevitavelmente, virá a acontecer.

Esse é o motivo pelo qual, até hoje, relembro e chamo aquele pesadelo "O Oráculo de Astronia".

O tempo que passamos em Agnano nos afigurava como uma eternidade. Ficamos a cismar se não estávamos condenados ao confinamento - o confinamento no navio durante a viagem e, agora, o confinamento na cratera do extinto vulcão. Nada nos disseram e, estagnados ali, começamos a sentir que de lá os cinco mil e tantos homens recém-chegados voltariam ao Brasil, sem mais nem menos, sem cerimônias, numa verdadeira aventura inútil.

Por fim veio a boa notícia de que deveríamos nos deslocar para a estação ferroviária de Bagnoli, de onde as composições nos transportariam até um local chamado Cecina, a cerca de 150 quilômetros de distância, passando por Litoria, Civitavecchia, Grosseto, Caserta, Cassino e, dali, por comboio de caminhões, até Tarquinia .

Foi assim que, no dia 5 de agosto de 1944, todo o escalão avançado da Primeira Divisão de Infantaria Expedicionária, referida apenas como 1ª DIE, nome dado ao Primeiro Escalão da

Força Expedicionária Brasileira, se estacionou em Tarquinia com a totalidades de seus efetivos de homens e meios.

Tarquinia aparecia como se fora uma coroa no topo de uma altaneira formação rochosa, com encostas recobertas de bosques de oliveiras, e pitoresca vista para o Mar Tirreno. É uma cidade antiquíssima, que remonta ao século 12 ou 13 Antes de Cristo, quando era habitada pelos etruscos. Ao contemplarmos o mar, éramos tomados pela saudade do Brasil, nostalgia essa que era logo contrastada pela certeza de que esse mesmo mar era o caminho de volta ao lar.

De Tarquinia partimos para região designada para nosso verdadeiro adestramento de guerra. Em Vada, distante cerca de 200 quilômetros ao norte, e, no máximo, 25 quilômetros da linha de frente na ocasião.

O deslocamento para Vada, de caminhão, foi marcado pelo que se pode considerar o primeiro acidente de maior monta sofrido pelas tropas brasileiras. O deslocamento foi feito à noite. Num certo trecho, em estrada estreita e tortuosa e terreno íngreme, o motorista brasileiro de um dos caminhões, ao cruzar um caminhão americano, foi ofuscado pelos faróis à sua frente, perdeu o controle e a viatura desgovernou-se e tombou numa ribanceira. Na queda, o motorista foi esmagado pelo caminhão, e um capitão, que vinha a seu lado, ficou gravemente ferido. Os 24 soldados que compunham a tripulação sofreram ferimentos variados, de menor gravidade. A coluna não podia parar. Por isso, os feridos lá ficaram, aguardando socorro, que só veio horas mais tarde para levá-los ao hospital mais próximo, em Grosseto.

Em Vada ficamos estacionados nas proximidades dos bosques de Cecina, na mesma área em que ficavam os imensos depósitos de materiais norte-americanos, a céu aberto. Do local onde estávamos, já podíamos ouvir nitidamente e distinguir o troar de canhões dos mais variados calibres. Foi, por assim dizer, nosso batismo auditivo da guerra.

Região de Vada, Tarquinia, 18 de setembro de 1944.

Finalmente chegou o dia do nosso verdadeiro batismo de fogo.

As tropas brasileiras que entraram pela primeira vez em ação na Itália recebeu a denominação de Destacamento FEB, sob o comando do General de Brigada Euclides Zenóbio da Costa, e diretamente subordinado ao 4º Corpo do Exército norte-americano. De 15 para 16 de setembro de 1944, o Destacamento FEB iniciou suas operações, em substituição a um batalhão americano. A marcha para o combate se deu numa ampla frente entre o Mar Tirreno e o rio Serchio, em terreno acidentado e rochoso. Avançando com o

ímpeto impulsivo característico do General Zenóbio da Costa, as forças brasileiras atacaram e tomaram a cidade de Camaione, com uma população de aproximadamente 5.000 habitantes, na época, apesar da intensa oposição de fogos de artilharia e de morteiros oferecida pelo inimigo. Essa conquista foi muito significativa para o eventual desfecho da campanha na Itália, pois contribuiu para aliviar a pressão na frente de Florença e para dar seqüência ao avanço em direção ao norte.

Após a conquista de Camaione, o Destacamento FEF continuou avançando numa frente que se alargava por 12 quilômetros, já nos contrafortes dos Montes Apeninos, com elevações de 600 a 1.300 metros, cujos pontos altos estavam ocupados pelo inimigo, muito bem posicionados, com ninhos de metralhadoras e apoio de numeras seções de morteiros.

As operações do Destacamento FEB eram marcadas por constantes encontros de patrulhas. Tomei parte de muitas dessas patrulhas. No cômputo geral, os brasileiros sempre levaram vantagem sobre o inimigo. Além desses entrechoques, o inimigo nos fustigava constantemente, o que nos fazia, em muitas ocasiões, procurar abrigo debaixo de qualquer coisa que desse proteção, até debaixo de mesas, principalmente quando íamos comer nossas rações.

Eram raros os momentos de calma. Lembro-me bem que, numa tarde, num desses interlúdios, aproveitei para tomar um banho numa das casas de italianos que havíamos ocupado no transcorrer das patrulhas. Enquanto me deleitava com essa restaurativa ablução, já todo ensaboado, os alemães acharam por bem pôr cabo à minha tranqüilidade com uma violenta tempestade de tiros de morteiros. Mal consegui vestir a cueca e sair à busca de abrigo. Logo notei que um dos membros da família, um senhor aparentando uns 70 anos, havia sido atingido no ventre, por um estilhaço de projétil de morteiro. Sangrava profundamente, e ficou recurvado, gemendo de dor. Nesse instante, ouvi vozes que vinham de outra dependência da casa. Eram as vozes das netas do ferido que, aos prantos, gritavam, "nono! Nono!" lembro-me bem da localização desta casa - Via Cesare Battisti, nº 29. Parece que foi ato da Divina Providência. Os alemães deram uma trégua. Volta e meia, sem que eu a procure ou queira, a cena se reproduz em minha mente, com muita nitidez e em cores vivas: Eu, seminudo, ensaboado, com um homem ferido nos braços, entregando-o aos cuidados de suas netas. Só não ousei ficar para ajudar nos curativos, ao optar pelo dever de soldado, e voltar logo a meu corpo de tropa, em vez do dever humanitário.

Região de Barga, Toscana, 22 de setembro de 1944.

Convencionalmente, os dias santos, e feriados e outras efemérides de grande importância e significado aparecem nas folhinhas e calendários em vermelho. Que cor devo eu escolher para o dia 22 de outubro de 1944, o dia que deu início a uma das passagens mais marcantes e trágicas de minha vida?

Pois bem, no dia 22 de outubro de 1944, foi-nos dada a missão de fazer uma patrulha de reconhecimento, com um efetivo de 19 homens, para determinar a posição dos alemães à nossa frente. Eu fazia parte do grupo do Sargento José Caporicci. Saímos às 2 horas da madrugada. Chovia bastante. O terreno era acidentado. Tivemos que avançar lentamente, não só por causa do mau tempo e das condições topográficas mas, também, pelas precauções que tínhamos que tomar. Estávamos alertas para possíveis encontros com patrulhas inimigas e, em especial, para evitar dispositivos que poderiam disparar alarmes e revelar nossa presença. Fios disfarçados e quase invisíveis para acionar minas, e outros artefatos colocados pelos alemães.

Nessas circunstâncias, levamos mais de sete horas para percorrer um trecho que, normalmente, poderia ser percorrido em menos de uma. Por fim, alcançamos o vilarejo de Galicano, na região de Barga, na Toscana. Já, nessa altura, eram 7 horas da manhã. Deparamo-nos com um grupo de mulheres que acabavam de sair de uma igreja, onde haviam assistido à missa. Quando nos viram, elas logo notaram, pelo uniforme e distintivo, que éramos brasileiros. Colocaram as mãos na cabeça, em sinal de rendição, e quase cochichando puseram-se a gesticular e apontar com os polegares voltados para a retaguarda, enquanto diziam: *Tedeschi! I Tedeschi! Sono vicini! Molto vicini! Guarda!*

A patrulha era comandada pelo Segundo Tenente Manoel Barbosa da Silva, que, além de não dar ouvidos às advertências das mulheres, voltou-se para nós e disse que se algum de nós tentasse correr, ele atiraria para matar. Porque fez essa ameaça, ninguém sabe e nem jamais ficará sabendo, pois não havia passado pela cabeça de nenhum de nós deixar de cumprir com o nosso dever.

Com efeito, jamais se poderá saber porque o tenente agiu como o fez logo em seguida. Coragem? Bravura? Destemor? Ignorância? Incompetência? Desconhecimento de táticas militares? Falta de bom senso? O fato que foi que, sem procurar cobertura, avaliar a situação do terreno, colocar a patrulha em posição de combate, o Tenente Manoel Barbosa da Silva, sem procurar cobertura, sem avaliar a situação do terreno, sem colocar a patrulha em posição de combate, avançou uns 200 metros e, em pé, pegou o binóculo e vasculhou o terreno, da esquerda para a direita, e da direita para a esquerda. Ele deve ter localizado os

alemães, porque pegou a carabina M1A1, geralmente fornecida aos oficiais e, em pé como estava, apontou e atirou.

Foi a mesma coisa, como se diz no interior de Minas Gerais, que "futucar caixa de marimbondo caga-fogo com vara curta". Os alemães começaram a disparar fogo cerrado contra nós. O Tenente Manoel Barbosa da Silva recebeu um tiro de fuzil no meio da testa e teve morte instantânea. O Sargento José Ferreira de Barros Filho e três soldados que estavam ao lado do tenente e presenciaram sua morte, lançaram-se ao chão e rastejaram, arrastando com eles o tenente morto, e conseguiram alcançar uma cocheira, cuja entrada ficava bem em frente dos alemães.

Mal o sargento e os três homens que o acompanhavam penetraram na cocheira, os alemães lançaram sobre a mesma uma descarga de tiros de fuzis, metralhadoras, morteiros e granadas incendiárias, ao mesmo tempo que iam se aproximando para invadí-la. A cocheira, que era de madeira e, além disso, deveria estar cheia de feno seco, virou um inferno de labaredas num piscar de olhos. Nossos homens, por milagre, conseguiram sair ilesos, mas tiveram que deixar para trás o corpo do tenente.

Muito tempo depois, me deram a notícia de que, do desafortunado tenente, mal encontraram, em meio ao carvão e as cinzas, a arcada dentária e as placas de identificação.

Neste meio tempo, nossa artilharia, percebendo as explosões, lançaram uma barragem de tiros sobre o local. Na esperança de escapar, pedi a proteção de Deus e saí rastejando. Balas zumbiam em todas as direções, e cascas de árvores caíam sobre mim como um temporal de granito. Não consegui progredir muito porque notei a presença de um pelotão de austríacos entrincheirados logo à minha frente. Passei umas duas horas procurando uma brecha para escapar. De repente, fui abordado, por trás, por um oficial alemão com uma pistola automática em punho. Apontando a arma para a minha cabeça, perguntou:

-Amerikaner?

-Brasileiro! - respondi.

O oficial tomou-me o fuzil Springfield e fez com que eu o acompanhasse.

Segundo a sabedoria dos ditados populares, ninguém morre antes do dia. Naquele dia, de funesta memória, tanto eu com o oficial alemão poderíamos ter morrido. Quando ele me apanhou, de surpresa, por trás, poderia ter-me executado, incontinentemente, com um tiro na nuca, sem qualquer cerimônia ou preliminares. Com efeito, não era incomum matar prisioneiros de guerra, a sangue frio, mesmo desarmados. Tanto os alemães quanto os aliados, principalmente os russos, o fizeram com freqüência. A bem da boa verdade, há relatos de que soldados brasileiros mataram, sem mais nem menos, prisioneiros alemães, já

com os braços levantados para se renderem. Eu também poderia ter matado o oficial alemão. Inexplicavelmente, ele me tomou o fuzil, mas não me fez entregar a baioneta que levava na cintura. Ademais, em vez de mandar que eu fosse na frente, fez-me acompanhá-lo. Passou-me pela cabeça aproveitar a oportunidade para tentar dar-lhe um golpe de baioneta pelas costas, porém não o fiz pela quase certeza de que havia soldados alemães por perto, observando nossos movimentos.

O oficial alemão me conduziu a uma casamata, onde me entregou-me aos soldados que lá estavam. Senti, naquele momento, na penumbra daquele abrigo subterrâneo blindado, uma espécie de calafrio e minhas pernas bambearam. Veio-me à mente o temor, de longe arraigado, de que havia chegado o momento em que os alemães iriam me submeter às terríveis torturas, tais como arrancar-me as unhas, aplicar-me choque elétricos, queimar-me com cigarros, colocar-me durante horas diante de focos de luz intensos, pendurar-me pelos dedos dos pés, e coisas piores para arrancar-me informações. Respirei fundo e procurei reunir forças para sofrer, com denodo, o que estava prestes a acontecer. Fiz uma oração mental e balbuciei cá comigo mesmo: Seja lá o que Deus quiser!

Os alemães me revistaram da cabeça aos pés, mas sem qualquer agressão física. Não tendo encontrado, no meu uniforme e corpo, qualquer coisa que lhes chamasse a atenção, logo se desinteressaram por mim. O oficial, então, ordenou que dois soldados alemães me levassem a Castelnuevo di Garfagnana, onde havia um centro de recebimento de prisioneiros.

Percorremos um caminho em meio a um bosque de castanheiros. O fogo de nossa artilharia continuou incessante na região. Estilhaços de morteiros choviam sobre as árvores, muitas vezes sacudindo os galhos e fazendo cair sobre nós frutos de castanhas, eriçados como se fossem pequenos ouriços verdes ou amarelados. Eu queria me abaixar, como se estivesse tentando me proteger dos estilhaços, mas os alemães se mostravam inabaláveis e indiferentes ao que se passava a seu redor. Meu medo de ser atingido provocou neles risos sarcásticos, enquanto diziam, "Scheisschiesserei von Ihren eigenen Scheisskameraden! Keine Gefahr!" - como se quisessem afirmar que se tratava apenas de um " tiroteio de merda de meus companheiros de merda, sem qualquer perigo". Não pude deixar de ficar impressionado com o sangue-frio e descaso daqueles soldados para com a possibilidade de receberem um impacto. Num certo momento, um estilhaço de projétil de morteiro atingiu a bota de um deles. Ele o pegou, examinou, e depois o lançou para longe com o maior desdém.

Já escurecia quando, por fim, chegamos a Castelnuevo di Garfagnana. Enfiaram-me num lugar escuro. Não tardou muito e recebi a companhia de um sargento e de três soldados de nossa malfadada patrulha. Junto com eles, veio também um jovem italiano, que depois fiquei sabendo tratar-se de um partigiano, o nome dado ao seguidor de um partido ou partidário, ou mais especificamente, um guerrilheiro que opera dentro das linhas inimigas. A essa altura dos acontecimentos, há mais de 20 horas sem nada comer, apesar do cansaço, angústia e tensões, já sentia muita fome. Algumas horas depois, os alemães deram a cada um de nós uma pequena porção de sopa. Demos graças a Deus.

O partigiano italiano tomou a sopa quase chorando, dizendo ter certeza de que essa seria sua última refeição. Quanto a nós, disse ele apontando em nossa direção, seríamos enviados para um campo de concentração na Alemanha. Já no caso dele, disse ter certeza de que seria executado dentro das próximas horas. Quando os alemães capturam partigiano, mandavam que eles cavassem as próprias covas e eram, em seguida, exterminados com um tiro na nuca. Apontando para sua insígnia de partigiano, disse que não tinha como escapar. Sugeri, então, que ele arrancasse a insígnia e a jogasse na fossa da privada, ao que ele bateu palma e disse: "Bravo! Bravo!" - não sei se por sarcasmo ou por aprovar a idéia. Disse que era isso o que iria fazer, mas temia que os alemães já soubessem que ele era partigiano.

O que aconteceu com esse pobre rapaz italiano, eu nunca soube.

Passamos o resto da noite deitados no chão duro, forrado apenas com jornais.

Na manhã seguinte, os alemães me tiraram as galochas que usávamos recheada de jornais e capim para proteger do frio, o gorro de lã, e a blusa ou jaqueta de campanha, ou field jacket, do Exército dos Estados Unidos, que recebemos para completar nosso uniforme de combate. Essa jaqueta era muito confortável e prática, que era usada, no exército americano, por todos, desde general de cinco estrelas até soldado raso. Ouvia-se dizer que, inicialmente, os altos oficiais brasileiros não gostavam de usar essa blusa. Não pude imaginar, naquele instante, a falta que essas peças iriam nos fazer nos próximos seis meses de frio intenso pelo qual passei, muitas vezes à temperatura abaixo de 28 graus negativos.

Desse centro de coleta de prisioneiros, os alemães arrebanharam uma leva para ser enviada mais para o Norte, à cidade de Parma, localizada bem no centro do Vale do Rio Pó, famosa não somente por seu queijo e presunto como, também por sua importância histórica e geográfica. Os vestígios de Parma datam do século 6 Antes de Cristo, tendo sido fundada pelos etruscos. No período, foi um importante entroncamento ligando a Via Emília com a estrada que leva à Mantova e La Spezia.

Todo o trajeto foi percorrido a pé, em marcha forçada, durante 24 horas ininterruptas. Formando esse rebanho de prisioneiros haviam soldados de praticamente todos os países que participaram das Forças Aliadas. Além de nós brasileiros, que não éramos muitos, haviam americanos, ingleses, canadenses, franceses, poloneses, e outros que não sou capaz de lembrar. Essa marcha foi um terrível suplício - famintos, sedentos, mal vestidos, praticamente descalços, esgotados, desmoralizados e sem esperanças.

Durante todo o percurso, enquanto íamos descendo, em sentido contrário, observávamos intermináveis filas de viaturas dos mais diversos tamanhos, tipos, marcas e países de origem. Tornava-se evidente que os alemães haviam pilhado e estavam usando todas as espécies de veículos dos lugares onde estiveram. Além daqueles de fabricação alemã, como Mercedes Benz BMW, Auto-Union, DKW, Wanderer, haviam carros franceses, russos, italianos, bem como os que haviam capturado dos americanos e dos ingleses. Variavam de pesados caminhões, furgões, camionetas, até carros de passeio. Para piorar nossa situação, vinham também longas filas de motocicletas, inclusive aquelas com carrinhos laterais atrelados, que nos forçavam a caminhar fora da estrada. Estavam todos sobrecarregados de materiais e suprimentos e superlotados de homens.

Com o Tráfego intenso, levantavam-se nuvens de poeira, que aumentavam nosso desconforto e sofrimento. Para intensificar a angústia da sede, a garganta ia ficando cada vez mais ressequida, e os olhos ardiam como se neles se tivesse esfregado pimenta-malagueta.

Haviam trechos em que a rodovia corria paralela à ferrovia. Desciam também longos comboios formados por locomotivas, vagões e outros tipos de material rolante, procedentes de todos os países subjugados. Ainda traziam os letreiros em francês, polonês, romano, búlgaro, russo, e outros que não consegui identificar. Em nenhum trecho do caminho deixei de ver a fila contínua de carregamentos em direção ao Sul. Isso mostrava que os alemães estavam dispostos a lutar para se manterem na Itália a qualquer custo.

Em igual proporção à disparidade de veículos, materiais e equipamentos, era evidente, também, a grande miscelânea de homens. Avistava-se grande variedade de uniformes, ouvia-se diversas línguas e dialetos, notavam-se as diferenças de feições e constituições físicas. As aparências dos soldados eram rudes e, às vezes, animais. Seus semblantes estampavam as marcas da guerra. Eram indivíduos que haviam perdido as características e valores humanos para se tornarem uma massa amorfa grosseira, monotonamente coletiva. Revelavam a inevitável certeza de ir e a dolorosa incerteza de voltar. Além da presença de alemães de todas as regiões do país, apareciam romenos, húngaros, búlgaros e,

notadamente, austríacos. Dizia-se que haviam até batalhões de russos e de outras nacionalidades, forçados a combater ao lado dos alemães.

Em geral, esses homens pareciam não atentar para a longa coluna de prisioneiros que os cruzavam ao longo do caminho. Tinha-se a impressão de que cenas daquele gênero eram lugar-comum para eles. Volta e meia, no entanto, passavam magotes de soldados que agiam como bestas irracionais e se divertiam ao nos hostilizar. Dentre esses, os mais virulentos eram os chamados Alpenjäger, ou seja os Caçadores Alpinos ou Tropa de Montanha, oriundos da região de Balzano e Trento, no Norte da Itália, que havia pertencido à Áustria até o fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), quando foi anexada à Itália. Era voz geral que esses soldados, até mesmo para os italianos, eram uma verdadeira escória, sem as qualidades do austríaco ou do italiano. Ao passarem por nós, nos dirigiam insultos e palavras afrontosas. Apedrejavam-nos, jogavam-nos toda sorte de sujeira, cacos de vidro, pedaços de madeira - enfim, qualquer projétil que lhes estivesse a mão. Certa feita, ao identificarem o nosso grupo de brasileiros, começaram a nos lançar vitupérios, seguidos de uma saraivada de pedras e outros objetos: "Brasiliani bastardi! Razza di cani! Negri puzzolenti! Brutti! Schifosi!" e outras blasfêmias e palavras de baixo calão, dos quais a língua italiana é tão rica.

Começamos a notar que, entre os contingentes alemães, era cada vez maior o número de batalhões formados por meninotes aparentando 15 a 17 anos. Em seus estertores na guerra, Adolf Hitler e seus comparsas, já tendo visto dizimados os seus exércitos regulares, passaram a recrutar adolescentes para combaterem nas linhas de frente.

Num acostamento da estrada, havia um caminhão de transporte de tropa parado, cheio desses soldados-mirins. Ao passarmos por eles, devemos ter despertado sua curiosidade. Parece que foi a primeira vez que viram pessoas de feições e compleições diferentes das suas. Começaram a perguntar aos guardas quem éramos e de onde vínhamos.

Brasilianische Kriegsgefangenen - replicaram os guardas, para explicar que éramos prisioneiros de guerra brasileiros.

Foi uma cena não muito diferente de um grupo de escolares visitando um jardim zoológico, querendo se aproximar e tocar em animais exóticos. Entramos na sua brincadeira e ficamos a fitá-los e fazer caretas para assustá-los. Só não se aproximaram porque os guardas, sempre armados de fuzil com baioneta calada, os escorraçaram e os afastaram.

Mesmo na minha condição de prisioneiro de guerra dos alemães, submetido aos mais penosos castigos e sofrimentos, fiquei comovido com o que vi. Era triste contemplar

aqueles rapazinhos imberbes, quase desaparecendo dentro de seus uniformes, pele lisa, rosada, feições delicadas, quase femininas, olhares inocentes, na faixa etária em que, em outras circunstâncias, estariam ocupando os bancos de escolas secundárias ou divertindo-se em folguedos comuns aos jovens, a caminho da carnificina da guerra, muitos certamente, com seus poucos dias de vida já contados e outros condenados a terríveis mutilações, apenas para satisfazer a louca ambição de seus maiores. Marchavam para a morte e, talvez, não sabiam porquê. É bem verdade que nasceram sob a pregação de guerra, foram doutrinados para guerrear, e agora marchavam em direção aos matadouros dos campos de batalha. Naquele instante, não os vi como inimigo. Com efeito, me apiedaria deles, como se apiedaria de qualquer outro ser humano, meu próximo, preso a um destino cruel e inexorável.

Depois de caminhar 24 horas sem pausa, chegamos ao centro de recolhimento de prisioneiros de Parma. Mal chegamos, e nos puseram a trabalhar. Já é coisa muito conhecida e repisada, seria preferível que o trabalho forçado de prisioneiros é quebrar e carregar pedras. É preferível que isso fosse verdade, porque pior do que carregar pedras é carregar madeira. Foi o que fizeram os alemães. Nos puseram a carregar madeira de todos os tipos - toras, tábuas, barrotes, pranchas. Nossas mãos e ombros logo ficaram em petição de miséria, com bolhas de água, calos de sangue, feridas, farpas enfiadas na carne.

Uma das condições mais angustiantes para um prisioneiro de guerra é o fato de jamais saber qual é o seu destino - não sabe para onde vai, não sabe se vai ser transferido, não sabe aonde chegará. Daí, tem que encontrar muita força de vontade, muita resignação, muita paciência e, acima de tudo, precisa Ter muita fé, principalmente quem professa uma religião e crê em Deus. A vida, tal qual a entendemos em situações normais, perde o significado. A morte, quase sempre uma morte lenta, está constantemente à espreita. Além disso, quando o corpo pede cama, as intempéries pedem abrigo, o estômago pede comida e bebida, a dor pede alívio, o algoz maquina uma nova forma de causar sofrimento e penúria. Às altas horas da madrugada, os alemães nos puseram novamente a caminho. Recebemos ordens para nos meter em cima de caminhões, onde fomos espremidos como se fôssemos sardinhas em lata. Evidentemente, não nos disseram para aonde iríamos. A nós não cabia saber. Um vento incessante e penetrante até a medula óssea soprava de todos os lados. O frio era intenso. Sem agasalhos como nos encontrávamos, estávamos prestes a congelar. Lá fomos nós, estrada a fora, batidos, chocalhados, jogados aos solavancos, para a frente e para trás e para os lados, a mercê da estrada esburacada.

Ao cabo de algumas horas de viagem, chegamos às margens de um rio, que supus ser o rio Parma, um afluente do rio Pó. A ponte, que outrora lá existiu, foi destruída pelos bombardeios aliados. Via-se, ainda, projetando-se da flor da água, os escombros de alguns dos segmentos de seu vão. A travessia deveria ser, pois, feita em balsas.

Para nossa surpresa, e para nos sacudir de nosso torpor, irrompeu-se um acerrado bate-boca entre os motoristas e os operadores das balsas em torno da conveniência ou não de enfrentar a corrente muito forte naquele trecho do rio. Pareceu-me fora dos padrões tradicionais e da crença generalizada do comportamento imperturbável e da mentalidade dos alemães, vê-los vociferando e gesticulando, à moda do proverbial, sobre o que fazer naquelas circunstâncias. Cada um dava seu palpite e a confusão foi se transformando em pandemônio. Para todos nós, em cima dos caminhões, tudo pareceu no mínimo divertido. Como por fim se tornou evidente, não houve consenso, e os caminhões deram meia-volta e avançaram para procurar outra passagem mais conveniente em direção ao Norte.

Quando o dia começou a raiar, eis que nos vimos retornando a Parma, exatamente no ponto onde havíamos partido.

As 24 horas do dia na vida de um prisioneiro de guerra são contadas como um rosário de desesperança, fome, sede, trabalhos forçados, angústia, mesmice... As últimas 48 horas, no entanto, nos trouxeram a excitação da ida e volta sem propósito, e umas 5 horas após nosso regresso à Parma, juntaram-se a nós uma leva de 5 prisioneiros norte-americanos. Da nossa parte foi, sem dúvida, uma agradável surpresa, se bem que uma desgraça para eles. Imediatamente trataram de conversar conosco:

- Any of you guys speak English? - disseram quase ao mesmo tempo para indagar se algum de nós falava inglês.
- How's file in this fucking whorehouse arond here? - perguntou um deles, querendo saber como era a vida no puteiro em que estávamos.
- Sorry, boys! No English. Only Portuguese. Some Italian - respondi, para dizer que lamentávamos, mas nada de inglês; falamos português; um pouco de italiano.

Foi para nós, e especialmente para mim, um alento, quase um novo sopro de vida, sentir a naturalidade, o estado de espírito arrebatado, a indiferença com que aqueles americanos encaravam a realidade da miserável situação de prisioneiros de guerra dos alemães. Eles certamente tinham plena consciência e certeza do que lhes aguardava pela frente, mas pareciam levar tudo na brincadeira, como se estivessem numa excursão campestre num dia de folga. Riam, divertiam-se infantilmente, imitavam gestos e modo de falar dos alemães.

Por alguns instantes, sentimos, nós brasileiros, até humilhados e constrangidos com nossa profunda tristeza e desânimo. Com evidente prova de coragem e desafio, nossos novos companheiros de desventuras pareciam querer mostrar aos alemães, que eram superiores a eles. Seu comportamento despreocupado e mostra de confiança nos contagiaram e sentimos uma nova disposição. Que viesse pela nossa frente o que viesse. Não estávamos sós e sentimos orgulho de sermos companheiros de prisão de gente daquela estirpe.

Até onde nos foi possível, trocamos nossas experiências, nossas ansiedades, nossas esperanças, numa curiosa mistura de palavras, gestos e mímicas. Nossa língua franca, por assim dizer, era o italiano, salpicado de palavras soltas em inglês, francês e até alemão, e dos primeiros termos e expressões que nos viessem à mente em nossos próprios idiomas. O extraordinário foi que nos entendíamos perfeitamente.

Vinte e quatro horas após nosso regresso à Parma, os alemães nos fizeram subir novamente nas carrocerias dos caminhões , e formaram uma longa coluna para nos levar a outro campo. Só com nossa chegada ao destino ficamos sabendo que tínhamos sido levado para Mantova. Passamos por diversas cidades, inclusive Modena. Durante todo o percurso, a aviação aliada metralhou o comboio com intensidade. Os caças vinham em vôo rasante e varriam a coluna de caminhões com rajadas de metralhadora, enquanto os motoristas procuravam fugir, e lançavam as viaturas, a alta velocidade, para dentro do primeiro abrigo que encontravam - galpões, debaixo de árvores, qualquer coisa que proporcionasse cobertura. Sem termos onde nos agarrarmos, éramos jogados de um lado para o outro violentamente, e só não fomos lançados para fora por causa dos encostos laterais. Só nos restava rezar e pedir a Deus que nos poupasse. Embora jamais ficasse sabendo quantos caminhões saíram de Parma e quantos chegaram a Mantova, Deus certamente ouviu nossas preces pois, que eu tenha visto, nenhum caminhão foi atingido.

Por fim chegamos relativamente inteiros a Mantova, uma cidade situada na fértil planície Lombardia. Como praticamente todas as cidades italianas, Mantova tem uma longa e gloriosa história que remonta a muitos séculos Antes de Cristo. É banhada pelo rio Mincio que, ao Norte, forma três lagos. Foi em Montova que nasceu e viveu o poeta Virgílio [Publius Virgilius Maro] (70-19 a.C) e, lá, inspirado pelos seus campos e paisagens banhados pelo sol ou recorto de névoa, bem como pelos prazeres de sua vida rural, escreveu suas obras-primas, a Eneida, as Bucólicas, as Éclogas, e as Geórgicas.

Era em Mantova que os alemães organizavam levadas de 700 a 1.000 prisioneiros de guerra para serem eventualmente, transportados por via férrea à Alemanha. O embarque,

geralmente, ficava aguardando a chegada de comboios que traziam italianos fascistas, recrutados para lutar ao lado dos alemães.

Os prisioneiros eram divididos em "currais" onde havia barracas de madeira cobertas de lona. Invariavelmente, existia um toque de recolher às 18 horas. Não havia iluminação. Esse suplício durou 30 dias bem contados. Já estávamos todos cadavéricos, em carne e osso, consumidos pela fome e pela sede e pelas intempéries e, também, pela impossibilidade de dormir.

Mantova, na época do ano em que nos encontrávamos, era quase sempre recoberta de nevoeiro durante toda a noite, prolongando-se até a metade do dia seguinte. Quando o nevoeiro começava a dissipar-se e o céu ficava claro, recebíamos a "visita" dos aviões americanos. Isso acontecia com precisão cronometrada, por assim dizer, na hora de nosso "almoço", que consistia de uma sopa rala, fria, insossa, feita não se sabia de quê. Os aviões lançavam bombas sobre vários objetivos na cidade. Primeiramente, ouvíamos o assobio das bombas e, em seguida, ouvíamos as explosões lá longe, mais perto, e até chegarem nas imediações de nosso campo. Os estrondos eram tão violentos que sacudiam tudo ao redor, como se estivéssemos no epicentro de um violento abalo sísmico. Após a reverberação, começava a cair uma verdadeira chuva de estilhaços ou das bombas ou das coisas atingidas sobre nossas barracas. Alguns desses estilhaços chegaram a perfurar as coberturas de lona. Quando os alemães soavam o alarme antiaéreo, corríamos para recolher-nos aos abrigos subterrâneos, dentro do campo, que os alemães nos forçaram a escavar. Ficávamos literalmente compactados, costa a costa, ombro a ombro, barriga com barriga, até que soasse o sinal de que os bombardeios haviam cessado.

Com efeito, dia e noite ouvíamos o roncar dos motores de enxames e mais enxames de aviões, como aves migratórias de passagem, que sobrevoavam a região de Montova para lançarem suas cargas de milhares de toneladas de bombas sobre alvos no Norte da Itália, na Áustria, e no Sul da Alemanha.

Todo o tempo que fui prisioneiro de guerra foi marcado por diferentes formas de tortura física e mental, sofrimento e angústia, privações e incertezas, em cada instância com características próprias. Mantova, no entanto, me deixou um estigma doloroso e indelével. Já havíamos passado quase três dias sem comer e, praticamente, sem beber, e a fome era excruciante, a ponto de fazer-me sentir a vista escurecer e achar que iria desmaiar. Diz-se que a fome é negra, que a fome absoluta nos leva a comer sola de sapato velho, sabão, cascas ou raízes - o que nos aparece pela frente. Foi em Mantova que, após quase 72 horas em jejum total, os alemães nos deram, por fim, uma tigela de sopa. Sopa especial. Havia

sido preparada de uma cabeça de cavalo putrefata. Recendia cheiro intenso de carniça. Mesmo assim, vencendo convulsões de vômito seco, engoli avidamente aquela sopa. Ou a tomava ou tombava de inanição e sede.

A propósito dessa sopa de cabeça de cavalo putrefata, já li em algum lugar que o ser humano possui uma memória olfativa e que certas associações, entre outras, com música, perfume, cores, nos trazem à mente, independentemente de nossa vontade, momentos ou coisas especiais ou marcantes que antes vivemos ou experimentamos. Isso deve ser verdade porque, até hoje, qualquer odor de decomposição ou de putrefação me leva de volta, com nitidez de cores e de detalhes, aquele terrível local e instante.

Mantova, 6 de dezembro de 1944.

Esse foi o dia do embarque fatídico com destino à Alemanha.

Numa exibição macabra, os alemães fizeram "marchar" pelas ruas de Mantova uma coluna, em fila única, de 1.000 homens, meio vivos, meio cadáveres, do campo de prisioneiros até à estação ferroviária. Aqui, ali e acolá, ao longo do percurso, guardando uma boa distância, aglomeravam-se grupos de gente de Mantova, assistindo, tacitamente, aquela parada de farrapos humanos. Era possível discernir mulheres que, apesar de suas próprias privações, enxugavam lágrimas de compaixão por aqueles cujas condições eram piores do que as suas.

Já era noite, e os alemães antes de nos fazer entrar dentro dos vagões, nos deram outra porção de sopa. Em seguida, os guardas alemães iam nos forçando a subir as escadas, quase a ponta de baioneta, enquanto bradavam:

- Schnell! Schneller! - nos ordenando a mover depressa; mais depressa.

Ainda ressoa em meus ouvidos a voz de um companheiro, que cochichou ao pisarmos nos degraus que davam acesso ao vagão:

- Até agora, foi só uma amostra!

E como tinha razão!

Por maior que seja nossa desgraça, Deus jamais nos abandonou por completo. Os alemães não se deram à pena ou não tiveram tempo de isolar os brasileiros uns dos outros. Assim, junto comigo, estavam o sargento José Ferreira de Barros Filho, o soldado Mário Gonçalves, o soldado Elizeu de Oliveira, e o Guilherme Barbosa Mello. Quis Deus que, mesmo naquele inferno, eu tivesse a sorte de, pelo menos, ouvir vozes amigas, vozes irmãs, vozes brasileiras.

Mal engolimos a porção de sopa, fomos tangidos para dentro de vagões de carga, completamente estanques. As únicas entradas e saídas de ar eram pequenos orifícios rentes ao teto, muito bem protegidos por telas de arame grossa, que mais se pareciam com uma grade de ferro.

Em cada vagão de carga, que deveria medir mais ou menos 3 metros de largura por 15 metros de comprimento, os alemães atocharam 50 homens. Naturalmente, não havia bancos. Ajeitamo-nos, como pudemos, no piso de tábuas, recoberto de palha de trigo. Uns sentaram, outros se puseram de cócoras, e muitos ficaram em pé.

Muito tempo depois, o trem começou a avançar na escuridão da noite, inicialmente aos solavancos, dando a impressão de que logo iria parar; em seguida, foi aos poucos atingindo velocidade constante. De dentro do vagão, totalmente às escuras, não podíamos saber por onde íamos passando. Eu só tinha noção do deslocamento do trem pelo barulho das rodas nos trilhos, que eu imaginava ir repetindo em ladainha monótona, repetitiva, interminável: "Café com pão, manteiga não". Café com pão, manteiga não. Café com pão, manteiga não. Infelizmente. Ao pensar em café, pão e manteiga, a fome que já era intensa, se tornou dolorida. Comecei a desejar o que era impossível acontecer: uma parada e uma refeição.

Não se pode dizer que conseguimos dormir. É verdade que muitos simplesmente caíram e ficaram estrados no piso, mais por causa do cansaço e inanição do que propriamente por sono natural.

Passaram-se as horas intermináveis e, numa certa altura notei, pela nesga de luz que entrava pela abertura gradeada, que o dia clareava. Um companheiro esticou-se todo e conseguiu chegar os olhos à altura do orifício de entrada de ar e disse:

- Já devemos estar nos Alpes. Já dá para ver a neve.

Com muita força de vontade e curiosidade, consegui dominar o cansaço, esticar-me, e olhar também pelo respiradouro e ver o panorama que se descortinava. Tudo era branco nas encostas das montanhas, de uma brancura imaculada lá fora. A natureza eterna parecia vestir-se de noiva, indiferente à desgraça de nós mortais, cá do lado de dentro. Sentí um sopro de ar gélido na face, e não contive a emoção de ver neve pela primeira vez na minha vida e, por alguns segundos, inspirar e sentir o suave sabor de ar puro. O frio que reinava lá fora não logrou penetrar no recinto estanque em que nos encontrávamos, para amenizar o calor e o abafamento que nos asfixiavam. O ar viciado e o calor se intensificavam cada vez mais, tornando-se insuportáveis.

Todavia, quando parecia que nada poderia se tornar pior, nosso desconforto tomou outra proporção mais tétrica. A única "instalação sanitária" colocada pelos alemães dentro do

vagão, foi uma caixa de tábuas de pinho, com areia até a metade e recoberta de feno seco. Ali foram se acumulando e transbordando as fezes diarréicas e a urina fétida de 50 indivíduos. Dentro de pouco tempo, o miasma que exalava veio juntar-se ao mau cheiro e podridão já existente. A urina, diluída com as fezes, começou a filtrar-se pelo feno seco e pela areia, e escorrer e impregnar-se na palha de trigo. Primeiramente, fomos nos amontoando na parte mais seca do vagão, mas a viagem era longa, e o líquido imundo se avolumava, e ajudado pelo balançar e sacudir do trem, penetrou por toda a palha, e espalhou-se por todo o piso, cobrindo todo o espaço de madeira, que não tínhamos mais para onde escapar da chafurda que se generalizou.

Ficamos reduzidos à condição de animais pestilentos à beira da insanidade.

Por ironia do destino, coincidia que, naquela interseção de tempo, lá fora, a natureza ostentava sua brancura e pureza virginais, contrastando como nossa situação dentro daquele vagão, atolados na imundície e excrementos, sufocados e entorpecidos por náuseas, sem esperanças de remissão.

Durante o que supúnhamos ser a travessia pela Áustria, o comboio foi atacado por uma esquadrilha de aviões americanos. Benditos aviões! Ficamos rezando para que atingissem a locomotiva, matassem os alemães, e nos dessem a oportunidade de sair dos vagões e escapar daquele inferno.

Desgraçadamente isso não aconteceu. Possivelmente os aviões não metralharam e nem jogaram bombas sobre o trem, porque os alemães pintavam a Cruz Vermelha nos tetos dos vagões.

Houveram várias paradas, mas os alemães nada deram para comermos e bebermos. A cada uma dessas paradas, os americanos erguiam-se aos orifícios de entrada de ar e punham-se a gritar:

- Water! Water! Water! - clamando por água.

Geralmente eram ignorados mas, às vezes, aparecia, do lado de fora, um soldado alemão e gritava cinicamente:

-Ruhe, verflüchte Hunde! Keines Wasser! Keiner Wasser! - mandando-nos ficar em silêncio; chamando-os de cães malditos; e dizendo que não havia água.

Numa dessas paradas, foi-nos dada uma refeição. Abriram uma nesga da porta do vagão e nos entregaram as "iguarias".

Quem já ouviu falar em maná, o alimento que, segundo a Bíblia, Deus serviu, em forma de chuva, aos israelitas no deserto? Quem ouviu falar em ambrosia, o manjar dos deuses do Olimpo que trazia a imortalidade? Pois é assim que se pode descrever aquela "refeição" -

uma miga de pão e um pedacinho de salsicha, menor de que um dedo polegar! Acepipe divino, mesmo sem uma gota de água para facilitar sua ingestão, já que nem saliva tínhamos mais na boca.

Pensando bem, talvez, melhor seria se nada tivéssemos comido, porque aquelas migalhas só serviram para nos aguçar nosso apetite e excitar nossos sucos gástricos, e apenas nos trouxeram mais fome e sede.

Moosburg, Alemanha, 9 de dezembro de 1944. 12:40hs.

Após 3 dias e 3 noites, desde a saída de Mantova, confinados dentro do vagão de carga, chegamos ao campo de concentração na Alemanha, onde tiveram prosseguimento nossas agruras no transcorrer de mais outros longos meses.

Aos poucos, fomos descobrindo que havíamos sido levados para a cidade de Moosburg, no Sul da Baviera, a uma distância de aproximadamente 50 quilômetros de Munique.

Já em 1939, a Polícia Secreta do Estado, conhecida como Gestapo, a abreviação de Geheimes Staatspolizei, o órgão de segurança e repressão da Alemanha Nacional-Socialista, criou uma rede de campos de prisioneiros, espalhada por todo o país, e deram a esse tipo de prisão o nome de Stalag, a forma encurtada de Stammlager que quer dizer, literalmente "campo de base", destinado a confinar praças. Isto é, prisioneiros com posto inferior a segundo tenente.

Desses campos, tornou-se mundialmente conhecido o Stalag 17, por causa do filme do mesmo nome do diretor, escritor e produtor Billy Wilder (cujo verdadeiro nome é Samuel Wilder), e que muito conhecia de campos de prisioneiros, pois fugiu de sua Áustria natal no início da década de 1940 e foi para os Estados Unidos. "Stalag 17" foi produzido em 1953, e seu ator principal foi William Holden. No Brasil, esse filme recebeu o título de "Inferno 17".

"Nosso" campo de Moosburg tinha designação de Stalag VII A.

Por mais realismo e sofrimento que o filme Stalag 17 tenha retratado, não logrou, como jamais o poderia, transmitir ao espectador, numa moderna sala de cinema, acomodado em uma poltrona confortável, com ar condicionado, ou no aconchego do seu lar, diante de um aparelho de televisão, com uma garrafa de cerveja gelada à mão e um prato de salgadinhos a seu lado, sentir na carne, na alma e no coração, a dor, a angústia, o sofrimento, as torturas, a fome, a sede, a imundície, as doenças, a privação do sono, os trabalhos forçados, pelos quais eu e meus companheiros passamos durante noites e dias, meses a fio, no Stalag VII A de Moosburg.

Embora o trem tivesse chegado à estação de Moosburg nas primeiras horas da madrugada, foi só de manhã, já com o dia claro, que os alemães nos retiraram dos vagões. Levamos algum tempo para nos acostumarmos novamente com a luz do dia, e a respirar ar fresco e recuperarmos a capacidade de caminhar.

Surpresa para superar todas as surpresas!

Mal acreditamos que os alemães, após o desembarque, começaram a nos servir uma "verdadeira" refeição sólida, ao contrário das raríssimas sopas aguadas. A "refeição de boas - vindas a Moosburg" que nos serviram, ou melhor, jogaram dentro dos bonés daqueles que os tinham, ou nas fraldas das camisas seguras pelas pontas dos dedos, formando um cesto. Foram umas cinco batatinhas cozidas, uma pelotinha de chucrute e uma fatia de pão tão fina e transparente, que mais parecia uma tira de papel pardo de embrulho. As batatinhas, que os alemães chamavam de Pellkartoffeln, ou batata com casca, foram cozidas sem lavar, tendo sido jogadas dentro da panela de água fervente, da forma que havia sido arrancadas do solo e, por isso, estavam misturadas com terra, areia, pedrinhas, folhas secas e gravetos. Eram minúsculas, mais ou menos do tamanho de uma noz.

Moosburg não foi o fim da linha para nós, prisioneiros de guerra. Foi apenas o início de uma nova etapa de nossa longa trajetória, de duras penas e intermináveis sofrimentos.

O campo foi arquitetonicamente traçado com ruas em linhas retas, ladeadas de barracos de alvenaria, todos de desenho igual, porém com variação de tamanho. Existiam barracos menores para 200 prisioneiros cada, e barracos grandes para até 400 prisioneiros, cada. Durante minha "estada" em Moosburg, ouvia-se dizer que a população de prisioneiros de guerra aumentava, dia a dia, chegando a aproximadamente 150.000. Essa superlotação pode ter sido causada pelo fato de que a Força Aliada, ao avançar, ocupava os locais onde existiam campos de concentração, e os alemães transferiam os prisioneiros para aqueles que ainda estavam em seu poder. Quando os americanos ocuparam Moosburg nos meados de 1945, lá encontraram cerca de 80.000 prisioneiros de guerra - inclusive eu.

Da estação ferroviária de Moosburg, fomos levados diretamente para um campo cercado, e lá ficamos três dias para que fosse feita a "triagem". Isso significou, concretamente, que fomos divididos em "manadas" de 200 prisioneiros, que iriam ocupar os diversos "currais".

PRISIONEIRO DO STALAG VII A.

Ao entrarmos nos "currais", os alemães nos fizeram tirar os uniformes, já esfarrapados, há semanas sem lavar, com uma crosta de sujeira que os tornavam inflexíveis. Deram-nos um

"uniforme de prisioneiro", que mais se parecia com um pijama, feito de uma espécie de flanela de inferior qualidade.

Naquele instante, despojaram-me do pouco de dignidade humana que me restava - meu nome.

Passei a ser 142.286.

PRISIONEIROS DO STALAG VII A

Esse número estava também estampado em meu novo "uniforme". Só faltavam tatuá-lo no antebraço, como fizeram com prisioneiros políticos, judeus e ciganos. Recebi, ao mesmo tempo, uma placa de identificação, trazendo somente o mesmo número, facilmente quebrável ao meio, ao contrário das placas de identificação brasileira, onde apareciam o nome e o número, igual à placa de identificação do Exército dos Estados Unidos, conhecida, no jargão dos soldados, como dog tag, em alusão à placa de identificação presa na coleira de cachorro. Cada prisioneiro recebeu uma marmita metálica, um garfo e uma colher.

Como já foi assinalado anteriormente, o campo de prisioneiros, de Moosburg era imenso. Nunca soube exatamente qual o número de barracos lá existentes, mas calculo, assim por alto, que tenha sido algo em torno de 750 a 800. Sua área era, certamente, muito maior do que a cidade de Moosburg propriamente dita, que, na época, deveria ter, no máximo, 10.000 habitantes.

Cada "curral" era completamente isolado dos demais por cercas de arame farpado, com fios bem juntos, e uma altura de uns 10 metros. Cada "curral", com seu complemento de 200 prisioneiros, era supervisionado por um oficial da polícia especial, ou SS, que é a sigla de Schutzstaffel, que quer dizer literalmente "Corpo de Proteção".

Os barracos eram desprovidos de móveis, à exceção de camas do tipo beliche. Cada beliche era utilizado por 12 homens. Não havia colchões, roupas de cama, travesseiros ou cobertor. Quando era possível, conseguia-se palha, capim ou jornal velho para forrá-los. Não existiam banheiros ou chuveiros. A água para beber, ou para as necessidades mínimas vinha de uma torneira do lado de fora, ao ar livre. Como a maior parte do tempo que passamos no campo de prisioneiros foi em pleno inverno, a água ficava congelada e entupia o cano. Para o mínimo de limpeza corporal, o jeito era pegar neve e esfregar no rosto. As latrinas eram buracos no chão, com uma armação tosca de tábuas para servir de

assento. Como não havia descarga ou desinfetantes, o mau cheiro permeava e recendia longe.

Durante todo o tempo em que fui prisioneiro de guerra, tomei exatamente dois banhos, que só foram permitidos porque existiam muitos parasitas, inclusive, pulgas, piolhos e muquiranas, que infestavam os prisioneiros. Enquanto recebíamos uma ducha de água gelada, nosso "uniforme", que nunca foram lavados, eram colocados dentro de uma estufa de ar quente para "descontaminação". Da mesma forma, foram somente duas vezes que cortei cabelo. Como parte dos pacotes que nos eram fornecido pela Cruz Vermelha Internacional - e se os alemães se dignassem a fazer a entrega - existia cigarros. Já que nunca fumei, usava os cigarros como moeda de troca. Havia sempre alguém que se prontificava a cortar nossos cabelos mediante pagamento sob forma de 10 cigarros. Eu sempre pedia um corte bem rente, ao estilo de "máquina zero", para diminuir a frequência dos cortes e economizar os cigarros.

Havia também a vantagem higiênica - cabeça pelada não atrai piolhos.

Segundo dados oficiais, 35 brasileiros foram prisioneiros de guerra dos alemães, dos quais um era oficial e 34 eram praças. Não sei exatamente quantos desses estiveram no Stalag VII A, em Moosburg, mas pelo que me foi possível apurar, esta é a lista dos que lá estiveram: Alcides Lourenço da Rocha - Alcides Ricardino - Amynthas Pires de Carvalho, Anézio Pinto Rosa - Antônio da Silva - Antônio Ferreira - Antônio Júlio - Elizeu de Oliveira - Emílio Varole - Geraldo da Silva - Geraldo Flausino Gomes - Guilherme Barbosa de Mello - Guilhermino André de Moraes - Hilário Furlan - João Muniz dos Santos - José Ferreira de Barros Filho - José Rodrigues - Mário Gonçalves da Silva - Milton Bragança - Oswaldo Casemiro Müller - Oswaldo Maurício Varela - Pedro Godoy - Waldemar Reinaldo Cerezoli. Foram 23 na minha contagem, que pode estar errada ou incompleta.

Foram estes os meus companheiros de "curral": Elizeu de Oliveira, que por vontade do destino e para minha satisfação e refrigério, esteve sempre perto de mim, e compartilhamos o mesmo beliche. Sempre conversávamos sobre nossas angústias, sofrimentos, saudade do Brasil e dos nossos parentes e amigos, bem como sobre nossas esperanças, Guilherme Barbosa de Mello, José de Barros Filho, Mário Gonçalves da Silva, e Oswaldo Casemiro Müller. Este era catarinense, descendente de alemães, falava alemão fluentemente, e era nosso intérprete.

Pouquíssimas vezes consegui avistar outros brasileiros no Stalag VII A . Isso só acontecia por ocasião do exercício de minhas "altas funções" de lixeiro e de lavador de latrina, que

me levavam aos "currais" vizinhos. Eu sempre os distinguia dos outros prisioneiros, pois é fácil reconhecer outros brasileiros, mesmo de longe, em paragens diferentes e estranhas, pelos jeitos, trejeitos, gestos e modo de ser que são só nossos. Todavia, não me era possível aproximar deles por causa da incessante vigilância dos guardas alemães.

A impossibilidade de fuga de prisioneiros era meticulosamente planejada e executada pelos alemães. Além da separação dos "currais" entre si, o perímetro do campo era circundado, também, por cercas de arame farpado eletrificadas. A curtos intervalos, erguia-se torres de observação, com sentinelas permanentes, armadas com metralhadoras e outras armas, e equipadas com poderosos holofotes. A ordem era atirar para matar, sem perguntar, sem hesitação, sem piedade que permitisse escapar. Com efeito, a segurança se estendia para além do perímetro e das imediações do campo. Existiam contingentes de guardas-florestais, muito bem armados, conduzindo matilhas de cães adestrados para atacar, matar e estraçalhar quem fosse apanhado. O sistema parece ter-se mostrado eficaz, pois jamais tive notícia de alguém que, pelo menos, tentasse fugir.

Nunca presenciei a execução de prisioneiros pelos alemães, mas ouvi dizer que muitos foram liquidados por rebeldia. Por outro lado, vi, muitas vezes, passar macas com corpos de infelizes companheiros, que haviam sucumbido de doença e inanição, serem levados para serem enterrados.

Até mesmo ir ao "curral" imediatamente ao lado era proibido. Isso só acontecia com a permissão dos alemães, quando éramos designados para compor os "pelotões de faxina" para varrer os barracos e limpar as latrinas de outros "currais". Nessas ocasiões, era proibido qualquer contato com os seus ocupantes. Durante todo o tempo, havia sempre guardas alemães nos acompanhando.

O trabalho forçado foi uma das práticas mais marcantes e perversas nos campos de concentração e de prisioneiros de guerra da Alemanha Nacional-Socialista. Sabe-se que acima dos portões de entrada dos campos de concentração destacavam-se, em enormes letras vazadas de ferro batido, os dizeres ARBEIT MACHT FREI, cujo significado literal é "trabalho traz liberdade". É possível que tenham existido, mas nunca cheguei a ver dizeres semelhantes no Stalag VII A, no entanto, quando recebíamos ordem para trabalhar dentro ou fora do campo, os alemães sempre nos advertiam, NICHT ARBEITEN, NICHT ESSEN, ou seja "não trabalha, não come".

TRABALHO FORÇADO

A não ser comida, não há antídoto contra fome. Quando a fome me corroía as entranhas, recorria a toda sorte de elucubração para superá-la. Para isso, tentava o uso da força da

mente sobre a matéria, como já ouvi dizer que assim fazem os místicos e faquires hindus; tentava desviar o pensamento para outras coisas diferentes como músicas, lembrar lugares por onde havia passado, lembrar passagens de minha infância, orações. Outras vezes, pensava em comidas de várias cozinhas - italiana, francesa, árabe... Imaginava estar saboreando um suculento prato mineiro, como tutu de feijão, com arroz bem soltinho, lingüiça frita, lombinho de porco assado, bem tostadinho, couve cortada bem fininha e refogada, e bastante torresmo bem sequinho, tudo precedido de uma talagada de cachaça de Salinas para abrir o apetite, e seguido de duas fatias, de dois dedos de espessura, de queijo mineiro bem curtido, e goiabada cascão. E para arrematar, uma caneca de café, pilado e torrado em casa, adoçado com rapadura, fumegando de quente.

A fome, no entanto, não se deixar engambelar. Simplesmente continuava a me corroer as entranhas. Corroeu tanto, que meu estômago atrofiou-se, e permanece atrofiado até hoje.

Diariamente, todos os homens "aptos" de cada barraco eram obrigados a trabalhar. Além das tarefas dentro do recinto do campo, eram escolhidos, em cada barraco, 12 beliches para formar uma turma de 60 homens que deveriam trabalhar fora do campo, geralmente em cidades vizinhas. Somente em caso de doença grave ou de absoluta incapacidade física, éramos dispensados do trabalho forçado. O queixoso era submetido a exame médico e se fosse constatado fingimento de doença para escapar do trabalho, o culpado era severamente castigado. A propósito de exames médicos, não se pode deixar de registrar que recebemos atendimento, com relativa eficiência, apesar da deficiência das enfermeiras e da falta de remédios, por médicos alemães e, também, por médicos americanos que haviam sido capturados.

O trabalho de varrer, remover neve e retirar escombros era muito pesado e os guardas não nos deixavam parar um minuto sequer para fazer uma pausa. Havia, no entanto, uma valiosa compensação para trabalho contínuo e árduo. Os alemães nos alimentavam um pouco mais, cientes de que para o trabalho pesado para os quais nos utilizavam, era necessário um mínimo de vigor físico. Assim, nos davam uma porção de sopa mais substancial, feita do que chamavam de Dörrgemüse, que era uma mistura de vários tipos de legumes secos, além de uma meia dúzia das famosas batatinhas cozidas com casca, recobertas de terra, areia, ramagens e tudo mais.

Aproximava-se o dia 25 de dezembro. Espalhou-se um zunzum de que, no Natal, os alemães iriam "presentear" uma caixa completa de ração a cada prisioneiro. Houve júbilo geral.

A Cruz Vermelha Internacional fornecia alimentação para os prisioneiros de guerra. Os alimentos eram os mesmos e em embalagem idêntica à chamada ração C, denominada ração de combate, distribuída aos soldados americanos e brasileiros. Vinha acondicionada em uma caixa, contendo carne e cereais enlatados, mais pacotes de biscoitos e doces, bem como barras de chocolate. Continha, também, um maço de cigarros. Para a higiene pessoal, eram enviados pacotes contendo sabonete, escova de dente, e dentifrício. Os alemães, no entanto, surrupiavam quase todo o fornecimento, de tal sorte que, somente uma caixa, que na frente de batalha era destinada a um homem, no Stalag VII A era dividida entre 12 homens. Isso significava que os alemães apanhavam 11 caixas para si. Evidentemente, desconfiávamos da mutreta, mas queixar a quem? Ao bispo? Já miseravelmente subnutridos, não havia escolha, a não ser contentarmo-nos com o que nos davam.

Com efeito, ao meio dia em ponto, do dia 25 de dezembro, para celebrar o Natal, recebemos uma caixa completa de ração. Celebramos, assim, o dia santo com alegria, como se estivéssemos no seio de nossa família. Trocamos cumprimentos em várias línguas - Merry Christmas, Feliz Natal, Joyeux Noël, Buon Natale. Os americanos foram os mais efusivos e puseram-se a cantar - Jingle Bells, Silent Night, e outros cantos natalinos. A eles se juntaram os ingleses, que cantaram primeiramente God Save the King. Os franceses cantaram suas canções.

Minhas preces, na noite de Natal, pedindo um pouquinho de alívio do confinamento e da solidão do "curral" foram atendidas. Havia um sargento encarregado de recolher os nomes e fazer uma espécie de escala de serviço para distribuir os homens destinados aos trabalhos fora do campo. Assim, meu beliche foi sorteado para formar um grupo que iria trabalhar em Munique.

Éramos transportados de Moosburg a Munique por via férrea, em vagões do mesmo tipo dos que nos trouxeram da Itália. Saíamos invariavelmente pela manhã, bem cedo, e voltávamos ao campo à tardinha. O trem se deslocava morosamente e levava uma hora e meia ou mais para cobrir os 50 quilômetros que separam Moosburg de Munique. Dependendo da guarnição de guardas, cujo humor e disposição variavam, a porta do vagão ficava aberta, o que nos permitia descortinar os panoramas ao longo da ferrovia - aqui campos de cultivo coberto de neve, ali bosques cujos galhos, desnudos de folhas, formavam intrigados desenhos, às vezes pinheiros, sempre verdes, com as copas sobrecarregadas de neve. Apareciam casas de camponeses com as estruturas de madeira típicas da Baviera. Mais adiante, com seus casarios de tetos pontudos aglomeravam-se em torno de torres de igrejas. Fascinava-me, especialmente, ver bandos de corvos, pretos como carvão, sobrevoando em

formação, para depois pousarem, todos ao mesmo tempo, nos campos e se contrastarem na neve, como se fossem pingos pretos num lençol alvíssimo.

Na ida e volta de Munique, avistava-se em um certo ponto uma placa que indicava a direção de Dachau. Não suspeitava, naquela época, que tomando aquela estrada logo se chegaria a um dos mais infames campos de concentração alemães, que funcionou, a plena capacidade, de 1933 a 1945, e onde se estima que milhões pereceram.

O primeiro trabalho para o qual fui designado em Munique foi varrer o grande saguão de entrada e remover a neve na frente da estação. Apesar do frio que fazia e da falta de agasalho, era mil vezes preferível trabalhar ali, do que a faina humilhante de limpar latrinas no Stalag VII A . Nem por um segundo sequer, ou mesmo para ir ao banheiro, os guardas deixavam de nos acompanhar e observar, mas, mesmo assim, pela primeira vez em meses, tive a sensação de liberdade.

A remoção da neve era feita com uma pá, para manter o vão das ruas e as passagens desimpedidas. Na medida em que eu ia removendo e jogando a neve, formavam-se barrancos de um lado e do outro. A neve, misturada com a lama da rua, se transformava em chafurda.

Mesmo assim, ver e sentir a neve continuava sendo para mim um novidade exótica, como se houvesse desenrolado um manto branco para recobrir os campos e as cidades. Os telhados das casas eram construídos de forma pontiagudas em função da neve. Se fossem em ângulo aberto, como em climas tropicais, não resistiriam ao peso da neve acumulada e desabariam. Por serem em ângulo fechado, permitiam que a neve escorregasse com maior facilidade. Muitas vezes ficava a contemplar como a neve pendia dos beirais dos telhados, formando curvas graciosas, com babados de pingentes de gelo que, com a luz do dia, ficavam a pingar preguiçosamente.

Um dia, na estação, presenciei a chegada de um batalhão proveniente da frente de combate na Itália. Vieram, aparentemente, para um breve período de descanso e recuperação. Já não eram mais os soldados veteranos, como os que me aprisionaram em Gafagnana, mas na sua totalidade, eram rapazotes imberbes, muitos com uniformes mal-ajambrados e outros até sujos, recebidos com muito afeto e abraços pelos parentes ou populares presentes.

Havia na Estação Central uma espécie de boteco que vendia café - não era realmente café, mas uma infusão de cevada torrada, a qual os alemães davam o nome de Ersatzkaffee, que quer dizer "substituto do café". Pagava com cigarros, que guardava dos pacotes de ração fornecidas pela Cruz Vermelha Internacional, que os alemães se dignavam a nos entregar. Essa infusão tinha apenas uma remota apêrencia de café ralo, mas mesmo assim, eu a

achava deliciosa, por ser levemente adoçada com açúcar de beterraba e, em especial, porque era quente. Bem, dizer que era quente talvez seja um exagero. Seria mais apropriado dizer que era morna, mas para quem estava exposto a uma temperatura próxima de zero, estava pelando de quente.

Cigarro era, efetivamente, uma das moedas de troca mais valorizadas e preferidas. Nas imediações da estação ferroviária apareciam pessoas trocando as coisas mais variadas, inclusive peças de vestiário, calçados, alimentos. Em algumas ocasiões, logrei burlar a vigilância dos guardas alemães, e trocar cigarros por côdeas de pão preto, feito de centeio, que os alemães chamavam de Roggenbrot, para levar esse pedaço de pão ao voltar ao "curral", para dar a alguns de meus companheiros mais famintos do que eu, usava uma estratégia, ensinada a mim por um prisioneiro americano. Ela consistia em esconder o pão na junção das nádegas com as coxas, pois quando os alemães nos apalpavam ao fazer a revista, dificilmente passavam as mãos naquela região.

Naquela altura da guerra, toda a Alemanha era bombardeada, dia e noite, pela aviação aliada. De nossos barracos, ouvíamos o zoar incessante dos aviões que sobrevoavam a região em direção aos seus alvos. As cidades da Baviera, principalmente Munique, Nuremberg, Fürth, Erlangen, Würzburg, Augsburg, Ravenburg estavam sendo reduzidas a pó.

Os bombardeios se multiplicavam. Prédios que eu havia visto em pé no dia anterior, no dia seguinte eram apenas um montão de escombros fumegantes. O tipo de bombardeiro que mais se via era o Lancaster inglês. Vinham formações sucessivas de aviões, parecendo enxames de insetos, e soltavam de seus ventres, cada um deles, cargas de bombas de 10 a 12 toneladas. O efeito das bombas chamadas "arrasa-quarteirão" ou "block-busters" como os americanos, as chamavam, e das bombas incendiárias era terrivelmente devastador. Sabemos, hoje, que a finalidade dos bombardeios sistemáticos da maioria das cidades alemãs, levados a cabo pelos aviões aliados, era muito mais para produzir impacto moral e psicológico, do que propriamente de caráter militar. Cidade como Munique, Nuremberg, por exemplo, foram completamente arrasadas.

Moosburg também recebeu sua quota de bombas. As defesas alemãs disparavam incessantemente. Ouvíamos as reverberações e víamos bolas de fumaça abrirem-se no céu. Diversas vezes presenciei disparos das baterias antiaéreas alemãs, conhecidas como Flak, a forma abreviada de Flugabwehrkannonen, que significa literalmente "canhões de defesa antiaérea". À noite, tentava contar as trilhas dos projetis luminosos. Ficava torcendo para que os aviões aliados ficassem ilesos, o que geralmente acontecia. Ademais, a Força Aérea

Alemã, a Luftwaffe, já havia sido praticamente varrida dos céus. Certa feita, no entanto, cerca de 10 horas da manhã, fiquei comovido ao ver três aviões aliados serem atingidos, praticamente, um atrás do outro. Vi os aviões, primeiramente, deixarem para traz uma trilha de fumaça, depois, envoltos em chamas, se precipitarem em queda, a alta velocidade, até caírem ao solo. Por fim, ouvi as explosões a uma distância de, mais ou menos, um quilômetro da periferia do campo, fazendo tremer toda a área. Vi, também, alguns tripulantes saltarem de pára-quadras, e cheguei a vê-los abrindo-se no ar. Nunca soube se conseguiram chegar vivos ao solo. Ouvia dizer que os alemães metralhavam os pilotos e membros das tripulações quando os pára-quadras se aproximavam do chão.

Não levou muito tempo e fui transferido do trabalho de varrer e de remover neve, para a horripilante tarefa de revolver os escombros para retirar tijolos, madeiramento, barrotes, tábuas, vigas, metal retorcido e, pior de tudo, cadáveres e fragmentos de pessoas que tinham ficado soterrados. O cheiro de carne humana queimada e estorricada é indizivelmente comovedor. Ruas e praças viravam profundas crateras, no fundo das quais era comum ver destroços de bondes elétricos e de outras viaturas.

Já, nessas altura, os transportes públicos, deixaram de circular ou foram destruídos. Em trechos onde ainda havia trilhos intatos, utilizavam-se enormes pranchas sobre rodas, em cima das quais os passageiros viajavam a céu aberto, geralmente em pé, em alguns casos, havia bancos rústicos de madeira, com encosto, em duas fileiras. Quando soavam os alarmes de ataques aéreos, as pessoas pulavam fora, até mesmo com as pranchas em movimento, e saíam em disparada, à procura do primeiro abrigo subterrâneo que pudessem encontrar.

Por fim, já não havia mais prédios públicos para varrer, nem ruas para remover neve e, assim, nunca mais fui levado de volta à Munique. Passamos a ser levados para outros trabalhos de faxina em Landshut, uma cidade mais ao leste, a uma distância de 70 quilômetros de Munique e 20 quilômetros de Moosburg.

Enquanto eu passava por todas essas vicissitudes e penúrias, para a Força Expedicionária Brasileira, para a minha unidade, a 1ª Companhia de Fuzileiros, do Sexto Regimento de Infantaria, eu me tornei um "desaparecido em campanha" e, como tal, fui excluído do "estado efetivo" do Regimento e da Companhia. Em seguida, foi designada uma comissão para "arrolar meus objetos". Essa comissão não deve ter tido muito trabalho para fazer esse "arrolamento", que deve ter sido verificar e fazer um rol de conteúdo dos dois sacos que recebíamos: o saco A, no qual eram colocados os objetos de uso pessoal imediato, e o Saco B, que ficava em um depósito, na retaguarda, e continha as coisas que não fossem de

primeira necessidade. A não ser algumas mudas de roupa e o uniforme de passeio, poucos "objetos" haviam.

Minha família, no Brasil, evidentemente, nada sabia do meu paradeiro. Angustiada por minha falta de notícias, minha família, através de meu tio Gesualdo de Paula e Silva, de Nova Lima, Minas Gerais, telegrafou-me, aos cuidados do comando da Força Expedicionária Brasileira, pedindo informações.

Dias depois, recebeu essa resposta, que hoje tenho preservada em meus guardados:

Meu caro Gesualdo de Paula e Silva

Recebi hoje do Comando a incumbência de responder o seu telegrama enviado ao Cabo Amintas desta unidade. Não sei se se trata de um pai ou irmão, mas qualquer que seja a relação que exista entre si e o nosso Cabo Amintas peço fazer chegar ao conhecimento de sua família a notícia abaixo.

O nosso camarada saiu há cerca de 2 meses para desempenho de uma missão e não mais retornou. Não o conheci mas sei que foi um herói. Infelizmente nenhuma informação obtivemos mais dele não obstante o esforço empregado para adquiri-la. Peço que seja forte e capaz de dar a família dele esta dolorosa notícia. Esperamos que finda a guerra tenhamos a ventura de contar novamente com a presença dele em nossa tropa na qual era tão querido. Não perco a esperança de algum dia poder dar-lhe uma feliz notícia sobre o Amintas. Rezemos por ele para que a Virgem de Aparecida no-lo faça aparecer de novo para alegria nossa e de sua distinta família. Aqui eu fico ao inteiro dispor de todos para maiores esclarecimentos logo que outras notícias forem aparecendo.

Rogo conformar-se com a Divina Vontade e aceitar do capelão da 307 FEB os meus votos de felicidades.

Pe. Hyplito Pedrosa

297-448

Itália, 7-11-44.

Moosburg, 29 de abril de 1945.

Nas primeiras horas da manhã, quando já nos preparávamos para mais uma jornada de trabalhos forçados, ouvi um intenso tiroteio, completamente diferente dos disparos das baterias antiaéreas alemãs e das explosões lançadas pelos aviões aliados. Além disso, os guardas que nos vigiavam e os que nos levavam para o trabalho não eram vistos. Com

minha experiência auditiva de distinguir e reconhecer os estampidos das diversas armas, ouvi tiros de carros blindados.

Percebemos que se tratava de um ataque das forças aliadas e, por isso, todos os guardas foram retirados para reforçar a defesa alemã. Moosburg e o Stalag VII A estavam cercados, e desenvolvia-se uma intensa batalha em que as tropas SS opunham forte resistência às forças norte-americanas.

George Smith foi um dos generais mais brilhantes e, ao mesmo tempo, um dos mais controvertidos da Segunda Guerra Mundial. Nasceu na Califórnia, em 1885, e morreu na Europa, em 1945, segundo se lê nos livros de história, num acidente envolvendo a viatura em que viajava. As circunstâncias de sua morte, no entanto, estão cercadas de rumores até hoje não muito bem esclarecidos. O General G.S. Patton combateu na Primeira Guerra Mundial, em 1917, quando fazia parte do estado-maior do General John Pershing. Na Segunda Guerra Mundial, comandou um Corpo de Exército do Norte da África e, em seguida, o VII Exército na invasão da Sicília. Demonstrou ser um estrategista brilhante, mas tinha um temperamento violento. Na Itália, foi destituído do comando por ter esbofetado um soldado que sofria de fadiga de combate. Na invasão da Normandia, em 1944, comandou o III Exército, e com o habilidoso emprego de blindados e avanço rápido e decisivo, lançou-se França afora, cruzou o rio Reno, atravessou a Alemanha, até penetrar na Checoslováquia.

Nesse avanço me libertou.

Assim que as forças americanas entraram no campo, houve, inicialmente, grande agitação e confusão entre nós, mas logo começamos a nos aglomerar junto às paredes, pelo menos para nos proteger de balas perdidas. Já que nos era impossível transpor as cercas de arame farpado, não nos restou outra coisa a não ser esperar pelo desenlace dos acontecimentos. Ficamos apreensivos porque temíamos que as tropas SS, em vista de seu fanatismo, e desespero final, simplesmente nos exterminariam a todos nós, lançando granadas ou atirando bombas contra nós, antes de se renderem.

Só tive certeza de que sairíamos com vida daquele inferno quando vi um blindado, com a estrela do exército americano e os dizeres US ARMY em seu flanco, derrubar a cerca de arame farpado, para nós inexpugnável, como se fora um tapume de galinheiro feito de varinhas finas.

Não só a emoção e a alegria de sermos novamente homens livres nos aturdiram como, também, nosso estado de fraqueza nos impediram de fazer manifestações de júbilo. Todavia, exultei-me com o sentimento de vingança quando vi os arrogantes e cruéis

contingentes SS se renderem, um a um, desde Lagerkommandant, ou Comandante do Campo, até os guardas à famigerada Totenkopfheit, ou Unidade da Caveira com Ossos Cruzados, até os corpos auxiliares, formados de homens acima de 60 anos e de soldados mutilados na guerra, mas, ainda, em condições de prestar serviço.

A confirmação de que os alemães haviam subtraído as rações da Cruz Vermelha Internacional a nós destinadas, ocorreu quando foi encontrado um depósito abarrotado desses suprimentos.

Após meses de fome e desnutrição, é necessário retornar a alimentação em quantidades graduais e cuidadosas. Lançamo-nos sobre o monte de caixas numa verdadeira orgia de comer. Os resultados foram desastrosos, e muitos quase morreram de diarreia. Eu escapei porque meu estômago já estava tão atrofiado - e atrofiado ficou para o resto de minha vida - que pouco fui capaz de ingerir.

Em seguida a nossa liberação, iniciou-se o complexo processo de separar, transportar e retornar centenas de milhares de prisioneiros às suas respectivas unidades, espalhadas pelos diversos teatros de operação na Europa. Meu grupo, cujo número de homens não me foi possível sequer calcular, foi levado para a cidade de Ingolstadt, às margens do rio Danúbio, e a uma distância de aproximadamente 70 quilômetros de Munique. Lá fomos colocados em um avião B-25 da Força Aérea dos Estados Unidos. Antes de entrarmos no avião, fomos pulverizados com inseticida para eliminar os parasitas, como pulgas, piolhos e muquiranas, que havíamos apanhado no Stalag VII A . O avião decolou e, após um pouco mais de 2 horas de vôo, chegamos a Namur, às margens do rio Meuse, no centro da Bélgica, onde aterrissamos num aeroporto militar, cuja pista era desmontável.

No dia seguinte, fomos transferidos para a cidade de Reims, no departamento de Marne, ao norte de Paris, na França. Em Reims fomos levados para um campo de separação, identificação e primeiros atendimentos. Reims fica na região de Champagne, onde produz o famoso vinho do mesmo nome. Fiquei emocionado ao contemplar a milenar e histórica Catedral de Reims, danificada pela guerra mas, ainda, relativamente intacta, onde foram coroados os Reis de França de 988 a 1825, inclusive onde Joana D'Arc fez consagrar o Rei Carlos VII, em 1429.

Ao entrar na Stalag VII A, em Moosburg, os alemães me tomaram todos os documentos brasileiros, inclusive as placas de identificação que trazia no pescoço e me deram o número 142.286, estampado no uniforme de prisioneiro. Agora, ao entrar no campo de triagem de Reims, e não tendo outra identificação, recebi uma plaqueta com o mesmo número 142.286, que deveria portar até minha identificação definitiva.

Em seguida, no campo de Reims, fomos levados ao banho.

Quem é capaz de imaginar a sensação de limpeza, pureza e leveza, trazidas pelo primeiro banho com água quente, sabonete perfumado, depois de quase 8 meses de suor, lama, imundície, mau cheiro, sempre com a mesma roupa suja no corpo? Pois foi o que eu senti naquele dia em Reims! Ouve-se falar em Nirvana, o inefável estado de ausência de sofrimento, e em que se alcança a plenitude de harmonia, estabilidade e quietude. Pois experimentei Nirvana naquele dia, em Reims! Após o banho, deram-me um uniforme completo do Exército dos Estados Unidos. Meus pés já haviam desacostumados de calçados e, inicialmente, só conseguia caminhar com dificuldade. Depois de lavados e vestidos, fomos submetidos a cuidadoso exame médico. Depois fomos alimentados com dieta adequada para nossa condição de desnutrição.

De Reims, fomos levados para Paris, onde permanecemos por um dia e uma noite alojados na Gare de l'Est. De Paris, prosseguimos por via férrea. A composição parou na cidade de Orange, no departamento de Vaucluse, no Sul da França. Orange faz jus a seu nome pelo cultivo de laranjas na região. Durante esta parada, tive uma experiência paradisíaca da qual só se costuma ler em contos de fantasia. Fomos servidos de suco de laranja gelado, por belas moças da cidade.

Por fim, chegamos a Marselha, no departamento de Bouches-du-Rhône, o famoso porto francês no Mar Mediderrâneo. Lá ficamos num campo de repouso e recuperação do Exército dos Estados Unidos, chamado Campo Lucky Strike que, literalmente, significa "Golpe de Sorte", situado perto do porto.

De Marcelha, fomos transportados, de avião para a cidade de Pisa, na Itália. De lá, fomos levados para Alessandria, em viaturas militares, passando por Torino e Gênova. Em Alessandria, apresentei-me ao comandante da minha unidade, a Primeira Companhia. Fui transferido, em seguida para Francolise, e no dia, 6 de julho de 1945, fui transportado para o porto de Nápoles onde, no mesmo dia, fui embarcado no navio de transporte de tropas da Marinha dos Estados Unidos, o "General Meigs".

Rio de Janeiro, 18 de julho de 1945.

Às 10:00, desembarquei no porto do Rio de Janeiro. Às 14:00, participei do desfile pelas ruas do centro do Rio de Janeiro. Em seguida, fui para a Vila Militar, onde fiquei alojado.

Rio de Janeiro, 27 de julho de 1945.

Fui licenciado das fileiras do Exército, como reservista da primeira categoria, no mesmo posto de cabo que tinha quando saí do Brasil em 2 de julho de 1944.

Nessa data em que fui licenciado das fileiras do Exército, a Força Expedicionária Brasileira, praticamente, já não mais existia. No dia 6 de julho de 1945, data em que o General João Baptista Mascarenhas de Moraes e o primeiro Escalão da FEB, sob o comando do General Euclides Zenóbio da Costa, embarcaram na Itália, de volta ao Brasil, o Ministro da Guerra emitiu um aviso determinando que as unidades da FEB, a partir de sua chegada ao Rio de Janeiro, passariam a ficar subordinadas à Primeira Região Militar, que promoveria o deslocamento dos respectivos efetivos para suas unidades de origem, para a desincorporação dos convocados. Com essa medida, ficou implícito que a Força Expedicionária Brasileira deixou de existir no Brasil.

Houve, certamente, pressa em desmobilizar a FEB e promover o imediato licenciamento de seus integrantes, tanto é que os certificados de reservista para os praças, que seriam desincorporados ao chegarem no Brasil, foram impressos na tipografia A. Macchi & Cia., em Milão, na Itália, e muitos foram preenchidos ainda na Itália.

Nesse aqodamento oficial para a desmobilização, nenhum cuidado ou preocupação houve para determinar o estado de saúde, físico e mental, bem como o bem-estar dos expedicionários antes de licenciá-los. É bem verdade que, mais tarde, mas com muito atraso, foram tomadas algumas medidas paliativas para dar amparo e assistência às vítimas dessa lamentável omissão. Essas medidas, no entanto, não foram extensivas a todos.

Eu, desgraçadamente, fui um dos excluídos.

Teve início, então minha, longa e acabrunhante peripécia de ex-soldado, ex-expedicionário, ex-prisioneiro de guerra.

Alguns dias depois de voltar ao Brasil, aproximei-me de meu peso normal. Exteriormente, eu parecia estar inteiro, mas internamente, sofria dos males físicos e psicológicos resultantes da guerra. Para começar, meu estômago, atrofiou pela fome, nunca voltou ao normal. Muitas vezes a ingestão de alimentos é penosa.

Após a desmobilização, voltei a Belo Horizonte e a Nova Lima para o seio de minha família. Minhas várias tentativas para iniciar uma vida civil foram sempre frustradas. Ninguém queria dar emprego a um indivíduo com a estigma de portador de "neurose de guerra".

Fui convocado para o serviço militar em 1942 e servi o Exército durante mais de 3 anos. Encontrava-me, pois, na faixa etária em que o jovem, normalmente, ou freqüenta uma escola ou aprende uma profissão ou ofício que o encaminhará para a vida profissional.

Quais eram, então, minhas qualificações para encontrar trabalho condizente? O que aprendi na vida militar que poderia ser aproveitado profissionalmente na vida civil? Na guerra fui fuzileiro. (vale lembrar que nos anos subsequentes à guerra ainda não se recrutavam guardas noturnos particulares como hoje em dia, por isso minhas destrezas de fuzileiro eram de pouca ou nenhuma valia.) No campo de concentração, "especializei-me" em limpar latrinas e remover neve. Eram escassas as vagas de limpador de latrina. Por fim, não há neve no Brasil, pelo menos em quantidades que se acumulam a ponto de necessitar de remoção.

Minha tentativa seguinte para tentar a sorte foi ir para São Paulo. As perspectivas foram igualmente pouco promissoras e nada consegui. Enquanto isso, meu estado de saúde se tornava cada vez mais precário. Aconselhado por amigos, procurei o serviço de saúde do Exército para pleitear uma pensão de inválido de guerra. Todas as portas, uma atrás da outra, me foram fechadas.

Fui, então, para o Rio de Janeiro. Lá procurei o Hospital Central do Exército para submeter-me a exames e renovar o pedido de pensão por invalidez. Quando parecia que todos os trâmites haviam sido exauridos e meu "processo" adquirira as proporções de volumoso calhamaço, e que um dos médicos que me examinaram chamou de "burrocracia", eis que fui examinado por uma médica psiquiatra que constatou as maléficas seqüelas que me deixaram a passagem pelo campo de prisioneiros de guerra. Ela compreendeu minha situação e encaminhou a solução da injustiça de que fui vítima. Disse-me ela que, no seu entender, somente pelo fato de eu ter passado pelo que passei nos meses de cativeiro, deveria ter sido reformado, com plenos vencimentos, desde meu desligamento do exército em 1945.

Assim foi que, em 1979, após quase 35 anos contados de indeferimentos, negações, improcedência, alegações de insuficiência de provas, foi-me concedida uma mínima pensão por invalidez.

Poderia ter sido pior!

Hoje o Sr. Amynthas vive em Belo Horizonte, no Bairro Santa Theresa, com 87 anos de idade, mas com aparência de 60. Costumo brincar dizendo que ele ainda aguentaria mais dois meses de Stalag VII A.

